Universidade Estadual de Goiás

Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias

ISSN 2176-6800

http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/

Dossiê
Línguas Páno

Número organizado por

Maria Suelí de Aguiar (UFG)

EXPEDIENTE

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH)
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT)

Reitor
Haroldo Reimer

Pró-Reitora de Planejamento, Gestão e Finanças
José Antonio Moiana

Pró-Reitora de Graduação
Maria Olinda Barreto

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Ivano Alessandro Devilla

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis
Marcos Antônio Cunha Torres

Coordenador de Projetos e Publicações
Elizabete Tomomi Kowata

Diretor do Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas
Ewerton Ignácio de Freitas

Coordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
João Roberto Resende Ferreira

Ficha Catalográfica

M18p Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás. Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, 2009-

Semestral
v. 10, n. 1, jan./jun. 2018
ISSN 2176-6800

1.Linguística 2.Teoria da literatura 3.Crítica literária 4.UEG/CCSEH – Periódicos.
CDU:81+82(051)

Ficha catalográfica elaborada por Aparecida Marta de Jesus CRB1/2385

EQUIPE TÉCNICA

Analista de Sistemas
Elisabete Tomomi Kowata

Normalização e preparação dos originais
Sostenes Cezar de Lima (UEG)

Revisão de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa
Os autores

Organização do número
Maria Suelí de Aguiar (UFG)

Editor
Sostenes Cezar de Lima (UEG)

ENDEREÇO

Via Litterae – Revista de Linguística e Teoria Literária
Av. Juscelino Kubitschek, 146, Bairro Jundiaí, CEP 75110-390, Anápolis – GO, Brasil
Fone: (55 62) 3328-1188 - E-mail: via.litterae@ueg.br
Home page: http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/

EQUIPE EDITORIAL

Editor Responsável
Sostenes Cezar de Lima (UEG)

Editores Executivos
Ariovaldo Lopes Pereira (UEG)
Ewerton de Freitas Ignácio (UEG)
Gláucia Vieira Cândido (UFG)
Maria Eugênia Curado (UEG)

Organizadora do número
Maria Suelí de Aguiar (UFG)

Conselho Editorial

Alexandre Ferreira da Costa (UFG)
Angel Humberto Corbera Mori (UNICAMP)
Antônia Alves Pereira (UFPA)
Antonio Corbacho Quintela (UFG)
Augusto César Luitgards Moura Filho (UnB)
Barbra do Rosário Sabota Silva (UEG)
Célia Sebastiana da Silva (CEPAE-UFG)
Débora Cristina Santos e Silva (UEG)
Eliane Carolina de Oliveira (UFG)
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale (UFSCar)
Francisco José Quaresma de Figueiredo (UFG)
Geralda de Oliveira Santos Lima (UFS)
Jamesson Buarque de Souza (UFG)
Jeni Silva Turazza (PUC-SP)
José Carlos Paes de Almeida Filho (UnB)
Kênia Mara Freitas Siqueira (UEG)
Leosmar Aparecido da Silva (UFG)
Lúcia Gonçalves de Freitas (UEG)
Lucielena Mendonça de Lima (UFG)
Marcel Vejmelka (Universidade Joahnnes Gutenberg - Mainz - Alemanha)
Maria de Lourdes Paniago (UFG)
Mariana de Souza Garcia (UFMS)
Moacir Lopes de Camargos (UNIPAMPA)
Nilson Pereira de Carvalho (UFRPE)
Oto Araújo Vale (UFSCar)
Pedro Alexandre da Cunha Reis (Universidade Fernando Pessoa - Porto - Portugal)
Ravel Giordano F L Paz (UEG)
Renato Cabral Rezende (Unifesp)
Roosevelt Araújo da Rocha Júnior (UFPR)
Rosane Rocha Pessoa (UFG)
Rui Manoel Ferreira Leite Soutelo Torres (Universidade Fernando Pessoa - Porto - Portugal)
Simone Azevedo Floripi (UFU)
Ulysses Rocha Filho (UFG)
Válmi Hatje-Faggion (UnB)

INDEXADORES

DOAJ DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS
latindex
Qualis B3 – Letras e Linguística

CAPES .periodicos.
Elektronische Zeitschriftenbibliothek
Max Planck Society
Sumários.org
Sumários de Revistas Brasileiras

A revista Via Litterae é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), do Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas – Universidade Estadual de Goiás.

A revisão de língua portuguesa e a tradução e/ou revisão de língua estrangeira são de responsabilidade dos autores dos artigos.

O conteúdo dos artigos publicados na Via Litterae manifesta os pontos de vista e opiniões de seus respectivos autores. Toda e qualquer informação veiculada nos artigos publicados na revista é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

SUMÁRIO

Línguas Páno e suas classificações em família 07
Maria Suelí de Aguiar

Os sons da família Páno e o método comparativo, num exercício para a verificação da distância temporal entre as línguas 27
Paulo Sérgio Reis de Abreu

Morfossintaxe da língua Shanenáwa (Pano): as classificações de palavras e sua estrutura interna 69
Gláucia Vieira Cândido

Aspectos prosódicos da língua Shawã (Pano) 97
Emerson Carvalho de Souza

Revisão fonêmica do Katukina Páno 120
Flávia Leonel Falchi

Primeira escrita alfabética e leitura da língua Noke Koin 146
Flávia Leonel Falchi

Proposta de dicionarização da língua Noke Koĩ 171
Maria Sueli de Aguiar

Resistência e reelaboração étnica: alguns apontamentos sobre o povo Kaxarari 197
Maria Geralda de Almeida Moreira

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA

Apresentação: Línguas Páno

Este número temático da Revista Via Litterae reúne estudos realizados por pesquisadores que iniciaram seus trabalhos com línguas Páno na Universidade Federal de Goiás e de pesquisadores que deram sequência aos seus estudos Páno na referida universidade.

O propósito principal aqui é disponibilizar parte dos trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás a partir de 1994. Com esses trabalhos, visamos contribuir com a sequência das pesquisas de línguas Páno.

O primeiro artigo, *Línguas Páno e suas classificações em família,* de Maria Suelí de Aguiar, se ocupa em apresentar algumas contribuições para rever a classificação dessas línguas. Nas classificações anteriores, por exemplo, é incluída uma língua que chamada de Karipuna Páno. Aguiar argumenta que, seguramente, nunca existiu um grupo no Brasil que falasse essa língua.

O artigo *Os sons da família Páno e o método comparativo, num exercício para a verificação da distância temporal entre as línguas,* de Paulo Sérgio dos Reis Abreu, analisa itens lexicais de algumas línguas Páno e utiliza o método histórico comparativo visando evidenciar a relação temporal entre as línguas.

Morfossintaxe da língua Shanenáwa (Páno): as classificações de palavras e sua estrutura interna, de Gláucia Vieira Cândido, analisa a língua morfologicamente, contemplando as classes de palavra, sua estrutura e processos de formação. Já o artigo de Emerson Carvalho de Souza, *Aspectos prosódicos da língua Shawã (Páno)*, trabalha o nível fonológico. Argumenta-se que vogais nasais são resultantes de nasalização por uma coda nasal em Shawã. A argumentação apresentada é que o comportamento da nasal de epêntese é descrito como evidência para a presença de uma coda nasal na língua.

Sobre a língua Katukina, Flávia Leonel Falchi com o artigo, *Revisão fonêmica do Katukina Páno*, apresenta uma análise da divergência encontrada entre estudos que descrevem os fones, os fonemas, a sílaba e o acento dessa língua. Ela apresenta uma revisão, assinalando problemas como esse nas descrições que vêm sendo realizadas das línguas.

O artigo *Primeira escrita alfabética e leitura da língua Noke Koin,* também de autoria de Flávia Leonel Falchi, descreve a proposta de grafemas empregados, da acentuação, do estabelecimento de espaços em branco, da pontuação e do uso de maiúsculas e minúsculas a partir da escrita que se encontra nas cartilhas da Missão Novas Tribos.

Proposta de dicionarização da língua Noke Koĩ, Maria Suelí de Aguiar, é parte de uma proposta de dicionarização dessa língua. Nele é apresentado uma parte dos itens lexicais, entradas com letra "A", da língua dos indígenas do grupo que eram conhecidos pelo etnônimo Katukina.

No artigo *Resistência e elaboração étnica: alguns apontamentos sobre o povo Kaxarari,* Maria Geralda de Almeida Moreira analisa a resistência e sua relação com o processo de valorização da identidade étnica partindo de uma pesquisa bibliográfica e documental. Segundo a autora, percebe-se que a etnia é pouco conhecida no meio acadêmico, embora a família linguística Páno tenha consideráveis estudos.

Importa esclarecer que as pesquisas apresentadas neste número são parte de pesquisas maiores de seus autores. Todas elas visam ampliar o conhecimento das línguas e grupos Páno, bem como auxiliar na reclassificação da família linguística Páno em grupos e subgrupos linguísticos. Mas, o mais relevante nos trabalhos de *Línguas Páno* é apresentar análises de línguas que poderão servir para a rediscussão de algumas posições já assumidas anteriormente. Isso é o que se crê ser mais produtivo para todo e qualquer estudo disponibilizado.

Maria Suelí de Aguiar

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA

Línguas Páno e suas classificações em família

Páno Languages and their classification in families

Maria Suelí de Aguiar*
**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Os pontos que se abordam no texto são a classificação das línguas Páno em família, suas línguas, etnias Páno. Trata também da questão de os agrupamentos Páno serem referidos por grupos ou por povos, considerando a estrutura deles, mas entendendo que eles podem ter preferência por um ou por outro. Outro ponto desenvolvido é quanto à necessidade de investir na valorização dessas línguas e na autoestima deles. Uma dessas formas seria produzir com eles material didático para disponibilizá-los nas suas escolas. Apresenta um quadro em que citam os 31 grupos Páno distribuídos no Brasil, Peru e Bolívia. Finalizando as discussões reafirmando a necessidade de pesquisas e mais colaboração para os grupos Páno para a manutenção de suas línguas para haver mais segurança nas classificações dessas línguas em famílias.

Palavras-chave: Línguas Páno. Classificação da Família Páno. Pesquisa. Autoestima indígena.

Abstract: The points approached in the text are the classification of the Páno languages in family, their languages, Páno ethnies. It also deals with the question of Páno gatherings being referred as groups or peoples, considering their structure, but understanding that they can have a preference for one or the other. Another point developed is the need for investing in the valuation of these languages and in their self-esteem. One of these ways would be producing with them didactic material to make them available in their schools. It presents a framework in which there are 31 Páno groups distributed in Brazil, Peru and Bolivia. The discussions are finalized reaffirming the need for research and more collaboration for the Páno groups for the maintenance of their languages so that there can be more security in the classification of these languages in families.

Keywords: Páno Languages. Classification of the Páno Family. Research. Indigenous self-esteem.

Introdução

O presente trabalho tem como tema central a classificação das línguas Páno e a constatação de que essa é uma tarefa extremamente complexa. Os pontos que se abordam no texto são a classificação das línguas Páno em família, as línguas e as etnias Páno. Ocupam-se também em discutir a forma de tratamento dos indígenas por parte dos pesquisadores e/ou estudiosos, os povos ou os grupos. Essa questão de os agrupamentos Páno serem referidos por grupos ou por povos tem relação com o fato de considerar ou não a composição deles. Ou seja, observa-se a questão de se ter uma ou mais etnias convivendo em um mesmo espaço. Mas entendendo, todavia, que esses agrupamentos podem ter preferência por um ou por outro.

Outro ponto desenvolvido aqui é quanto à necessidade de investir mais na valorização das línguas Páno, consequentemente, contribuir com o reforço da autoestima de seus falantes tradicionais. Uma dessas formas seria produzir com eles material didático para disponibilizá-los nas suas escolas.

É apresentado, além dos mapas das áreas Páno, um quadro em que se citam os 31 grupos Páno com informações especificas sobre cada um eles, principalmente sobre o uso da língua. Essa informação sociolinguística visa salientar a necessidade de se ampliar as pesquisas das línguas Páno e também enfatizar a importância de se dar mais colaboração para os grupos Páno na manutenção de suas línguas.

Após essa exposição espera-se contribuir para chamar a atenção da necessidade de haver mais informações das línguas Páno para se chegar a uma maior segurança nas classificações das línguas Páno em famílias.

Família linguística Páno

A família linguística Páno reúne línguas faladas por grupos indígenas localizados no Brasil, Peru e Bolívia. Como já observaram vários estudiosos (ERIKSON, 1992), esses grupos ocupam uma área bastante delimitada geograficamente (ver Mapa 1).

A primeira classificação das línguas Páno em família foi feita em 1890 por La Grasserie. Ele, inicialmente, viu semelhanças entre as línguas Conibo, Cilino, Maxuruna, Caripuna, Pakaguara e Pano (Wariapano). Depois Brinton, em 1891, parte das observações de La Grasserie incluindo mais línguas assemelhadas formando um total de 18.

Classificaram também as línguas Páno: Rivet e Tastevin, em 1927, Nimuendaju, em 1932, Loukottka, em 1952, McQuwon, em 1955, d'Ans, em 1973, Shell, em 1965, e Loos, em 1999. Essa última é a que está ilustrada logo em seguida:

Languages of the Pano Family

(Línguas da família Páno)

The Yaminawa Subgroup **(Subgrupo Yaminawa)**

1 Yaminawa (Br e P)

2 Amawaca (P)

3 Cashinawa/Honikoin (Br e P)

4 Sharanawa/Shanendawa/Chandinawa/Inonawa/Marinawa (P)

5 Yawanawa (Br)

6 Chitonawa (P)

7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa (P)

8 Moronawa (Br)

9 Mastanawa (P)

The Chacobo subgroup **(Subgrupo Chacobo)**

10 Chacobo (Bo)

11 +Arazaire (P)

12 +Atsawaca (P)

13 +Yamiaka (P)

14 Katukina/Camannawa/Waninnawa (Br)

15 Pacawara (Bo)

The Capanawa subgroup **(Subgrupo Capanahua)**

16 Capanawa/Pahenbakebo (P)

17 Shipibo/Conibo/Xetebo (P)

18 +Remo (Br)

19 Marubo (Br)

20 +Wariapano/Panobo (P)

21 Isconawa (P)

22 +Canamari/Taverí/Motoinahã (Br)

***Ungrouped Languages* (Línguas sem agrupamento)**

23 Cashibo/Cacataibo/Combo (P)

24 +Culino (Br)

25 +Karipuna (Br)

26 Kaxarari (Br)

27 Matses/Mayoruna (Br)

28 +Nokamán (Br)

29 +Poyanáwa (Br)

30 +Tutxinawa (Br)

(LOOS, 1999, p. 229)

Observando as classificações consideradas e disponíveis na literatura, nota-se que há algumas dificuldades nessa tarefa que não estão relacionadas à competência do pesquisador. Isto é, essas dificuldades passam por situações que independem do esforço do pesquisador interessado.

Sabe-se que os pesquisadores se deparam com uma grande dinamicidade entre os grupos Páno. Por exemplo, algo que sempre existiu entre os Páno são as mudanças de pessoas de um grupo Páno para outros. As motivações são várias, como conflitos internos, vontade própria ou casamento.

Outra realidade com que os pesquisadores se deparam é quanto aos etnônimos Páno. Esses sempre foram usados pelos pesquisadores e assumidos pelos grupos sem uma averiguação de sua originalidade e tradição. A consequência disso foi a enorme ocorrência de etnias terem sido identificadas por um mesmo etnônimo, por exemplo, Jamináwa e

Katukina, ou usar mais de um etnônimo para uma mesma etnia, por exemplo, Mayoruna, Caliseca e outros. Mas essa realidade tem mudado sensivelmente, pois alguns dos grupos Páno têm reivindicado serem identificados por etnônimos que eles mesmos assumem como sendo deles.

No contexto de reivindicação de outro etnônimo podem ser citados os Huni Kuin, anteriormente reconhecidos somente por Kaxinawá, os Noke Koin conhecidos por Katukina, os Shanenáwa que também eram conhecidos pelos não índios por Katukina sem que se tratasse de um mesmo grupo étnico.

Somado a todas as informações, devem ser destacados os grupos Páno como os Náwa e os Apolima-Arara, bem como o resgate de suas línguas como Saináwa, além de outros fatores como aqueles "apelidos" usados como etnônimos nas classificações. Muito deles são apresentados por Loos (1999) e discutidos, em parte, na sequência deste artigo.

Todas essas questões podem levar o estudioso a se equivocar na citação das línguas e, consequentemente, na classificação dessas línguas em família. Mas, a cada pesquisa, aproxima-se mais de uma classificação da família linguística Páno mais satisfatória.

Falantes de línguas Páno

As línguas citadas na classificação Páno anterior (LOOS, 1999), que estão antecipadas pelo sinal (+), não são mais faladas. Observa-se que nessa classificação não consta a língua Náwa (Br) que está no processo de revitalização. Da mesma forma, também não inclui a língua Nukiní. Já a língua Remo é citada como se fosse falada anteriormente por grupo radicado no Brasil.

Sobre a língua Remo, não se encontrou nenhum indício de falantes originais dela, pois não se sabe desse grupo residindo no Brasil. Essa afirmação se pauta no fato de que a partir de 1984 passou-se a buscar indícios deles perguntando aos nativos da região. Não se tem notícia deles, nem mesmos entre os membros de órgãos de apoio aos grupos indígenas, como CIMI, é mencionada qualquer informação sobre eles. Portanto, enquanto grupo de maioria Remo, é quase impossível ter estado no Brasil. Eles não são conhecidos nem mesmo enquanto integrantes de outros grupos ou foram citados.

Outro dado é que Oppenheim (1936) acredita que "Rhemus" não são os "Nucuinis". Isso também se confirmou durante pesquisas de campo com os Nukiní, a partir de 2000, quando se procurou saber se essa informação se confirmava. Os Remo não parecem ter sido os Nukiní.

Assim, acredita-se que os Remo, nem de forma isolada, estiveram entre qualquer grupos indígenas que vivem no Brasil, pois entre outros grupos, como Amahuaca e Náwa, também não se confirmou presença deles ou notícia sobre eles. Isso é importante dizer, já que se sabe que há Amahuaca vivendo entre grupos Páno no Brasil, por exemplo, entre os Apolima-Arara. Confirmou-se também, em 2004, que há Poyanáwa vivendo entre os Náwa. Essas constatações foram assumidas pelos grupos indígenas em pesquisa de campo com eles.

Outra observação que se faz das línguas dos grupos citados na classificação Páno é sobre a língua Karipuna Páno. Ela não se confirma ter sido falada por nenhum grupo Páno no Brasil já que não se confirma também grupo de língua Páno com o nome de Karipuna. O que se pode confirmar é que certa vez (1989) constatou-se que havia falantes de Karipuna na região de Rondônia, mas esses eram falantes tradicionais de língua de família não Páno.

Na ocasião dessa pesquisa, conversou-se com alguns desses índios quando um Karipuna estava hospitalizado, em 1989, em Porto Velho (RO). Esses aceitaram conversar e informaram alguns dados na língua nativa deles. Um dos dados coletados foi "peixe", obtendo como correspondente na língua dele [pi´ra]. Afirmaram nunca ter tido conhecimento de algum grupo indígena com esse etnônimo e que falasse uma língua diferente da deles.

Ainda sobre as línguas citadas na classificação de Loos (1999), a respeito das línguas Tuxináwa, Moronáwa e Nokaman, não se teve informação em campo que afirmasse a existência de algum desses grupos naquela região do Brasil até então. Mas isso se pode ser explicado se considerar-se que pouco se sabe dos etnônimos originários dos Páno que assumem ser assim chamados. Sabe-se que foi comum, por muito tempo, um grupo indígena nomear outro para os não índios. Os grupos comumente se autodenominam por expressões que significa "gente", "pessoa", "homem". Muitas vezes acrescentavam-se expressões como [koin] ~ [ku˜ĩ] "verdadeiro" ou o pluralizador [βo] com suas variações fonéticas (AGUIAR, 2008). Isso pode ser entendido como indício de pouca centralidade ou validade de os grupos Páno terem um etnônimo específico e originário. Ou seja, para os grupos indígenas Páno o etnônimo parece não ter sempre existido. Ou mesmo pode-se levantar a hipótese de que ter um etnônimo não tenha sido algo tão relevante e/ou necessário para eles.

Os Páno e os autoetnônimos

Assumir que para um grupo ter um etnônimo é necessário pressupor que há uma relação dele com o outro. Acredita-se que o nomeador sempre é aquele que inicialmente necessita identificar algo ou alguém para ele mesmo. Isso acontece em quase todas as situações no ato de nomear. Ao nomeado cabe aceitar ou não. Quando as relações desses dois, nomeador e nomeado, são cordiais, regular e equilibrada, as motivações podem ser

acordadas por ambos. Do contrário, se a relação daquele que identifica com aquele que é identificado, no caso, for de modo tenso, há grandes chances desses "nomes" serem de conteúdos semânticos pejorativos. "Nomes" impostos sempre terão como motivações elementos significativos apenas para o nomeador e não para o outro, o nomeado.

Essa questão dos etnônimos que envolve conhecimentos onomásticos deve ser mais bem estudada e aprofunda, como faz, por exemplo, Solis (2010), em seu artigo *Etnónimos y nombres de lenguas Pano: una contabilidad problemática*.

Todavia, importa levar em consideração a complexidade que envolve as línguas Páno, pois se deve identificá-las com os seus falantes. Falantes esses que precisam ser reconhecidos de modo a não tomar um pelo outro. Esse é princípio básico como foi feito na identificação dos três grupos "katukina" do Brasil.

Retomando a questão de nomeação. No caso dos grupos Páno, foi num contexto de conflito que se deu a identificação deles. Historicamente esses grupos tenderam a racharem-se por "desavenças" variadas e/ou guerras intergrupais. Também se dividiam por motivo de sobrevivência, pois se entende que uma comunidade nômade e coletora sobrevive melhor estando em menor número e essa foi a realidade dos índios Páno por muito tempo.

Dentro desse quadro, acredita-se que o que houve foram relações não amistosas entre os grupos. Assim, é esperado o surgimento de etnônimos motivados a partir de alguma característica do grupo que era mais visível pelo outro, e não por ele mesmo.

Considerando isso, e retomando a diversidade de nomes citados pelos estudiosos, é compreensivo haver divergência de etnônimo de um mesmo grupo e ter mais de um etnônimo. Também é natural acontecer de esse etnônimo nem sempre ser assumido por seu receptor. O resultado pode ser mais de um etnônimo para um mesmo grupo.

Possivelmente, o grupo termina por assumir um etnônimo para os não índios, já que para esses não índios, fazem-se necessário um meio para identificar a fonte dos seus estudos, certificando, assim, a qual grupo estão se referindo. No caso dos estudos linguísticos, necessita-se de um etnônimo para identificar o grupo daquelas pessoas que se tomaram por colaboradores para estudo.

Assim assumido, restam aos panólogos conviverem com os etnônimos conhecidos por hora e, sempre que possível, consultar os grupos Páno por qual etnônimo eles preferem ser reconhecidos pelos não índios e demais grupos indígenas.

Sobre a não centralidade de um autoetnônimo para os Páno tem-se o caso dos Noke Koín. Entre eles, o que se encontra são nomes de clãs. Cada clã tem um nome referente ao elemento que gerou um casal, formando assim o grupo. Esses nomes de clãs são assumidos naturalmente por eles desde tempos passados, reportados desde o primeiro encontro da

pesquisadora com eles, em 1984, o que não aconteceu com o etnônimo deles. Isso remete, possivelmente, a ausência de um etnônimo geral para o conjunto de clãs.

Diferentemente dos Noke Koin é o grupo Apolima-Arara. Eles se nomearam por esse etnônimo. Eles são formados por várias etnias, consequentemente, eles são falantes tradicionais de no mínimo quatro línguas Páno, a saber, Shipibo, Shawãtáwa, Jaminawa, Amahuaca.

Certificação das línguas Páno

Para classificar as línguas em famílias tem-se que identificá-las com os grupos que originalmente as falam. Isso garantiria uma margem de legitimidade da existência do grupo e a certificação dessas línguas. Admitindo-se que os etnônimos, até então sabido, é um fator que dificulta uma classificação segura da família Páno. Soma-se a isso o fato de um mesmo grupo poder ser composto de mais uma etnia. Isso resulta na constatação de haver falantes tradicionais de diferentes línguas Páno compondo um mesmo grupo. Dentro do que se tem conhecimento, é esse panorama que o linguista pesquisador tem para classificar as línguas Páno em família.

Outro fato é que, de tempo em tempo, se constata a existência de grupos que se criam ter desaparecidos, por exemplo, os Kontanáwa. Há, ainda, casos em que grupos Páno estão revitalizando sua língua tradicional, como é o caso do Nukiní, e outros se assumindo como grupos indígenas, como é o caso do Náwa e Apolima-Arara. Esses fazem parte dos grupos de índios ressurgidos.

Essa questão de etnônimos desencadeia outra questão que não é central aqui, mas vale apresentá-la. Essa questão é se a reunião de falantes tradicionais de línguas indígenas forma um povo ou um grupo. Sabe-se que o etnônimo quase sempre é o nome da língua, mas importa saber se se trata de um grupo indígena ou se é um povo.

Grupo ou povo Páno

É muito relevante pontuar o que leva o pesquisador tratar de grupo e não povo quando se estuda língua indígena Páno. Primeiro é assumir que o nome dado às línguas é sempre o mesmo que refere ao etnônimo do conjunto dos falantes. Isso é verdadeiro para, pelo menos, os Páno. O segundo ponto é o fato de que historicamente cada conjunto de pessoas de línguas Páno é formado por mais de uma etnia. Sabe-se, inclusive, que faz parte

dos hábitos desses povos o rapto de mulheres e crianças de tribos "inimigas". No caso dos Remo, eles foram escravizados por outros falantes Páno por longos anos. Essa informação foi obtida em relatos de nativos Shipibos em Pucallpa, em 1989.

Reforça-se a questão de que ainda não se podem definir grupos indígenas falantes de línguas Páno e nem suas localidades de forma precisa. Pelo menos isso se aplica àqueles grupos radicados no Brasil. Como exemplo, tem-se o caso dos Saynáwa entre os Jaminawa do Igarapé Preto (COUTO, 2015), Poyanáwa entre os Náwa, Noke Koin (Katukina) entre os Marubo e outros casos de falantes tradicionais Páno vivendo com grupo falantes de língua Páno, mas diferentes da deles.

Importa chamar a atenção para a dinamicidade dos Páno. Apesar do discurso equivocado elogiando a "fortaleza" das mulheres e das crianças raptadas alegando que elas se adaptaram ao "seu novo ambiente", Romanoff et alli (2004) assumem que o grupo Matsés é composto por pessoas de outras etnias. Evidencia-se também que tanto os Matsés quanto os Marubo, tiveram mulheres e crianças de outras etnias entre eles.

> Como resultado de estos mutuos ataques, los Matsés perdieron gente y también absorbieron mujeres y niños de otros grupos. Se debe admirar la fortaleza de estas mujeres y niños, quienes se adaptaron a su nuevo ambiente, aprendieron a hablar el idioma Matsés y empezaron una nueva vida. La población original con las personas absorbidas de las otras etnias (ROMANFF et alii, 2004, p. 136).

Por fim, outro precedente a se considerar e que leva o pesquisador a se equivocar é o grupo indígena rever seu etnônimo. Assim, não se consegue mapear com segurança os grupos e nem suas línguas. Esse é o caso do Noke Koin, que sempre se dizia ter por etnônimo "Katukina".

Além desses pontos elencados, há ainda compromissos assumidos por pesquisadores junto aos grupos indígenas em estudo de não divulgação de informações sobre eles. Normalmente, esses compromissos, extremamente legítimos, são válidos por um período determinado. Então, esse é um ponto menos relevante para a classificação das línguas, pois logo os dados e análises estarão disponibilizados. Mas todos esses casos citados aqui reforçam o fato de que é prematura a classificação Páno definitiva e que é mais realista referir aos Páno por grupo.

Os grupos falantes de línguas Páno

As línguas Páno são faladas por grupos que residem em uma região geográfica bastante delimitada. Vê-se no Mapa 1 essa delimitação em que evidencia as regiões próximas que são ocupadas por falantes tradicionais de línguas Páno situadas no Brasil, Peru e Bolívia, na América do Sul, formando um conjunto territorial.

Mapa 1: América do Sul com as regiões Páno do Brasil, Peru e Bolívia

Fonte: A autora

Considerando essa união territorial dos grupos, pode afirmar-se que no Brasil, até então, têm-se um total de 18 grupos indígenas falantes tradicionais de línguas Páno. Eles são os seguintes: Apolima-Arara, Jaminawa, Kaxarari, Kaxinawá, Kontanáwa, Korúbo, Marúbo, Matis, Matés, Náwa, Noke Koin, Nukiní, Poyanáwa, Saynáwa, Shanenáwa, Shawantáwa [ṣawan´dawa], Yawanawá e Kulina Páno.

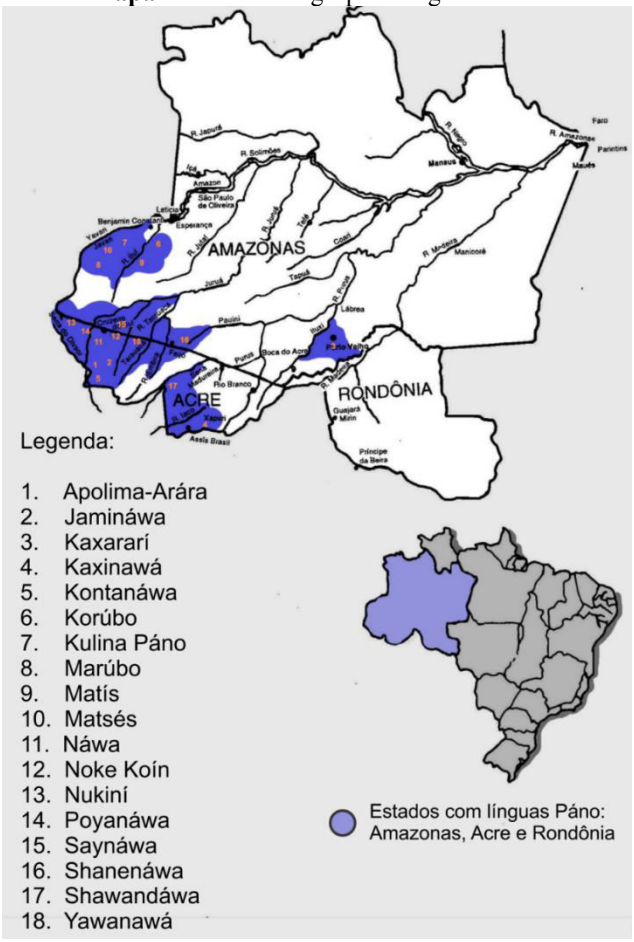
Segundo o "Diagnóstico sobre a Educação Escolar Indígena na T.I. Vale do Javari"[1], elaborado pelo Centro de Trabalho Indigenista, na TI Vale do Javari,

> os povos indígenas [Marubo, Matis, Mayoruna e Kulina] são os mais numerosos e possuem uma marca semelhante: habitação em malocas, o uso de ornamentos faciais, a tatuagem, as nomenclaturas de parentesco que lembram os sistemas australianos e as fragmentações das unidades etnopolíticas.

Segue o Mapa 2 mostrando esses grupos falantes tradicionais de línguas Páno que vivem em território brasileiro e apontam a localização aproximada, de cada um deles que foram certificadas entre 2013 e 2014.

[1] Disponível em: https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/documentos/diagnostico-sobre-a-educacao-escolar-indigena-na-t-i-vale-do-javari/. Acesso em: 10 out. 2017.

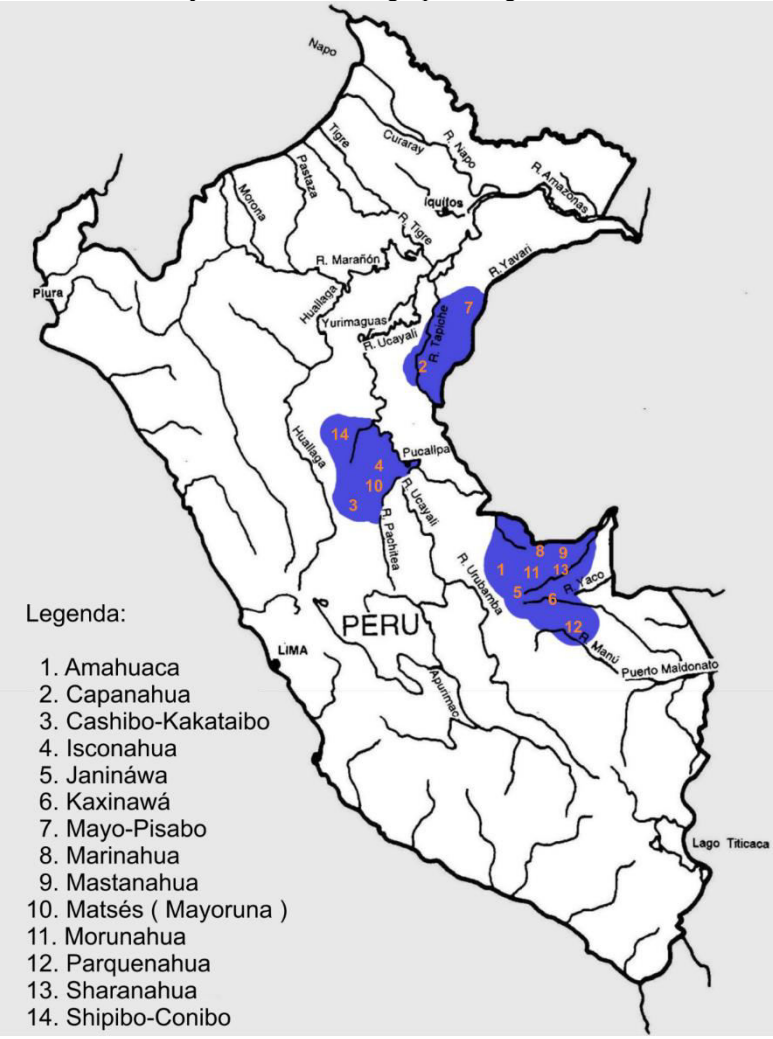
Mapa 2: Brasil com grupos e regiões Páno



Fonte: A autora

O Mapa 2 mostra 18 grupos de língua Páno no Brasil. Identificam-se 14 grupos no Peru no Mapa 3. A localização geográfica mostrada nesse mapa é apenas aproximada e as informações apresentadas dos grupos Páno no Peru, quase todas, foram obtidas através de estudos outros pesquisadores.

Mapa 3: Peru com os grupos e regiões Páno



Fonte: A autora

Dentre os grupos citados, vale chamar a atenção para os Kaxinawá e Matsés que estão presentes nos dois países, Brasil e Peru. Outra observação é sobre o etnônimo Parquenahua; o grupo também se reconhece por Nahua.

Os grupos de língua Páno na Bolívia são 3, como se vê no Mapa 4, na sequência. O mapa mostra a localização geográfica aproximada de cada um desses grupos com os principais rios das regiões Páno. Observa-se que os Jamináwa estão presentes nos três países,

apesar de se saber que o termo *jaminawa* ou *yaminahua* é um etnônimo usado de modo genérico.

Mapa 4: Bolívia com os grupos e regiões Páno

Fonte: A autora

Importa dizer que uma classificação das línguas Páno é algo extremamente importante para os estudiosos. No entanto, vale reafirmar que há de se entender que ela ainda é algo prematuro. Essa afirmação se apoia na precariedade do conhecimento que se tem dessas línguas e dos seus grupos. Além da polêmica sobre os etnônimos atribuídos a esses grupos (AGUIAR, 2008). Usando as palavras de Abreu (2008, p. 160):

> É de se notar que não são poucas as investidas de classificação e as que foram citadas não são as únicas, o que deve sugerir que qualquer uma delas, por melhor que se apresentasse, não teria satisfeito plenamente a necessidade de sistematização desse conjunto de línguas. As classificações oscilam entre a inclusão ou exclusão de línguas, o enfoque geográfico e o linguístico, mas muitas dificuldades estão relacionadas com o próprio reconhecimento de cada uma das línguas e suas denominações.
>
> O problema é que os etnônimos não apresentam uniformidade, colocando toda a questão numa verdadeira barafunda de nomes e apelidos étnicos. Somado a tudo isso, tem-se ainda a grande dispersão dos agrupamentos Páno ao longo de sua história de guerras e perseguições, com fracionamentos e reuniões de grupos de etnias variadas em aldeias comuns, além das estratégias estabelecidas por vários grupos Páno (considerados inimigos perigosos dos não índios) de esconder a sua identidade e mesmo adotar a de outros povos considerados amigos dos colonizadores.
>
> Nesse processo, cada povo, ou conjunto deles, foi recebendo variadas denominações, seja das pessoas com quem eles tinham mero contato, seja de vizinhos, seja de inimigos, ou ainda das esparsas informações de estudiosos e missionários estrangeiros que adentraram a Amazônia Ocidental nos primeiros decênios da fase de contato.

O relevante aqui é entender que são necessários esforços de outra ordem além do que linguístico, como, por exemplo, se assegurar que se trata de grupos indígenas ou se de povos indígenas. Sabe-se que, vez por outra, pesquisadores afirmam ter encontrado falantes de língua tradicional diferente da daqueles em que eles vivem. Um desses casos é o Saynáwa, língua de 7 falantes tradicionais que se integram ao grupo Jamináwa de Terra Indígena Jamináwa do Igarapé Preto no município de Cruzeiro do Sul (AC), Brasil (COUTO, 2015). Outro caso semelhante que leva a considerar o termo *grupo* e não *povo* como é o caso do Apolima-Arara, Marúbo e do Matsés. Esses são formados por várias etnias.

Entre os Yawanawá também se confirma que eles são formados por diferentes povos. Segundo afirma Paula (2004, p. 35), "o povo yawanawa é formado por remanescentes de vários povos, alguns destes já extintos e outros tendo apenas descendência".

Também durante pesquisas entre Nawa, Nukini, Poyanáwa, Kaxinawá, Shawantáwa e Shanenáwa se soube que pessoas de outra etnia vivam entre eles. Isso se confirma facilmente quando se faz levantamento populacional e outras investigações. Sempre se soube que tiveram pessoas de outras etnias em um mesmo grupo. Isso acontecia por vários motivos, um deles são as guerras que havia entre grupos. Com elas uns levavam mulheres e crianças

uns dos outros. Sem incluir o fato de que, às vezes, essas guerras tinham também essa função, configurando assim essa mistura.

Portanto, pode-se assumir que se trata de uma característica dos grupos indígenas, Páno ou não, terem membros de outro grupo. Mesmo com essa realidade tem sido possível realizar classificação das línguas Páno partindo das línguas predominantes desses grupos e prevendo que se incluirão a essa classificação aquelas línguas na medida em que se confirmarem existir entre aquelas já conhecidas.

Assim, como mostram os Mapas 1, 2, 3 e 4, no Brasil há 18 grupos falantes de línguas Páno, 14 no Peru e 3 na Bolívia. Confirma-se, até então, a existência de 31 grupos de língua tradicional Páno. Esse total não é uma soma, como já se mencionou, porque Jamináwa está presente em todos os 3 países, o Kaxinawá em dois países, além dos Matsés e outros, possivelmente. (Ver: Quadro Único: Grupos Páno).

Os Mapas 1, 2, 3 e 4, também mostram que, no Brasil, os grupos Páno estão reunidos no Acre, Amazonas e Rondônia; no Peru estão nas regiões do rio Trapiche, Ucayali, Yaco e Manu; e na Bolívia eles estão na região do rio Beni, Mamoré e Madre de Dios. Em todos esses países há índios Páno vivendo fora dos seus grupos, normalmente, nas periferias da zona urbana. Isso compromete a manutenção da língua tradicional dos Páno, como é mostrado na sequência.

O uso da L1 e L2 nos grupos Páno

Os Páno são grupos de situação de uso da língua tradicional ou não muito variada. Mas isso depende de muitos fatores, principalmente o número populacional e incentivo cultural recebido dos órgãos competentes. Todavia, ocupa-se, por hora, de apenas de alguns dados no quadro que segue.

Apresenta-se o Quadro Único, em seguida, informando o país em que é radicado o grupo, sua população estimada, o uso da língua tradicional (L1), o uso da língua 2, o português ou o espanhol e o risco do grupo perder a língua tradicional (L1).

Quadro Único: Grupos Páno

Povo Páno	UF	N. POP	Uso L1	Uso L2	Risco de perda da L1
1 Amahuaca	Peru	247	Sim	Sim	Não
2 Apolima-Arara	AC	135	---	X	---
3 Capanahua	Peru	267	Sim	Sim	Não
4Cachibo-Cacataibo	Peru	2.500	Sim	Sim	Não
5 Chacobo	Bolívia	495	Sim	Sim	Sim

6 Isconahua	Peru	240	Sim	Sim	Sim
7 Jaminawa	AC Peru Bolívia	230 324 630	--- --- ---	X x x	--- --- ---
8 Jaminawa-Arara	AC	128	Não	X	Sim
9 Kaxarari	AM/RO	445	Sim	X	Sim
10 Kaxinawá	AC Peru	3.964 775	Sim Sim	X X	Não Não
11 K orubo	AM	34	Sim	Não	Não
12 Kontanawa	AC	240	---	X	Sim
13 Kulino-Páno	AM	32	---	Sim	Sim
14 Marinahua	Peru	20	---	Sim	Sim
15 Marubo	AM	2.008	Sim	Sim	Não
16 Mastanahua	Peru	117	---	Sim	Sim
17 Matis	AM	457	Sim	Sim	Não
18 Matses	AM Peru	1.700 2.500	Sim Sim	Sim Sim	Não Não
19 Murunahua	Peru	100	---	Sim	Sim
20 Nahua	Peru	285	---	Sim	---
21 Náwa	AC	380	Não	Sim	---
22 Noke Koin	AC	845	Sim	Sim	Não
23 Nukini	AC	425(+100)	Não	Sim	---
24 Pacaguara	Bolívia	62	Não	Sim	---
25 Poyanawa	AC	745	Não	Sim	---
26 Saynáwa	AC	7	Não	Sim	---
27 Shanenawa	AC	458	Não	Sim	Sim
28 Sharanahua	Peru	446	Sim	Sim	---
29 Shawandawa	AC	275	Sim	Sim	Sim
30 Shipibo-Conibo	Peru	33.787	Sim	Sim	Não
31 Yawanawá	AC	831	Sim	Sim	Não

Fonte: Elaborado pela autora

Considerações finais

Diante do exposto, assume-se que os falantes tradicionais de línguas Páno estão distribuídos em grupos que são formados, em sua maioria, por mais de uma etnia. Assim admitido, acredita-se ser mais apropriado referir a eles como grupo e não povo. Mas importa também, considerar com os grupos/povos como eles preferem ser reconhecidos.

Chamar um conjunto de indígenas que vivam em um mesmo território por grupo ou por povo, sabe-se que é uma questão de conotação política. Pode-se insinuar valorização e/ou desprestígios. Nesse sentido, sabe-se que os grupos radicados no Peru não aceitam ser chamados de índios. Eles querem ser reconhecidos por nativos. Já os grupos radicados no Brasil não sentem ofendidos por serem tratados por índios e indígenas. Assim, volta-se para o fato de como essas pessoas querem ser referidas: grupos indígenas, povos indígenas, povos nativos ou somente nativos.

Outro ponto a considerar é que, dentre esses grupos, muitos são apenas "conhecedores de suas línguas tradicionais", pois não a usam. Isso remete a necessidade de investir na valorização dessas línguas que só se torna possível se se investir na autoestima dos grupos indígenas. Uma das formas é produzir com eles material didático para disponibilizá-los na escola deles.

De acordo com o que se viu no quadro, têm-se 31 grupos Páno distribuídos no Brasil, Peru e Bolívia. Há grupos que habitam nos três países, como é o caso do Jamináw/Yaminahua; e há grupos localizados no Peru e Brasil, como os Kaxinawá/cashinahua e Matsés, conhecidos pelo etnônimo Mayoruna a contragosto de seus membros.

Havendo conhecimento das várias necessidades de pesquisas e colaboração para manutenção das línguas Páno pelos grupos, haverá mais segurança nas classificações dessas línguas em famílias. Isso já vem acontecendo, mesmo de forma lenta, mas contínua. Pois cada um, da sua forma, tem dado sua contribuição.

Referências

ABREU, Paulo C. R. *Diversidade linguística histórica e suas características ergativas*. Goiânia, 2008, 312 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

AGUIAR, Maria S. Names of Pano group and the endings –bo, nawa, and huca. *UniverSOS*, n. 5, p. 9-69, 2008.

_____. *Aprender Nukini*. Rio Branco: Secretaria de Estado de Educação do Acre, 2004. 101p.

_____. Los grupos nativos "Katukina". *Amazonía Peruana*, Lima: CAAAP, n. 23, t. 12, p. 141-152, 1993.

BRINTON, Daniel. *The American race*: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South American. New York: Hodges, 1891.

COUTO, Cláudio. *A fonologia do Saynáwa (Pano):* a língua falada pelos índios Saynáwa/Jaminàwa da Terra Indígena Jaminàwa do Igarapé Preto (Acre/Brasil). Utrecht: LOT, 2015. 401 p.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade: a etno-história pano. In: CUNHA, M. C. *Histórias dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras,1992.

LOOS, Eugene E. Pano. In: DIXON, W. R. M.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999, p. 226-250.

NIMUENDAJU, Curt. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*. Tucumán (Argentina), Universidad Nacional de Tucumán, t.2, p. 543-618, 1932.

OPPENHEIM, Victor. Notas ethnogrphicas sobre os indígenas do alto Juruá (Acre) e Valle do Ucayaly (Perú). *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 8, p. 145-155, 1936.

PAULA, Aldir. A língua dos índios yawanawá do Acre. 2004, 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RODRIGUES, Arion. Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. 2013. 29 p.

ROMANOFF, Steven; JIMENEZ H., Daniel M.; BËSO, Fernando Sh. U.; FLECK, David W. *Matsesën nampid chuibanaid/La vida tradicional de los Matsés*. Lima: CAAAP, 2004. 148 p.

SHELL, Olive. Las lenguas Pano y su reconstruccion. *Estudios Panos III,* Série Lingüística Peruana, Lima (Perú): Instituto Lingüístico de Verano, n. 12, 1975. 211 p.

SOLIS, Gustavo. Etnónimos de lenguas Pano: una contabilidad problemática. *Lengua y sociedad*, v. 10, n. 1, p. 9-16, mar. 2010.

http://www.trabalhoindigenista.org.br/programa-javari. Acesso em: 3 out. 2016.

http://www.ethnologue.com/language/xpk. Acesso em: 15 mar. 2017.

MARIA SUELÍ DE AGUIAR
Doutora em Linguística. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). CV: http://lattes.cnpq.br/0950467502306607. E-mail: aguiarmarias@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA

Os sons da família Páno e o método comparativo, num exercício para a verificação da distância temporal entre as línguas[1]

The sounds of the Páno family and the comparative method, in an exercise to verify the temporal distance between the languages

Paulo Sérgio Reis de Abreu*
**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)*

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise de itens de algumas línguas Páno pelo método histórico-comparativo (identificação das correspondências sonoras), com um ensaio de verificação da distância temporal entre essas línguas. O 'corpus' consiste de 154 itens de 11 línguas Páno, selecionados de duas obras do pesquisador Elder José Lanes (2000 e 2005)[2], na qual centenas de itens foram usados para apuração da relação temporal entre as línguas por meio da léxico-estatística. O texto enfoca o método histórico-comparativo, como complementar à léxico-estatística, e faz uso da quantificação de diferenciações articulatórias para estabelecer as "distâncias" entre as línguas dentro de um bloco linguístico.

Palavras-chave: Línguas indígenas brasileiras. Família Páno. Método histórico-comparativo.

Abstract: This work presents an analysis of items of some Páno languages by the historic-comparative method (identification of sonorous correspondences), with an essay of verification of temporal distance between these languages. The 'corpus' consists of 154 items of 11 Páno languages, selected from two works of the researcher Elder José Lanes (2000 and 2005), where hundreds of items were used for verification of temporal relationship between the languages by means of the lexicon-statistic. The text focuses the historic-comparative method, as complementary to the lexicon-statistic, and makes use of quantification of articulatory differentiations to establish the 'distances' between the languages inside of a linguistic block.

Keywords: Brazilian indigenous languages. Páno family. Comparative-historic method.

[1] Este artigo é parte de um trabalho que continua a análise desse mesmo *corpus* e é uma ampliação de extrato do capítulo 2 de minha dissertação de mestrado "Diversidade linguística brasileira, as línguas Páno e suas características ergativas" (Abreu, 2008, p. 141-168), escrita dentro Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG, sob orientação da Dra. Maria Suelí de Aguiar. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3574>.

[2] "Mudança Fonológica em Línguas da Família Pano" (2000) e "Aspectos da Mudança Linguística em um Conjunto de Línguas Amazônicas: as Línguas Pano" (2005).

Introdução

1 As palavras da família

Adiante apresentamos um pequeno "corpus" com 154 itens que serão utilizados para uma verificação de correspondências sonoras. Todos os itens pertencem a línguas da família Páno que são faladas em território brasileiro. Além das aqui citadas há outras línguas Páno faladas tanto no Brasil como em dois países vizinhos. As nações Páno habitam regiões de floresta amazônica da Bolívia, do Brasil e do Peru e constituem uma família etnolinguística com 30 mil falantes, que integram em torno de 30 grupos. Ocupam na região fronteiriça entre Brasil e Peru, uma área quase ininterrupta que se estende praticamente do alto Solimões até o alto do Purus. De oeste para leste, encontram-se índios Páno desde o Ucayali e seus afluentes da margem esquerda até as cabeceiras das bacias do Javari, do Juruá e do Purus (ERIKSON, 2008, p. 239-240). Em território brasileiro, encontram-se 17 desses povos: 12 no estado do Acre, 4 no Amazonas e 1 no estado de Rondônia, que perfazem uma população aproximada de 10.000 pessoas. Dentre esses grupos, 5 já não falam a língua ancestral (os Apolima-Arára, os Jaminawa, os Náwa, os Nukiní e os Poyanáwa) e 4 têm sua língua em situação de grave risco de extinção (Jaminawa-Arára, Kontanáwa, Shanenáwa e Shawandáwa). As 8 restantes (Katukína, Kaxararí, Kaxinawá, Korúbo, Marúbo, Matís, Matsés e Yawanawá)[3] ainda são faladas por suas etnias e estão numa situação relativamente segura (AGUIAR, 2007).

1.1 De areia a vento

Apresenta-se a seguir um quadro comparativo com 11 línguas, cotejadas em face de 14 conceitos (areia, carne, céu, cobra, dente, dormir, língua, lua, marido, nariz, pé, pele, sangue, vento). Por ele se pode ter uma ideia inicial das diferenças e semelhanças entre itens de algumas línguas da família Páno faladas no Brasil.

Os dados foram pinçados dos anexos de Lanes (2005), onde o autor apresenta 165 conceitos, com os itens respectivos para as línguas Katukína (Kt), Kaxararí (Kx), Kaxinawá

[3] Sobre a grafia que se adotou aqui para os nomes das línguas e dos povos indígenas situados no Brasil, veja-se Abreu (2008, p. 3-4), disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3574>.

(Kw), Jaminawa (Ja), Marúbo (Mb), Matís (Mi), Matsés (Me), Poyanáwa (Po), Shanenáwa (Sn), Shawandáwa (Sd) e Yawanawá (Ya):

Quadro (1): Lista de "palavras" de 11 línguas Páno, retiradas dos anexos de Lanes (2005).

	Katukína (Kt)	Kaxararí (Kx)	Kaxinawá (Kw)	Jaminawa (Ja)	Marúbo (Mb)	Matís (Mi)	Matsés (Me)	Poyanáwa (Po)	Shanenáwa (Sn)	Shawandáwa (Sd)	Yawanawá (Ya)
01. **Areia**	maˑʃiˀ	ɦɨnɨmaˑʃɨ	maˑʃɨˡ	biːʃˑpu	ˈmaʃɨ	masi	maˑsi	baˑʃɨˀ	maˑʃɨ	baˑʃɨ	maˑʃɨʔ
02. **Carne**	naˑmi	laˑmi	naˑmi	daˑbi	ˈnami	nami	pɛ̃ˑbɪ̃	nɛ̃ˑᵐbi	naˑmi	naⁿˑbi	naˑmiʔ
03. **Céu**	naˑi	naiˑʧɨ	naˑiʔ	daˑi	naˈi	abu	aˑbu	daːˑi	naˑi	daˑi	naˑiʔ
04. **Cobra**	ɾɯˑnɯʔ	ʧɤˑlɤ	duˑnu	ɾuˑdoː	ˈɾunu	dunu	niˑsi	ɾũˑdu	ɾuˑnu	rɤ̃ːⁿdu	ɾʊˑnʊʔ
05. **Dente**	ʂɨˑta	ʂɨˑta	ʂɨtɨ	baˑtʃa	ˈʃɨˑta	ʃita	ʃɯˑta	χɨˑta	ʂɨˑta	ʂɨˑta	ʂɨˑtaʔ
06. **Dormir**	uʂaˑˤiˀ	uʂaˑɦi	uˑʂa	uˑʂai	ˈuʃa	uʃ-	uˑʃɛʔ	uˑχa	uˑʂa	uʃaˑi	ʊˑʂaʔ
07. **Língua**	haˑnaˀ	ɦaˑna	hɐˑna	aːˑdaʔ	ˈana	ana	aˑna	ɛ̃ːˑda	aˑna	ɛ̃ⁿˑda	aˑnaʔ
08. **Lua**	ɯˑʂɨˀ	ʊˑʂɨˀ	uˑʂɨ	ʊˑʂɨ	ˈuʃɨ	uʃɨ	o͡ɯˑʃɯ	uɣˑdɨ	uˑʂɨ	uˑʃɨ	ʊˑʂɨʔ
09. **Marido**	βɨˑnɨˀ	βɨˑnɨ	bɨˑnɨ	βɨˑdɨ	ˈvɨnɨ	bɨnɨ	bɯˑnɯ	βɪ̃ːˑdɨ	ɨːβɨˑnɨ	βɨⁿˑdɨ	βɨˑnɨʔ
10. **Nariz**	ɾɨˑkɪ̃ˀ	ʧɨkaˑɲi	dɨˑkɪ̃	ɾɨtʃʊˑkʊ	ɾɨˈkin	deʃan	ribɪ͡aˑtɛ	ɾũˑki	ɾɨˑkɪ̃	ɾɪ̃ːˑki	ɾəˑkɪ̃ʔ
11. **Pé**	taˑɨˀ	taˑʔɨ	taˑɨ	taˑɨ	ˈtaɨ	taɨ	taˑɯ	taˑɨ	taˑɨ	taˑɨ	taˑiʔ
12. **Pele**	hɨʃˑβi	βiˑʧi	biˑʧi	ɾaːˑdi	ɨʃˈpi	bitsi	biˑtsi	βiˑʧi	ɸiˑʧi	βiˑʧi	βiˑʧiʔ
13. **Sangue**	ʰiˑmiˢ	xiˑmi	xiˑmi	iˑbi	ˈimi	imi	ĩˑta	ĩˑbi	iˑmi	ĩˑᵐbi	iˑmiʔ
14. **Vento**	niˑwɨ	wɨɦiˑta	niˑwɨ	diˑwɨ	ˈyɨwɨ	auin	kũkɛˑkɪ̃	diˑwɨ	niˑwɨ	βɨː	niˑwɨʔ

1.2 Meça bem suas palavras...

A seleção, dentro do *corpus* de Lanes (2005), dos quatorze conceitos (e os itens das respectivas línguas) que integram o Quadro (1), seguiu certos critérios e peculiaridades, que precisam ser mencionados.

Primeiramente, deve-se registrar que, deliberadamente, procurou-se eleger para o quadro os conceitos que apresentassem, nas diversas línguas, o maior número de itens semelhantes entre si, o que, aliás, pode dar a impressão inicial de serem essas línguas mais parecidas do que realmente são. De fato, as escolhas foram feitas justamente para viabilizar uma análise das correspondências sonoras entre itens virtualmente cognatos, no que se diferencia da análise que Lanes fez de seu *corpus*, mais amplo e abrangente: o autor buscou, com base na léxico-estatística, a apuração do número de itens cognatos que tais línguas compartilhariam, para estabelecer distâncias temporais entre elas.

Todavia, como veremos mais adiante, a partir da análise de correspondências que fizemos sobre os itens do Quadro (1), também procuramos, paralelamente ao método léxico-estatístico utilizado por Lanes, adotar, por assim dizer, uma perspectiva de apuração de

"distâncias genéticas", que pretendemos considerar teoricamente "complementar" à léxico-estatística, ou, pelo menos, o exercício de uma possibilidade investigativa.

Ainda sobre as "palavras" dispostas no *corpus* original, procurou-se esclarecer outras questões relativas à sua escolha, bem como sobre a transcrição (o *corpus* traz transcrições fonéticas ao lado de fonológicas), além de opções relacionadas aos símbolos do IPA.

2 A operação léxico-estatística de Lanes

Como se disse, a lista do Quadro (1) é apenas um pequeno extrato dos 165 conceitos reunidos nos anexos de Lanes (2005), a partir dos quais, com a aplicação da léxico-estatística, o autor classificou-as segundo a distância genética em que se encontrariam umas das outras.

Em sua dissertação de mestrado (Lanes, 2000), obra que é praticamente uma introdução às questões que seriam aprofundadas em sua citada tese de doutorado (Lanes, 2005), o autor já apresentava sua lista de "palavras", para a realização de "um exercício de aplicação do método que ficou conhecido como léxico-estatística e que se encontra apresentado em Swadesh (1950)", linguista que propôs a seleção de um *corpus* cujos itens seriam provavelmente mais "livres de influências culturais", sobretudo partes do corpo e nomes de elementos da natureza.

A partir dessa seleção de itens, o autor procura estabelecer, tendo em vista o percentual de cognatos que pares de línguas Páno compartilhariam entre si, a distância temporal entre elas (LANES, 2000, p. 34-66)[4], com base na classificação de Swadesh (1954), reproduzida em Lanes (2000, p. 56-57):

[4] Lanes (2000, p. 36-37) reporta ainda, como suportes teóricos de seu trabalho, "o artigo intitulado *The ABC'S of Lexicostatistics (Glottochronology)*, de Sara C. Gudschinsky (1956)", e uma fórmula matemática, aplicada aos dados ("a fórmula de Lees, 1953: t= logC/ 2log r").

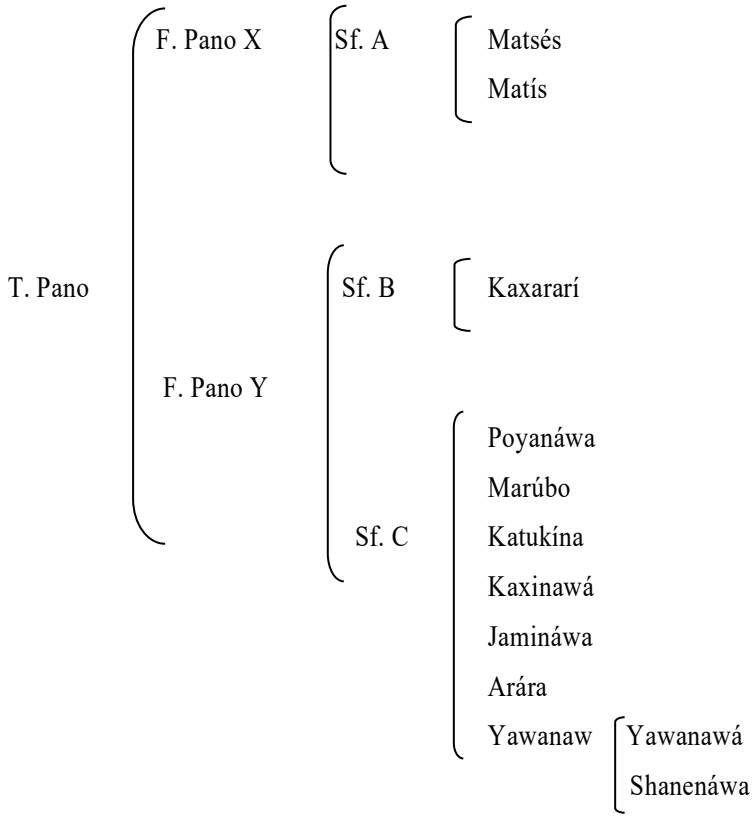
Quadro (2): Classificação de Swadesh (1954) para a profundidade temporal de línguas, famílias, troncos e outros "blocos", retirada de Lanes (2000, p. 56-57).

DENOMINAÇÃO	DIVERGÊNCIA EM SÉCULOS	PERCENTUAL (%) DE COGNATOS
Língua	0-5	100-81
Família	5-25	81-36
Tronco	25-50	36-12
Microphylum	50-75	12-4
Mesophylum	75-100	4-1
Macrophylum	Acima de 100	Menos de 1

Lanes (2000, p. 61-63) apurou números de coincidências de cognatos em diversos pares de línguas Páno (até então o autor considerava dados de apenas 9 línguas, ainda sem exemplos para o Matís e o Marúbo), resultando, como línguas mais aproximadas historicamente, o Yawanawá e o Shanenáwa, com uma distância de 276 anos, e, como pares de relação mais remota, o Matsés e o Jamináwa, e o Matsés e o Kaxararí, com respectivamente 4.560 e 4.661 anos. O interessante é que essas últimas "distâncias", que ultrapassam os 4.000 anos (ou quarenta séculos) equivaleriam, segundo as disposições da citada classificação de Swadesh, surpreendentemente a um distanciamento de tronco – e não de família.

Lanes continua seu trabalho estatístico na obra de 2005 (com sua lista de itens acrescida, como se disse, de dados do Matís e Marúbo), no qual conclui que o Matsés e o Matís, por compartilharem um percentual mais baixo de cognatos com as demais (e mais alto entre si), seriam as línguas mais distanciadas do restante do grupo (LANES, 2005, p. 243). Além disso, com base nesses percentuais de coincidência de cognatos, apresenta (p. 80), no âmbito das 11 línguas implicadas, uma "proposta parcial de classificação interna ao conjunto linguístico Pano", na qual assume, textualmente, a existência de um tronco Páno — "T. Pano" (com as famílias "X" e "Y", e as subfamílias "A", "B" e "C"):

Figura (1): "Proposta parcial de classificação interna ao conjunto linguístico Pano", retirada de Lanes (2005, p. 80).



A assunção da existência de um tronco Páno chama a atenção por destoar da literatura, que tem dado a esse grupo de línguas um *status* de família linguística, ou seja, línguas que se diferenciariam como o português e o espanhol, ou o português e o francês, ou, no máximo, o português e o romeno, por exemplo. No caso de um tronco (com distâncias de até 5.000 anos), a expectativa é a de que falantes de algumas línguas como o Jamináwa e o Kaxararí teriam um grau de mútua inteligibilidade com um falante do Matsés equivalente a que teria um falante do português ou espanhol com um falante do armênio, do russo ou do persa moderno (fārsī).

3 Na boca do índio

Adotando uma perspectiva diferente para a observação dos dados de Lanes, num exercício com outro enfoque comparativo, o do método clássico da Linguística Histórica e Comparativa (identificação das correspondências sonoras), vamos observar certas relações entre os itens que se nos apresentam como muito provavelmente cognatos. Trata-se, todavia, de "*corpus*" bem reduzido.

Assim mesmo, não sem as devidas reservas relativas à exiguidade dos dados em comparação, bem como às naturais flutuações de uma transcrição fonética, poderíamos destacar algumas relações sistemáticas entre os itens do Quadro (1), o que faremos nas seções seguintes.

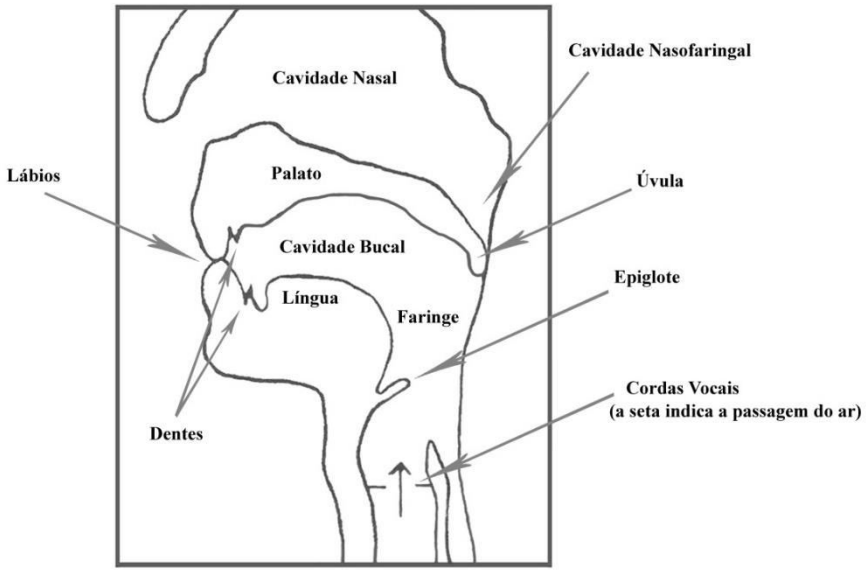
As representações que serão utilizadas adiante para ilustrar aspectos articulatórios são os "diagramas estáticos". Vários diagramas utilizados neste trabalho foram retirados de Weiss (1988, p. 26-29), com algumas alterações[5], ou foram a partir deles "construídos"[6].

O diagrama seguinte é uma representação simplificada do aparelho fonador, na qual se tem, de cima para baixo, a cavidade nasal, a região palatal, a cavidade bucal (com a língua, lábios e dentes anteriores), a epiglote e as cordas vocais. Na parte direita do desenho, vemos a úvula, como um prolongamento do palato mole, que, na representação dos sons orais, fica unida à "parede" da cavidade nasofaringal.

[5] Houve algumas alterações quanto à nomenclatura de classificação dos fones e ao alfabeto fonético utilizado (a autora empregou em sua obra os símbolos de K. Pike, que substituímos pelos do IPA).

[6] Os contoides [t], [n] e [r] foram retirados diretamente de Weiss (op. cit.). Foram construídos a partir de diagramas estáticos de Weiss os dos fones [b], [d], [ɣ], [m] e [ɾ]. Com base em diagramas de Ahmed (2006ab), tem-se a representação do aproximante [j] e dos contoides [s] e [ʃ] (este a partir também de desenho de LADEFOGED, 2006, p.15). As representações das africadas [t͡s] e [t͡ʃ] foram retiradas de Rosseti (1974, p. 90). Os diagramas seguintes foram construídos (ou deduzidos) a partir de descrições teóricas: a nasal [ɲ], a lateral [l], o fricativo [χ] (CRISTÓFARO SILVA, 2002, p. 34, 38-40, 50-52, 60-65; CAVALCANTE, 1998-2000) e a retroflexa [ʂ] (LADEFOGED, 2006, p. 11, 162-163, 171). Quanto aos vocoides, retiramos "diretamente" de Weiss (op. cit.) as representações de [i] e [ɨ], e foram construídos a partir dos exemplos da autora os vocoides [ɯ], [ɪ] e [ĩ].

Diagrama (1): Estrutura dos diagramas estáticos utilizados neste trabalho,
com base em desenho de Weiss (1988, p. 27).



Segue-se, então, a análise realizada para apurar as relações sistemáticas entre os itens dispostos no Quadro (1), que vai focalizar primeiramente as correspondências sonoras entre vogais.

3.1 Vogais altas que se afastam

Veja-se, em 5, 8, 9 e 11[7], como a vogal alta central [ɨ] (e, às vezes, a alta anterior [i]) da maior parte dos itens é substituída sistematicamente pela alta posterior [ɯ] em Matsés:

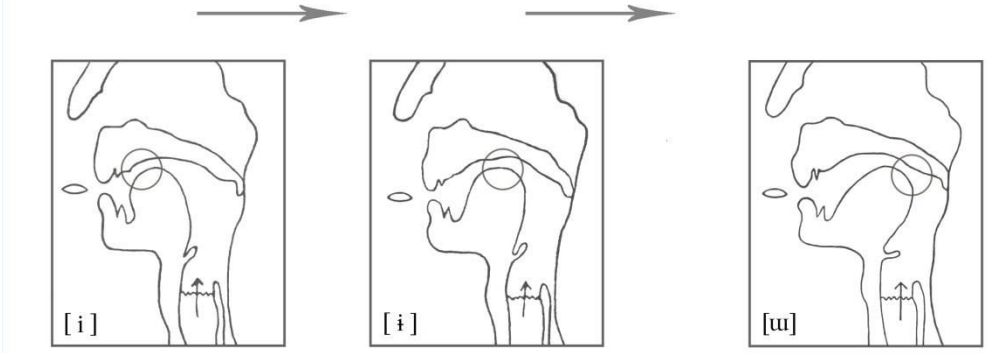
[7] A numeração é a dos itens ou "conceitos" dentro do Quadro (1).

		ʂɨ·ta	(Kt, Kx, Sn, Sd)		
		ʂɨtɨ	(Kw)		
(5)	"dente"	ˈʃɨ·ta	(Mb)	ʃɯ·ta	(Me)
		ʃĩta	(Mi)		
		χɨ·ta	(Po)		
		ʂɨ·taʔ	(Ya)		
		ɯ·ʂɨʾ	(Kt)		
		ʊ·ʂɨ	(Kx, Ja)		
		u·ʂɨ	(Kw, Sn)		
(8)	"lua"	ˈuʃɨ	(Mb)	ʊ͡ɯ·ʃɯ	(Me)
		u·ʃɨ	(Mi/ Sd)		
		uɣ·dɨ	(Po)		
		ʊ·ʂɨʔ	(Ya)		
		βɨ·nɨʔ	(Kt, Ya)		
		βɨ·nɨ	(Kx)		
		bɨ·nɨ	(Kw/Mi)		
(9)	"marido"	βɨ·dɨ	(Ja)	bɯ·nɯ	(Me)
		ˈvɨnɨ	(Mb)		
		βɨ̃ː·dɨ	(Po)		
		ɨ:βɨ·nɨ	(Sn)		
		βɨⁿ·dɨ	(Sd)		
		ta·ɨ	(Kw, Ja, Mi, Po, Sn, Sd)		
		ta·ɨʾ	(Kt)		
(11)	"pé"	ta·ʔɨ	(Kx)	ta·ɯ	(Me)
		ˈtaɨ	(Mb)		
		ta·iʔ	(Ya)		

Nesses exemplos, uma vogal alta e central, [ɨ], de um conjunto de línguas Páno (ou, eventualmente, uma vogal também alta, mas anterior, [i], como ocorre em dois itens da comparação: ʃita (Mi) *dente* / ta·iʔ (Ya) *pé*), muda em [ɯ] em Matsés, ou seja, continua alta, mas desloca-se para a posição posterior[8].

[8] Talvez esse processo também se verifique com as altas centrais **nasais**, como ocorre com o item βɨ̃ː·dɨ *marido*, do Poyanáwa, cujo vocoide **[ɨ̃]**, de natureza nasal, também se transforma em [ɯ] em Matsés: βɨ̃>bɯ.

Diagrama (2): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática[9] das vogais [i] e [ɨ] por [ɯ], entre itens de algumas línguas Páno.



Tal alteração, aliás, poderia ser considerada relativamente pequena, eis que praticamente não se modificam padrões importantes, como os de abertura ou altura (todos os fones são fechados/altos), nasalização (os fones são, em maioria, não nasais, isto é, praticamente todos são orais) e arredondamento (todos os fones são, com exceção do [ʊ]: ʊ˙ʂɨ, *lua* do Kaxinawá e Jamináwa, não arredondados).

Além disso, a alteração "horizontal" (de anterioridade e posterioridade) ali observada é, na maioria dos casos, meramente a intensificação do recuo da língua, que parte, na maioria dos itens, de uma retração central para uma mais posterior.

Com efeito, dos três parâmetros principais para a descrição dos segmentos vocálicos (altura da língua; posição da língua em termos anterior/posterior; arredondamento ou não dos lábios (CRISTÓFARO SILVA, 2002, p. 66-70)), apenas um foi alterado (o da posição "horizontal": anterioridade/posterioridade) e, como se disse, na quase totalidade das vezes, numa gradação um tanto reduzida: de central para posterior.

Quanto às chamadas "articulações secundárias dos segmentos vocálicos": duração, desvozeamento, nasalização e tensão[10] (CRISTÓFARO SILVA, 2002, p. 70-72), com

[9] Dentro dos diagramas foram colocados círculos para destacar o parâmetro articulatório em alteração.

[10] Cristófaro Silva (2002, p. 72) explica que "segmentos tensos estão em oposição a segmentos frouxos (ou lax). Um segmento tenso é produzido com maior esforço muscular do que um segmento frouxo. Segmentos frouxos ocorrem no português brasileiro em vogais átonas finais: 'pat**u**, safár**i**'. As vogais altas frouxas (e átonas postônicas) em 'pat**u**, safár**i**' podem ser contrastadas com as vogais altas tensas (e tônicas) em 'jac**u**, sac**i**'".

exceção, de um modo episódico, da "tensão", com vários itens paroxítonos do Marúbo contrastando com os oxítonos das demais línguas, a transcrição de Lanes não apresenta sistematicamente oposições relevantes. Não se assinala qualquer "desvozeamento"[11] dos vocoides, e a marcação dos diacríticos secundários de "duração" [ː][12] e "nasalização" [̃] só ocorre nos itens βi̥ːˑdi̥ (do Poyanáwa) e i̥ːβi̥ˑni̥ (do Shanenáwa).

Logo, de um modo quase absoluto, o fator de diferenciação é realmente o recuo. O recuo de uma vogal alta e não arredondada (oral/ não desvozeada/ de duração 'x'/ de tensão 'x'[13] – se considerarmos ainda as "articulações secundárias"), da posição central para a posição posterior.

Todavia, também poderíamos considerar o contrário: um avanço da posição posterior para regiões mais anteriores, a depender da relação histórica dessas línguas, isto é, do caminho "derivativo" que o conjunto dessas línguas percorreu ao longo do tempo. Nessa hipótese, a vogal do Matsés (mais antiga ou mais "conservadora") estaria somente atrasada em sua arribação. Aliás, as duas exceções referidas do Matís e do Yawanawá (ʃita *dente* / taˑiʔ *pé*), que atingiram a "vanguarda" da anterior [i], seriam indícios dessa trajetória. Se assim for, deveríamos mudar também o título desta seção. Talvez para "Vogais altas que avançam".

De qualquer modo, esta é a única correspondência entre sons vocálicos observada no pequeno "*corpus*" em análise, de forma que, se alguma hipótese pudesse ser lançada quanto às relações sistemáticas desse tipo de segmento entre as línguas Páno aqui

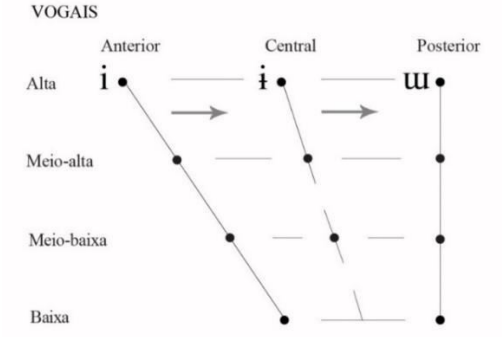
[11] Segundo Cristófaro Silva (2002, p. 71), "normalmente, segmentos vocálicos são vozeados, isto é, durante a sua produção as cordas vocais estão vibrando. Contudo, segmentos vocálicos podem ser produzidos com a propriedade articulatória secundária de desvozeamento. Nesse caso, as cordas vocais não vibram durante a produção da vogal (de maneira análoga a consoantes desvozeadas). Faremos uso de um pequeno círculo colocado abaixo do segmento vocálico para caracterizar a propriedade secundária de desvozeamento. Assim, [ḁ] caracteriza o segmento [a] com a propriedade de desvozeamento. Em português o desvozeamento de segmentos vocálicos geralmente ocorre em vogais não acentuadas em final de palavra, como por exemplo as vogais finais das palavras 'pata, sapo, bote'".

[12] Os diacríticos [ː] e [ˑ] são usados para marcar a duração dos segmentos vocálicos. "Por exemplo, [aː] duração longa; [aˑ] duração média; [a] duração breve" (CRISTÓFARO SILVA, 2002, p. 71). A propósito, embora vimos interpretando, na maioria dos exemplos de Lanes, o sinal [ˑ] como indicativo de tonicidade (da sílaba seguinte), o sinal próprio para esse mister seria, segundo as tabelas do IPA, o [ˈ], que Lanes utilizou somente nos exemplos do Marúbo.

[13] Usam-se as variáveis 'x' e 'y' para a indicação dos graus de duração e de tensão. Segundo afirma Cristófaro Silva (2002, p. 71), "a duração de um segmento só pode ser medida comparativamente em relação a outros segmentos". Igualmente, pelo que se depreende de sua explanação sobre o critério da "tensão", a verificação desse aspecto também dependeria da comparação entre segmentos contíguos. Trata-se, pois, de parâmetros relativos (e não especificados por Lanes), que não foram considerados em nossa análise.

consideradas, esta seria a da existência de uma tendência à manutenção da uniformidade vocálica; e, quando alguma diferenciação ocorre, atinge praticamente apenas um dos parâmetros articulatórios (*in casu*, o parâmetro "horizontal": anterioridade/ posterioridade), e assim mesmo de forma moderada.

Figura (2): Representação, no "Quadrilátero das vogais"[14], da substituição sistemática das vogais [i] e [ɨ] por [ɯ], na comparação entre itens de algumas línguas Páno.



3.2 Consoantes de frente

Continuando a apresentação das relações verificadas no Quadro (1), veremos, na análise das correspondências entre contoides[15], uma tendência a envolver segmentos articulados em regiões anteriores do trato vocal, como os bilabiais [m] e [b], mas principalmente os alveolares ([ɾ], [r], [d], [n], [s], [ts]), que participam de praticamente a metade das comparações entre consoantes.

Um pouco para o fundo do trato vocal, mas ainda numa região "anterior", vão ocorrer correspondências de que participam contoides alveopalatais como [ʃ] e a africada [tʃ], até se

[14] O "Quadrilátero das vogais" ou "Quadrilátero de vogal cardinal", que retiramos da tabela do IPA (com tradução e alterações), é um esquema criado pelo foneticista britânico Daniel Jones (1881-1967) para fornecer um meio preciso de identificação das vogais de uma língua (CRISTAL, 2000, p. 270).

[15] Embora utilizados aqui como sinônimos, a teoria pode diferenciar "consoante" de "contoide" e "vogal" de "vocoide". Weiss (1988, p. 7) consigna que "empregamos o termo *contoide* e *vocoide* para as realizações fonéticas sem relação (referência) com sua função numa determinada língua, e *consoante* e *vogal* depois de classificada a estrutura e a função deles num certo sistema. [...] *Contoide* e *vocoide* são termos fonéticos; *consoante* e *vogal* são termos fonêmicos ou fonológicos".

chegar, com o impulso de uma retroflexa [ʂ], a regiões posteriores como a velar [ɣ] e a uvular [χ], o que ocorre em apenas uma das hipóteses.

As duas primeiras comparações tratam de mudança apenas no modo de articulação: contoides nasais se transformam em oclusivos, como ocorre entre as alveolares [n] e [d] e as bilabiais [m] e [b], alteração que envolve apenas o parâmetro controlado pela elevação ou abaixamento do palato mole.

Há ainda mudança do modo de articulação envolvendo a vibrante simples [ɾ] (tepe) e a vibrante múltipla [r], ambas alveolares, que se transformam na alveolar oclusiva [d], e, de forma discutível, na africada [tʃ]; e mudança no ponto de articulação, que numa comparação se anterioriza ([ʃ] e [tʃ] se tornam [s] e [ts]) e noutra fica mais posterior ([ʂ] se torna [ʃ], [ɣ] e [χ]). As seções farão referências às línguas que participaram da alteração.

3.2.1 Fechando o nariz: Jaminάwa, Poyanάwa e Shawandάwa

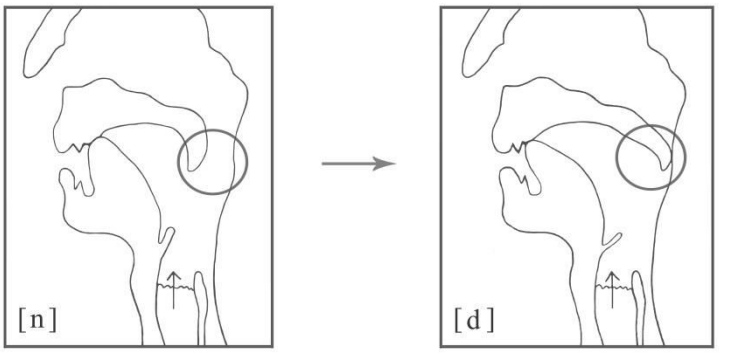
Observe-se que as linhas 2, 3, 4, 7, 9 e 14 mostram uma correspondência sistemática entre a nasal [n] da maior parte das línguas e a oral [d] do Jaminάwa, a qual também ocorre com quase todos os itens do Poyanάwa e ainda do Shawandάwa.

Esta comparação pode indicar, como veremos adiante, que existe, entre as línguas Páno, uma forte tendência de oscilação, no ataque da sílaba, entre os diversos modos de articulação dos contoides alveolares, neste caso, bem especificada entre uma nasal [n] e uma oclusiva [d]. No caso, a única alteração articulatória ocorre no palato mole, que se eleva em [d], de forma a não permitir que o ar passe, de maneira auditiva, também pelo nariz.

		na·mi	(Kt, Kw, Sn, Mi)		
		ˈnami	(Mb)		
(2)	"carne"	nẽ·ᵐbi	(Po)	da·bi	(Ja)
		naⁿ·bi	(Sd)		
		na·miʔ	(Ya)		
		naˈi	(Kt, Sn, Mb)		
(3)	"céu"	nai·tʃi	(Kx)	da·i	(Ja, Sd)
		na·iʔ	(Kw, Ya)	da:·i	(Po)

		ɾɯˑnɯʔ	(Kt)		
		duˑnu	(Kw, Mi)	ɾuˑd̲ʊː	(Ja)
(4)	“cobra”	ˈɾunu	(Mb)	ɾũˑd̲u	(Po)
		ɾuˑnu	(Sn)	ɾɾ̃ːⁿd̲u	(Sd)
		ɾʊˑnʊʔ	(Ya)		
		haˑnaʼ	(Kt)		
		ɦaˑna	(Kx)	aːˑd̲aʔ	(Ja)
(7)	“língua”	hɐˑna	(Kw)	ɐ̃ːˑd̲a	(Po)
		ˈana	(Mb)	ɐ̃ⁿˑd̲a	(Sd)
		aˑna	(Me, Mi, Sn)		
		aˑnaʔ	(Ya)		
		βɨˑnɨʔ	(Kt, Ya)		
		βɨˑnɨ	(Kx)	βɨˑd̲ɨ	(Ja)
(9)	“marido”	bɨˑnɨ	(Kw, Mi)	βɨ̃ːˑd̲ɨ	(Po)
		ˈvɨnɨ	(Mb)	βɨⁿˑd̲ɨ	(Sd)
		bɯˑnɯ	(Me)		
		ɨːβɨˑnɨ	(Sn)		
		niˑwɨ	(Kt, Kw, Sn)		
(14)	“vento”	niˑwɨʔ	(Ya)	d̲ɨˑwɨ	(Ja)
		“βɨː”	(Sd)	d̲iˑwɨ	(Po)

Diagrama (3): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática da consoante [n] por [d], entre itens de algumas línguas Páno.



Nasal alveolar vozeada — Oclusiva alveolar vozeada

A correspondência "[n] → [d]" ocorre no ataque da primeira sílaba (conceitos (2), (3) e (14)) e no ataque da segunda sílaba (conceitos (4), (7) e (9)), e se mostrou absoluta com o Jaminawa em todos os exemplos. No conceito (14), não ocorre com o Shawandáwa, o que talvez possa ser justificado pelas hipóteses de que seu item [βɨ:] *vento* (destacado entre aspas) ou não seria um cognato dos demais, ou teria sofrido ulteriores processos de transformação.

No conceito (2) *carne*, a correspondência não se verifica nem em Poyanáwa [nɛ̃·ᵐbi], nem em Shawandáwa [naⁿ·bi], talvez por alguma condicionante, como a presença de som nasal imediatamente após o núcleo da sílaba (com as solturas nasais [ᵐ] e [ⁿ]), o que pode ter levado à manutenção da nasal alveolar [n].

Assim, com as reservas reiteradamente feitas quanto à insuficiência do "*corpus*", poderíamos então hipotetizar que a correspondência em questão se dá com o Jaminawa, em todos os ambientes, e, em Poyanáwa (e possivelmente também em Shawandáwa), em todos os ambientes, exceto quando o núcleo da sílaba a que pertence o contoide "de ataque" [n] é seguido de som nasal.

Reitere-se que a alteração é relativamente pequena, eis que não se muda o ponto de articulação e a mudança no modo de articulação também é razoavelmente restrita (com a simples elevação do palato mole para evitar a ressonância nasal). Ademais, o modo de articulação nasal poderia ser classificado como um tipo de articulação oclusiva, pois em ambos ocorre fechamento total da boca[16].

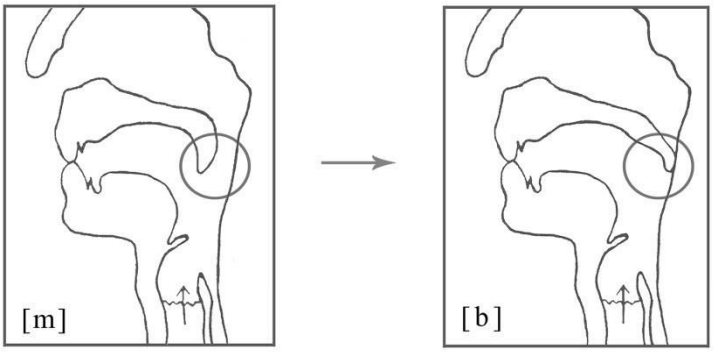
3.2.2 Os mesmos e fechando o nariz de novo: Jaminawa, Poyanáwa e Shawandáwa

Outra relação sistemática opondo essas três línguas às demais línguas do grupo pode ser vista em 1, 2 e 13, onde ao som nasal de [m] vai corresponder uma oral oclusiva [b], o que constitui um outro exemplo de manutenção do ponto de articulação, neste caso, bilabial, mas alteração do modo de articulação, novamente de nasal a oclusivo, como a da comparação anterior, só que desta vez ocorrendo em todos os ambientes para as três línguas:

[16] Rios (1996, p. 23) compara os 'nasais' aos oclusivos, já que a obstrução entre os articuladores, nos 'nasais', também é total. A diferença é que, na articulação nasal, embora haja uma oclusão total na boca, o abaixamento do palato mole, permite a passagem livre do ar pela cavidade nasal. Trata-se de "um som contínuo, sem plosão" (WEISS, 1988, p. 37).

		ma·ʃĩʔ	(Kt, Ya)		
		ɦɨnima·ʃi	(Kx)	b̲i:ʃ·pu	(Ja)
(1)	"areia"	ma·ʃĩˡ	(Kw)	b̲a·ʃi	(Sd)
		ˈmaʃi	(Mb)	b̲a·ʃĩ'	(Po)
		ma·si	(Mi, Me)		
		ma·ʃi	(Sn)		
		na·mi	(Kt, Kw, Mi, Sn)		
(2)	"carne"	la·mi	(Kx)	da·b̲i	(Ja)
		ˈnami	(Mb)	naⁿ·b̲i	(Sd)
		na·miʔ	(Ya)	nɛ̃·ᵐb̲i	(Po)
		ʰi·miˀ	(Kt)		
		xi·mi	(Kx, Kw)	i·b̲i	(Ja)
(13)	"sangue"	ˈimi	(Mb)	ĩ·b̲i	(Po)
		i·mi	(Mi, Sn)	ĩ·b̲i	(Sd)
		i·miʔ	(Ya)		

Diagrama (4): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática da consoante [m] por [b], entre itens de algumas línguas Páno.



Nasal bilabial vozeada — Oclusiva bilabial vozeada

Como se vê, novamente ocorre a substituição focada em apenas um parâmetro articulatório: [m] e [b] são ambas oclusivas bilabiais vozeadas[17] e a única diferença entre elas

[17] Nos diagramas estáticos utilizados neste trabalho, o parâmetro vozeamento está representado, na glote, pelos seguintes sinais: '— —' (glote aberta e sem vibração): os fones são desvozeados, também chamados de

é que em [b], com a obstrução feita pelo levantamento do palato mole, o ar deixa de ressoar pelo nariz.

3.2.3 Mudando-se um pouco para a frente: Matís e Matsés

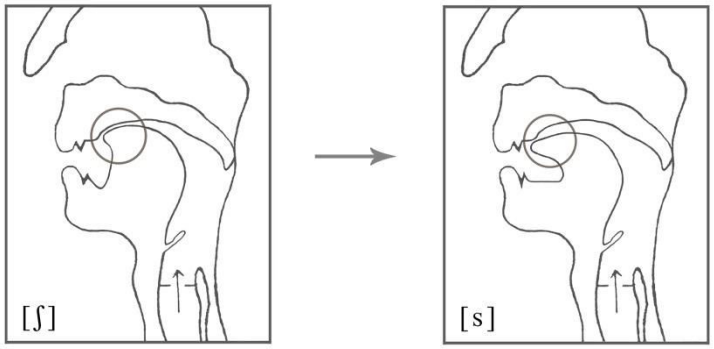
O conceito 1 utilizado na seção anterior, juntamente com o 12, pode sugerir outra correspondência sonora (dessa vez entre o Matís e o Matsés e as demais línguas), que consistiria na substituição, nessas duas línguas, do [ʃ] pelo [s], como se pode ver na primeira sequência (1), na qual a alteração se estabelece no ataque da última sílaba, e na segunda (12), conceito "pele", onde ocorre na estrutura das africadas: [tʃ] por [ts].

Dessa vez, o modo de articulação, qual seja o fricativo (seja nas consoantes "simples", seja em sua incidência discreta dentro dos complexos africados), é que é mantido, alterando-se o ponto de articulação, que se adianta da posição pós-alveolar [ʃ] e [tʃ] para a posição alveolar [s] e [ts]:

		maˑʃiʔ	(Kt, Ya)		
		ɦɨnɨmaˑʃi	(Kx)		
		maˑʃiˡ	(Kw)		
(1)	"areia"	biːʃˑpu	(Ja)	maˑsi	(Mi, Me)
		ˈmaʃi	(Mb)		
		baˑʃiˀ	(Po)		
		maˑʃi	(Sn)		
		baˑʃi	(Sd)		
		hɨʃˑβi	(Kt)		
		βiˑtʃi	(Kx, Po, Sd)		
(12)	"pele"	biˑtʃi	(Kw)	biˑtsi	(Mi, Me)
		ɨʃˈpi	(Mb)		
		ɸiˑtʃi	(Sn)		
		βiˑtʃiʔ	(Ya)		

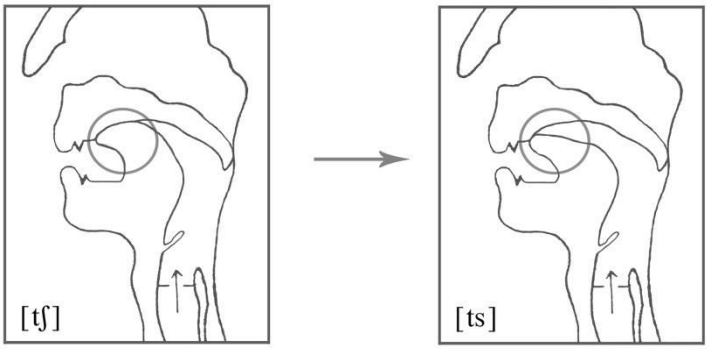
"surdos"; '~~~~' (cordas vocais vibrando): os fones são vozeados (ou "sonoros"). A seta '↑', que atravessa esses sinais, indica o movimento do ar saindo dos pulmões.

Diagrama (5): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática da consoante [ʃ] por [s], entre itens de algumas línguas Páno



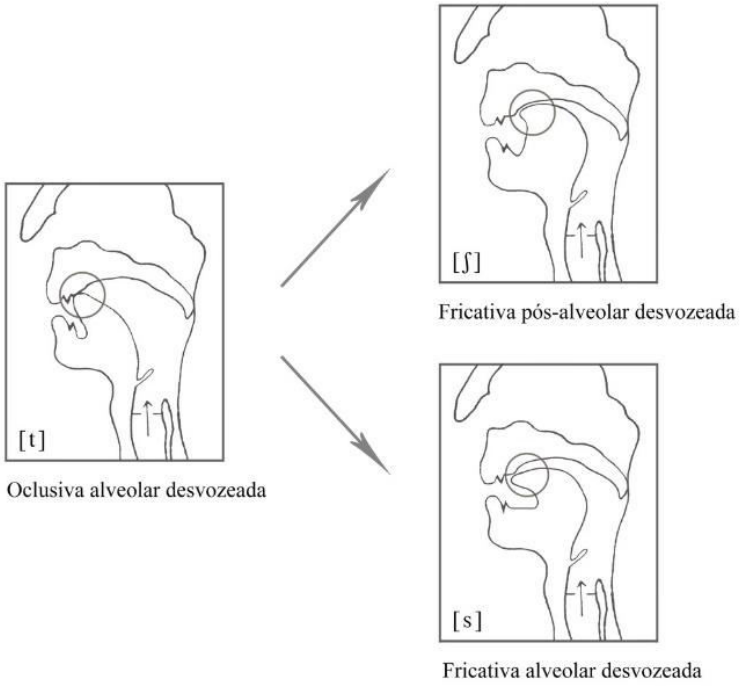
Fricativa pós-alveolar desvozeada Fricativa alveolar desvozeada

Diagrama (6): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática da africada [tʃ] pela africada [ts], entre itens de algumas línguas Páno



Africada alveopalatal desvozeada Africada alveolar desvozeada

Diagrama (7): Diagramas estáticos ilustrando a escansão das consoantes africadas [tʃ] e [ts][18]



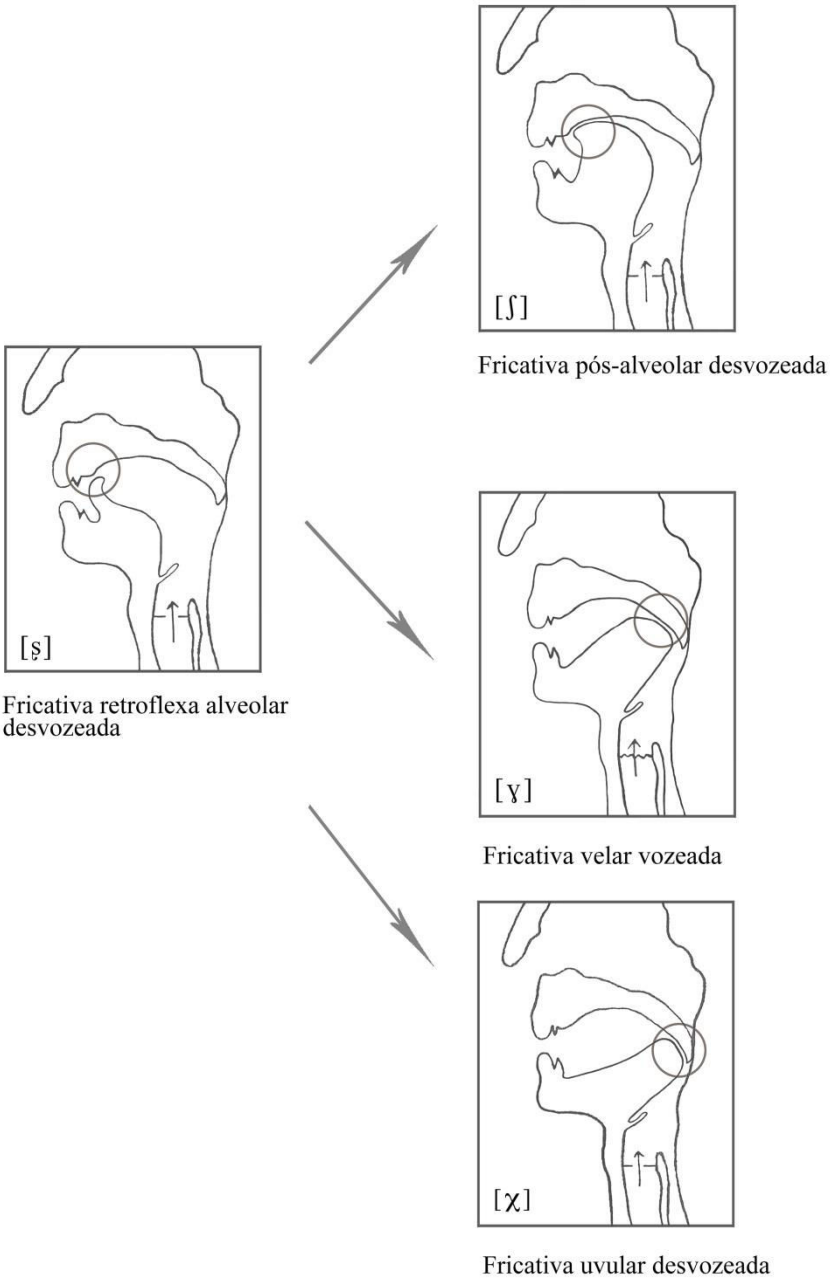
3.2.4 Passados para trás: Marúbo, Matís, Matsés, Shawandáwa, e o Poyanáwa

Os itens 5, 6 e 8 apresentam a fricativa retroflexa [ʂ] da maioria das línguas sendo substituída pela fricativa palatoalveolar [ʃ] em Marúbo, Matís e Matsés (em todos os ambientes) e em Shawandáwa (entre vogais). O mesmo fone [ʂ] corresponderá em Poyanáwa a uma fricativa mais posterior: ou a uvular desvozeada [χ] (em início de palavra), ou a velar vozeada [ɣ] (em outros ambientes), as quais talvez integrem um mesmo fonema.

[18] Weiss (1988, p. 43) afirma que a africada é "uma sequência de dois contoides produzidos de uma só vez, sendo que o primeiro é sempre um oclusivo e o segundo um contoide com fricção" [...], "o africado é um contoide cujo modo de articulação muda gradativamente de oclusivo para fricativo. A oclusão se desfaz até que haja somente constrição, o que resulta em fricção".

		ʂɨ·ta	(Kt, Kx, Sn, Sd)	χɨ·ta	(Po)
(5)	"dente"	ʂɨtɨ	(Kw)		
		ʂɨ·taʔ	(Ya)	ˈʃɨ·ta	(Mb)
				ʃĩta	(Mi)
				ʃɯ·ta	(Me)
		uʂa·ˤi’	(Kt)	u·ɣa	(Po)
		uʂa·ɦi	(Kx)		
(6)	"dormir"	u·ʂa	(Kw, Sn)	ˈuʃa	(Mb)
		u·ʂai	(Ja)	uʃ-	(Mi)
		ʊ·ʂaʔ	(Ya)	u·ʃɛʔ	(Me)
				uʃa·i	(Sd)
		ɯ·ʂɨ’	(Kt)	uɣ·dɨ	(Po)
(8)	"lua"	ʊ·ʂɨ	(Kx, Ja)		
		u·ʂɨ	(Kw, Sn)	ˈuʃɨ	(Mb)
		ʊ·ʂɨʔ	(Ya)	uʃ̆ɨ	(Mi)
				ʊ̆ɯ·ʃɯ	(Me)
				u·ʃɨ	(Sd)

Diagrama (8): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática da consoante [ʂ] por [ʃ], [ɣ] e [χ], entre itens de algumas línguas Páno



Dubois et al. (2004, p. 522) assinalam que "fonema retroflexo é aquele cuja articulação implica a elevação do reverso da ponta da língua em direção ao palato"; para Crystal (2000, p. 229), a retroflexão "refere-se aos sons feitos quando o ápice da língua está curvado para trás na direção da parte anterior do palato duro – em outras palavras, logo atrás do alvéolo". De outra parte, Weiss (1988, p. 46) consigna que os contoides retroflexos "são articulados com a língua mais para trás do ponto de articulação normal"[19].

Portanto, é de se considerar que o 's' retroflexo [ʂ] seria produzido numa posição um pouco posterior à posição alveolar "típica" da consoante [s], ou seja, em direção ao lugar alveolopalatal da consoante [ʃ], ou, pelo menos, a uma posição muito próxima desse ponto, numa região transitória entre o [s] e o [ʃ].

Logo, teríamos uma correspondência entre fricativas localizadas em áreas bastante próximas, e poderíamos hipotetizar que essa proximidade teria sido acentuada, até a transformação propriamente dita, pelo traço "retroflexo", ou melhor, por uma "pressão retroflexa" (com uma ação independente, ou suplementar, superposta ao critério da localização), já presente na fricativa alveolar [ʂ] da maioria das línguas, que "empurrou" essa consoante para o ponto alveolopalatal [ʃ] das línguas Marúbo, Matís, Matsés e Shawandáwa.

Com efeito, muito embora o critério "retroflexo" possa ser visto, nas classificações dos contoides, incluído no conjunto "lugar de articulação" (Cagliari, 1998, p. 115; Crystal, 2000, p. 229), ele parece não implicar simplesmente (ou exatamente) um ponto de articulação, como o fazem as denominações labial, alveolar, uvular, etc..

Weiss (1988, p. 46) consigna que "os contoides alveolares e alveolopalatais podem ser articulados com a ponta da língua elevada e dobrada para trás (retroflexos)" e Dubois et al. (2004, p. 522) afirmam que "as consoantes retroflexas são, em geral, as que opõem uma série de dentais retroflexas a uma de dentais não retroflexas", o que demonstra que o traço retroflexo pode incidir sobre a articulação de sons ao longo de várias regiões do trato vocal, sobrepondo-se ao parâmetro de "lugar".

Assim é que Weiss (1988), ao tratar especificamente do critério "retroflexo", não o faz efetivamente na seção do livro intitulada "Classificação dos Contoides" (p. 34-39), onde

[19] Weiss (1988, p. 45-46) adverte que "na realidade não se pode, em fonética, falar de pontos de articulação normais. Tomamos, porém, como recurso didático, alguns pontos de articulação (bilabial, alveolar, velar, etc.) como pontos de referência para entendermos melhor o mecanismo das articulações. Fica entendido, pois, que os pontos de articulação chamados 'normais' não são, necessariamente, os mais comuns ou frequentes nas línguas; nós assim os denominamos simplesmente como recurso para melhor expor a matéria. Os pontos de articulação possíveis não se resumem nos que são mencionados nas tabelas, mas há mais possibilidades de articulação entre os pontos mencionados (entre o ponto palatal e o velar, por exemplo), dependendo da língua, do falante, do ambiente do contoide, etc."

não recebe qualquer menção, mas na seção "Outras Modificações dos Contoides" (p. 45-47), o que bem indica a assimetria que esse parâmetro de "lugar" teria com os demais.

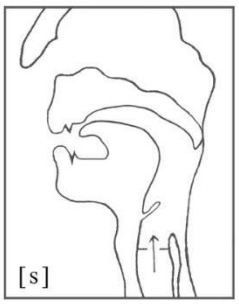
Na verdade, a inclusão da qualidade "retroflexa" no conjunto "lugar", embora justificada por certa mudança de posição do processo de articulação dos sons, trata de uma distinção que ocorre de forma diversa da indicada para os outros pontos.

Weiss (1988, p. 18-19) assinala que os lugares do trato vocal que normalmente definem o "ponto de articulação" são os chamados "articuladores passivos ou inativos" (lábio superior, dentes, arcada alveolar, palato duro e mole, etc.), "que são as partes imóveis do aparelho fonador, as quais servem também como pontos de referência para indicar os movimentos dos articuladores ativos na classificação dos contoides".

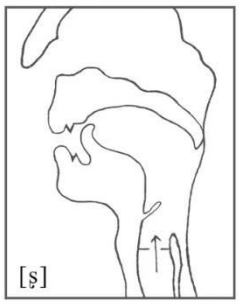
Todavia, na definição do ponto de articulação, já existe uma posição definida dos "articuladores ativos" (lábios e língua) em seu encontro com os passivos: "labiodental" (o lábio inferior contra os dentes incisivos superiores), "dental" (a ponta da língua contra a parte detrás dos dentes incisivos superiores), "alveolar" (a ponta da língua contra a arcada alveolar), "alveolopalatal" (a lâmina ou a ponta e a lâmina da língua contra o palato duro), "velar" (o dorso da língua contra o palato mole), etc..

No caso do "ponto" retroflexo, o que vemos é uma redefinição da posição de um articulador ativo: o fone "alveolar retroflexo" [ʂ] e o fone "alveolar simples" [s], por exemplo, compartilham, de modo geral, o mesmo articulador passivo, a arcada alveolar, mas se diferenciam quanto à posição do articulador ativo "língua", ou melhor, da ponta da língua, que estará, no caso do retroflexo, "levantada e dobrada para trás contra o palato duro" (WEISS, 1988, p. 19).

Diagrama (9): Diagramas estáticos para representação da fricativa alveolar [s] e da fricativa alveolar retroflexa [ʂ]



Fricativa alveolar desvozeada



Fricativa retroflexa alveolar desvozeada

Isso demonstra que a qualidade retroflexa estabelece uma suboposição dentro do parâmetro "lugar". E seria justamente esse traço independente e suplementar o que assumimos como o "detonador" da posteriorização das consoantes fricativas das correspondências verificadas nessa comparação.

Nesse sentido, realmente, poderíamos interpretar a substituição da fricativa retroflexa [ʂ] pela fricativa alveolopalatal [ʃ], como o resultado de uma "energia retroflexa" que já vinha sendo emitida pelo articulador ativo "língua" sobre o ponto alveolar "típico" da consoante fricativa não retroflexa [s].

Teríamos, na verdade, uma mudança, por assim dizer "composta" do "ponto de articulação" ("alveolar" e "retroflexa") para um lugar "alveolopalatal" e "comum" (não retroflexo), ou seja, produzido com um posicionamento da língua "neutro", segundo a classificação convencional para esse ponto articulatório, mas que se materializou justamente como uma decorrência da qualidade retroflexa.

No caso do Poyanáwa, onde também se verifica a manutenção do modo de articulação fricativo, o que se vê é um movimento mais drástico de recuo do lugar de articulação, que poderia ser resultante de uma acentuação da tendência de retração já presente na retroflexa [ʂ], que se aprofunda, além da alveolopalatal [ʃ] do Marúbo, Matís, Matsés e Shawandáwa, até alcançar pontos bem posteriores como o véu palatino, [ɣ], e a úvula, [χ].

3.2.5 Narizes e serpentes (1ª parte): Kaxararí, Kaxinawá e Matís

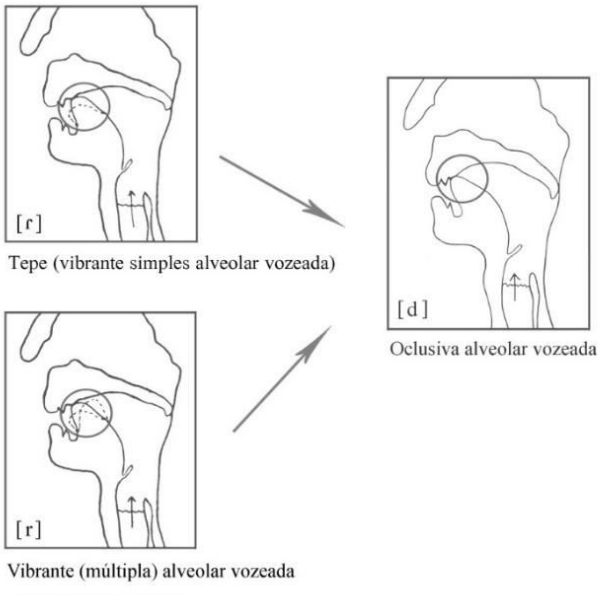
Em 4 e 10 (conceitos "cobra" e "nariz") a consoante [ɾ] (ou episodicamente [r]) da maioria das línguas é correspondida por [tʃ] em Kaxararí, e por [d], em Kaxinawá e Matís:

		ɾɯˑnɯʔ	(Kt)		
		ɾuˑdʊː	(Ja)		
		ˈɾunu	(Mb)	t͡ʃɤˑlɤ	(Kx)
(4)	"cobra"	ɾũˑdu	(Po)	d̲uˑnu	(Kw, Mi)
		ɾuˑnu	(Sn)		
		rɤ̃ːⁿdu	(Sd)		
		ɾʊˑnʊʔ	(Ya)		

		ɾɨ·kĩ’	(Kt)		
		ɾɨtʃʊ·kʊ	(Ja)		
		ɾɨ'kin	(Mb)	tʃ̲ɨka·ɲi	(Kx)
(10)	“nariz”	ribɪa·tɛ	(Me)	d̲ɨ·kĩ	(Kw)
		ɾũ·ki	(Po)	d̲eʃan	(Mi)
		ɾɨ·kĩ	(Sn)		
		ɾɨ̃:·ki	(Sd)		
		ɾə·kĩʔ	(Ya)		

Vemos que uma consoante alveolar, vozeada, articulada como “tepe” [ɾ], da maioria das línguas, ou uma consoante também alveolar, vozeada, mas articulada como “vibrante” [r], das línguas Shawandáwa e Matsés (r̲ɤ̃:ⁿdu “cobra” e r̲ibɪa·tɛ “nariz”, respectivamente), mudam, em Kaxinawá (d̲u·nu - ‘cobra’/ d̲ɨ·kĩ - ‘nariz’) e Matís (d̲u·nu - ‘cobra’/ d̲eʃan - ‘nariz’), tão somente o seu modo de articulação, ou seja, elas se mantêm consoantes alveolares, vozeadas, mas deixam de ser um “tepe” (ou uma “vibrante”) e ocorrem como oclusiva: [d].

Diagrama (10): Diagramas estáticos para a representação da substituição sistemática das consoantes [ɾ] e [r] por [d], entre itens de algumas línguas Páno

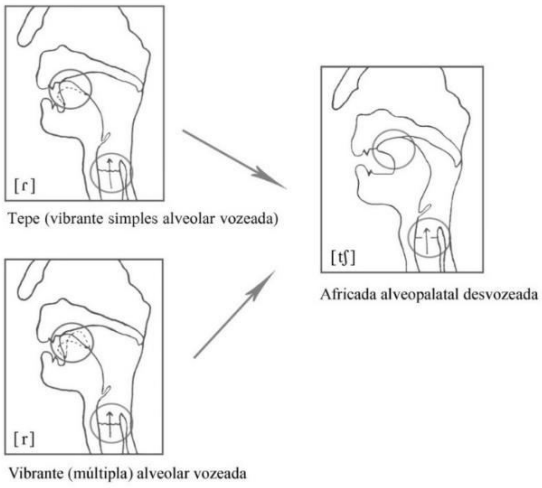


Quadro (3): Comparação entre as características fonéticas das consoantes [ɾ] e [r] e as da consoante [d].

[ɾ]	Tepe	Alveolar	Vozeada
([r])	Vibrante	Alveolar	Vozeada
[d]	Oclusiva	Alveolar	Vozeada

Já a diferença em relação ao Kaxararí é mais acentuada, atingindo praticamente todos os parâmetros articulatórios: aos segmentos consonantais vozeados, alveolares e em forma de "tepe" [ɾ] (ou, em alguns casos, com modo de articulação "vibrante" [r]) vai corresponder o fone [tʃ], uma consoante desvozeada, palatoalveolar (ou pós-alveolar) e africada[20].

Diagrama (11): Diagramas estáticos para a representação da substituição das consoantes [ɾ] e [r] por [tʃ], entre itens de algumas línguas Páno



[20] Além desses três importantes padrões articulatórios (participação ou não das cordas vocais (ou sonoridade), ponto de articulação e modo de articulação), Weiss (1988, p. 24, 33-47) cita outros aspectos descritivos dos contoides, como nasalidade ou não nasalidade e direção da corrente de ar. Assim, muito embora [ɾ] (ou [r]) se diferenciem de [tʃ] quanto àqueles três primeiros critérios, encontram identidade nesses dois últimos, sendo todos contoides orais (em oposição aos nasais) e produzidos com a saída do ar (em oposição aos segmentos "aspirados" e "implosivos"). Outrossim, quanto ao "mecanismo aerodinâmico", todos esses segmentos podem ser classificados como "pulmonares", em oposição a segmentos "glotais" e "velares" ou "cliques" (CAGLIARI, 1998, p. 115-116).

Quadro (4): Comparação entre as características fonéticas das consoantes [ɾ] e [r] e as da consoante africada [tʃ]

[ɾ]	Tepe	Alveolar	Vozeada
([r])	Vibrante	Alveolar	Vozeada
[tʃ]	Africada	Pós-alveolar	Desvozeada

Trata-se, pois, de uma diferenciação um tanto radical (essa existente entre os sons de [ɾ] (ou [r]) e o som de [tʃ] dos itens do Kaxararí) e, por isso, *a priori*, é pouco provável que ela tenha ocorrido em face de transformações graduais dos contoides em questão. No entanto, é possível identificar ainda um "caminho" para as transformações, ainda que menos "direto" do que os exemplos que temos visto até aqui.

Poderíamos assumir, por exemplo, que a africada [tʃ], que, como já comentamos, pode ser analisada como uma consoante "composta", seja um reflexo das vibrantes alveolares [ɾ] e [r], entrevisto na oclusiva alveolar [t], que inicia o complexo africado, seguida então de uma fricativa [ʃ] da vizinha região pós-alveolar.

Nesse aspecto, a mudança, embora pressuponha também a perda da sonoridade das vozeadas [ɾ] e [r], que se tornariam [t] (consoante desvozeada), estaria, de certo modo, acompanhando a transformação de que resultou a também oclusiva alveolar [d] dos itens do Kaxinawá e do Matís.

Na segunda parte deste trabalho, a ser publicada, retomaremos o tópico da africada [tʃ] dos itens t͡ʃɨkaˑɲi "nariz" e t͡ʃɤˑlɤ "cobra", do Kaxararí, buscando, no caso do primeiro, hipóteses alternativas a essas correspondências, e no do segundo, um maior aprofundamento para sustentar a hipótese de substituição sistemática.

Conforme será visto nessa próxima publicação, pelo menos no caso de tʃɤˑlɤ "cobra", do Kaxararí, vamos assumir reflexos das vibrantes alveolares [ɾ] e [r], e de outras alveolares, na formação da africada [tʃ], que será considerada, embora a partir de processos menos diretos, como efetiva correspondência sistemática.

3.3 Resumo

Viu-se, comparando-se os conceitos 5 ("dente"), 8 ("lua"), 9 ("marido") e 11 ("pé") do Quadro (1), que a vogal alta central [ɨ] e também a alta anterior [i], presentes na maior parte dos itens, são substituídas sistematicamente pela alta posterior [ɯ] em **Matsés**, como

demonstra o conceito "dente" (5), ʂ**i**ˑta (Kt, Kx, Sn, Sd), ʂ**i**t**ɨ** (Kw), ˈʃ**i**ˑta (Mb), ʃ**i**ta (Mi), χ**i**ˑta (Po), ʂ**i**ˑtaʔ (Ya) → ʃ**ɯ**ˑta (Me).

Com referência às consoantes, observou-se que, entre os conceitos 2 ("carne"), 3 ("céu"), 4 ("cobra"), 7 ("língua"), 9 ("marido") e 14 ("vento"), há uma correspondência sistemática entre a nasal [n] da maior parte das línguas e a oral [d] do **Jaminawa**, do **Poyanawa** e do **Shawandawa**, como exemplifica (4) "cobra": ɾɯˑ**n**ɯʔ (Kt), duˑ**n**u (Kw, Mi), ˈɾu**n**u (Mb), ɾuˑ**n**u (Sn), ɾʊˑ**n**ʊʔ (Ya) → ɾuˑ**d**ʊː (Ja), ɾũˑ**d**u (Po), rɤ̃ːⁿ**d**u (Sd).

Outra relação sistemática opondo essas três línguas às demais línguas do grupo pode ser vista em 1 ("areia"), 2 ("carne") e 13 ("sangue"), onde ao som nasal de [m] da maioria das línguas vai corresponder uma oral oclusiva [b] no **Jaminawa**, no **Poyanawa** e no **Shawandawa**, o que constitui um outro exemplo de manutenção do ponto de articulação, neste caso, bilabial, mas alteração do modo de articulação, novamente de nasal a oclusivo, como ocorreu na comparação anterior. O conceito (13) ilustra essa mudança no modo de articulação: "sangue" (13), ʰiˑ**m**iˢ (Kt), xiˑ**m**i (Kx, Kw), ˈi**m**i (Mb), iˑ**m**i (Mi, Sn), iˑ**m**iʔ (Ya) → iˑ**b**i (Ja), ĩˑ**b**i (Po), ĩˑ**b**i (Sd).

Essas comparações parecem indicar que existe nas línguas Páno uma forte tendência de oscilação, no ataque da sílaba, entre os modos de articulação dos contoides, nesses casos, bem especificada entre uma nasal [n] e uma oclusiva [d], bem como entre uma nasal [m] e uma oclusiva [b]. Ocorrem, nesses exemplos, dois pares homorgânicos, ambos vozeados: duas alveolares vozeadas ([n] → [d]) e duas bilabiais vozeadas ([m] → [b]). A única alteração articulatória ocorre no palato mole, que se eleva em [d] e em [b], de forma a não permitir que o ar passe, de maneira auditiva, também pelo nariz.

Fortalecendo essa hipótese, veja-se que oscilação, no ataque da sílaba, entre os modos de articulação dos contoides sobre o mesmo ponto de articulação também pode ser vista em 4 ("cobra") e 10 ("nariz"), nesse caso novamente sobre a região alveolar. Na comparação dos dois conceitos, a consoante [ɾ] (ou episodicamente [r]) da maioria das línguas é correspondida por [d] em **Kaxinawá** e **Matís**, e por [tʃ] em **Kaxarari**. Ocorre, portanto, a mudança de uma *alveolar* tepe [ɾ] (ou uma *alveolar* vibrante [r]) para uma *alveolar* oclusiva [d], ou ainda para uma africada [tʃ], cujo primeiro elemento [t] também é uma *alveolar* oclusiva. Essas mudanças de modo de articulação sobre a região alveolar, ou, no caso da africada [tʃ], sobre as regiões alveolar e pós-alveolar, podem ser observadas no conceito "cobra" (8): **ɾ**ɯˑnɯʔ (Kt), **ɾ**uˑdʊː (Ja), ˈ**ɾ**unu (Mb), **ɾ**ũˑdu (Po), **ɾ**uˑnu (Sn), **ɾ**ɤ̃ːⁿdu (Sd), **ɾ**ʊˑnʊʔ (Ya) → **d**uˑnu (Kw, Mi), **tʃ**ɤˑlɤ (Kx).

Os conceitos 1 ("areia") e 12 ("pele") sugerem outra correspondência sonora (dessa vez entre o **Matís** e o **Matsés** e as demais línguas), que consistiria na substituição, nessas duas línguas, do [ʃ] pelo [s], como se pode ver em (1), em que a alteração tende a se

estabelecer no ataque da última sílaba: "areia" (1), ma·ʃiʔ (Kt, Ya), ɦiɨma·ʃi (Kx), ma·ʃiˡ (Kw), bi:ʃ·pu (Ja), ˈmaʃi (Mb), ba·ʃi' (Po), ma·ʃi (Sn), ba·ʃi (Sd) → ma·si (Mi, Me). A substituição também ocorre na estrutura das africadas: [tʃ] por [ts]: "pele" (12), βi·tʃi (Kx, Po, Sd), bi·tʃi (Kw), ɸi·tʃi (Sn), βi·tʃiʔ (Ya) → bi·tsi (Mi, Me). Aqui o modo de articulação, qual seja o fricativo (seja nas consoantes "simples", seja em sua incidência discreta dentro dos complexos africados), é que é mantido, alterando-se o ponto de articulação, que se adianta da posição pós-alveolar [ʃ] e [tʃ] para a posição alveolar [s] e [ts].

Os conceitos 5 ("dente"), 6 ("dormir") e 8 ("lua") apresentam a fricativa retroflexa [ʂ] da maioria das línguas sendo substituída pela fricativa palatoalveolar [ʃ] em **Marúbo**, **Matís** e **Matsés** (em todos os ambientes) e em **Shawandáwa** (entre vogais). O mesmo fone [ʂ] corresponderá em **Poyanáwa** a uma fricativa mais posterior: ou a uvular desvozeada [χ] (em início de palavra), ou a velar vozeada [ɣ] (em outros ambientes), as quais talvez integrem um mesmo fonema. O conceito 8 ("lua") indica essa posterização dos contoides pela pressão de uma retroflexa: "lua" (8), ɯ·ʂi' (Kt), ʊ·ʂɨ (Kx, Ja), u·ʂɨ (Kw, Sn), ʊ·ʂiʔ (Ya) → ˈuʃɨ (Mb), uʃɨ (Mi), ʊ͡ɯ·ʃɯ (Me), u·ʃɨ (Sd), uɣ·dɨ (Po).

3.4 Distâncias

As análises que fizemos das correspondências dentro de nosso pequeno "*corpus*", evidenciaram relações sonoras entre um bloco maior de línguas (itens dispostos à esquerda) e alguns grupos menores à direita que se destacaram por estabelecer com a maioria uma diferenciação sistemática.

Essas relações foram esquematicamente representadas no quadro seguinte, cujas colunas apresentam, da esquerda para a direita, os conceitos reunidos em cada comparação; a transformação que sons de um grupo majoritário de línguas sofreram, na mesma posição, em itens de mesmo conceito, em algumas línguas da comparação, isto é, as "correspondências sonoras"; o "traço alterado", ou melhor, o tipo de alteração articulatória verificado nessas transformações, quais sejam, no caso dos vocoides, o do "parâmetro da horizontalidade" (Horizont.), relacionado à posição mais anterior ou posterior da língua na boca, e, nos contoides, o modo de articulação (M. Artic.) ou o ponto de articulação (P. Artic.); e, por fim, as línguas em que se verificam as respectivas correspondências:

Quadro (5): Síntese do exercício comparativo sobre uma lista de "palavras" de 11 línguas Páno, retiradas dos anexos de Lanes (2005)[21]

	Conceitos	Transformação	Traço alterado	Língua(s)
1	5, 8, 9, 11	[i], [ɨ] → [ɯ]	Horizont.: anterior/posterior	(Me)
2	4, 10	[ɾ, r] → [d] / [tʃ]	M. Artic. M. Artic. / P. Artic. / Voz.	(Kw) (Mi) (Kx)
3	2, 3, 4, 7, 9, 14	[n] → [d]	M. Artic.	(Ja) (Po) (Sd)
4	1, 2, 13	[m] → [b]	M. Artic.	(Ja) (Po) (Sd)
5	1, 12	[ʃ, tʃ] → [s, ts]	P. Artic.	(Mi) (Me)
6	5, 6, 8	[ʂ] → [ʃ] / [ɣ, χ]	P. Artic.	(Mb) (Mi) (Me) (Sd) (Po)

Em face de sua uniformidade "permanente", as línguas Katukína, Shanenáwa e Yawanawá (que pertenceram ao grupo majoritário em todas as comparações) não são citadas no esquema.

O Kaxararí se distanciou do bloco em apenas uma correspondência (conceitos 4, 10), embora, como vimos, de forma diferenciada, já que a transformação não foi, como ocorreu com as demais, evidentemente gradual.

Do mesmo modo, também o Matsés se opôs sozinho ao restante do grupo em uma oportunidade (conceitos 5, 8, 9, 11), mas participou de outra diferenciação juntamente com o Marúbo, o Matís, o Shawandáwa e, indiretamente, com o Poyanáwa (conceitos 5, 6, 8), e em outra ainda ao lado somente do Matís (conceitos 1, 12).

Além disso, tivemos a reunião do Kaxinawá e do Matís em uma correspondência (conceitos 4, 10), e, em duas oportunidades, o subgrupo formado pelo Jaminawa, o Poyanáwa e o Shawandáwa, nas comparações dos conceitos (2, 3, 4, 7, 9, 14) e (1, 2, 13).

Como se vê, as línguas que mais vezes se afastaram do grupo majoritário foram, em 3 correspondências, o **Matsés**, nos conceitos (5, 8, 9, 11), (1, 12) e (5, 6, 8); o **Matís**, nos conceitos (4, 10), (1, 12) e (5, 6, 8); o **Poyanáwa** e o **Shawandáwa** nos conceitos (2, 3, 4, 7,

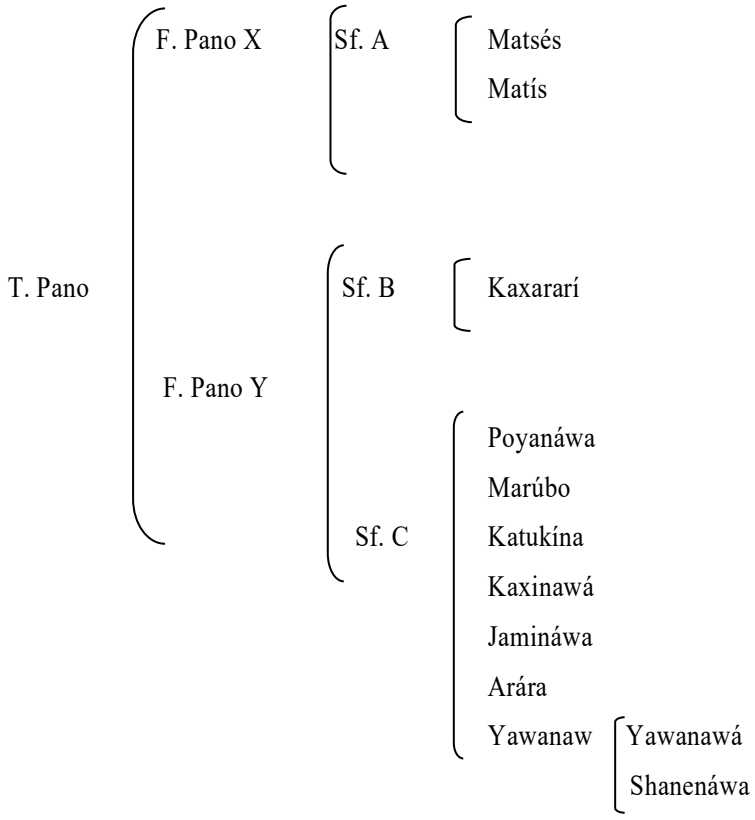
[21] As duas linhas mais escuras destacam um grupo de línguas que se apartou das restantes em duas comparações.

9, 14), (1, 2, 13) e (5, 6, 8). Com duas ocorrências, há o **Jaminawa**, nos conceitos (2, 3, 4, 7, 9, 14) e (1, 2, 13). Com uma ocorrência, há, além do **Kaxarari** nos conceitos (4, 10), o **Marúbo** nos conceitos (5, 6, 8) e o **Kaxinawá**, nos conceitos (4, 10). Como já se disse, em todos os conceitos, mantiveram-se no bloco majoritário as línguas **Katukína**, **Shanenáwa** e **Yawanawá.**

A partir das informações obtidas com a comparação dos itens, sumarizadas no quadro anterior, procurou-se adiante estabelecer uma representação das correspondências sonoras, buscando, tanto quanto possível, conectá-las com a "apuração" de distâncias temporais entre as línguas envolvidas.

Lanes (2005) utilizou 165 conceitos tomados massivamente, para proceder a uma análise do distanciamento genético entre essas 11 línguas, com base na léxico-estatística, ou seja, com foco justamente na maior ou menor coincidência de cognatos entre línguas em comparação. Suas conclusões, relativas ao grau de "parentesco" entre essas línguas, foram sumarizadas pelo autor no esquema (Figura 1) reapresentado abaixo:

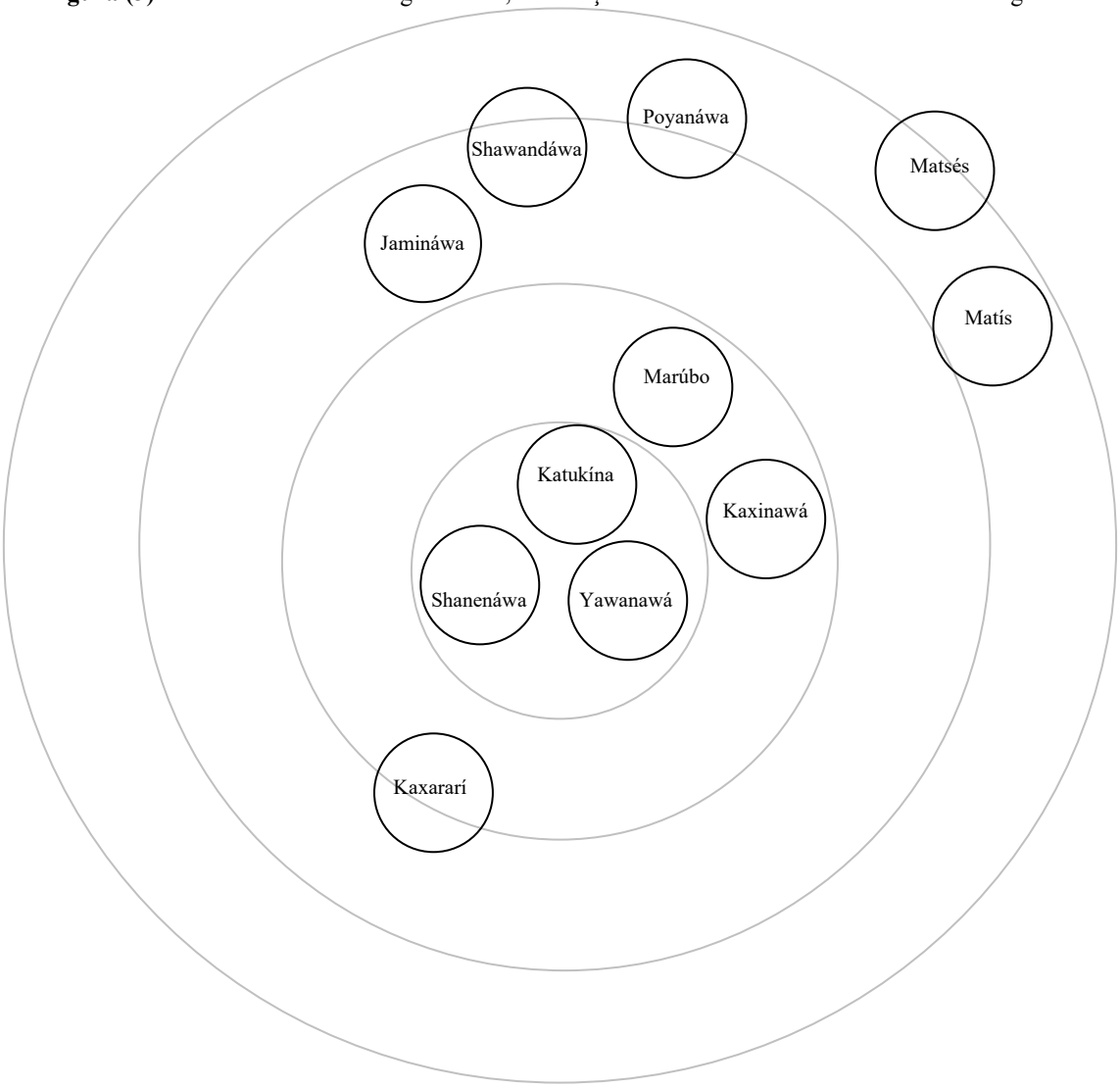
Figura (1): "Proposta parcial de classificação interna ao conjunto linguístico Pano", retirada de Lanes (2005, p. 80).



Paralelamente, outro olhar, fundamentado nos processos de transformação das raízes ancestrais desses sistemas, necessitaria de um "corpus" organizado especialmente para o cotejamento de cognatos entre as diversas línguas.

De qualquer forma, mesmo com a imprecisão metodológica e a insuficiência dos dados, percebemos reflexos que confirmam em certa medida as conclusões de Lanes (2005) relativas ao grau de "parentesco" entre essas línguas, como se pode perceber pelo esquema abaixo, que representa a distância entre 11 línguas Páno em função da maior ou menor imersão de seus itens em certa identidade sonora com seus cognatos "estrangeiros":

Figura (3): Distâncias entre 11 línguas Páno, em função de identidades sonoras entre itens cognatos



Essa representação utilizou círculos concêntricos para indicar a relação de certas línguas que apresentavam mudanças sonoras em oposição a um grupo maior de línguas, adotando, *grosso modo*, quase à maneira da escrita musical, um círculo externo (ou espaço) para cada distinção (ou correspondência) e ainda uma linha à frente para destacar o grau de isolamento da alteração. Ao mesmo tempo, tentou-se uma aproximação gradativa entre as que se agruparam, em uma ou mais oportunidades, em face das mesmas "correspondências".

Veja-se que no primeiro círculo se alojam o Katukína, o Shanenáwa e o Yawanawá, que sempre pertenceram ao conjunto majoritário de correspondências sonoras. Distanciaram-se em apenas uma distinção o Marúbo, o Kaxinawá e o Kaxararí, mas este esteve sozinho em seu afastamento, o que foi representando com um avanço sobre a 2ª linha. O Marúbo e o Kaxinawá foram colocados mais próximos do Matís, porque estiveram com ele quando se afastaram do grupo majoritário. Com três afastamentos ficam no 4ª círculo o Matís e o Matsés, mas este, analogamente ao Kaxararí, avança sobre a 4ª linha em razão de haver estado sozinho em uma das comparações. O Jaminawa, o Poyanáwa e o Shawandáwa fizeram um trio em duas comparações e por isso estão avizinhados. Mas o Poyanáwa e o Shawandáwa estiveram juntos dentro de uma 3ª distinção, daí estarem mais unidos e no 4ª círculo. Como a dupla já coabitou em uma distinção com o Marúbo, o Matsés e Matís, deles fica mais próximo do que fica o Jaminawa. O Kaxararí esteve completamente só em apenas uma distinção e tem seu isolamento representado pela maior distância de todos os restantes.

Como já se disse, apesar da exiguidade do *corpus*, veem-se esboçados no esquema certos elementos coincidentes com as conclusões de Lanes (2005, Figura 1): a representação do par "Matsés, Matís", que Lanes isolou em uma "Subfamília A"; a separação do Kaxararí, que figura como o único elemento da "Subfamília B"; e ainda a proximidade entre o Shanenáwa e o Yawanawá, apartados em um subgrupo denominado "Yawanaw", dentro da "Subfamília C".

Considerações Finais

O *corpus* que utilizamos neste trabalho traz apenas 154 itens, que exprimem 14 conceitos em 11 línguas da família Páno. Trata-se de um pequeno extrato retirado dos 165 conceitos reunidos nos anexos de Lanes (2005), a partir dos quais, com a aplicação da léxico-estatística, o autor classificou-as segundo a distância genética em que se encontrariam umas das outras. O autor trabalhou seu *corpus* tendo em vista o percentual de cognatos que pares de línguas Páno compartilhariam entre si.

Lanes (2000) apurou números de coincidências de cognatos em diversos pares de línguas Páno, resultando, como línguas mais aproximadas historicamente, o Yawanawá e o Shanenáwa, e, como pares de relação mais remota, o Matsés e o Jaminawa, e o Matsés e o Kaxararí. O autor continua seu trabalho estatístico na obra de 2005, na qual conclui que o Matsés e o Matís, por compartilharem um percentual mais baixo de cognatos com as demais (e mais alto entre si), seriam as línguas mais distanciadas do restante do grupo (LANES, 2005, p. 243). Além disso, com base nesses percentuais de coincidência de cognatos, apresenta (p. 80), no âmbito das 11 línguas implicadas, uma "proposta parcial de classificação interna ao conjunto linguístico Pano" (Figura 1), na qual, conforme já se

mencionou, dentro do conjunto Páno, teríamos um subgrupo X, com o Matsés e o Matís, opondo-se ao subgrupo Y, com o restante das línguas aqui analisadas. Dentro deste subgrupo Y, o Kaxararí estaria isolado em relação às restantes ("Sf. B"), e essas ainda acomodariam um subgrupo formado pelo Yawanawá e o Shanenáwa.

No presente trabalho, adotou-se uma perspectiva diferente para a observação dos dados de Lanes, num exercício com outro enfoque investigativo, o do método clássico da Linguística Histórica e Comparativa (identificação das correspondências sonoras). Procurou-se estabelecer uma representação dessas correspondências sonoras, para indicar a posição de uma ou mais línguas, que em face de alterações sonoras de seus itens, opõem-se a um grupo maior de línguas, ao mesmo tempo em que se tentou a representação de uma aproximação gradual das que se agruparam em uma ou mais oportunidades.

Nessa análise, como foi visto, percebemos reflexos que confirmam em certa medida as conclusões de Lanes (2005) relativas ao grau de "parentesco" entre essas línguas: o par "Matsés, Matís", que Lanes isolou em uma "Subfamília A"; o isolamento do Kaxararí, lá colocado como o único elemento da "Subfamília B"; e ainda a proximidade entre o Shanenáwa e o Yawanawá, isolados em um subgrupo denominado "Yawanaw", dentro da "Subfamília C". Também se representa a grande distância entre o Matsés e o Jamináwa, bem como entre o Matsés e o Kaxararí.

Por sua pequenez, entre outras limitações, o *corpus* não é eficaz para se chegar a qualquer tipo de conclusão segura acerca da distância temporal entre as línguas comparadas. O tipo de comparação que estabelecemos, fundamentado nos processos de transformação das raízes ancestrais desses sistemas, necessitaria de um "corpus" mais amplo e organizado especialmente para o cotejamento de cognatos entre as diversas línguas.

Além disso, não é simples a mensuração de certos aspectos que devem também ser relevantes para a verificação das "distâncias" entre as línguas, como o grau de isolamento com que se apresenta uma distinção (o que se tentou representar), a quantidade de parâmetros articulatórios envolvidos na diferenciação, o número de ambientes (ou posições dentro da palavra) em que uma determinada distinção possa ocorrer, o grau de diferenciação articulatória, entre outros aspectos.

Tais fatores, se tiverem cientificamente aquilatados o seu efetivo valor e pertinência, tornariam esse tipo de exercício muito mais complexo e rico, mas como se disse, a confiabilidade dos resultados, seguramente, vai depender de profundos e amplos estudos sobre o impacto e a correlação desses aspectos no cálculo dos afastamentos.

Além disso, outro problema já pode ser visto na própria representação (de círculos concêntricos) que adotamos: ela parece reproduzir bem as distâncias entre uma dada língua e o "núcleo", mas traz dificuldades, talvez insuperáveis, para conciliar e sintetizar os diversos graus de distanciamentos entre as línguas em "translação".

Na comparação de línguas cognatas, a incidência considerável dos mesmos fones, num mesmo ambiente, e em itens que exprimam os mesmos conceitos, é um dos fortes indícios de reflexos do protofonema da língua original.

Isso nos leva a presumir que as línguas que em conjunto carreguem esses sons mais incidentes teriam uma maior proximidade com a protolíngua, no caso, o Protopáno, embora devamos admitir que possam ser meramente os elementos de uma ramificação mais moderna que tenha dado origem a uma maior quantidade de línguas, entre outras possibilidades.

De todo modo, como caminho investigativo, a organização de um "corpus" dirigido exclusivamente aos itens cognatos, para a verificação da maior ou menor participação de um grupo de línguas ou de uma língua em específico em blocos de uniformidade sonora, isto é, para a verificação quantitativa das correspondências sonoras e possivelmente também qualitativa, considerando-se uma virtual valoração dos parâmetros envolvidos, seria complementar à léxico-estatística, como processo de apuração das distâncias existentes entre as línguas modernas e a língua ancestral, da mesma forma que das proximidades genéticas dentro de uma família ou tronco linguístico.

Referências

AGUIAR, Maria Suelí de. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 78 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988, 78 p.

_____. *The brazilian panoan languages*. In: WETZELS, Leo (ed.) Language endangerment and endangered languages (Indigenous Languages of Latin America, ILLA nº. 5). Universiteit Leiden, The Netherlands: CNWS Publications, 2007.

AHMED, Azlifa. *Properties of sounds*. In: Azus Notes - Phonetics & Phonology, 22 jul. 2006a. Disponível em: <http://www.azlifa.com/pp-tute-2-answers>.

_____. *Phonetics & phonology tutorial (answers)*. In: Azus Notes - Phonetics & Phonology, 27 jul. 2006b. Disponível em: <http://http://www.azlifa.com/phonetics-phonology-lecture-3/**>.**

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico (Parte I). Campinas: Edição do Autor, 1998.

CAVALCANTE, Marita Pôrto. *Material didático para aulas de fonética* (mimeógrafo) e anotações de seus alunos, em especial as de Eliane Resende de Arino, Goiânia: UFG – Faculdade de Letras, 1988-2000.

COLLISCHONN, Gisela. *A sílaba em português*. In: BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3. ed., 2001. p. 91-123. (1. ed. 1996).

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética.* Trad. e Adapt. Maria Carmélia Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. (Título original: A Dictionary of Linguistics and Phonetics. 1985).

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2002.

DUBOIS, Jean, GIACOMO, Mathée, GUESPIN, Louis, MARCELLESI, Christiane, MARCELLESI, Jean-Baptiste & MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de Linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. John Robert Schmitz, Dra. Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. São Paulo: Cultrix, 2004. (Título original: Dictionnaire de Linguistique. 1973).

ERIKSON, Philippe. *Uma singular pluralidade: a etno-história pano*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 2008, p. 239-252. (1. ed. 1992).

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Editora Objetiva, 2009.

LANES, Elder José. *Mudança Fonológica em Línguas da Família Pano*. 2000. 166 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas:* as línguas pano. 2005. 249 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LADEFOGED, Peter. *Preliminaries to linguistic phonetics*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1971.

_____. *A course in phonetics*. Boston: Wadsworth, Cengage Learning, 2006.

LAVER, John. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MASSINI-CAGLARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonética.* In: MUSSALIN, F. BENTES, A.C. (org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, vol. 1, São Paulo: Cortez, 2003. p. 105-146. (1. ed. 2000).

Password – English Dictionary for Speakers of Portuguese. K Dictionaries. Traduzido e editado por John Parker e Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PULLUM, Geoffrey K. & LADUSAW, William A. *Phonetic Symbol Guide*. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1996. (1. ed. 1986).

RIOS, Luiz Maurício. *Subsídios da fonética e da fonologia para o ensino/ aprendizagem de uma segunda língua*. Cadernos de Pesquisa do ICHL – Cadernos de Letras, Série Linguística, n. 07. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da Universidade Federal de Goiás, 1996.

ROSSETI, Alexandru. *Introdução à Fonética*. Tradução: Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa: Publicações Europa-América (Coleção Saber), 3. ed., 1974. (Título Original: Introducere în fonetică. Bucareste, 1957).

WEISS, Helga Elisabeth. *Fonética articulatória*: guia e exercícios. Brasília: Summer Institute Linguistics, 1988.

Anexo I

A tabela do IPA

Apresentamos adiante o quadro dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA - International Phonetic Alphabet), que traduzimos para o português, com consulta a outras traduções, destacadamente as de Luiz Carlos Cagliari (1988), Massini-Cagliari e Cagliari (2003), Taïs Cristófaro Silva (2002), e ainda às obras de Ladefoged (1971, 2006), Laver (1994) e Pullum e Ladusaw (1996).

Nessa tradução, seria interessante comentar algumas opções que fizemos. É o caso do diacrítico "creaky voiced", exemplificado na tabela do IPA com [b̰] e [a̰]. O dicionário *Password – English Dictionary for Speakers of Portuguese* traduz o verbete "creak" como 'ranger', 'chiar' (ou 'rangido', 'chiado'), e o termo "creaky" como 'rangente', 'chiante'. Segundo Ladefoged (2006, p. 293) e Pullum & Ladusaw (1996, p. 271), "creak voice" é um outro nome para "laringalização": um tipo de articulação em que as cartilagens aritenoides prendem as cordas vocais em sua extremidade posterior, de forma que só a outra extremidade possa vibrar.

Ladefoged (2006, p. 145) afirma que se pode aprender a produzir esse tipo de fonação cantando a nota mais grave que se puder e então tentar descer para uma nota ainda mais grave. O mesmo autor (1971, p. 14-15) descreve a "creaky voice" como um som áspero e geralmente de tom mais baixo, também conhecido com "vocal fry", numa alusão ao som da fritura ("fry" pode ser traduzido como 'fritar'), e, no CD que acompanha a obra de 2006 (*A course in phonetics*), menciona a "creaky voice" também como "pressed voice" (voz 'apertada' ou 'espremida'). Como se vê, não se trata de uma tradução muito simples. Por isso, optamos pelo termo mais genérico e "técnico": "laringalizado".

Outra dificuldade diz respeito às denominações "downstep" e "upstep", na seção da tabela que traduzimos como "Tons e Acentos nas Palavras". Ladefoged (2006) parece não tratar da denominação "upstep", mas define (p. 292) "downstep" como "um opcional abaixamento de um acento de altura (frequência) elevada ou de um tom alto depois de um similar acento de altura elevada ou tom alto"[22]. Na verdade, o autor, além de não se referir ao "upstep", acaba por se concentrar unicamente nas variações de altura no âmbito da frase, no caso, de língua inglesa (p. 124-128).

Laver (1994, p. 470-472), focaliza os dois termos como variações fonológicas nas línguas tonais, isto é, naquelas em que as alturas implicam mudanças de significados. "Downstep" e "upstep" seriam, respectivamente, elevações e abaixamentos tonais, que, a depender do contexto tonal precedente (sequência de tons altos e baixos), excepcionariam as alturas predeterminadas dos tons de uma língua. Essas variações foram observadas por

[22] No original: "Optional lowering of a high pitch accent or high tone after a similar high pitch accent or high tone".

linguistas em línguas da América Central como o Coatzospan (família "Otomangue", língua "Mixteca") e em línguas africanas como o Urhobo (falado na Nigéria) e o Zulu (falado no sul da África). Nesse caso, por se tratar de questão complexa e, ao que parece, ainda objeto de muitas pesquisas, optamos, a exemplo de Cagliari (1998) e também Massini-Cagliari & Cagliari (2003), por deixar de traduzir esses dois termos.

A tabela do IPA é revisada periodicamente, muitas vezes para a incorporação de símbolos novos, advindos do trabalho de pesquisa e descoberta de novos sons das línguas humanas. Apesar do vertiginoso decréscimo linguístico que vimos presenciando, a estimativa é de que ainda existam mais de seis mil línguas.

Esses elementos constantes da tabela, que traduzimos e apresentamos a seguir, seriam os principais sinais para representar os sons de qualquer língua do mundo! (LADEFOGED, 2006, p. 264), e isto com um considerável grau de precisão, que alcança diferenciações bastante sutis entre os fones.

É, sem dúvida notável, que todos esses símbolos estejam organicamente – e elegantemente! – dispostos em uma única página.

O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado para 2005)

CONSOANTES (PULMONAR)

© 2005 IPA

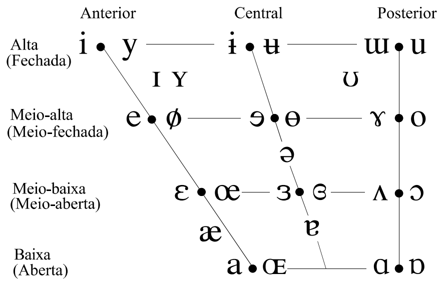
	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante	ʙ			r					ʀ		
Tepe ou Flepe		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Onde há símbolos em pares, o da direita representa uma consoante vozeada. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas impossíveis.

CONSOANTES (NÃO-PULMONAR)

Cliques		Implosivas vozeadas		Ejetivas	
ʘ	Bilabial	ɓ	Bilabial	ʼ	Exemplos:
ǀ	Dental	ɗ	Dental/alveolar	pʼ	Bilabial
ǃ	(Pós-) alveolar	ʄ	Palatal	tʼ	Dental/alveolar
ǂ	Palatoalveolar	ɠ	Velar	kʼ	Velar
ǁ	Lateral alveolar	ʛ	Uvular	sʼ	Fricativa alveolar

VOGAIS



Onde os símbolos aparecem em pares, o da direita representa uma vogal arredondada.

OUTROS SÍMBOLOS

ʍ Fricativa labiovelar desvozeada

w Aproximante labiovelar vozeada

ɥ Aproximante labiopalatal vozeada

ʜ Fricativa epiglotal desvozeada

ʢ Fricativa epiglotal vozeada

ʡ Oclusiva epiglotal

ɕ ʑ Fricativas alveolopalatais

ɺ Flepe lateral alveolar vozeado

ɧ Simultâneos ʃ e x

Africadas e duplas articulações podem ser representadas por dois símbolos unidos por uma ligadura, se necessário. k͡p t͜s

SUPRASSEGMENTOS

ˈ Acento primário

ˌ Acento secundário ˌfoʊnəˈtɪʃən

ː Longa eː

ˑ Meio-longa eˑ

˘ Muito breve ĕ

| Grupo menor (pé)

‖ Grupo maior (intonação)

. Divisão silábica ɹi.ækt

‿ Ligadura (sem pausa)

DIACRÍTICOS O diacrítico pode ficar sobre o símbolo, se este for alongado para baixo, e.g. ŋ̊

◌̥	Desvozeado	n̥ d̥	◌̤	Murmurado	b̤ a̤	◌̪	Dental	t̪ d̪
◌̬	Vozeado	s̬ t̬	◌̰	Laringalizado	b̰ a̰	◌̺	Apical	t̺ d̺
ʰ	Aspirado	tʰ dʰ	◌̼	Linguolabial	t̼ d̼	◌̻	Laminal	t̻ d̻
◌̹	Mais arredondado	ɔ̹	ʷ	Labializado	tʷ dʷ	◌̃	Nasalizado	ẽ
◌̜	Menos arredondado	ɔ̜	ʲ	Palatalizado	tʲ dʲ	ⁿ	Soltura nasal	dⁿ
◌̟	Avançado	u̟	ˠ	Velarizado	tˠ dˠ	ˡ	Soltura lateral	dˡ
◌̠	Retraído	e̠	ˤ	Faringalizado	tˤ dˤ	◌̚	Soltura não audível	d̚
◌̈	Centralizado	ë	◌̴	Velarizado ou faringalizado	ɫ			
◌̽	Meio-centralizado	e̽	◌̝	Levantado	e̝		(ɹ̝ = Fricativa alveolar vozeada)	
◌̩	Silábico	n̩	◌̞	Abaixado	e̞		(β̞ = Aproximante bilabial vozeada)	
◌̯	Não silábico	e̯	◌̘	Raiz da língua avançada	e̘			
˞	Rotacização	ɚ a˞	◌̙	Raiz da língua retraída	e̙			

TONS E ACENTOS NAS PALAVRAS

NÍVEL			CONTORNO		
e̋ ou	˥	Muito alto	ě ou	˩˥	Ascendente
é	˦	Alto	ê	˥˩	Descendente
ē	˧	Médio	e᷄	˦˥	Alto ascendente
è	˨	Baixo	e᷅	˩˨	Baixo ascendente
ȅ	˩	Muito baixo	e᷈	˧˦˧	Ascendente-descendente
↓		Downstep	↗		Subida global
↑		Upstep	↘		Descida global

*Agradecimentos à Associação Internacional de Fonética (International Phonetic Association) por autorizar a reprodução desta tabela (tradução: Paulo Sérgio Reis de Abreu, 2008).

PAULO SÉRGIO REIS DE ABREU
Doutorando em Linguística pela Universidade de Campinas (Unicamp). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Goiás (UFG). Desde 2005 integra projeto de pesquisa em descrição de línguas indígenas e demais línguas naturais (Letras/UFG). CV: http://lattes.cnpq.br/2036679620257461. E-mail: paulosergiodeabreu@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA
UEG PPG ielt

Morfossintaxe da língua Shanenáwa (Pano): as classes de palavras e sua estrutura interna

Morphosyntax of the Shanenáwa Language (Pano): the Classes of Words and their Internal Structure

Gláucia Vieira Cândido*

**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar o resumo de uma análise descritiva do componente gramatical da língua Shanenawa, a qual apresenta características lexicais e morfossintáticas das línguas pertencentes à família Pano. A descrição se restringe à morfologia com enfoque sobre a palavra e seus constituintes estruturais (os morfemas), haja vista que, tipologicamente, o Shanenawa é caracterizado como língua aglutinante. O trabalho está dividido em duas partes básicas. Na primeira, descrevem-se as classes de palavras (ou partes do discurso) e a estrutura morfológica dessas classes. Na segunda, trata-se dos processos de formação de palavras: derivação e composição. Complementam o texto, uma breve conclusão e as referências bibliográficas usadas na descrição ora apresentada.

Palavras-chave: Morfologia. Formação de palavras. Língua Shanenáwa. Morfossintaxe Shanenáwua.

Abstract: The aim of this text is to present a summary of a descriptive analysis of the grammatical component of the Shanenawa language of the Pano family. The description restricts to the morphology with focus on the word and its structural constituent (the morphemes), because tipologically, Shanenawa is characterized as an aglutinant language. The work is divided in two basic parts. In the first one, the classes of words (or parts of the speech) are described, as well as a morphological structure of these classes. The second one is about the processes of formation of words: derivation and composition. Complementing the text a brief conclusion and a bibliographical reference are presented.

Keywords: Morphology. Word formation. Shanenáwa language. Shanenáwa Mophosintaxe.

Introdução[1]

O povo Shanenawa, cujo nome etimologicamente é composto pelas formas s*hane* (*porphyrolaema porphyrolaema*, espécie de pássaro de cor azul) e *nawa* (povo "estrangeiro"), habita a região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó, onde se distribuem em oito comunidades, atualmente. Segundo dados da FUNAI (2002), existem mais de 350 índios dessa etnia.

A língua, que leva o mesmo nome da etnia, ainda é entendida pelas crianças, embora entre si, estejam exclusivamente usando o Português. Como em outras sociedades indígenas, os jovens estão migrando para os centros urbanos, onde sofrem um processo de escolarização que ignora sua língua bem como outros aspectos de sua cultura. A despeito disso, alguns membros mais velhos aliados a outros mais jovens, demonstram forte engajamento na luta pela manutenção da identidade cultural da etnia, especialmente, de sua língua materna.

O Shanenawa apresenta características léxicas e morfossintáticas de língua pertencente à família Pano, tema do presente volume. Neste artigo, pretendemos, portanto, apresentar um breve recorte da descrição apresentada em Cândido (2004, 2005) dessas características, mais especificamente, no que tange à morfossintaxe da língua Shanenewa com enfoque especial sobre a palavra e seus constituintes estruturais.

Dessa maneira, este texto se divide em duas partes. Na primeira, descreveremos as classes de palavras (ou partes do discurso) e a estrutura morfológica dessas classes. Na segunda, tratamos dos processos de formação de palavras: derivação e composição. Complementam o texto, uma breve conclusão e as referências bibliográficas usadas na descrição ora apresentada.

1 As classes de palavras na língua Shanenawa

A língua Shanenawa se caracteriza como aglutinante, haja vista apresentar muitas palavras constituídas por mais de um morfema sufixal. As palavras podem ser constituídas por uma base e um sufixo flexional ou por uma base e um sufixo derivacional.

[1] Esta é uma versão revista e ampliada do texto publicado no artigo "Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)", na Revista *Sínteses* da UNICAMP, Campinas, v. 10, p. 55-68, 2005.

(1) **pi-şian-ma**

comer-PAS[2]-NEG

'Ele não comeu'

(2) **şutaku-hu**

moça-PL

'moças'

(3) **tsaw-ti**

sentar-INSTR

'banco'

As palavras da língua Shanenawa se dividem em duas classes (ou partes do discurso): abertas e fechadas. Na sequência, passaremos, então, à descrição dessas classes.

[2] As abrevitaras e notações usadas neste texto são: 1pp 1ª pessoa plural; 1ps 1ª pessoa singular; 2pp 2ª pessoa plural; 2ps 2ª pessoa singular; 3pp 3ª pessoa plural; 3ps 3ª pessoa singular; A Sujeito de verbo transitivo; ABS Absolutivo; ACUS Acusativo; Adj; Adjetivo; ADVAdvérbio; ANIM Animacidade; ARG Argumento; ASP Aspecto; AUM Aumentativo; BENEF Benefactivo; BENEFIC Beneficiário; CAUS Causativo; COM Comitativo; CONJ Conjunção; DECL Declarativo; DEF Definido; DEM Demonstrativo; DES Desiderativo; ERG Ergativo; FRUST Frustrativo; FUT Futuro; GEN Genitivo; IMINIminentivo; IMPER Imperativo; INDEF Indefinido; INSTR Instrumental; INTERR Interrogativo; LOC Locativo; MA Momento de Acontecimento; ME Momento de Enunciação; N Nome; N.PAS Não Passado; NEG Negação; NOM Nominativo; NUM Número; O Objeto; Od Objeto direto; Oi Objeto indireto; ORD Ordem; PAS Passado; PL Plural; POSS Possessivo; PRES Presente; RECPR Recíproco; REFLX Reflexivo; S Sujeito de verbo intransitivo; SN Sintagma Nominal; TEMP Tempo; V Verbo. Símbolo: ϕ Não Marcado.

1.1 As classes abertas

1.1.1 O nome

O 'nome' é a palavra que referencia pessoas, lugares, animais e objetos ou algumas propriedades, ações e estados. Em Shanenawa, temos: **awinhu** 'mulher', **nai** 'céu', **aman** 'capivara', **tari** 'roupa', **ʂawa** 'dia', **fakɨtian** 'infância' e **isin** 'dor'. Sob o prisma gramatical, redefine-se o nome a partir de propriedades morfológicas e sintáticas. Pertence à classe dos nomes, a palavra que contiver categorias como gênero, número, grau, caso, definitude entre outras. Ademais, se essa palavra puder funcionar como sujeito ou objeto em uma sentença, também será considerada um nome (em oposição a outra classe como, por exemplo, o verbo).

1.1.1.1 As categorias do nome

O gênero não é marcado no nome. Distinções como humano *x* não-humano são observadas lexicalmente ou inferidas pelo contexto. A distinção dentro do gênero natural (feminino *x* masculino), na classe de seres humanos, é marcada por lexemas diferentes: **ɨpa** 'pai' *x* **ɨwa** 'mãe'; na dos não-humanos, pela posposição das formas **fɨnɨ** 'macho' e **awinhu** 'fêmea' ao lexema epiceno: **anu fɨnɨ** 'paca macho' *x* **anu awinhu** 'paca fêmea'.

A categoria de número divide os nomes em duas subclasses diferenciadas pela estrutura morfológica de seus membros: a das entidades que são enumeradas como somente uma unidade e a das que podem ser contadas como mais de uma unidade. A distinção entre singular e plural se restringe aos seres humanos. O plural é feito com **{-hu}**: **juɾa** 'pessoa'; **juɾa-hu** 'pessoas'. A classe de não-humanos e a dos inanimados não marca o plural (**kaman** 'cachorro' ou cachorros'). Eventualmente, recorre-se a quantificadores (**kapɨ** 'jacaré'; **kapɨ ɾafu** 'dois jacarés') dependendo da necessidade de especificar o número das entidades. Nomes de entidades não pluralizadas (massa ou matéria descontínua) ou que traduzem idéias abstratas não são contáveis. As expressões **itʃapa** 'muito' e **itʃapamasta** 'pouco' quantificam esse tipo de nomes: **ɨnɨ** 'água'; **ɨnɨ itʃapa** 'muita água'.

A gradação do nome se realiza por meio de processos sintéticos e analíticos. O primeiro (pouco produtivo) está condicionado à divisão dos nomes nas classes humano e não-humano, apenas se processando em casos de não-humanos. Para o aumentativo, usa-se

{-wan}: **tɨtɨ-wan** ‘gavião grande’ ou ‘avião’. O diminutivo é expresso por **{-pusku}**: **tɨtɨ-pusku** ‘gavião pequeno’. O processo analítico se dá por meio da justaposição ao nome graduado das formas **ɨwapa** para o aumentativo e **ɨwapamasta** para o diminutivo: **takara ɨwapa** ‘galo grande’ e **takara ɨwapamasta** ‘galo pequeno’, respectivamente.

Nos nomes nucleares, aparecem as categorias de caso ergativo e absolutivo. Marca-se o nome em função de sujeito de verbo transitivo de uma forma distinta daquele que está em função de sujeito de verbo intransitivo ou de objeto de verbo transitivo. O último (o caso absolutivo) é não marcado; já o primeiro (o ergativo) é marcado por **{-n}** ou seus alomorfes **{-ni}**, **{-na}**, **{-nu}**:

(4) **ɾunu-ɸ** naaki

cobra-ABS morrer

‘A cobra morreu’

(5) **ɾunu-n takaɾa-ɸ nakaaki**

cobra-ERG galinha-ABS morder

‘A cobra mordeu a galinha’.

Nos nomes oblíquos, há marcas dos casos locativo, instrumental, comitativo e genitivo-possessivo. Dependendo de algumas distinções semânticas, o nome recebe vários sufixos de locativo. O espaço, onde outra entidade ou ação referida na sentença pode ser/estar localizada/realizada, é marcado por **{-mɨɾa}**. Os sufixos **{-ani}** e **{-anu}** marcam o direcional, observando-se algumas orientações semânticas. Enquanto **{-ani}** é afixado ao nome que indica o destino da direção tomada, **{-anu}** é adicionado à origem espacial da direção. No deslocamento de uma entidade de **A** para **B** ou vice-versa, marca-se a origem e, facultativamente, o destino. O sufixo **{-kiɾi}** é uma alternativa para marcar tanto a origem quanto o destino, excetuando-se o nome **pɨʂɨ** ‘casa’ e nomes de cidades e aldeias. Quando se pretende que um nome expresse metaforicamente uma função espaço-temporal, utiliza-se **{-nia}**. Os exemplos, abaixo, ilustram os casos acima descritos:

(6) **ana aʂfua-mɨɾa-ki**

língua boca-LOC-DECL

'A língua está dentro da boca'

(7) **awinhu pɨʂɨ-ani kaiki**

mulher casa-LOC ir

'A mulher vai para casa'

(8) **awinhu pɨʂɨ-anu uaki**

mulher casa-LOC vir

'A mulher veio de casa'

(9) **awinhu pɨʂɨ-anu Feijó-ani kaaki**

mulher casa-LOC Feijó-LOC ir

'A mulher foi de casa para Feijó'

(10) **Almir Belo Horizonte-nia-ki**

Almir Belo Horizonte-LOC/TEMP-DECL)

'Almir é de Belo Horizonte'.

O nome que exerce o papel de instrumento, a exemplo do caso ergativo, também é marcado por **{-n}** e seus alomorfes **{-ni}**, **{-na}** e **{-nu}**, como no exemplo seguinte:

(11) **Assisni fuʂati-ni jumaj ɾɨtɨaki**

Assis faca-INSTR onça matar

'Assis matou a onça com a faca'.

Independentemente da natureza semântica do ser possuído (partes do corpo, parentesco, etc.), o possuidor é marcado pelo caso genitivo, obedecendo à ordem: **possuidOR-possuídO**. A posse reforça a divisão da classe dos possuídos nas subclasses: humanos e não-humanos (incluindo os inanimados). Na primeira, marca-se o dependente, sendo o núcleo não marcado. Novamente, o sufixo **{-n}** e seus alomorfes são adicionados ao possuidor. Na subclasse dos não-humanos, não se marca o possuidor, tal como podemos ver a seguir:

(12) **Francisco-na mapu ɨwapa-ki**

Francisco-GEN(POSS) cabeça grande-DECL

'A cabeça do Francisco é grande'

(13) **iştuku-ɸ taka ɨwapamasta-ki**

macaco-GEN(POSS) fígado grande-DECL

O fígado do macaco é pequeno'

O comitativo é marcado por **{-fɨ}** e **{-fɨtan}**. O primeiro é utilizado com verbo intransitivo; o segundo, com transitivo:

(14) **fakɨhu awinhu-fɨ kaiki**

menino mulher-COM ir

'O menino vai com a mulher'

(15) **Assisni Auricélio-fɨtan iştkin piaki**

Assis Auricélio-COM peixe comer

'Assis comeu os peixes junto com Auricélio'

O conteúdo expresso por um nome de maneira *definida* para o falante em oposição ao que é/está *indefinido* no/pelo contexto extralinguístico, restringe-se à classe dos nomes

humanos e é não marcada: **juṣa-hu** 'velha (indefinido)' *x* **juṣa** 'velha (definido)'.

1.1.2 O adjetivo

A classe dos adjetivos do Shanenawa inclui nomes como adjetivos atendendo às funções de modificador e de predicativo, conforme vemos no exemplo:

(16) **pɨṣɨ mɨṣu-ki**

casa suja-DECL

'A casa está suja'.[3]

A relação entre sujeito e predicativo é estabelecida por justaposição com rígida ordem de constituintes: predicativo sempre à direita. Quando o SN apresenta mais de um modificador, os adjetivos se distribuem nas posições antecedente e posterior ao núcleo, como no exemplo seguinte:

(17) **ṣafunu ṣaka ɨnɨ matʃi aiaaki**

jabuti suja água gelada beber

'O jabuti bebeu a água suja e gelada.'

A negação dos adjetivos pode ser feita com **{-ma** ou **{-uma}**, sendo este exclusivo em sentenças nominais, tal como demonstram, respectivamente, os exemplos:

(18) **fakɨ ṣaɾa-ma-ki**

menino bom-NEG-DECL

'O menino não é/está bom.'

[3] Semanticamente, os enunciados aparentemente descritivos não apresentam formas verbais, mas, apenas o morfema de modo declarativo **{-ki}** afixado aos adjetivos.

(19) **ɨn tarɨ fɨna-uma-ki**

1ps roupa nova-NEG-DECL

'Eu não tenho roupa nova.'

Semelhantemente, as formas **ɨwapa** e **ɨwapamasta** modificam ou atribuem propriedades (dimensionais) aos nomes. Não há concordância formal entre adjetivos e nomes no SN. A maioria dos adjetivos se caracteriza pela terminação **{-pa}**: **ʂuatapa** 'gordo', **paʂinipa** 'amarelo', etc. Geralmente, há formas distintas para os antônimos. Porém, pode-se estabelecer oposição semântica via negação. Os dados seguintes exemplificam as situações:

(20) **Assis ʂaʂuna fɨna makaaki**

Assis canoa nova sair

'Assis saiu com a canoa nova.'

(21) **pɨʂɨ ɨwapa-masta Militão-ki**

casa grande-NEG Militão-DECL

'A casa pequena é de Militão.'

(22) **pɨʂɨ ɨwapa Militão-ki**

casa grande Militão-DECL

'A casa pequena é de Militão'.

1.1.3 O verbo

No Shanenawa, o verbo funciona essencialmente como predicado e, de acordo com o número de argumentos que admite, se distingue em intransitivo (um argumento) e transitivo (mais de um argumento), conforme vemos nos exemplos seguintes:

(23) **jumaj naaki**

onça morrer

'A onça morreu'

(24) **Militãonu jumaj ɾitɨaki**

Militão onça matar

'Militão matou a onça.'

Dentre as categorias pelas quais o verbo pode ser morfologicamente especificado, somente o modo é marcado na estrutura verbal. A forma **{-nan}** indica a relação recíproca entre sujeito e objeto, como no exemplo em (25), abaixo. A voz reflexiva é marcada por **{-mɨ},** como em (26), enquanto voz passiva, por sua vez, não se processa nos verbos.

(25) **atu kuʂa-nan-hu-a-ki**

3pp bater-RECPR-NUM(PL)-PAS-DECL

'Elas bateram uma na outra.'

(26) **nun ʂatɨ-mɨ-a-ki**

1pp cortar-REFLX-PAS-DECL

'Nós nos cortamos.'

A categoria de modo é representada pelo declarativo, pelo imperativo e pelo interrogativo. O declarativo é marcado por **{-ki**}; o imperativo, em sua forma afirmativa, é marcado pelo morfema **{-wɨ};** o negativo, com **{-jama}** precedendo **{-w:},** conforme podemos ver nos respectivos exemplos:

(27) **fakɨn nami piiki**

criança carne comer-DECL

'O menino está comendo carne.'

(28) **pi-wɨ**

comer-IMPER

'Coma!'

(29) **pi-jama-wɨ**

comer-NEG-IMPER

'Não comam!'

Quando a forma imperativa se apresenta como uma ordem mais vigorosa, geralmente incontestável, adiciona-se **{-ta}** à base verbal, conforme mostra o exemplo em (30). O interrogativo, eventualmente, é marcado nas formas verbais pelo sufixo **{-man}**, como no exemplo em (31), abaixo:

(30) **pi-ta-jama-wɨ**

comer-ORD-NEG-IMPER

'Não comam! (mãe ordena aos filhos que não comam)'

(31) **fakɨn nami pii-man**

menino carne comer-INTERR

'O menino está comendo carne?'

Em Shanenawa, distingue-se os eventos verbais apenas em realizados e não realizados, ou seja, tipologicamente o tempo é passado e não-passado. De fato, um mesmo morfema (**{-i}**) marca tanto os eventos que estão se processando no exato momento da

enunciação quanto àqueles que ainda irão se processar. Por outro lado, há contextos em que o tempo verbal referido se assemelha àquele caracterizado como presente propriamente dito. Ademais, um outro sufixo (**{-ʂunu}**) às vezes indica o futuro em situações específicas.

O tempo passado se refere a quatro momentos: imediato, recente, longínquo e remoto. Todos esses tipos têm como momento de referência presente um "agora", em relação ao qual, o momento do acontecimento é anterior. Em termos gerais, as subcategorias de passado se assemelham ao pretérito perfeito do Português que, como sabemos, é um tempo enunciativo. A distinção entre esses "passados" diz respeito somente à quantidade de tempo decorrido entre o momento da enunciação (ME) e o momento do acontecimento (MA) do evento verbal.

Assim, o passado imediato se refere ao mesmo dia do ME (ou do ato de fala), ou seja, àquele em que a ação ou processo tenha se realizado e é expresso pelo sufixo **{-a},** como no exemplo em (31), abaixo. O passado recente se refere a um, dois ou até três dias anteriores ao ME e é caracterizado por **{-ʂian}** afixado a bases verbais monossilábicas (ímpares) ou **{-ʂina}** ligado a bases com duas ou mais sílabas (pares), como vemos, respectivamente, em (32) e (33), adiante. Se o acontecimento tiver ocorrido em um passado longínquo, desde que sejam semanas, meses ou poucos anos antes do ME, utiliza-se **{-tamɨa},** como no exemplo em (34). Se, porém, o passado é remoto, ou seja, a ação (ou o processo) ocorreu muitos anos antes do momento da fala, o sufixo é **{-ni}**, como no exemplo em (35).

(31) **anihu ka-a-ki**

velho ir-PAS-DECL

'O velho foi embora (ME: poucas horas depois do MA).'

(32) **fakɨn nami pi-ʂian-ki**

menino carne comer-PAS-DECL

'O menino comeu carne (ME: um dia depois do MA).'

(33) **kamana takaɾa ɾiti-ʂina-ki**

(cachorro galinha matar-PAS-DECL

'O cachorro matou a galinha (ME: três dias depois do MA).'

(34) **fakɨn nami pi-tamɨa-ki**

menino carne comer-PAS-DECL

'O menino comeu carne (ME: uma semana após o MA).'

(35) **jumaj ka-ni-ki**

onça ir-PAS-DECL

'A onça foi embora (ME: muitos meses após o MA).'

Quando o evento verbal ocorre em um ponto preciso no tempo e coincide com o ME (presente pontual), usa-se o sufixo **{-i},** como no exemplo em (36). Esse sufixo também indica que o evento tem uma duração superior ao ME, embora com ele coincida em algum momento, tal como vemos em (37). Também para enunciar as chamadas verdades eternas ou que se pretendem como tal (presente omnitemporal ou gnômico), utiliza-se **{-i},** como vemos em (38), respectivamente, abaixo.

(36) **ui pakɨ-i-ki**

chuva cair-PRES-DECL

'Está chovendo (ME: simultâneo ao MA).'

(37) **awinhu ka-i-ki**

mulher ir-PRES-DECL

'A mulher está indo embora (encontra-se a caminho de casa).'

(38) **fakɨhu ʂuʂu-i-ki**

menino brincar-PRES-DECL

'Os meninos brincam (ME: simultâneo ao MA).'

Também se houver previsão ou suposição de que o evento verbal ocorra imediatamente ou em algumas horas após o momento de referência presente, utiliza-se o

sufixo **{-i}**. Este morfema, conforme já dissemos, por coincidir com marca de presente, pode ser interpretado como marca de não-passado, tal como sugere o exemplo em (39). Contudo, se a realização do evento verbal for a partir do dia posterior ao ME, usa-se **{-ṣunu}**, como vemos em (40), a seguir. Concluímos com isso que o sufixo **{-i}** projeta a referência temporal para um ponto mais imediato (equivalente ao período anterior ao próximo "raiar da luz do sol"), enquanto **{-ṣunu}** a remete para um ponto mais distante (desde que seja após o "raiar do sol" do dia seguinte).

(39) **awinhu ka-i-ki**

mulher ir-N.PAS-DECL

'A mulher vai embora (MA: hoje).'

(40) **awinhu ka-ṣunu-ki**

mulher ir-FUT-DECL

'A mulher vai embora (MA: amanhã).'

Outra forma de indicar que um evento será realizado no futuro é por meio do uso de expressões perifrásicas compostas pelo verbo principal e o verbo **ka** 'ir' no presente (indicada pelo sufixo **{-i}**) em uma espécie de incorporação, como no exemplo seguinte:

(41) **jura nami pi-ka-i-ki**

povo carne comer-ir-N.PAS-DECL

'O povo vai comer carne (ME: antes do MA).'

Ressaltamos, contudo, que essa interpretação é ponto passível de discussão. Questiona-se, de fato, se a forma **ka** é uma base verbal ou se não se trata de um sufixo de futuro, ou seja: **{-ka}**. Embora de maneira formal, a última hipótese pareça mais plausível, já que a forma em discussão se comporta como os sufixos verbais da língua, a questão não é de fácil resolução.

Até onde pudemos observar, nessa língua, o evento verbal pode apresentar-se ao falante com os seguintes aspectos: pontual, durativo, iminentivo e frustrativo. A maioria

dessas subcategorias se liga ao tempo. Junto ao sufixo **{-ni}** (passado remoto), o sufixo **{-paw}** estabelece o aspecto imperfeito ou incompleto (durativo), como no exemplo em (42). O aspecto completo (pontual) não é marcado, como mostram os exemplos (43) e (44), bem como aspecto durativo ou incompleto, exemplo (45). Já o habitual é indicado pelo morfema **{-mis}**, como vemos no exemplo (46), abaixo:

(42) **jʊɾa nami pi-paw-ni-ki**

povo carne comer-ASP-PAS-DECL

'O povo comia carne.'

(43) **awinhu ʂipi ʂui-ɸ-ni-ki**

mulher banana assar-ASP-PAS-DECL

'A mulher assou banana'

(44) **a ka-ɸ-a-ki**

3ps ir-ASP-PAS-DECL

'Ele já se foi'

(45) **ʂanɨn ihu na-ɸ-i-ki**

chefe morrer-ASP-PRES-DECL

'O chefe está morrendo.'

(46) **nawan tʃaʂu ɾɨtɨ-mis-i-ki**

homem veado matar-ASP-N.PAS-DECL

'O homem sempre mata veado.'

1.1.3.1 A negação verbal

Geralmente, a negação verbal é expressa por **{-ma}**. A ordem de ocorrência do morfema **{-ma}** é muito importante, pois, como veremos adiante, é isso que o distingue de seu homófono que marca o causativo: a negação se posiciona após os sufixos de tempo; o causativo, antes desses sufixos. Outra forma de estabelecer a negação é feita por meio da sufixação de **{-jusma}**, que se afixa apenas a bases verbais significando "nunca", "nem sempre", entre outras significações, conforme exemplo seguinte:

(47) **ɨn tʃaʂu ɾɨtɨ-jusma**-ki

1ps veado matar-NEG-DECL

'Eu nunca matei veado'.

1.1.4 O advérbio

Em Shanenawa, a classe dos advérbios é representada pelos locativos, temporais, intensificadores e interrogativos, os quais apresentam bastante mobilidade dentro da sentença, embora a tendência é não ocorrer nos extremos, principalmente quando a sentença é verbal (em que **V** ocorre rigorosamente em posição final). Os locativos incluem a forma **tʃaj** 'longe' e seus antônimos constituídos a partir de sua base e dos sufixos de negação. Os dêiticos demonstrativos são: **nɨnu** 'aqui', **wa** 'lá', **manaun** 'em cima' e **naman** 'embaixo'. A posição temporal é indicada pelas formas adverbiais: **naʂawata** 'ontem', **jamɨɾi** 'amanhã', **ɾama** 'agora' e **ma** 'já'. Para intensificar adjetivos usa-se: **itʃapa** 'muito' e **ʂaɾa** 'bem', com suas contrapartes respectivas constituídas por suas bases e o sufixo de negação: (**itʃapamasta** 'pouco', **ʂaɾama** 'mal') e, ainda, as formas **funataka** 'depressa' e **kuɾuʂi** 'devagar'. As formas **ma** e **uhun** indicam, respectivamente, circunstâncias de 'negação' e de 'afirmação'. Estas, porém, apenas retomam em forma de respostas polares os enunciados expressos na sentença ou previstos pelo discurso.

1.2 As classes fechadas

1.2.1 Os pronomes

Em Shanenawa, a classe dos pronomes é representada por apenas duas categorias: os pessoais e os demonstrativos. Nos pessoais, não são verificadas distinções morfológicas para marcar gênero, mas, as formas se distinguem dentro da categoria número, como vemos nos exemplos seguintes:

(48) **in jumaj ɾitiaki**

1ps onça matar

'Eu matei a onça.'

(49) **nun jumaj ɾitiaki**

1pp onça matar

'Nós matamos a onça.'

Outra informação contida nos pessoais se refere às relações sociais entre o falante e a terceira parte envolvida no discurso. As diferenças morfológicas, entretanto, se restringem à 3ª pessoa. Demonstra-se que se tem ou não relações definidas com o referente ao optar por uma das duas formas: **atu** ou **ahu**. Em geral, **atu** (definido) é utilizado para se referir àqueles que fazem parte do clã ou do território Shanenawa, enquanto **ahu** (indefinido), para seres genéricos (ou seja, qualquer um).

Como já dito, essa língua apresenta o sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo na morfologia nominal. No universo dos pronomes pessoais, porém, não há distinção formal entre as formas que exercem a função de **S** ou **A**:

(50) **nun inikiɾi uaki**

1pp(NOM) rio vir

'Nós viemos do rio.'

(51) **nun jumaj ɾitɨaki**

1pp(NOM) onça matar

'Nós matamos a onça.'

Por outro lado, há distinção na função de **S** ou **A** e aquelas que exercem o papel de **O,** conforme podemos ver nos exemplos seguintes:

(52) **min ɨa ɾitɨapajki**

2ps(NOM) 1ps(ACUS) matar

'Você quis me matar.'

(53) **ɨn mia ɾitɨapajki**

1ps(NOM) 2ps (ACUS) matar

'Eu quis matar você.'

Isso caracteriza o quadro dos pronomes pessoais como marcado pelo sistema nominativo/acusativo e ainda indica que no Shanenawa há *split-ergativity*, ou seja, um sistema cindido de marcação de caso em que há certa alternância entre o emprego das formas acusativas e o das ergativas (nominativas e absolutivas) para indicar as funções sintáticas dos constituintes na sentença (DIXON, 1994, p. 55). Contudo, essa cisão restringe-se às formas pronominais de 1ª e 2ª pessoas. Primeiramente, a 3ª pessoa do singular em posição de sujeito muitas vezes é omitida na fala corrente, como vemos no exemplo em (54), abaixo. Quando se utiliza a forma pronominal de 3ª pessoa, estabelecem-se distinções morfossintáticas com base no sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo. Isto é, se o pronome está em função de **A**, emprega-se as formas **atun** ou **ahun** tanto para o singular quanto para o plural, como vemos nos exemplos (55) e (56), respectivamente.

(54) **ɸ naaki**

3ps morrer

'Ele morreu.'

(55) **atun tʃaʂu ɾitɨaki**

3pp (DEF/ERG) veado matar

'Eles (conhecidos do falante) mataram o veado.'

(56) **ahun tʃaʂu ɾitɨaki**

3pp (INDEF/ERG) veado matar

'Eles (desconhecidos pelo falante) mataram o veado.'

Se, contudo, o pronome funciona como **S** ou **O**, usa-se a forma **a** ou nada para o singular, conforme exemplo (57); para o plural, utiliza-se **atu** ou **ahu**, re-estabelecendo novamente o sistema ergativo-absolutivo, como nos respectivos exemplos (58) e (59), abaixo:

(57) ϕ ou **a naaki**

3ps(ABS) morrer

'Ele morreu.'

(58) **atu** naaki

3pp (DEF/ABS) morrer

'Eles (conhecidos do falante) morreram.`

(59) **ahu** naaki

3pp (INDEF) morrer

'Eles (desconhecidos pelo falante) morreram.'

Nas formas pronominais, entretanto, a variação na forma do sufixo **{-n}** e seus alomorfes não ocorre. Distribucionalmente, as marcas de posse regularizaram-se fonologicamente e sintetizaram-se em apenas duas, conforme a função morfológica no SN. Se uma forma pronominal funciona como adjetivo ou especificador do núcleo, afixa-se **{-n**},

como no exemplo em (60). Se, porém, a forma pronominal funciona como um substituto do nome, usa-se **{-na}**. Esse processo é, contudo, verificado apenas quando o objeto possuído é apagado na estrutura superficial.

(60) **in auɨ-n işkin piaki**

1ps(NOM) 3ps-POSS peixe comer

'Eu comi o peixe dele.'

No Shanenawa, os demonstrativos indicam localização espacial tomando como referência apenas o falante. Para tanto, duas formas demonstrativas são usadas: **na** e **wa**. A primeira indica maior proximidade entre o falante e aquilo que ele demonstra. Em Português Padrão, isso equivaleria ao demonstrativo "este/esta": **na şaşu** 'esta canoa.' A forma **wa** demonstra que o referente está mais distante de si, o que em Português seria traduzido por "aquele/aquela/aquilo": **wa şaşu** 'aquela canoa'. Os demonstrativos são formas gramaticais livres localizadas sempre à esquerda do nome e que não apresentam concordância em número, gênero ou qualquer outra dentro do SN.

1.2.2 As formas interrogativas

As formas interrogativas que, sob a ótica funcional, exercem papel de argumentos nucleares, em Shanenawa, são: **tsuan** 'Quem?'; **hawɨ** 'Que?/Qual?/Quais?'; **hawɨti** 'Quanto?/Quantos?'. Os advérbios são: **awɨ** 'Por quê?'; **haska** 'Como?'; **haki** 'Onde?'; **hatian** 'Quando?'. Na função de argumento, os interrogativos se colocam sempre em posição inicial da sentença e são empregados, como o próprio nome indica, para obter a identidade do argumento verbal nas funções de sujeito ou de objeto.

Todas essas formas são usadas para interrogar ou pedir alguma informação (quantidade, por exemplo) sobre os argumentos dos verbos. Também na função adverbial, as formas interrogativas se posicionam no início da sentença. Usa-se esses interrogativos para obter informações sobre circunstâncias verbais, como de causa, modo, localização (temporal e espacial), comitativo, entre outras.

1.2.3 O numeral

O Shanenawa não conta com uma classe vasta de numerais para contar qualquer quantidade. Os numerais simples compreendem apenas as quantidades "um" e "dois", respectivamente, **wisti** e **ɾafu**. Os números "três" e "quatro" são expressos a partir das operações matemáticas de adição e multiplicação envolvendo as formas básicas **wisti** e **ɾafu**. Na condição de primo, o número "três" apenas é expresso pela adição das formas básicas em questão (**wisti** inun [CONJ] **ɾafu)**; já o "quatro" é expresso tanto pela soma quanto pela multiplicação da forma **ɾafu** 'dois': **ɾafu inun ɾafu** ou **ɾafuɾafu**.

Para quantificar "cinco", recorre-se à palavra **mɨfi** 'mão', que também é usada para constituir as formas quantificadoras a partir de seis unidades. A base **mɨfi** a rigor recebe o sufixo **{-ti}** (instrumental para quantificar), mas as operações matemáticas também podem ser usadas: **mɨfi inun wisti** 'seis', **mɨfi-ti-ɾafu** 'dez' e **mɨfi-ti-ɾafu inun wisti** 'onze'.

À medida que o número vai crescendo, mais o falante recorre à operação de multiplicação. Entre os mais idosos, outro recurso usado é a referência aos pés. O termo **taɨ** 'pé' também recebe o sufixo **{-ti}**: **mɨfi-ti-ɾafu inun taɨ-ti-ɾafu** '2 mãos + 2 pés = 20'. Há ainda termos mais gerais para indicar quantidade como **itʃapa** 'muitos não contáveis', **itʃapamasta** 'poucos', **wistima** ou **wasi** 'alguns' ou 'muitos contáveis', entre outros. Em geral, porém, grandes quantidades são expressas a partir da formas **mɨfiti** e **taɨti** na expressão: **mɨfiti inun taɨti naɾamama juɾa** 'qualquer número extenso', cuja tradução literal é "mãos e pés de todos os índios". Como uma espécie de composto sintático tal sentença pode corresponder a qualquer "numeral de alto valor".

Em suma, o sistema de contagem do Shanenawa é de base dois. Contudo, é o numeral cinco a base para a formação de todos os números maiores que ele.

1.2.4. A conjunção

Na língua Shanenawa, a classe das conjunções é composta por apenas duas palavras: **inun** e **askaʂun**. A primeira é do tipo coordenativa e funciona exclusivamente como conectivo entre SNs. A segunda, **askaʂun**, é subordinativa e funciona como transpositor de sentenças em enunciados complexos, ou seja, aqueles que se distinguem por terem um ou mais de seus constituintes exercendo a função de oração subordinada. Contudo, também é

possível funcionar como um conector de sentenças não subordinadas.

2 Processos de formação de palavras

2.1 Derivação

Em Shanenawa, são exemplos de bases derivacionais simples: **pani** 'rede', **aman** 'capivara' e **faɾi** 'sol'. Exercendo a função semântica de nomear as mais diversas realidades linguísticas, as bases derivacionais simples podem, sintaticamente, funcionar como sujeito ou predicado. A distinção entre um e outro, além da ordem na sentença, pode ser feita através da afixação do sufixo modal declarativo **{-ki}** às bases em função predicativa, como no exemplo a seguir:

(61) **na pani-ki**
DEM rede-DECL
'Isso é uma rede.'

As bases que originam outras palavras deixam de ser simples por meio de afixos derivacionais, lembrando que essa língua apenas apresenta sufixos e que os do tipo derivacionais são os que modificam conceitos básicos e que, portanto, contribuem de forma direta para a significação da palavra. Isso ocorre com o sufixo **{-ti}** (um dos mais produtivos), o qual, ao ser afixado a bases verbais, acaba por modificá-las formal e sintaticamente:

(62) [[**faɾi**]$_N$ [**unan**]$_N$ **ti**]$_{Sufixo}$
sol-sombra-INSTR
[**faɾiunanˈtiʔ**]$_N$
'relógio'

2.2 Composição

Em Shanenawa, a distinção entre compostos e sintagmas dá-se por meio da utilização dos critérios acentuação e flexão no genitivo. Nessa língua, o acento incide apenas sobre a última sílaba das palavras. Na composição, o acento do(s) elemento(s) que se posiciona(m) mais à esquerda tende a enfraquecer ou mesmo desaparecer, já que apenas o elemento colocado em posição mais à direita deve receber o acento principal.

Dessa maneira, quando duas ou mais palavras independentes se juntam em um sintagma, mantendo-se seus sentidos originais e suas formas fonológicas coincidem com a fonética em termos de acento (ou seja, cada qual conservando o seu), então, considera-se que tais palavras não participam da composição, mas se trata apenas dos constituintes de um sintagma genitivo, cujo núcleo é modificado por um ou mais elementos do tipo genitivo ou adverbial: [**iˈfiʔ**]$_N$ 'madeira' + [**paˈniʔ**]$_N$ 'rede' => [**i ˌ fipaˈniʔ**]$_N$ => /**ifi # pani**/ 'cama de madeira'. Quando, porém, os mesmos elementos se unem resultando um composto com significado diferente dos indicados pelas formas individuais e, ainda, representações fonéticas do composto apontam a adequação das formas antigas à tipologia acentual da língua (uma só unidade acentuada com acento na última sílaba), os sintagmas constituem compostos autênticos: [**iˈfiʔ**]$_N$ 'madeira' + [**paˈniʔ**]$_N$ 'rede' => [**i ˌ fipaˈniʔ**]$_N$ => /**ifi#pani**/ 'cama'.

O segundo critério para distinguir sintagmas de compostos é morfológico e diz respeito à flexão do genitivo. Como já dito, o genitivo é marcado pela sufixação de **{-n}** e suas variantes posicionais ao nome do possuidor, o que torna o sintagma [**naˈwa-n**]$_N$ (branco-GEN) + [**piˈaʔ**]$_N$ => /**nawan#pia**/ 'flecha de branco' uma construção genitiva. Quando, porém, se utilizam os dados **nawa** 'branco' e **pia** 'flecha' em uma composição, o sentido é diferente do sugerido pela construção genitiva e, então, **{-n}** não é expressa: [**naˈwaʔ**]$_N$ + [**piˈaʔ**]$_N$ => [**na ˌ wapiˈaʔ**] => /**nawa#pia**/ 'espingarda'.

2.2.1 Categorias linguísticas na composição

Em Shanenawa ocorre uma distribuição bastante heterogênea entre os tipos de categorias participantes dos compostos, pois não só lexemas de classes idênticas participam de composições. De fato, a maioria dos compostos tem um nome em sua base, o qual pode se unir a categorias maiores como adjetivos (**[ɨˈnɨʔ]**$_N$ 'água' + **[ɨwaˈpaʔ]**$_{Adj}$ 'grande' => **ɨnɨ ɨwapa** 'rio') ou verbos (**[ɨˈnɨʔ]**$_N$ 'água' +**[itʃuˈʔ]v** 'correr' => **ɨnɨ itʃu** 'corredeira').

Todavia, algumas bases (que poderiam ser consideradas formas derivadas por combinarem raízes e algumas categorias menores como os sufixos) também são consideradas como compostos. É o caso de compostos formados por um nome e pelos sufixos **{-wan}** e **{-ti}** que alteram o significado da base nominal: **[tɨtɨ]**$_{N}$ 'gavião' + **{-wan}**$_{Sufixo(}$AUM) => **tɨtɨwan** 'avião' e **[pɨj]**$_{N}$ 'pena' + **{-ti}**$_{Sufixo}$(INSTR) => **pɨjti** 'dinheiro'. O sufixo **{-paj}**, que expressa desejo de que o conteúdo da base verbal se manifeste, é outro caso. Aparentemente, as estruturas que denotam o desiderativo envolvem verbos e sufixos em uma espécie de incorporação, como no exemplo seguinte:

(63) **nukuhunɨn pɨʂɨ [wa]**$_{V}${**-paj**}**-ki**

homem casa fazer-DES-DECL

'O homem quer fazer uma casa.'

Outra hipótese de incorporação se dá com o morfema **{-kuan}** que se afixa à base verbal indicando que o acontecimento verbal apresenta-se como *iminentivo*, isto é, muito próximo de ter se realizado a tal ponto de o traduzirmos como o "quase" do Português, como vemos a seguir:

(64) **ɨn mia ʂatɨ-kuan-aki**

1ps 2ps bater-IMIN-DECL

'Quase bati em você.'

Os sufixos **{-ʂun}** e **{-ʂuna}** indicam que o acontecimento expresso pelo verbo foi, está sendo ou será efetivado em benefício de algo ou alguém que está expresso na sentença como um nome. O sufixo **{-ʂuna}** afixa-se às formas verbais com mais de uma sílaba (as pares), como no exemplo (65); já **{-ʂun}**, às formas monossilábicas (as ímpares), como no exemplo (66).

(65) **Iraci mia ş**ui-ş**una-a-ki**

Iraci 2ps cozinhar-BENEF-PAS-DECL

'Iraci cozinhou *para você.*'

(66) **jamɨ**ɾ**i mia Militão Feijóani ka-ş**un-i-ki

amanhã 2ps Militão Feijó ir-BENEF-FUT-DECL

'Amanhã, Militão irá a Feijó *para você.*'

O nome em função de beneficiário não é aquele traduzido pelo caso dativo, como vemos no exemplo (67). O que é fundamental é a ordem dos constituintes: S+Oi+BENEFICIÁRIO+Od+V.

(67) **Iracini matu Assis atsa inan-ş**una-i-paj-ki

Iraci 2pp Assis(BENEFIC) macaxeira dar-BENEF-N.PAS-DECL

'Iraci dará macaxeira para vocês *para Assis.*'

O morfema **{-panan}**, em enunciados compostos por sentenças interdependentes, expressa o frustrativo, ou seja, uma espécie de *impedimento* da realização denotada por um dos verbos do enunciado. O morfema é um indicativo de que tal evento *foi*, *é* ou *será* frustrado, sendo o motivo disso explicado pela outra sentença, como no exemplo seguinte:

(68) [**in ka-paj-panan**]O_1 [**ui-a**]O_2

1ps ir-DES-FRUST chover-PAS

'Eu queria ir, mas choveu.'

Há dois tipos de construções causativas nessa língua. A primeira é constituída pelo morfema **{-ma}** sufixado ao verbo principal, como no exemplo em (69), abaixo. Nesse caso, o morfema **{-ma}** indica que o evento ou estado por ele referenciado é *causado* por um elemento distinto daquele que em uma sentença simples ocupa a função de sujeito verbal.

Ademais, **{-ma}** funciona como um transitivizador.

Semanticamente, o verbo **ʂian** 'chorar' mantém-se como intransitivo por não exigir um objeto. Todavia, formalmente, embora a função de agente do verbo principal seja mantida, **{-ma}** cria uma função sintática (antes não existente) de sujeito de verbo transitivo, que é exercida pelo causador (*causer*) do evento verbal. Ao mesmo tempo, como predicado de **A**, tem-se a estrutura composta por **S** e o verbo **ʂian** 'chorar'.

O causativo **{-ma}** figura também em bases transitivas, como no exemplo em (70), a seguir. Como no caso anterior, uma nova posição **A** é criada e coocorre com aquela que já existia na sentença. Contudo, a introdução de **{-ma}** e do *causer* nas sentenças comunicativas pouco altera a ordem dos constituintes que é **[S(CAUSER)S(S** ou **A)OV-CAUS]**. Em suma, a posição do *causer* é sempre inicial, antecedendo a do outro sujeito. Outra característica mantida após a introdução do causativo em uma sentença diz respeito ao sistema de marcação de caso.

No tocante ao verbo intransitivo, o *causer* é marcado pela nasalidade para indicar o caso ergativo, enquanto o outro argumento é marcado pelo absolutivo. Quando, porém, se trata de um verbo transitivo, tanto o *causer* quanto **A** levam a marca de ergativo. Em contrapartida, os objetos são marcados pelo absolutivo.

(69) **kamana fakɨ ʂian-**ma**-a-ki**

cachorro menino chorar-CAUS-PAS-DECL

'O cachorro fez o menino chorar.'

(70) **ɨwan fakɨn ɾunu ɾɨtɨ-**ma**-a-ki**

mãe menino cobra matar-CAUS-PAS-DECL

'A mãe fez o menino matar a cobra.'

A segunda forma de causativo, na língua Shanenawa, é feita por uma locução constituída pelo verbo principal e o auxiliar **wa** 'fazer'. A forma **wa** incorpora-se ao verbo principal como um sufixo como outros morfemas verbais, como no seguinte exemplo:

(71) **min ɨa itʃapa ɾaja-**wa**-a-ki**

2ps 1ps muito (ADV) trabalhar-CAUS-PAS-DECL

'Você me fez trabalhar muito.'

Um caso especial de compostos envolve verbos transitivos e alguns nomes relativos a partes do corpo em função de objeto. Para exemplificar, consideramos os dados **puku** 'barriga' e **ʂatɨ** 'cortar'. A base nominal se junta ao verbo resultando em uma nova base de verbal. Esse pode ser um tipo de incorporação em que uma palavra, comumente um verbo, junta-se ao objeto direto ou modificador adverbial, sem que estes percam suas funções sintáticas originais. O resultado é um composto, isto é, um predicado intransitivo que denota um conceito unitário. Contudo, em Shanenawa, somente a sílaba inicial dos nomes que participam da composição é incorporada ao verbo: [**pu**]$_N$ + **[ʂaˈtiʔ]**$_V$ => **[puʂaˈtiʔ]**$_V$ 'cortar a barriga'. Isso impede de considerar tais processos como incorporações convencionais, pois, conforme Spencer (1991), para que uma incorporação verdadeira ocorra, os constituintes dos compostos, quando isolados, devem representar uma paráfrase desses compostos.

Analisando os dados, hipotetizamos que a raiz do nome da parte do corpo pode ser a forma **pu** 'barriga'. No entanto, os falantes rejeitam essa base e tampouco a forma **–ku** tem significado de forma isolada. Diante disso, consideramos o processo como uma "semi-incorporação" nominal ou, ainda, um tipo de incorporação seguida de apagamento por razões fonológicas ou morfológicas não detectadas neste estudo.

Considerações Finais

No presente artigo, apresentamos o resumo de uma parte da análise descritiva do componente gramatical da língua Shanenawa (Pano) tal como exposta em Cândido (2004, 2005). Focalizando a morfologia, mostrou-se que o Shanenawa se enquadra no rol dos idiomas de tipologia aglutinante, já que nessa língua a palavra constitui-se minimamente de uma base lexical e, quando necessário, de sufixos flexionais ou derivacionais e, ainda, de compostos. Esse panorama do componente morfológico revelou que a língua é bastante rica morfologicamente. Em se tratando dos processos de formação de palavras: derivação e composição, vimos que há uma série de processos de incorporação de sufixos a bases verbais indicando diversas funções como: o causativo, o benefactivo, entre outros.

Referências

ANDERSON, S. R.; KEENAN, E. L. Deixis. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description.*Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 259-308.

CÂNDIDO, G. V. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. 292 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano). *Sínteses*, Campinas, v. 10, p. 55-68, 2005.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Departamento de Documentação (DEDOC) e Serviço de Informação Indígena (SEII). Campinas, Brasil, 7 de novembro de 2002. 1 mensagem eletrônica. Entrevista concedida a Lincoln Almir Amarante Ribeiro.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Basil Blackwell, 1991.

GLÁUCIA VIEIRA CÂNDIDO

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente na Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás. CV: http://lattes.cnpq.br/6967823128488028. E-mail: glaucia.v@uol.com.br.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA

Aspectos prosódicos da língua Shawã (Pano)

Prosodic Aspects of Shawã (Pano) Language

Emerson Carvalho de Souza*
**Universidade Federal de Roraima (UFRR)*

Resumo: Este trabalho argumenta que vogais nasais são resultantes de nasalização por uma coda nasal em Shawã, família Pano. Embora esta afirmação seja comum para as línguas desta família linguística (cf. SHELL, 1975; LOOS, 1977), a argumentação aqui apresentada é nova, uma vez que o comportamento de epêntese é descrito como evidência para a presença de uma coda nasal na língua. Antes de expor os resultados acerca da nasalidade em posição de coda, apresenta-se o acento tônico na língua indígena. Para tanto, como suporte teórico para nossa pesquisa, buscou-se respaldo nas ideias de Hayes (1995), Clements e Hume (1995), Piggott (1992), Halle (2002) entre outros.

Palavras-chave: Nasalidade. Acento. Língua indígena. Língua Shawã.

Abstract: This paper argues that nasal vowels are the result of nasal nasal coda in Shawã, the Pano family. Although this statement is common to the languages of this linguistic family (SHELL, 1975; LOOS, 1977), the argument here is new, since the behavior of epenthesis is described as evidence for the presence of a nasal coda in the Shawã Language. Before presenting the results about nasality in coda position, we present the tonic accent in the indigenous language. For this, as theoretical support for our research, we used the ideas of Hayes (1995), Clements and Hume (1995), Piggott (1992), Halle (2002) among others.

Keywords: Nasality. Accent. Indigenous language. Shawã language.

Introdução

O Objetivo deste texto é descrever aspectos prosódicos da Língua Shawã (Pano), argumentando a proibição de coda complexa. Para tanto se ampliou a discussão feita em Souza (2012), sobre o acento e a nasalidade e, para além disso, encontra-se aqui descrito o comportamento da epêntese como evidência para o preenchimento de uma coda nasal.

Cabe aqui ressaltar que o povo que fala a língua Shawã encontra-se na Serra do Divisor, fronteira entre o Brasil e o Perú, e a seguir apresenta-se de forma breve algumas informações sobre o grupo e seus costumes, e logo adiante começar-se-á a descrição dos constituintes prosódicos da língua.

1 Um pouco sobre a língua e a cultura Shawãdawa

O povo Shawã encontra-se no alto do rio Juruá, Estado do Acre em três comunidades indígenas: no Igarapé Humaitá, no rio Valparaíso, e no rio Bagé. É neste último grupo que os dados para esta análise foram coletados, isto é, com auxiliares de pesquisa da comunidade Jaminãwa-Arara que se focalizou o estudo sobre aspectos da prosódia da língua.

No que concerne à língua Shawã, ela caminha a passos largos para extinção, embora existam alguns projetos de preservação e manutenção[1] do idioma, pode-se observar que a função social da língua não ocupa há muito tempo lugar de prestígio dentro das comunidades. Por isso, ao invés de falantes da língua, é mais preciso dizer aqui que os dados foram fornecidos por lembradores do Shawã.

Vale mencionar que o total da população do grupo Jaminãwa-Arara é de 180 pessoas, distribuídas em três aldeia (São Sebastião, Buritizal e Siqueira)[2]. Estes grupos sobrevivem da caça, pesca e coleta de frutos da mata. Ainda cultivam a mandioca para produção de farinha e criam galinhas para o abate. Entretanto, por causa do contato frequente com a sociedade não índia, novos costumes têm sido adquiridos pelos indígenas, tanto no que tange aos hábitos alimentares como o consumo de óleo de soja, açúcar e produtos enlatados, bem como ao uso de tecnologia.

[1] Projetos de documentação estão em andamento para construção de acervos de aspectos da cultura e da língua indígena; um vasto material foi repassado a UNESCO, o qual foi declarado como patrimônio imaterial da Humanidade.

[2] O senso foi realizado em trabalho de campo no ano de 2008.

Como já foi mencionada, a língua Shawã não é mais falada cotidianamente, ou seja, todos falam português, salvo em raros contextos, alguns anciões ainda falam a língua nativa ou quando solicitados por alguém[3], como foi o meu caso. Por isso, de acordo com a literatura, o Shawã é um idioma seriamente ameaçado a desaparecer, pois possui poucos "falantes" que usam a língua em algumas ocasiões. Alguns estudiosos classificam esta língua em uma escala de desaparecimento; entre estes destacamos Wurm (1998, p. 192) que propõe uma tipologia da ameaça que inclui cinco níveis:

> 1 – Línguas potencialmente em perigo: são aquelas que estão em desvantagem econômica e social, sob forte pressão de uma língua dominante e que estão começando a perder crianças falantes;
>
> 2 – Línguas em perigo: há poucas crianças ou nenhuma aprendendo a língua e os falantes mais fluentes são jovens adultos;
>
> 3 – Línguas seriamente em perigo: os mais novos falantes têm idade igual ou superior a 50 anos.
>
> 4 – Línguas moribundas: há mais ou menos cinco falantes, sendo a maioria muito idosa;
>
> 5 – Línguas extintas: não possuem falantes.

Baseando-se nesses critérios, pode-se afirmar que o Shawã é uma língua seriamente ameaçada ou moribunda porque há somente (na comunidade Jaminãwa-Arara) sete falantes nativos (todos com idade superior a 80 anos). As crianças não têm mais contato com a língua e o "português-índio" tornou-se a língua de prestígio dentro da comunidade.

Imbuídos dessas preocupações, fomos motivados a descrever e documentar a língua, uma vez que, como afirmamos, acredita-se que essa encontra-se em processo acelerado de extinção.

De posse deste contexto, antes de apresentar os fatos de nasalidade e epêntese, cabe discutir acento tônico, uma vez que epêntese é um fenômeno rítmico (cf. ITO; MESTER, 1986).

[3] Tanto o uso da língua Portuguesa, bem como os raros contextos de uso do Shawã pelo povo indígena merce atenção no âmbito dos estudos sociolinguísticos; todavia pondera-se que o objetivo deste estuo é tão somente observar aspectos formais prosódicos do idioma.

2 O acento na Língua Shawã

Em Shawã, a maioria das palavras simples (não compostas) é constituída por duas sílabas quando se encontram em sua forma primitiva ou básica, isto é, sem acréscimo de afixos, como em (1: a-c), a seguir. Os raros monossílabos são todos tônicos, como em (1: d-f). As palavras com três ou mais sílabas se dividem em dois grupos: o das não derivadas (em número reduzido), ou seja, as formas plenas em adição de afixos, como em (1: g-h) e o das palavras formadas por uma raiz acrescida de afixos, como em (1: i-m):

(1)

a)	[da.'iʔ]	[dai]	'céu'
b)	[ka.'man]	[kamaN]	'cachorro'
c)	[nu.'quʔ]	[nuku]	'pron. Meu'
d)	['huʔ]	[hu]	'cabelo'
e)	['tʃiʔ]	[tʃi]	'fogo'
f)	['Î]	[iN]	'pron. Eu'
g)	[uʃ.tu.'quʔ]	[uʃtuku]	'macaco'
h)	[pa.hî.'ciʔ]	[pahiNki]	'orelha'
i)	[va.ci.'huʔ]	[vakihu]	'menino'
j)	[mu.fi.'tiʔ]	[mufiti]	'mão'
l)	[pa.ʃi.na.'paʔ]	[paʃinapa]	'amarelo'
m)	[va.ka.pi.a.'tiʔ]	[vakapiati]	'bicho d'água'
n)	[ku.ta.va.'kiʔ]	[kutavaki]	'coqueirinho'

Como observamos nos dados expostos, em (1), independentemente do número de sílabas de que a palavra é constituída, o acento é sempre previsível, caindo de forma recorrente na última sílaba. Os dados em (1: i-m) ainda nos mostram que o acréscimo de afixos não interfere na posição do acento que permanece recaindo na sílaba final. Esse aspecto prosódico é também compartilhado por outras línguas da família Pano, como o

Shanenawa (Cândido, 2004), o Yawanáwa (Paula, 2004), o Katukina (Aguiar, 1994) e (Barros, 1989), Saynáwa (Couto, 2015). Se considerarmos a proposta de Hayes (1995) é possível afirmar que, em Shawã, o acento é resultado da formação de pés iâmbicos ilimitados.

Na teoria métrica, Hayes (1995, p. 83) nota que pés iâmbicos são sempre sensíveis ao peso. O autor ainda afirma que as sílabas leves que carregam o acento principal tendem em sistemas iâmbicos a serem reajustadas em pesadas, seja por alongamento vocálico ou por inserção de uma coda silábica. Ele rotula este fenômeno de *Iambic Lengthening (alongamento iâmbico).* Pode-se observar que o Shawã evidencia este fenômeno: se a sílaba que carrega acento primário for leve, ocorre a inserção fonética de uma oclusiva glotal, transformando esta sílaba em um iâmbico canônico.

As palavras dos tipos compostos parecem reafirmar essa hipótese, pois nelas o acento principal permanece caindo na última sílaba e desengatilhando epêntese, tal como nos mostram os dados em (2). O acento principal da primeira palavra é reduzido para secundário, que deixa de desengatilhar a epêntese.[4]

(2)

a) [i'viʔ] + [pa'niʔ] * [i,vipa'niʔ] 'cama'
pau + rede

b) [ta'riʔ] + [ci'ʃĩʔ] * [ta,rici'ʃĩʔ] 'calça'
roupa + coxa

c) [pi'aʔ] + [nau'aʔ] * [pia,nau'aʔ] 'espingarda'
flecha + homem "branco"

[4] Os fatos podem ser capturados em termos da Fonologia Lexical. Assim, alguém poderia postular que o acento primário é atribuído a palavras lexicais. Assumindo-se tal análise, mais tarde na derivação, quando ocorrer a composição, um processo de redução dos acentos não finais seria processado. Assim, apenas o acento primário (necessariamente final) engatilharia a epêntese da glotal.

Em termos morfológicos, o acento desempenha papel na identificação das palavras da língua. Assim, em uma sequência fõnica, é posível saber a delimitação das palavras lexicais pela presença de acento primário, como ilustrado em (3):

(3)

[nukuʔ	epaʔ]	# nu,ku # e'paʔ #
meu	pai	meu pai
[vakaʔ	putaʔ]	# va,ka # pu'taʔ #
água	limpa	água potável
[kuʃuʔ	ekaʔ]	# ku,ʃu # e'kaʔ #
arrancar	piolho	catar piolho

Nesses exemplos (3), percebemos que há epêntese em dois momentos de cada uma das sequências. Morfologicamente, então, a língua interpreta cada um desses momentos como uma palavra independente. Daí, cada exemplo ser constituído por duas palavras distintas, diferentemente do que ocorre com um composto.

Em suma, analisamos a presença da oclusiva glotal como resultante de um alongamento iâmbico (*Iambic Lengthening).* Isto é, uma consoante epentética é inserida na sílaba tônica principal para garantir que esta sílaba seja pesada. Desse modo, postulamos que o domínio para inserção da glotal é a palavra fonológica tal qual ilustramos em (02) e (3).

2.1 Inserção de [ʔ]

A oclusiva glotal [ʔ] apresenta-se como ponto default da língua Shawã e só ocorre em final absoluto de palavra[5], isso pode ser observado em todos os exemplos anteriores; e também nas demais línguas Pano aqui citadas, e vale lembrar que a oclusiva glotal não se realiza em interior de enunciado fonológico, tampouco da palavra fonológica; e ainda que nestas línguas, o limite de palavra ou frase fonológica corresponde ao limite do enunciado fonológico.

[5] Em algumas línguas Pano, incluindo línguas descritas no alto Juruá, como é o caso do Saynawa, Couto (2015), o ponto default é o enunciado fonológico; já para outras o default é a palavra fonológica, como é o caso do Shawã (SOUZA, 2012).

Neste sentido, pode-se afirmar que a consoante glotal [ʔ] é um segmento epentético, não se confirmando como segmento fonológico, nem mesmo de natureza alofônica de qualquer fonema ou arquifonema da língua Shawã. Pode-se se postular ainda sobre este segmento que seu papel é exclusivamente conferir peso à sílaba e assim reparar pé binário, sem contraste de duração e/ou reparar pé degenerado em final de enunciado fonológico, pois esses pés mal formados não são licenciados em posição de acento mais proeminente do enunciado fonológico. No caso da palavra fonológica (palavras isoladas), processa-se a sensibilidade quantitativa para garantir o peso final a palavra, lugar que recai o acento proeminente, como veremos mais adiante.

Assim, como já foi dito, neste fenômeno é comum a ocorrência de processos segmentais que reparam pé degenerado ou que transformam uma sequência (˘ ˘) em (˘ ¯), isto é, uma sequência fraco-fraco em forte-fraco, ou seja, um iâmbico canônico. De acordo com a literatura de Hayes (1995: 82-83, 95-98) e ainda Ito e Mester (1986), a inserção da glotal no Shawã, assim como processos de alongamento vocálico é um fenômeno prosódico e rítmico, uma vez que é ativado para atender à restrição do enunciado fonológicos e/ou palavra fonológica, uma vez que ambos os contextos exigem pés bem formados em posição de acento mais proeminente.

Todavia, cabe aqui ressaltar que os processos fonológicos de inserção da glotal e alongamento vocálico são processos distintos, e ambos se restringem ao nível fonético da sílaba como forma de atribuição de peso, deixando ao contexto a interpretação entre palavra fonológica e enunciado fonológico (vide os compostos expostos anteriormente).

Desse modo, o processo fonológico de inserção da glotal é categórico em palavras Shawã, que apresente ou não alongamento vocálico, uma vez que este fenômeno de alongamento não configura peso para o Shawã.

Contudo, cabe aqui relatar que a língua não permite uma coda complexa, ou seja, a inserção da glotal não é processada quando a sílaba final já estiver com coda nasal preenchida, pois a presença de um segmento nasal em ambiente de Coda, também caracteriza sílaba pesada para o Shawã.

Além do que se relatou, ver-se-á posteriormente que a coda nasal, cujo ponto de articulação não é especificado, exclui a fricativa glotal no fim da palavra. Todavia, este condicionamento observado, isto é, a inserção da epêntese não bloqueia o alongamento vocálico, o que mais uma vez comprova nossa suspeita de que o alongamento vocálico não atribui peso a sílaba final; por outro lado, já em contexto nasal, não se registrou a presença da glotal em nível do enunciado fonológico ou nível da palavra.

Assim sendo, a inserção da glotal após uma coda nasal caracterizaria uma coda complexa, o que é proibido para o padrão silábico da língua, todavia, diante de uma vogal

alongada não caracteriza, uma vez que no Shawã, o alongamento vocálico é também um recurso de ajustamento rítmico que não confere peso à língua, sendo necessário a inserção da glotal para caracterizar um iâmbico bem formado. Vejamos:

(4)

a) [tʃiʔ] ~ [tʃi:ʔ] /tʃi/ "fogo"

b) [daʔ] ~ [da:ʔ] /da/ "matar"

c) [ba'i:ʔ # ʃaraka'paʔ] /bai # ʃa,raka'pa/ " terra boa mesmo"

d) [ta'e:ʔ] ~ [taeʔ] /tae/ "pé"

Análise métrica:

(X) Nível do enunciado fonológico (RFD)

(X) Nível da frase fonológica

(X) (X) Nível da palavra fonológica

(. X) (. X) Nível do pé

˘ ˘ ˘ - Nível da sílaba

ta'e ta'eʔ

e) [ba'i:ʔ # ʃa'raʔ] /ba,iʃa'ra/ "terra boa"

Análise métrica:

(X) Nível do enunciado fonológico (RDF)

(X) (X) Nível da frase fonológica.

(X) (. X) (X) (X) (X) Nível d palavra fonológica

(X) (. X) (. X) (X) (X) Nível do pé

˘ ˘ ˘ - ˘ - ˘ - Nível da sílaba

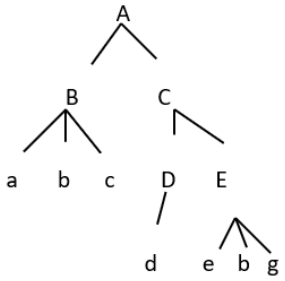
Na seção que segue apresentaremos evidência para uma coda nasal a partir de fatos de bloqueio de epêntese de glotal.

3 Nasalidade

Iniciemos fazendo uma breve revisão de algumas noções básicas sobre a *organização de traços* tal como descrita na teoria fonológica não linear denominada Geometria de Traços. Em primeiro lugar, apresentamos o modelo de Clements e Hume (1995), cujo objetivo é explicar o modo como os traços distintivos são organizados internamente nos segmentos, isto é, a forma como se agrupam em constituintes funcionais. No decorrer do texto, entretanto, outros modelos serão agregados.

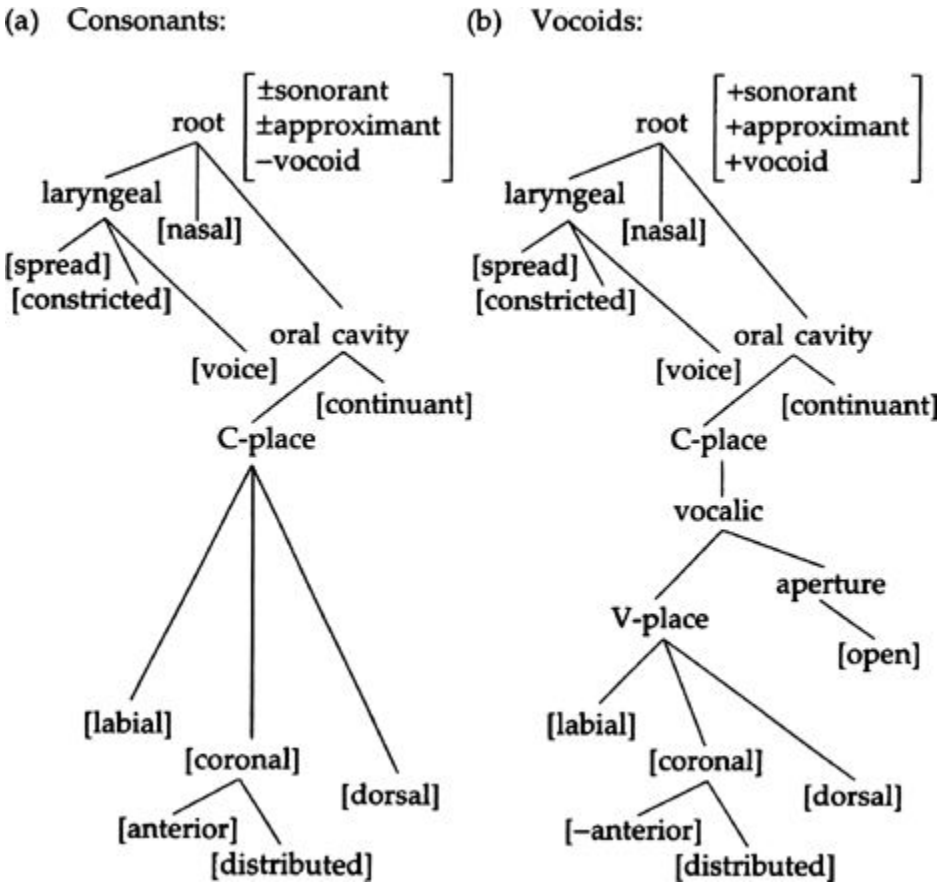
Nessa abordagem, os segmentos são representados em termos de configurações de nós organizados em hierarquia. Os nós do tipo terminais são os traços, enquanto os intermediários são os constituintes maiores ou nós de "classes naturais". Assim, ao contrário da teoria clássica que focaliza os traços dentro de matrizes, essa proposta os dispõe em forma de móbile, tal como na representação seguinte:

Figura 01: Hierarquia de traços



Segundo Clements e Hume (1995), o elemento **A,** ou nó de Raiz, corresponde ao som falado ou segmento propriamente dito; nos níveis hierarquicamente inferiores estão os chamados nós de classe **B, C, D** e **E** designando o agrupamento de traços funcionais, tais como o nó laringal, os nós de ponto de articulação entre outros; e, nos níveis mais baixos (**a, b, c, d, e, f, g**) localizam-se os traços. Os constituintes imediatos de um constituinte maior são considerados nós irmãos (por exemplo, **D** e **E**), os quais são filhos ou dependentes do nó constituinte mais alto (por exemplo, **C**). Esses autores ilustram alguns dos nós de classe mais importantes na articulação de consoantes e vocóides (vogais e glides), respectivamente, conforme a figura a seguir:

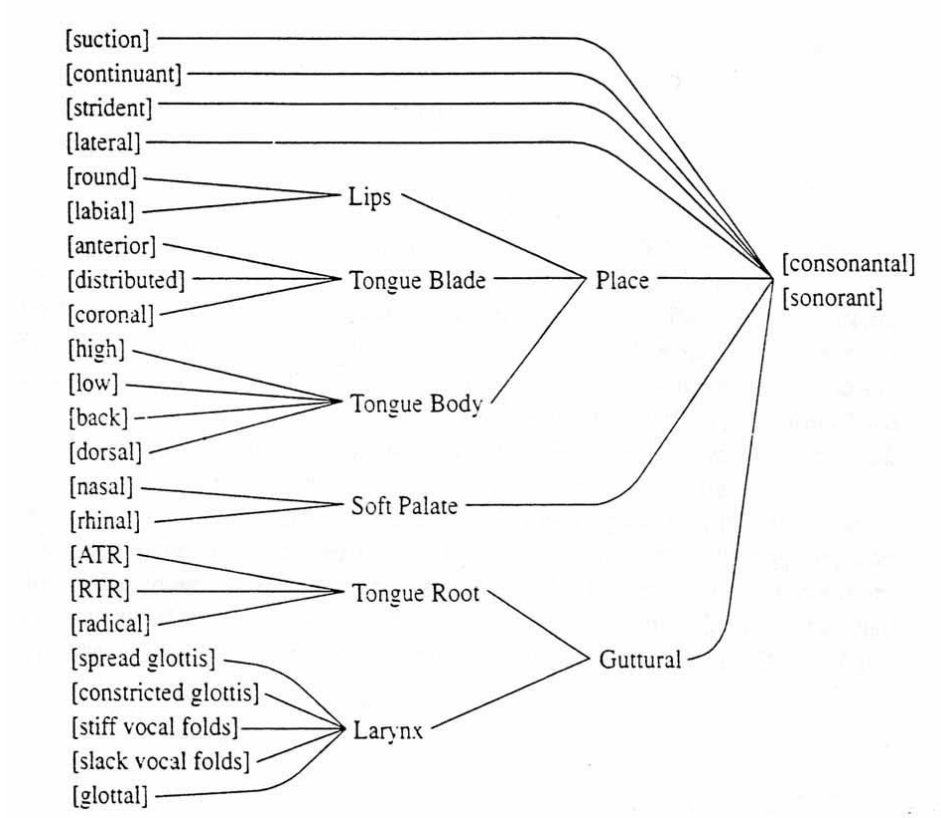
Figura 02



Fonte: Clements e Hume (1995)

Na linha de interesse deste estudo, salientamos a importante atribuição de Sagey (1986 apud PIGGOTT, 1992) à teoria Geometria de Traços, ou seja, a introdução de um conjunto de nós articuladores em que se inclui um nó denominado Palato Mole (**SP** = *Soft Palate*) ao qual se subordina o traço [nasal]. Assim, especificação de nó Palato Mole, doravante **SP**, indica que o véu palatino (ou palato mole) está ativado na produção de um segmento específico. Na geometria de traços que considera o nó **SP**, o traço [Nasal] está subordinado a ele, como pode ser observado na versão de Halle et alii 2002:

Figura 03



Fonte: Halle et alii (2002)

Como veremos posteriormente, essa introdução do nó **SP** na geometria será fundamental para a compreensão dos processos de harmonia nasal postulados por Piggott (1992). Por ora, adiantamos que essa possibilidade de representação hierárquica dos traços aparece no cenário dos estudos fonológicos como uma forte alternativa de viabilização da descrição de regras básicas e de princípios organizacionais de processos elementares, tais como a assimilação, a dissimilação, a neutralização entre outros. Nos propósitos específicos de nosso trabalho, vejamos o que Clements e Hume (1995) atestam sobre o processo de *assimilação*, em que se incluem os processos de harmonia.

A *assimilação*, de acordo com esses autores, é talvez o tipo mais recorrente de regra fonológica. À luz da Geometria de Traços, as regras de assimilação se caracterizam pela

associação ou pelo mecanismo de espalhamento de um traço ou um nó (conjunto de traços) de

um segmento **A** para um segmento **B** vizinho.

De modo geral, operações de espalhamento são governadas por uma condição de localidade estrita que previne saltos de posições a serem afetadas pelo processo. Elas também estão sujeitas a um conjunto de princípios que determinam, parcialmente, um possível alvo e definem que elementos podem ser opacos num processo em particular. Piggott (1992) expressa tais *princípios do espalhamento* como seguem:

Princípios do Espalhamento

(a) Um elemento **X** será espalhado somente para uma posição não especificada para **X.**

(b) O espalhamento de um elemento **X** pode ser detido somente por uma posição especificada para **X.**

O primeiro princípio assegura que um traço não se espalhará para um segmento que já esteja especificado para tal traço. Já o segundo, limita a definição de um segmento opaco, no sentido de que em um determinado processo de espalhamento, será opaco o segmento que carregar em si a especificação para o traço espalhado.

Ainda no que diz respeito ao mecanismo de espalhamento do traço [Nasal], segundo Piggott (1988), as línguas apresentam dois parâmetros de projeção do espalhamento:

Parâmetros da Projeção

(a) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à direita.

(b) Espalhamento do traço [Nasal] em direção à esquerda.

(c) Espalhamento bidirecinal do traço [Nasal]

Esses processos de harmonia devem espalhar a nasalidade de um segmento intrinsicamente nasal para uma sequência de segmentos que incluem vogais, semivogais e glides laringais. Para exemplificar, vamos considerar uma geometria que conta com o nó SP.

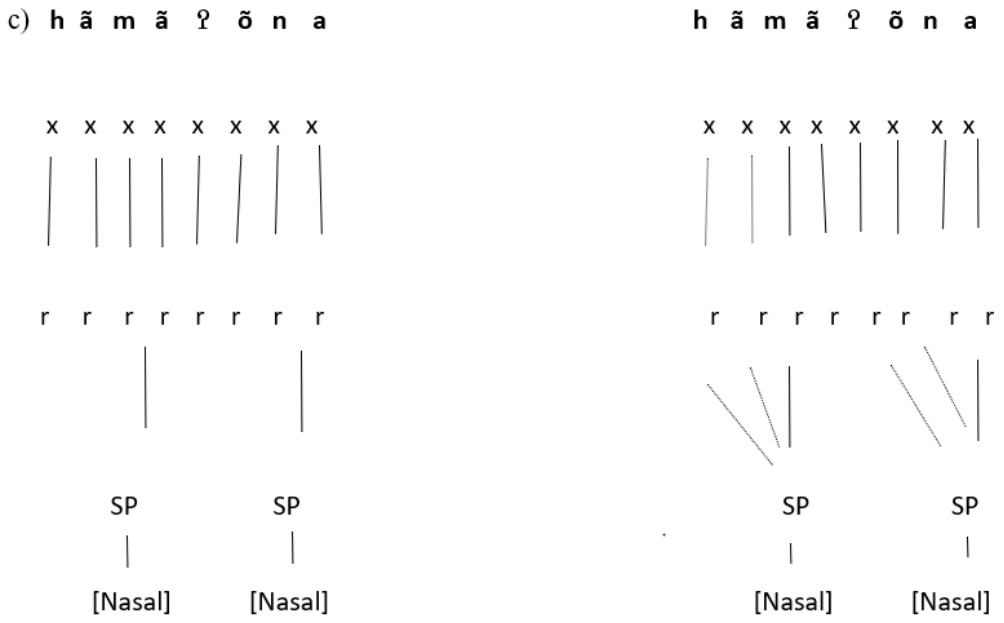
Em tal proposta, poderíamos postular que os segmentos consonantais das línguas Pano, em relação ao traço [Nasal], seriam especificados das seguintes formas por classes naturais:[6]

i) Consoantes Nasais	ii) Líquidas e laríngeas	iii) Obstruintes
[+cons, +son]	**[+cons, +son]**	**[+cons, -son]**
|	|	|
SP		**SP**
|		
[+nasal]		

Nesse sentido, um dado como **hãmãʔõna** 'andando a pé', da língua Capanahua-Pano, segundo Safir (1979, 1982, apud Piggott, 1992), só poderá ser derivado do espalhamento do traço [Nasal] a partir da seguinte representação:

[6] Nas representações abaixo, estão apenas as especificações para o nódulo SP, omitindo outras especificações para fins de economia e clareza de nosso ponto.

Figura 04



Com isso, o modelo de harmonia expresso pelo dado Capanahua, acima, parece consistente com os *Princípios de Espalhamento* em (a) e ainda estão de acordo com a geometria em (c). Quanto à extensão ou domínio desse processo de espalhamento, segundo Clements e Hume (1995) as regras podem afetar não apenas segmentos adjacentes, mas também aqueles que ocorrem a alguma distância do disparador. Contudo, à exceção de algumas línguas com morfologia "não-concatenativa" (McCARTHY, 1981, 1985, 1989; apud CLEMENTS; HUME, 1995), há limites importantes a respeito do domínio de uma regra, considerando o material interposto entre o segmento disparador e o alvo. Em especial, regras de assimilação não se estendem através de segmentos "opacos", ou seja, aqueles que já estão especificados para o nó ou traço espalhado. Em seu artigo *Variability in feature dependency: the case of nasality*, Piggott (1992) afirma que as diferenças entre os segmentos transparentes, opacos e alvos podem ter origem em duas formas como o traço [Nasal] está organizado nos sistemas fonológicos. Na primeira (o Tipo A), deve haver um conjunto de obstruintes não contínuas que bloqueiam o processo de espalhamento do traço [Nasal]. Já na segunda (o tipo B), percebe-se que não existem segmentos opacos, já que todas as obstruintes são transparentes e todas as soantes são alvos. A proposta de Piggott é que, no Tipo A, a harmonia é resultado do espalhamento do nó **SP** e não do traço [Nasal], como vimos na

derivação do Capanahua. Neste caso, o espalhamento é bloqueado por segmentos especificados para o nó **SP**. Como apenas segmentos [+Consonantal] são subjacentemente especificados para esse nó, esse tipo de harmonia somente pode ser disparado por consoantes sendo os segmentos opacos, por sua vez, também consoantes.

Como vimos, no processo de espalhamento do Capanahua, a oclusiva glotal não é atingida. Piggott explica isso por meio da proposta de restrição de coocorrência de traço que proíbe a combinação dos traços [Nasal] e [Glote Constritiva] em segmentos simples. Aliás, essa justificativa já foi utilizada por Loos (1967) para dar conta da ausência da oclusiva glotal nasalizada na língua Capanahua. Quanto aos segmentos alvo, estes podem ser variáveis e, de modo geral, costumam ser alvejados conforme os seguintes conjuntos: a) vogais e laringais; b) vogais, laringais e semivogais; c) vogais, laringais, semivogais e líquidas; d) vogais, laringais, semivogais, líquidas e fricativas. Já os segmentos opacos, que também são variáveis, são: a) obstruintes, líquidas e semivogais; b) obstruintes e líquidas; c) obstruintes; d) oclusivas. Nesse tipo de harmonia não são reconhecidos segmentos transparentes, ou seja, alguns casos de obstruintes e glides laringais que eventualmente não estão especificados para o traço [Nasal].

3.1 O comportamento de segmentos nasais e nasalizados

3.1.1 Os segmentos consonantais

Em termos de consoantes nasais, como foi mostrada anteriormente, a língua Shawã conta com cinco segmentos entre fones e fonemas, cujos traços de ponto de articulação, em geral, estão relacionados com a posição que esses segmentos ocupam na estrutura silábica, como veremos nos subitens da presente seção.

3.1.1.1 Segmentos consonantais em ataque silábico

Os segmentos [Nasal] que ocorrem em posição de ataque de sílaba apresentam ponto de articulação plenamente especificado, devendo, assim, estabelecer oposições de pares com significados distintos, como as atestadas, a seguir:

a) [na'i?] 'terra' b) [naw'a?] 'não índio'
[ma'i?] 'tipo de peixe cará' [maw'a?] 'grande'

Assim, todos os fonemas nasais (a saber: a Labial /m/ e a Coronal /n/) podem preencher o ataque silábico. Para concluir, apresentamos uma breve comparação entre dados do Shanenawa (CÂNDIDO, 2004) e do Shawã (SOUZA, 2004). Notemos que em termos de ponto de articulação, a oposição entre as nasais do Shawã ocorre também no Shanenawa.

(I) **Língua Shawã**
(a) [ka'mɜ̃] 'cachorro'
(b) [nu'nu?] 'pato'

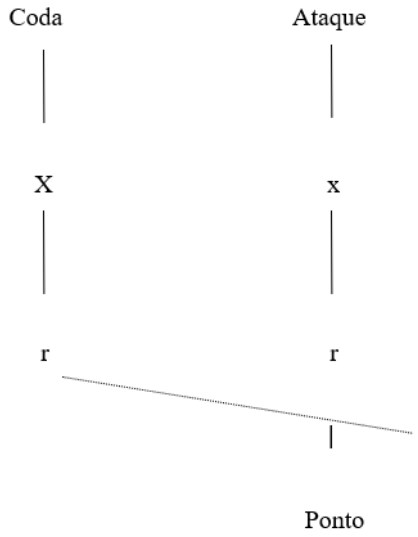
(II) **Língua Shanenawa**
(a) [ɜ̃'na?] 'língua'
(b) fi'mi?] 'fruta'

3.1.1.2 Segmentos consonantais em coda

Ao contrário do que verificamos no ataque, em posição de coda silábica antes de outra consoante, a oposição entre o segmento nasal [Labial] e [Coronal] é neutralizada. Em final absoluto de palavra, uma consoante nasal jamais parece. Naturalmente, essa afirmação pode suscitar dúvidas sobre a existência da nasal em tal posição.

Antes de defender a presença de uma nasal na posição final de palavra, representamos abaixo o fenômeno de assimilação de ponto de consoantes nasais em coda. Postulamos que na posição de coda, Ponto não é licenciado, e, portanto, copiado da consoante no ataque silábico seguinte:

Figura 05



Dessa forma, a consoante [Nasal] realiza-se na estrutura de superfície, conforme o traço de ponto da consoante ([Coronal] ou [Dorsal]), como nos mostram os dados:

(I) (a) [kɜ̃nˈtiʔ] 'arco'
(b) [diŋˈkaʔ] 'ouvir'
(c) [rɜ̃ntuˈkuʔ] 'joelho'

3.1.1.3 Os segmentos vocálicos

Como é possível constatar na literatura, a natureza da nasalidade (ou nasalização) em segmentos vocálicos tem posicionado os pesquisadores de línguas da família Pano em dois extremos: de um lado estão os que descrevem a nasalidade como uma característica inerente desses segmentos; de outro, estão aqueles que sugerem que tal fenômeno seja o resultado do contato entre a vogal e uma consoante, que nem sempre se realiza como tal.

Naturalmente, essa diferença de opiniões não deve configurar um problema, afinal, não há motivos para esperarmos que em todas as línguas de uma mesma família os processos fonológicos bem como os inventários de fonemas sejam idênticos. Além disso, nosso objetivo neste estudo não é o de polemizar a questão, mas tão somente pretendemos verificar em qual dos dois grupos de línguas mencionados acima o Shawã deverá se enquadrar.

Neste trabalho defendemos que não há vogais intrinsicamente nasais no Shawã. A distinção entre esses segmentos vocálicos se restringe ao nível fonético, sendo as vogais providas do traço [Nasal] apenas alofones de suas contrapartes orais. As nasais são nasalizadas em decorrência do contato com uma consoante nasal adjacente.

(I)	(a) [ɜ̃ˈnaʔ]ˋ	‘possessivo 3pp’ V. **C**VC
	(b) [ɜ̃nˈduʔ]	‘paca’ **VC**.CVC
	(c) [ɜ̃ndiˈhuʔ]	‘velho’ **VC.C**V.CVC
	(d) [puˈŋɜ̃]	‘cobra’ CV .CV

Como podemos notar, em todos os dados acima, a vogal nasalizada precede uma consoante nasal. Todavia, é necessário ressaltar que nem sempre as vogais nesse tipo de dados apresentam-se nasalizadas na fala corrente dos Shawã. O fenômeno de espalhamento não é obrigatório. Isso caracteriza o que a literatura denomina nasalidade vocálica alofônica (MORAES; WETZELS, apud ABAURRE; WETZELS, 1992), ou seja, muitas vezes a nasalidade de uma vogal não passa de uma manifestação fonética condicionada pela presença de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba subsequente à da vogal nasalizada. Daí podermos encontrar, no nível fonético, alternâncias do tipo:

(II)	(a) [ɜ̃buˈkaʔ]	‘amargo’	V(n)C. CV. CVC
	(b) [ɜˈduʔ]	‘paca’	V(n)C.CVC
	(c) [ɜ̃diˈhuʔ]	‘velho’	V(n)C.CV.CVC

Vejamos, agora, alguns exemplos que, a nosso ver, dão conta da nasalidade de vogais devido ao contato com um segmento consonantal adjacente:

(III)	(a) [rantu'kuʔ]	‘joelho’ CV. CVC. CVC
	(b) [ʃi’an]	‘chorar’ CV. VC
	(c) [pu’an]	‘peixe’ VC. CVV
	(d) [run’kiʔ]	‘nariz’ CVC.CV

Ao contrário dos dados apresentados em (I) que corroboram a hipótese de que na língua Shawã não existem vogais inerentemente nasais, os exemplos em (II), acima, nos conduzem a questionarmos se de fato isso é verdade. Mais especificamente, como já havíamos chamado atenção, esse tipo de dados pode de fato levantar dúvidas quanto à existência de uma consoante nasal em final absoluto de palavra. Entretanto, acreditamos que, independente da realização fonética, a nasalidade vocálica dos dados em (III) também resulta do contágio por uma consoante nasal.

Lembremos agora os dados da epêntese da glotal. Em palavras terminadas em sílaba aberta, sempre se registra, no nível fonético, a presença da oclusiva glotal [ʔ] em coda. Quando a palavra termina em vogal nasalizada, a inserção da glotal não se processa, sendo, portanto, consideradas agramaticais sequências do tipo ***#...Cv)/#**. Isto é, a presença da consoante nasal inibe a inserção da glotal. Dadas essas considerações, parece-nos razoável supor que toda ocorrência da nasalidade em vogais do Shawã deve-se ao contato com um segmento [Nasal]. Postulamos que a glotal não pode ser inserida porque a coda está preenchida por uma consoante nasal que não se superficializa por não contar com Ponto. Estando esta consoante em final absoluto de palavra, ela não pode assimilar ponto e, portanto, não toma forma fonética. Mas está presente na representação e, portanto, não há a possibilidade de inserção da glotal. Com base nos postulados teóricos apresentados, todos os eventos referenciados aqui estão sendo interpretados como processos de assimilação, mais especificamente, de harmonia nasal (CLEMENTS; HUME, 1995). Em consonância com Piggott (1992), tais processos não se caracterizam pelo mecanismo de associação do traço [Nasal] às vogais, mas, sim pelo *espalhamento* do nó **SP** (Palato Mole), como já mostramos anteriormente.

Portanto, como demonstram as representações respectivas, todos os segmentos nasais são inerentemente especificados para o nó **SP**, de que o traço [Nasal] é subordinado. Então, nos processos de harmonia, é o nó **SP** que se espalha sobre todas as vogais precedentes que se encontram entre o disparador e os elementos considerados opacos no processo de harmonia nasal, ou seja, os segmentos também especificados para o nó **SP**. Isso é evidenciado pelas transcrições fonéticas dos dados, em (a) e (b). Aliás, em (b), a consoante [Coronal], /t/, bloqueia o espalhamento do nó **SP**, evitando com isso a nasalização da vogal que a antecede. Isso confirma os *princípios de espalhamento* estabelecidos por Piggott (1992), ou seja, o nó **SP** não pode ser espalhado para os segmentos já especificados para ele. A propósito, como apenas as vogais, segmentos não especificados para o nó **SP**, podem ser alvo nos processos de harmonia nasal em Shawã, então, a regra de aplicação verificada aqui se dá no modo do preenchimento de traços, no caso, de um conjunto de traços, ou seja, o nó **SP**.

Já no que tange ao domínio do espalhamento do traço [Nasal], apenas vogais podem ser atingidas pelo elemento disparador. Em todos os casos apresentados, porém, somente as

vogais imediatamente antecedentes à consoante nasal podem ser alvo, ou seja, aquelas que figuram entre o elemento disparador e um segmento obstruinte já especificado para o traço [Nasal]. Caso contrário, o espalhamento não ocorre, conforme reafirmam os exemplos, a seguir:

(II) (a) [pus'mi?] 'tingui'
(b) [fus'ni?] 'cílio'
(c) [fumɜ'na?] 'testa'
(d) [sunɜnim'pa?] 'verde'

Comparando os dados (I:a-b), acima, com outros em que vogais são nasalizadas porque antecedem sílabas cujo ataque é uma nasal, observamos que as obstruintes contínuas que em (II:a-b) figuram na posição de coda não-final, interpondo-se, entre a nasal e a vogal antecedente. Esses segmentos contínuos bloqueiam completamente o espalhamento da nasalidade inibindo o processo de harmonia nasal nesses dados. Quanto aos exemplos em (I:c-d), lembremos que em Shawã temos caso de nasalidade vocálica alofônica, ou seja, opcional. Esse parece ser o caso da vogal nas primeiras sílabas desses dados. Em suma, com base na descrição do comportamento dos segmentos vocálicos em Shawã, podemos dizer que o processo de nasalização opera do seguinte modo:

Nasalidade em segmentos vocálicos

Espalhar SP

Domínio: segmentos vocálicos ou glides projetados à esquerda

Assim, vimos que em termos de harmonia nasal o Shawã se situa no Tipo A estabelecido por Piggott (1992). Nesse aspecto, então, a língua está em consonância com o Capanahua, outra língua da família Pano. Além disso, voltando à questão exposta na introdução deste tópico, diante do que descrevemos aqui, podemos dizer que o Shawã enquadra-se no rol das línguas Pano em que não figuram vogais nasais, mas sim aquelas nasalizadas devido ao processo de espalhamento do nó **SP** e do seu dominado, o traço [Nasal], de uma consoante nasal que pode ocupar a posição de coda ou ataque de uma sílaba que se segue.

Considerações Finais

O presente estudo teve como preocupação focar o comportamento do acento e da nasalização na língua Shawã. Com a descrição do acento, indicamos que o Shawã (Pano), enquadra-se no conjunto de línguas tradicionalmente como portadoras de acentos fixos, ou seja, a última sílaba da palavra sempre será acentuada, e isso nos assegura que tal acento não é um traço distintivo.

Para evidenciar a nasal, o estudo foi direcionado à luz de Piggott (1992), no que concerne a harmonia nasal. Por isso, postulamos que o Shawã está no grupo Tipo A postulado pelo autor. No inventário da língua, observamos que ela, assim como outras línguas da família, não comunga de vogais nasais, mas nasalizadas por um processo de espalhamento do nó SP e do seu denominado, o traço [Nasal] de uma consoante nasal que pode ocupar a oposição de coda ou ataque da sílaba que segue. O argumento trazido aqui para se postular uma consoante nasal em coda final que não se superficializa (mas nasaliza uma vogal) é o fato de que uma vogal nasalizada em final de palavra não admite a inserção de glotal para garantir uma sílaba pesada (por *Iambic Lengthening.*). Ora, argumentamos que esta inserção não ocorre porque a consoante nasal ocupa a posição de coda no nível fonológico e, portanto, não há como ou um porquê de inserir uma glotal na coda final nestes casos.

Assim sendo, queremos ressaltar que nosso trabalho não se esgota com esta descrição, uma vez que se sabe a necessidade de aprofundar no conhecimento da língua indígena e trabalhar para que o idioma Shawã tenha seu registro preservado; entretanto, para o momento, acreditamos que contribuímos para que os estudos acerca da fonologia Pano sejam enriquecidos com a nossa análise.

Referências

ABREU, J. C. *Rã-txa hu-ni-ku-iâ*: A língua dos Caxinauás do Rio Ibuacú Afluente do Murú. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1914.

AGUIAR, M. S. Los Grupos Nativos Katukina. *Amazônia Peruana*, Lima, n. 23, p. 141-52, 1993.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina Pano*. 1994. 308 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

BARROS, L. *A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano)*. 1987. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

_____. Esboço Fonológico do Caxinaua (Pano). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 9, p. 209-228, 1993.

_____. La Structure Actancielle du Caxinaua. *La Linguistique*, Paris, v. 34, p. 137-150, 1998.

_____. Cashinahua Personal Pronouns in Grammatical Relations. *Current Studies on South American Languages*, Leiden, p. 149-168, 2002.

CÂNDIDO, G. V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawa (Pano)*. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. O Processo de Harmonia Nasal na Língua Shanenawa-Pano. Apresentação realizada no 51º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), 22 a 24 de maio de 2003. Taubaté: UNITAU, 6f.

HAYES, B. *Merical Stress Theory*: principles and case the studies. Chicago: The University of Chicago, Press, 1995

LOOS, E. E. *The Phonology of Capanahua and its Grammatical Basis*. Tesis (para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística) – University of Texas at Austin, Austin, 1967.

_____ Estudios Panos I. *Série Lingüística Peruana*, n. 10. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1973.

_____. Rasgos Sintático-fonémicos en la Historia Lingüística de los Idiomas de La Familia Pano. Lingüística e Indigenismo Moderno de América. Lima: IEP, 1975, p. 181-4.

_____. 'IF' in Capanahua. In: LOOS, E. Logical Relations in Discourse. Summer Institute of Linguistics, 1999b, p. 195-217.

McCARTHY, J. J. OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic inquiry,* v. 17, n. 2, p. 207-263, 1986.

PAULA, A. S. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SAFIR, K. Metrical Structure in Capanahua. MIT Working Papers in Linguistics. v. 1, p. 95-114, 1979.

SOUZA. E. C. Aspectos fonológicos da língua Jaminãwa-Arara. 2004. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

EMERSON CARVALHO DE SOUZA

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2012) e Pós-doutoramento em Linguística na Universidade Livre de Amsterdam. Pesquisador da Unesco e Líder do projeto de documentação de aspectos da cultura e da língua Shawã. Professor adjunto da Universidade Federal de Roraima (UFRR), onde trabalho com documentação, descrição e análise de Línguas Indígenas, Fonologia e Educação Indígena Intercultural. CV: http://lattes.cnpq.br/2507924242370719. E-mail: cs.emerson@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA
UEG PPG ielt

Revisão fonêmica do Katukina Páno

Phonemic Revision of the Katukina Panoan

Flávia Leonel Falchi*
**Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ CAPES*

Resumo: A língua Katukina da família Páno é falada pelo grupo indígena Katukina. Esse grupo vive na Amazônia, em duas terras indígenas: Terra Indígena Campinas/Katukina e Terra Indígena Rio Gregório. Segundo Aguiar (2007), essas terras se localizam no município de Tarauacá, situado no estado do Acre, Brasil. Conforme Aguiar (2007), a língua indígena Katukina é falada diariamente por esse grupo. Diante da divergência encontrada entre estudos que descrevem os fones, os fonemas, a sílaba e o acento do Katukina, apresenta-se uma revisão acerca desses estudos, assinalando o problema de haver divergências como essas nas descrições que vêm sendo realizadas das línguas. Assim, apresenta-se uma discussão a respeito dos métodos tradicionais de descrição de línguas: transcrever e interpretar.

Palavras-chave: Língua Katukina. Descrição linguística. Transcrição. Interpretação de dados.

Abstract: The Katukina language belongs to the Panoan family and it is spoken by the indigenous group Katukina, who lives in the state of Acre, Brazil. The Katukina group lives in two indigenous lands in the Amazon rainforest: Terra Indígena Campinas/Katukina and Terra Indígena Rio Gregório. According to Aguiar (2007), the two lands are located in the town of Tarauacá. As stated by Aguiar (2007), this group speaks Katukina on a daily basis. Faced with the divergence found in studies that describe phones, phonemes, the syllable and the accent of Katukina, we presente a revision about these studies, signaling the problem of having divergences like these in the descriptions that are being done of the languages. Thus, we presente a discussion of the traditional methods of language description: transcribing and interpreting.

Keywords: Katukina language. Phonemic. Language description. Transcription. Data interpretation.

Introdução

O presente artigo é um recorte do texto de minha monografia de Bacharelado em Estudos Linguísticos, defendida na Universidade Federal de Goiás em 2013 e orientada pela Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar (FALCHI, 2013)[1]. A monografia aborda a divergência existente entre descrições fonéticas e fonológicas da língua Katukina pertencente à família Páno.

A língua Katukina é falada na Amazônia brasileira, no estado do Acre, pelo grupo indígena Katukina. De acordo com Aguiar (2007), esse grupo habita duas terras indígenas localizadas no município de Tarauacá. As terras indígenas Campinas/Katukina e Rio Gregório, onde vivem os Katukina, estão situadas, como aponta Lima (1994), na região do alto Juruá, afluente da margem direita do rio Solimões. Aguiar (1988) detalha que a Terra Indígena Rio Gregório é cortada pelo rio Gregório, afluente do rio Juruá. Já a Terra Indígena Campinas/Katukina se encontra entre os rios Campinas e Vaivém, rio este que deságua no rio Liberdade, também afluente do Juruá.

Góes (2009) afirma que todos os Katukina falam a língua indígena. Especialmente os homens adultos dominam a língua portuguesa, que é compreendida por mulheres e crianças de forma restrita. Aguiar (2007) assinala que o grupo usa nas comunicações cotidianas a língua Katukina, sendo o português raramente usado.

O primeiro estudo envolvendo essa língua indígena foi feito por Rivet (1920). Descrições fonéticas e fonológicas dessa língua foram realizadas por Paula (1969)[2], Barros (1987), Oliveira (1985), Aguiar (1985, 1988, 1994, 2003), Lanes (2005), Falchi e Aguiar (2011, 2012) e Falchi (2011). Além desses trabalhos, Maria Suelí de Aguiar vem escrevendo um livro sobre a língua Katukina que apresenta uma parte que trata especificamente de fonética e fonologia.

Sobre fonética e fonologia do Katukina, há também os seguintes trabalhos, aos quais não tive acesso: 'A estrutura silábica do Katukina' e 'O pé métrico em Katukina', de Maria Suelí de Aguiar; 'Katukina: a nasalidade por uma ótica de contorno', dessa mesma autora e

[1] Agradeço os comentários acerca da monografia feitos pelas professoras da banca examinadora, Profa. Dra. Aline da Cruz e Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de Iniciação Científica concedida de 2010 a 2013 para pesquisa sobre a língua indígena Katukina.

[2] O ano 1969 é apresentado aqui como sendo o do manuscrito de autoria de Ruth Wallace de Garcia Paula. Considero o ano do material que consta no cadastro do manuscrito no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde o material foi localizado. Contudo, esse ano é duvidoso, uma vez que, no material, o ano 1976 foi manualmente escrito na parte específica sobre a língua Katukina.

de Humberto José Longo; 'Proposta de protoformas fonológicas e lexicais para as línguas Katukina e Marubo', de Fernando Nicolau de Souza; e 'A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)', que é uma síntese da dissertação de Luizete Guimarães Barros.

Missionários da Missão Novas Tribos (1975, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d) também analisaram fonologicamente o Katukina com a finalidade de elaborar uma proposta de escrita. A Comissão Pró-Índio do Acre possivelmente também descreveu fonologicamente a língua Katukina com esse mesmo fim. Contudo, apesar do levantamento bibliográfico realizado, não foi localizado, até o momento, nenhum material da Comissão Pró-Índio do Acre que apresente uma proposta de escrita para a língua Katukina.

Ao observar os estudos fonéticos e fonológicos a que tive acesso, notam-se divergências entre eles quanto às descrições apresentadas, no que diz respeito, principalmente, ao estabelecimento dos fones, fonemas e da estrutura silábica do Katukina. Há divergência ainda quanto à descrição do acento[3]. Esses estudos divergem entre si mesmo empregando, na maioria das vezes, a mesma abordagem para a análise: uma abordagem estruturalista que segue a corrente Fonêmica. Somente Aguiar (1994, 2003) e Lanes (2005) fazem uso de outra abordagem. Aguiar (1994, 2003) segue a linha teórica gerativista e suas ramificações. Lanes (2005) faz uso do modelo de Clements e Hume.

Ao constatar tal divergência entre os estudos do Katukina, inicialmente pensei que ela não deveria ocorrer, dado o fato de o objeto de estudo ser o mesmo em todos as descrições: a língua Katukina, um sistema com uma estrutura fonética e fonológica sincronicamente definida. Entretanto, o pensamento acerca da não ocorrência de divergência não é verdadeiro se se considerar que cada descrição é também uma interpretação do estudioso que a faz e que, dependendo dos dados coletados, variedades diferentes da língua estarão presentes nos dados conforme os informantes. Por isso, a importância de se coletar dados de falantes variados. A possibilidade de a divergência entre os estudos do Katukina se dever, além da interpretação, também às diferentes variedades dessa língua se baseia nas diferenças que encontrei entre as transcrições dos estudiosos.

Além disso, Silva (2007) diz haver tipos diferentes de transcrição fonética. Há transcrições fonéticas que explicitam todos os detalhes articulatórios observados, enquanto outras omitem aspectos condicionados por contexto ou características particulares da língua, trazendo somente as propriedades segmentais. Observei que a forma como cada estudioso da língua Katukina optou por transcrever os dados influenciou especialmente na descrição dos fones do Katukina.

[3] Ishy (2009) também aponta a existência de divergência semelhante entre os estudos sobre o Kaxarari, língua também pertencente à família Páno.

Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 131-132) colocam que "a transcrição fonética depende de uma tradição, segundo a qual o que ouvimos é representado, entre colchetes, em termos de segmentos". Pike (1947, p. 67, tradução nossa) aponta que

é certo que o investigador comete vários erros, [...] mas se ele pensa ouvir determinado som ou variedade de som, ele o escreve. [...] Apesar de estar ou não enganado, ele escreve os sons que pensa ouvir. É a partir desses dados, ou desses dados revisados, que o investigador deve, por fim, deduzir os fonemas.[4]

Sobre as transcrições, é válido observar que a tradição científica nos habituou a padrões que previamente tomamos como científicos, sem sequer questionarmos. Esses padrões, por sua vez, podem nos colocar métodos falhos, nos levando também a resultados falhos. Isso porque, se os métodos são falhos, provavelmente haverá falha nos resultados. Segundo Ochs (1979) e Duranti (1997), as transcrições são produtos analíticos que seguem objetivos específicos de análise. Todavia, Duranti (1997) assinala não existir transcrição final, mas versões diferentes, revisadas, de uma transcrição anterior e Paiva (2003, p. 146) afirma que "não existe transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, dado que essa atividade envolve, inevitavelmente, um componente subjetivo".

A seguir, passa-se a tratar dos fones, dos fonemas, da sílaba e do acento do Katukina em descrições existentes acerca dessa língua.

1 Fones e fonemas

De acordo com Paula (1969), no Katukina, foram identificados os fones (p, b, t, d, k, g, ʔ, ɓ, ˆɓ, s, z, ṣ, ẓ, š, ž, h, ts, dz, tš, dž, m, n, ñ, ŋ, r̃, w, y, i, e, ɛ, ɨ, a, ʌ, o, u)[5], além de fones vocálicos nasais. Quanto aos fonemas dessa língua, a autora apresenta os seguintes quadros:

[4] "The investigator is certain to make numerous errors, [...] but if he thinks he hears a certain sound or variety of sound, he writes it. […] Regardless of whether or not he is mistaken, he writes the sounds which he thinks he hears. It is from these data, or these data revised, that he must ultimately deduce the phonemes". (PIKE, 1947, p. 67)

[5] Os fones vêm, no trabalho de Paula (1969), postos entre **( )**. Para as citações de trabalhos feitos sobre o Katukina, são mantidos os símbolos fonéticos utilizados pelos autores.

Quadro 1 – Fonemas consonantais conforme Paula (1969, p. 14)

	Bilabial	Alveolar	Alv. palatal	Palatal	Velar	Glotal
OCLUSIVAS Surdas	p	t			k	ʔ
FRICATIVAS Surdas Sonoras	v		ch	sh		h
AFRICADAS Surdas Sonoras		ts	tx			
NASAIS Sonoras	m	n	nh			
DESFRALD. Sonora		r				
SEMIVOGAIS Sonoras	w			y		

Quadro 2 – Fonemas vocálicos conforme Paula (1969, p. 15)

	Anterior	Média	Posterior
Alta	i		
Média		e	o
Baixa		a	

Em relação ao quadro de fonemas consonantais de Paula (1969), a autora também reconhece, no Katukina, o fonema /s/. Ademais, em Paula (1969), o fonema /ʔ/ também aparece representado por / ' /.

Para essa estudiosa, os fones do Katukina estão organizados da seguinte forma:

/p/ (b) - [ocorre] somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (m)

(p) - em qualquer lugar

/t/ (d) - somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)

(t) - em qualquer lugar

/k/	(g)	- somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (ŋ)
(k)		- em qualquer lugar
/ ' /	(ʔ)	- no meio da palavra e flutuando com silêncio, no início e fim da palavra
/v/	(ˆ~~ɓ~~)	- somente no início da palavra
	(~~ɓ~~)	- em qualquer lugar
/s/	(z)	- somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada
	(s)	- em qualquer lugar
/ch/	(ž)	- somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada
	(š)	- em qualquer lugar
/sh/	(š)	- no início, meio e fim da palavra
/h/	(h)	- no início da palavra
/ts/	(dz)	- somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)
	(ts)	- em qualquer lugar
/tx/	(dž)	- somente seguindo contiguamente uma vogal nasalizada + (n)
	(tš)	- em qualquer lugar
/m/	(m)	- no início e no meio da palavra

/n/	(ŋ)	- somente precedendo contiguamente (g)
	(n)	- em qualquer lugar
/nh/	(ñ)	- no meio da palavra
/r/	(r̃)	- no início e meio da palavra
/y/	(ẓ̌)	- somente seguindo contiguamente (i)
	(y)	- em qualquer lugar
/w/	(w)	- no início e meio da palavra
/i/	(e)	- flutuando com (i) e no fim da palavra
	(ɛ)	- somente no início da palavra seguindo contiguamente ao (i) não acentuado
	(i)	- em qualquer lugar
/e/	(i̱)	- no início, meio e fim da palavra
/a/	(ʌ)	- flutuando com (a) no meio e fim da palavra
	(a)	- no início, meio e fim da palavra
/o/	(u)	- flutuando com (o), no meio e fim da palavra
	(o)	- no início, meio e fim da palavra (PAULA, 1969, p. 15-18).

Quanto ao fonema /sh/, seu fone possivelmente é **(ʂ)** e não **(š)**, uma vez que Paula (1969), em alguns itens, transcreve foneticamente o fonema /sh/ como **(ʂ)** em seu trabalho.

Conforme essa estudiosa, no Katukina, há vogais nasais, o que a autora argumenta com itens como:

/pichi/	'costela'
/pichĩ/	'esteira de palha'
/ronke/	'torto'
/ronkẽ/	'buraco'

Segundo Barros (1987), outra estudiosa da língua Katukina, os fones e os fonemas consonantais dessa língua são:

Quadro 3 – Fones consonantais de acordo com Barros (1987, p. 13)

	Bila-bial	Lábio-dental	Inter-dental	Alveo-lar	Retro-flexa	Alveo-palatal	Pala-tal	Velar	Glotal
OCLUSIVO Surdo				t				k	ʔ
Sonoro	p b			d				g	
AFRICADO Surdo			tθ	ts		č			
Sonoro				dz		ǰ			
FRICATIVO Surdo				s	ʂ	š		x	h
Sonoro	b	v		z		ž			
NASAL Sonoro	m			n		ɲ		ŋ	
TAP Sonoro				ř					
SEMIVOGAL Sonoro	w						y		

Quadro 4 – Fonemas consonantais de acordo com Barros (1987, p. 29)

	Bilabial	Alveolar	Retro-flexa	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
OCLUSIVA Surda	p	t				k	ʔ
AFRICADA Surda		ts		č			
FRICATIVA Surda Sonora	v	s	ṣ̌	š			
NASAL Sonora	m	n					
TAP Sonoro		ř					
SEMIVOGAL Sonora	w				y		

A autora analisa os fones [p] e [b] como um só fonema, estando esses fones em distribuição complementar: o fone sonoro ocorre em contexto nasal e o surdo nos demais ambientes. Tal distribuição também é encontrada entre os fones surdos e sonoros [t] e [d], [k] e [g], [č] e [ǰ], [s] e [z], [š] e [ž].

[kaˈpɨʔ]	/kapɨ/	‘jacaré’
[čə̃mˈboʔ]	/čəpu/	‘grilo’
[taˈřaʔ]	/tařa/	‘lata’
[nõnˈdeʔ]	/nũti/	‘canoa’
[waˈkaʔ]	/waka/	‘água’
[yõŋˈgaʔ]	/yũka/	‘goiaba’

Barros (1987) diz não ter constatado nos dados a ocorrência de [ʒ̣], que seria o alofone sonoro de [ṣ̌]. Entretanto, considera a possibilidade de não ter identificado o fone [ʒ̣] por motivos de percepção auditiva.

Quanto à distribuição complementar apontada, a autora observa uma flutuação entre os alofones surdo e sonoro em contexto nasal. Tal flutuação provavelmente se deve a fatores de velocidade: "o alofone surdo costuma fazer parte da repetição de uma mesma expressão, por isso associamos a forma surda à velocidade mais lenta, nas expressões formadas por uma raiz lexical e nos casos de juntura de morfemas" (BARROS, 1987, p. 31):

[kə̃nˈdeʔ] ~ [kə̃nˈteʔ]	/kãti/	'arco'

Distribuição complementar semelhante a que ocorre com [p] e [b], foi verificada por Barros (1987) com os alofones [ts], [tθ] e [dz]. Como itens que apresentam [tθ], a autora fornece os exemplos **[aˈtθaʔ]**, 'macaxeira', e **[tθaˈtθaʔ]**, 'peixe', e com base nas transcrições fonéticas para esses itens, Barros (1987) aponta uma possível flutuação entre [tθ] e [ts]:

[aˈtθaʔ] ~ [aˈtsaʔ]	/atsa/	'macaxeira'
[tθaˈtθaʔ] ~ [tsaˈtsaʔ]	/tsatsa/	'peixe'

Essa pesquisadora considera que no Katukina há o fonema /ʔ/, constituído pelos fones [ʔ] e [h]. O último alofone ocorre em início de sílaba no começo de palavras. Quanto a [ʔ], Barros (1987) descreve sua ocorrência no início de sílaba inicial de palavra, no início de sílaba não inicial de palavra, no fim de sílaba não final de palavra e no fim de sílaba final de palavra, sendo, neste caso, esse som um travador silábico natural dos itens terminados por vogal oral. Assim, nessa última posição, o fone [ʔ] não é linguisticamente relevante. Esse fone também não é linguisticamente relevante no fim de sílaba não final de palavra, uma vez que, nessa posição, a presença ou ausência de [ʔ] oscila. Barros (1987) também identifica o fone [x] no Katukina.

No que diz respeito ao fone [ŋ], a autora o descreve ocorrendo no fim de sílaba não final de palavra e no fim de sílaba final de palavra. Para [ɲ], sua ocorrência no início de sílaba está condicionada à presença de /ĩ/, como se pode observar a seguir:

[vĩˈɲaˀ] /vĩna/ ‘abelha’

[vɨˈnaˀ] /vɨna/ ‘novo’

Barros (1987, p. 37) afirma que

> a nasalização vocálica em final de palavra pode-se dar de maneira semelhante à nasalização em meio de palavra. Isto é, o segmento vocálico e semivocálico é nasalizado, e a nasalização se desenvolve pela presença de uma consoante nasal: velar no caso de vogal baixa, e palatal nos casos de vogal ou semivogal alta.

Na análise de Barros (1987), dois fonemas do Katukina, /ɲ/ e /y/, podem ser realizados como [ɲ]. A semivogal palatal se realiza como [ɲ] quando esse fonema aparece junto a /ã/. O fonema /ɲ/ se realiza como [ɲ] por assimilação progressiva quando aparece depois de vogal alta nasalizada.

Em relação aos fones vocálicos, conforme Barros (1987, p. 22), “parece existir doze qualidades vocálicas relevantes em Katukína, que equivalem a seis sons orais e seis nasais”, como mostram os quadros que seguem:

Quadro 5 – Fones vocálicos orais em Barros (1987, p. 22)

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
Alto	i		ɨ			u
Médio	e					o
Baixo			a			

Quadro 6 – Fones vocálicos nasais em Barros (1987, p. 23)

	Anterior		Central		Posterior	
	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.	Não-Arred.	Arred.
Alto	ĩ		ɨ̃			ũ
Médio	ẽ		ə̃			õ

Para a pesquisadora, há no Katukina quatro fonemas vocálicos orais, / i, ɨ, a, u /, e quatro nasais, / ĩ, ɨ̃, ã, ũ /. A autora apresenta alguns questionamentos em relação à

representação dos fonemas vocálicos dessa língua pelos símbolos /i/ e /u/ e não pelos símbolos /e/ e /o/, sendo um dos argumentos o de que o fone [o] é mais frequente que o fone [u] no *corpus* utilizado por Barros (1987). Contudo, por analogia ao sistema nasal, em que os fones [ũ] e [ĩ] são mais frequentes e contam com possibilidades distribucionais mais amplas do que os fones [õ] e [ẽ], a autora reconhece como fonemas /i/ e /u/.

Sobre a existência de vogais nasais no Katukina, Barros (1987) argumenta que existem nessa língua oposições entre ditongos nasais e orais. Dentre os argumentos apresentados, a autora fornece também dois itens lexicais em que a oposição se deve à presença de uma vogal oral e de uma vogal nasal.

Oliveira (1985) descreve os seguintes fonemas consonantais para o Katukina:

Quadro 7 – Fonemas consonantais de acordo com Oliveira (1985, p. 2)

p	t			k	
m	n				
	ɾ				
β	s	ʃ	ʂ		h
	ts	tʃ			
w		y			

Oliveira (1985) considera que todas as consoantes surdas são realizadas como sonoras no Katukina quando precedidas de consoante nasal ou de vogal. Distribuição semelhante em relação ao contexto nasal foi descrita por missionários da Missão Novas Tribos (1975).

Oliveira (1985) aponta que o fonema /n/ é realizado como (ɲ) em contexto em que é precedido de /i/, sendo esse fonema pronunciado como (n) nos demais ambientes. Missionários da Missão Novas Tribos (1982b) também descrevem essa realização de /n/. Para a oposição encontrada entre os itens **[puˈnɜ̃]**, 'azul, verde', e **[puˈɲɜ̃]**, 'braço', Oliveira (1985) interpreta fonemicamente da seguinte forma:

(puˈnɜ̃) /punan/ 'azul, verde'

(puˈɲɜ̃) /puinan/ 'braço'

Assim, o autor não atribui ao fone (ɲ) a condição de fonema. Já o fone (h), que ocorre, segundo o estudioso, somente no início de palavra, é um fonema, o que Oliveira (1985) afirma com base em itens como:

(ho'noʔ)	/hunu/	'porco'
(o'noʔ)	/unu/	'lá'

Quanto ao fone [ʔ], esse não constitui um fonema na visão de Oliveira (1985). Tal fone ocorre em todo final de palavra terminada com um fone vocálico oral.

Em relação aos fonemas vocálicos do Katukina, esse autor apresenta o seguinte quadro:

Quadro 8 – Fonemas vocálicos de acordo com Oliveira (1985, p. 4)

i	ɨ	u
a		

Um dos fones vocálicos identificados pelo autor é (ɛ), que é "variante de (e) que ocorre quando seguida de (a), algumas vezes" (OLIVEIRA, 1985, p. 5).

Esse estudioso analisa os fones vocálicos nasais como variantes dos vocálicos orais que antecedem, numa mesma sílaba, uma consoante nasal. Isso porque o autor identificou fones consonantais nasais nessa posição e o fato de considerar a existência de uma consoante nasal que segue uma vogal oral não transgride a estrutura silábica do Katukina. Além disso, de acordo com Oliveira (1985, p. 6), nessa língua existe

> uma restrição de uso da oclusiva glotal quando em ambiente pós-nasal. Sabemos que fisicamente é possível a ocorrência da glotal após vogais nasais, o que não acontece seguindo consoantes nasais. Daí, concluímos que se pode propor a existência de uma consoante nasal seguindo as vogais em questão e justificando a não ocorrência da oclusiva glotal neste ambiente, em final de palavras.

Segundo Aguiar (1985), os fones e fonemas do Katukina são:

Quadro 9 – Fones para Aguiar (1985, p. 2)

p b	t d			k g			ʔ
m	n	ɲ					
	ɾ						
β	s z ʂ ʐ	ʃ ʒ					h
	ts	tʃ dʒ					
			y	w			
		i ĩ		ɨ ɨ̃		u ũ	
			e		o		
			ɜ̃				
				a			

Quadro 10 – Fonemas para Aguiar (1985, p. 3)

p	t				k	
m	n					
	ɾ					
β	s ʂ	ʃ				h
	ts	tʃ				
			y		w	
			i	ɨ	u	
				a		

Aguiar (1985) analisa que o fone [ʔ] ocorre na sílaba final de enunciados e o fonema /h/ ocorre no início deles. Os fonemas /y/ e /w/ foram analisados por essa autora como consonantais. Tais fonemas também foram assim analisados por missionários da Missão Novas Tribos (1977a, 1982c).

Aguiar (1985) descreve os fones [b], [g] e [dʒ] ocorrendo em ambiente nasal em sílaba tônica, enquanto os seus correspondentes surdos, [p], [k] e [tʃ], ocorrem nos demais ambientes. No caso de ambiente nasal e tônico, é permitida a ocorrência de [p] ou [b] e de [k] ou [g]. Os fones [d], [z], [ʐ] e [ʒ] também ocorrem em ambiente nasal e seus correspondentes surdos, [t], [s], [ʂ] e [ʃ], nos demais ambientes. Em relação ao fone [ɲ], esse aparece em sílaba nasal quando é antecedido de fone vocálico nasal, enquanto [n] ocorre nos demais ambientes.

Aguiar (1985) afirma que as vogais do Katukina são orais, sendo que aparecem foneticamente nasais, devido à nasalização que sofrem de uma consoante nasal, quando esta ocupa o final das sílabas. Aguiar (1994) propõe que os fones vocálicos nasais sejam interpretados como vogais orais seguidas do arquifonema **N**. Conforme essa estudiosa,

> em defesa da hipótese de que as vogais serão sempre orais, seguidas eventualmente de nasal, temos o dado [kaman] 'onça' que quando, no nível sintático, cumpre o papel de sujeito de uma oração transitiva se realiza como [kamanan]. Além disso, [...] na língua Chacobo, outra língua Pano, esse mesmo item lexical é [kamano]. Isso nos parece suficiente para garantir que não há vogais nasais. A nasalidade no katukina é ancorada no processo de degeneração da sílaba que essa língua sofreu com relação a outras línguas Pano. Podemos dizer que a nasalidade é apenas um vestígio histórico de que houve uma consoante nasal nessa posição. (AGUIAR, 1994, p. 81-82)

Ademais, Aguiar (2003) argumenta que não há vogais nasais no Katukina, uma vez que nessa língua não existe contaminação intersilábica e há autonomia nas sílabas. Assim, "se o núcleo de uma delas for foneticamente nasal, ele poderá ser interpretado fonologicamente como núcleo oral seguido de coda nasal sem ônus para a sílaba seguinte" (AGUIAR, 2003, p. 208).

Diferentemente de Aguiar (1985), os seguintes quadros para os fones e fonemas do Katukina são apresentados por Aguiar (1988), com alteração no que diz respeito à descrição feita por Aguiar (1985):

Quadro 11 – Fones consonantais em Aguiar (1988, p. 15)

Modo de Articulação / Ponto de Articulação		Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	surdas	p	t			k	ʔ
	sonoras	b	d			g	
Nasais	sonoras	m	n		ɲ		
Fricativas	surdas		s	ʂ	ʃ		h
	sonoras	β	z	ʐ	ʒ		
Africadas	surdas			ts	tʃ		
	sonoras				dʒ		
Aproximantes			ɾ		J	w	

Quadro 12 – Fones vocálicos em Aguiar (1988, p. 15)

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores Arredondadas
Alta	i ĩ	ɨ ɨ̃	u ũ
Média	e ẽ	ɜ̃	o õ
Baixa		a	

Quadro 13 – Fonemas consonantais em Aguiar (1988, p. 19)

Modo de Articulação / Ponto de Articulação	Labiais	Dentais	Retroflexas	Palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	p	t			k	
Nasais sonoras	m	n				
Fricativas	β	s	ʂ	ʃ		h
Africadas		ts		tʃ		
Aproximantes		ɾ		J	w	

Quadro 14 – Fonemas vocálicos em Aguiar (1988, p. 20)

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	i	ɨ	u
Baixas		a	

As principais diferenças desse último estudo, Aguiar (1988), em relação à Aguiar (1985) são: a identificação dos fones vocálicos nasais [ẽ] e [õ]; a descrição dos fones [b], [g] e [dʒ] aparecendo somente quando um segmento nasal os antecede; a ocorrência do fonema /h/ apenas no início de palavra; a ocorrência de [ʔ] somente na última sílaba de palavra terminada em vogal; e a descrição do fone [ɲ] aparecendo só quando a vogal anterior alta nasalizada o antecede. Como exemplo da ocorrência de [ɲ], Aguiar (1988) traz o seguinte item:

[puĩˈɲɜ̃] /puinan/ 'braço'

Aguiar (1994, p. 82) diz que **i** e **ɨ** "afetam a natureza da nasal posposta a eles, fazendo com que ela seja sempre uma nasal palatalizada [ɲ], mas, somente se esses segmentos - **i** e **ɨ** - forem nasais foneticamente e precederem um segmento também nasal na posição de onset".

Aguiar (1988, p. 19) justifica que [ʔ] não constitui um fonema no Katukina, porque ocorre automaticamente. Aguiar (1994) continua assumindo que [ʔ] não constitui um fonema. Contudo, afirma que "há outras possibilidades de interpretação da glotal" (AGUIAR, 1994, p. 73).

Em relação ao som [ɾ], Aguiar (1988) diz ter dúvidas se ele é mesmo aproximante ou tepe. Aguiar (1994) assume esse som como tepe, como se pode observar a seguir:

Quadro 15 – Fonemas de acordo com Aguiar (1994, p. 45)

Oclusivas	p	t	k
Africadas		ts tʃ	
Fricativas	β	s ʃ ʂ	h
Tepe		ɾ	
Nasais	m	n	
Aproximantes	w	y	
Vogais	i	ɨ	u
		a	

Para o Katukina, Aguiar (2003) descreve os seguintes fonemas:

Quadro 16 – Fonemas segundo Aguiar (2003, p. 195)

Oclusivas	p	t	k
Africadas		ts tʃ	
Fricativas	β	s ʃ ʂ	h
Tepe		ɾ	
Nasais	m	n	
Aproximantes	y	w	
Vogais	i	ɨ	u
		a	

Lanes (2005) também descreve os fones vocálicos do Katukina, fornecendo estes quadros:

Quadro 17 – Fones vocálicos orais conforme Lanes (2005, p. 122)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i	ɨ	u
	ɪ		ɤ ɷ
Médio		ə	
		ɐ	
Aberto		a	

Quadro 18 – Fones vocálicos nasais conforme Lanes (2005, p. 122)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	ĩ	ɨ̃	ũ
	ɪ̃		ʏ̃ ɷ̃
Médio			
Aberto		ɐ̃	

Já Falchi e Aguiar (2011) consideram que os fones e fonemas do Katukina são:

Quadro 19 – Fones consonantais em Falchi e Aguiar (2011, p. 4)

	Bilabial	Dental	Alveolar	Retroflexo	Alveopalatal	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
	Su So	Su So	Su So	Su So	Su So	Su So	Su So	Su So	Su
Oclusivo	p b	t̪ d̪			tʲ dʲ	c ɟ	k g	q ɢ	ʔ
Nasal	m	n̪	n			ɲ	ŋ		
Tepe			ɾ						
Africado			ts dz						
Fricativo	ɸ β		s z	ʂ ʐ	ʃ ʒ				h
Aproximante	w					j			

Quadro 20 – Fones vocálicos em Falchi e Aguiar (2011, p. 5)

	Anterior		Central		Posterior		
	Não-arredondado		Não-arredondado		Não-arredondado	Arredondado	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Oral	Nasal
Muito fechado	i	ĩ	ɨ			u	ũ
Fechado	ɪ	ɪ̃				ʊ	ʊ̃
Médio fechado	e	ẽ				o	õ
Médio			ə	ə̃			
Médio aberto	ɛ					ɔ	
Aberto			ɐ				
Muito aberto			a		ɑ		

Quadro 21 – Fonemas consonantais segundo Falchi e Aguiar (2011, p. 12)

	Bilabial		Dental		Alveolar		Retroflexo	Alveopalatal	Palatal	Velar
	Su	So	Su	So	Su	So	Su	Su	So	Su
Oclusivo	p		t					tʲ		k
Nasal		m		n					ɲ	
Tepe					ɾ					
Africado					ts					
Fricativo					s		ʂ	ʃ		
Aproximante		w							j	

Quadro 22 – Fonemas vocálicos segundo Falchi e Aguiar (2011, p. 12)

	Anterior	Central	Posterior
	Não-arredondado	Não-arredondado	Arredondado
	Oral	Oral	Oral
Muito fechado	i	ɨ	u
Muito aberto		a	

2 Sílaba

Em Falchi e Aguiar (2011) e em Falchi (2011), a estrutura silábica proposta para o Katukina foi (C)(C)V(C)(C). Somente esses dois estudos dentre os já feitos sobre a sílaba do Katukina e que tive acesso (PAULA, 1969; BARROS, 1987; OLIVEIRA, 1985; AGUIAR, 1985, 1988, 1994, 2003) apontam uma estrutura silábica para essa língua diferente de (C)V(C). Para a descrição apresentada em Aguiar (1985), afirmo isso com cautela, pois tal trabalho, que tive acesso através do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está com a escrita meio apagada no tópico que trata da sílaba do Katukina.

No que diz respeito à posição pós-vocálica, segundo Barros (1987), os fonemas fricativos e semivocálicos descritos pela autora preenchem a posição de travador silábico. Já de acordo com Oliveira (1985), a posição pós-vocálica é ocupada por nasais e fricativas identificadas pelo autor. Para Aguiar (1985), os fonemas que ocorrem nessa posição são /ʃ, y, w/. Já Aguiar (1988) descreve os fonemas /n, s, ʃ, ɟ/ e Aguiar (1994, 2003) os segmentos /s, ʃ, ʂ, ɾ, n, w, y/.

Em relação à posição pré-vocálica, Aguiar (1994, 2003) considera que /p, t, k, ts, tʃ, β, s, ʃ, ʂ, h, ɾ, m, n, w, y/ preenchem a posição de *onset*, isso é, todos os fonemas consonantais descritos nesses trabalhos.

Na posição de núcleo, conforme Aguiar (1994), todos os fonemas vocálicos identificados por essa estudiosa aparecem. Assim, essa posição é preenchida por /i, ɨ, a, u/.

3 Acento

Barros (1987) descreve que a maior parte das raízes nominais do Katukina é composta por duas sílabas com a última sílaba acentuada. Aguiar (1994) coloca que os itens lexicais padrão do Katukina são dissilábicos e oxítonos.

Conforme missionários da Missão Novas Tribos (1977a, p. 2), "a regra geral é que a sílaba tônica é a segunda sílaba da palavra". Como a maioria dos itens lexicais do Katukina é constituída por duas sílabas, possivelmente os missionários considerem como segunda sílaba da palavra a última sílaba.

Falchi e Aguiar (2011) analisam que há palavras com o acento na penúltima sílaba. Segundo o estudo de Barros (1987, p. 67), no Katukina, "as palavras com mais de duas sílabas podem trazer o acento na última, penúltima ou antepenúltima sílaba. [...] A tendência normal das palavras de três sílabas é de acento na última sílaba. Há exemplos, no entanto, de acento na penúltima e na antepenúltima sílabas". A autora observa também casos de oscilação na posição do acento. Barros (1987) atribui essa oscilação a fatores de velocidade e estilo. Oliveira (1985) observa que a corrente da fala pode fazer com que o acento não ocorra na última sílaba.

O autor também considera que o acento não é distintivo no Katukina. Todas as palavras dessa língua têm o acento na última sílaba quando isoladas. Anteriormente à análise que leva em consideração a corrente da fala, bem como processos morfológicos, Oliveira (1985) diz ter entendido o Katukina como tendo uma estrutura de três pés: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

Aguiar (1985, 1994, 2003) também diz que a sílaba tônica no Katukina ocorre no final da palavra. Aguiar (1985) identifica em suas transcrições apenas um item que não obedece a essa regra. Ademais, Aguiar (1988, p. 20) também afirma que "o acento de intensidade, ao nível de palavra, ocorre sistematicamente na última sílaba, de modo que, nesse nível, ele não tem capacidade distintiva".

Considerações Finais

Como se pode observar na exposição de descrições fonéticas e fonológicas do Katukina, os estudiosos interpretam as transcrições de uma língua, sendo essa uma das razões para a existência de divergências entre eles. Descrições linguísticas são também interpretações. Diante disso, cabe questionar o caráter científico das descrições. Uma interpretação pode ser científica?

É claro que a interpretação feita na descrição de uma língua se firma nos dados e nas teorias e é por meio dos dados e das teorias que a descrição é feita. Entretanto, se considerarmos que os dados são transcritos e que o melhor que podemos alcançar com as transcrições, como afirmam Duranti (1997) e Paiva (2003), contém imperfeições?

Assim, as descrições das línguas da maneira como vêm sendo feitas não são inteiramente científicas, pois alguns de seus métodos tradicionais, transcrever e interpretar, não são completamente científicos. A língua sim é um objeto científico, como bem observou Saussure (2012). Todavia, nem todos os nossos métodos alcançam o nosso objeto.

Referências

AGUIAR, Maria Suelí de. The Brazilian Panoan languages. In: WETZELS, Willem Leo (Ed.). *Language endangerment and endangered languages*: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area. Leiden: CNWS, 2007. p. 39-50.

_____. A nasalidade em Katukina e em outras línguas Pano. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 193-210, dez. 2003.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000076988>. Acesso em: 18 mar. 2011.

_____. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000036522>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Fonologia do Katukina*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).

BARROS, Luizete Guimarães. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. 1987. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000043970>. Acesso em: 18 mar. 2011.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Língua Katukina (Páno): alguns processos fonológicos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2012. p. 18-19. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_Colo%C3%8C_quio_2012.pdf?1336094173>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Fonêmica preliminar da língua Katukina (Páno). In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2011, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2011. p. 1-15. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FLAVIA_L.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2012.

FALCHI, Flávia Leonel. *Revisão fonêmica do Katukina Páno*. 2013. 70 f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. Estrutura silábica da língua Katukina (Páno). In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE LETRAS, 32., 2011, Goiânia. *Caderno de resumos*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 68. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_de_Resumos_ ENEL_-_COMPLETO.pdf?1330319329>. Acesso em: 28 jun. 2012.

GÓES, Paulo Roberto Homem de. *Infinito povoado*: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do alto Juruá. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=747>. Acesso em: 30 mar. 2011.

ISHY, Priscila Hanako. *Uma análise fonológica da língua Kaxarari (Pano)*. 2009. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português e Inglês) - Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2009. Disponível em: <http://www.unucseh.ueg.br/bibliotecaunucseh/acervo/monografias/graduacao/letras/ano/ano_2009/tcclet_analise_kaxarari_ishy_2009.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2011.

LANES, Elder José. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas*: as línguas Pano. 2005. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Edilene Coffaci de. *Katukina*: história e organização social de um grupo Pano do alto Juruá. 1994. 201 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

MISSÃO NOVAS TRIBOS. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1982a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1982b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1982c.

_____. *Katukina*: cartilha nº 4. Manaus, 1982d.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1977a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1977b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1975.

OCHS, Elinor. Transcription as theory. In: OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi B. (Eds.). *Developmental pragmatics*. Nova Iorque: Academic Press, 1979. p. 43-72.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-146.

PAULA, Ruth Wallace de Garcia. *Caderno Kaxuyâna (Karib); Katukina (Pano); Tiriyó (Karib)*. [S.l.], 1969 (manuscrito).

PIKE, Kenneth Lee. *Phonemics*: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

RIVET, Paul. Les Katukina: étude linguistique. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, Paris, t. 12, p. 83-89, 1920.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Thaïs Cristófaro. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FLÁVIA LEONEL FALCHI

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Cursou Bacharelado em Estudos Linguísticos por essa mesma universidade. CV: http://lattes.cnpq.br/2531569993797797. E-mail: flavialfalchi@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA
UEG PPG ielt

Primeira escrita alfabética e leitura da língua Noke Koin

First alphabetic writing and reading Noke Koin Language

Flávia Leonel Falchi*
** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ CAPES*

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar um estudo sobre a primeira escrita alfabética da língua Noke Koin, uma língua indígena Páno falada na Amazônia brasileira. A primeira escrita alfabética dessa língua foi elaborada pelos missionários protestantes pertencentes à organização estadunidense Missão Novas Tribos. Esses missionários, segundo Martins (2006), vão morar junto aos Noke Koin a partir de 1972. Como aponta Monte (1987), os missionários tinham para com esses índios o cruel objetivo de pregação. A Missão Novas Tribos passa a cuidar da educação escolar nas aldeias, elaborando cartilhas para serem usadas na escola. Nessas cartilhas, os missionários escrevem em conformidade com a escrita elaborada. Tendo-se em vista que não há nenhum registro que detalhe a primeira proposta de escrita alfabética para o Noke Koin, o presente trabalho tem a finalidade de descrever essa proposta a partir da escrita que se encontra nas cartilhas da Missão Novas Tribos, os primeiros materiais publicados que usam essa escrita. Assim, este trabalho trata dos grafemas empregados, da acentuação, do estabelecimento de espaços em branco, da pontuação e do uso de maiúsculas e minúsculas. Ademais, abordam-se aspectos da escrita proposta que dificultariam o letramento dos Noke Koin, bem como se trata do significado que a leitura e a escrita ganham entre os Noke Koin.

Palavras-chave: Família Páno. Noke Koin. Katukina. Escrita. Leitura. Missão Novas Tribos.

Abstract: This work aims to present a study on the first alphabetic writing system of the Noke Koin language, a Panoan indigenous language spoken in the Brazilian Amazon. The first alphabetic writing system of this language was elaborated by the protestant missionaries belonging to the North American New Tribes Mission. These missionaries, according to Martins (2006), went to live with the Noke Koin in 1972. As Monte (1987) points out, the missionaries had the cruel objective of preaching to these Indians. The New Tribes Mission started taking care of the school education in the villages, elaborating primers to be used in school. In these primers, the missionaries write according to the elaborated writing system. Considering that no record detailing the first proposal for alphabetic writing for the Noke Koin exists, this work aims to describe this proposal starting with the writing system in the New Tribes Mission primer, the first material published with this writing system. Thus, this work deals with the graphemes employed, accentuation, establishing blank spaces, punctuation and the use of upper case and lower case. Moreover, aspects of the proposed writing system are approached which would make the literacy of the Noke Koin difficult, as well as dealing with the significance that reading and writing gain among the Noke Koin.

Keywords: Panoan family. Noke Koin. Katukina. Writing. Reading. New Tribes Mission.

Introdução

O grupo indígena Noke Koin fala uma língua pertencente à família Páno, família formada por grupos indígenas que vivem no Brasil, no Peru e na Bolívia. No Brasil, os grupos Páno se encontram no Acre, no Amazonas e em Rondônia. Os Noke Koin vivem no Brasil, no estado do Acre, em duas terras indígenas na região do rio Juruá: Terra Indígena Rio Gregório e Terra Indígena Campinas/Katukina. Ambas as terras se localizam no município de Tarauacá.

Na literatura, os Noke Koin ficaram conhecidos pelos etnônimos Katukina e Vitxináwa. Contudo, recentemente esses índios assumem a denominação Noke Koin como nome do grupo.

A língua Noke Koin é falada por todo o grupo indígena. O português é usado apenas com não índios. Na aldeia, a língua empregada é a indígena. Mulheres e crianças apresentam dificuldades no domínio da língua portuguesa e apenas os homens adultos dominam a língua majoritária (LIMA, 2000a; MARTINS, 2006; AGUIAR, 2007; JARDIM, 2007; GÓES, 2009).

A primeira escrita alfabética da língua desse grupo foi elaborada pelos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), uma organização protestante estadunidense. Propostas posteriores de escrita alfabética para a língua foram feitas por Aguiar (1994b) e pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC).

Kato (1986, p. 139) define escrita como "sistema ortográfico, ideias codificadas na modalidade escrita". Morais (1996) traz a definição de ortografia como a convenção empregada numa língua. Uma escrita alfabética diz respeito, conforme Coulmas (1999), a um sistema em que a língua é registrada através de um conjunto de letras – signos elementares que constituem uma escrita baseada na fonética – ou por outro meio historicamente similar. O presente trabalho tem o objetivo de descrever esse sistema proposto pela Missão Novas Tribos para a língua Noke Koin, já que não foi divulgado nenhum material que detalhe a escrita elaborada. As explicações dos missionários acerca dessa escrita se restringem a uma pequena seção introdutória que aparece nas cartilhas escritas por eles para serem usadas na alfabetização dos Noke Koin. Essas cartilhas (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d) correspondem aos primeiros materiais publicados que fazem uso da primeira escrita alfabética da língua Noke Koin.

Para a realização do estudo, a escrita presente nessas cartilhas foi analisada a fim de ser aqui descrita. Nessa análise, a estrutura da língua Noke Koin foi também considerada com a finalidade de identificar aspectos da escrita que poderiam dificultar a leitura e a escrita para os indígenas. Para isso, são usadas para essa análise as descrições já realizadas pelos

estudiosos da língua Noke Koin: Rivet (1920), Rivet e Tastevin (1927, 1929), Paula (1969?), Oliveira (1985a, 1985b), Aguiar (1985, 1986, 1988, 1993a, 1993b, 1993c, 1994a, 1994b, 1995, 1996, 1997, 2001a, 2001b, 2002, 2003, 2011), Barros (1987), Lima (1997, 2000a), Lanes (2000, 2005), Abreu (2008), Falchi e Aguiar (2011, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b, 2017), Falchi (2011, 2012, 2013, 2015) e Barbosa (2012).

Neste trabalho, leitura é tida como "a transformação da representação sensorial de uma mensagem escrita na representação do seu sentido e da sua pronúncia, o que permite compreender a mensagem e dizê-la em voz alta" (MORAIS, 2013, p. 57).

O presente trabalho se organiza em seis seções. A seção que segue diz respeito à forma de atuação dos missionários entre o grupo Noke Koin. A seção 3 trata da escrita da língua Noke Koin propriamente dita. Essa seção se encontra subdividida em quatro outras: a primeira descreve os grafemas da escrita; a segunda, a acentuação; a penúltima, aborda os espaços em branco; e a última diz respeito à pontuação e ao emprego de maiúsculas e minúsculas.

Na seção 4, abordam-se as dificuldades para o letramento identificadas na escrita dos missionários. A seção que antecede as Considerações Finais trata dos significados do letramento na cultura Noke Koin. Segue, então, a seção 2 deste trabalho.

1 A atuação da Missão Novas Tribos no grupo Noke Koin

Monte (1987) assinala que os grupos indígenas do Acre e do Sudoeste do Amazonas viveram relações de dominação em sua história de educação escolar. Dentre as agências responsáveis por isso, estão as "Missões de Fé" a partir da década de 1960, principalmente a Missão Novas Tribos.

Os missionários americanos da Novas Tribos chegaram ao rio Gregório antes mesmo da demarcação da terra indígena na região. Monte (1987) diz que a Missão estabeleceu dois postos na área do rio Gregório, instalando também duas escolas: uma na aldeia dos Noke Koin e outra entre os Yawanawá, um grupo indígena de mesma família linguística.

A Missão Novas Tribos se estabelece entre os Noke Koin em 1972 (MARTINS, 2006). De acordo com Lima (2000b), os missionários passam, então, a morar no rio Gregório junto aos índios Noke Koin, ficando esses índios permanentemente expostos aos valores religiosos e morais dos missionários. Segundo Martins (2006), os missionários foram por um longo tempo a forma que os Noke Koin do Gregório tinham para conseguir mercadorias.

O autor diz que, no ano de 2001, os missionários se transferem da Terra Indígena Rio Gregório para a Terra Indígena Campinas/Katukina quando todos os Noke Koin do Gregório mudam para o Campinas por desavenças com os Yawanawá. Os missionários passam a morar, como afirma Góes (2009), numa área próxima à Terra Indígena Campinas/Katukina e não na própria terra indígena. Martins (2006) coloca que os cultos passam, então, a ser realizados nessa área indígena, além de atendimentos de saúde prestados pelos missionários.

Lima (2000b) traz que, até 1999, os índios da Terra Indígena Rio Gregório eram alfabetizados pelos missionários. Monte (1987, p. 13) ressalta que

> a escola dos missionários é inicialmente monolíngue. Utiliza cartilhas de alfabetização e livros de leituras nas diversas línguas dos grupos onde atuam. Esgotados os conteúdos didáticos destes materiais, que não vão além da apresentação das palavras geradoras e das famílias silábicas destas línguas, agrupadas em frases ou em textos bíblicos e/ou hinos traduzidos, a escola faz brusca passagem para a língua portuguesa. Adotam então o programa oficial da Secretaria de Educação Municipal, submetendo suas turmas ao mesmo sistema de ensino/aprendizagem: desde a seriação das turmas, até o calendário e a forma de avaliação dos conteúdos [...].

Lima (2000b) aponta, na época, que todos os serviços de saúde da Terra Indígena Rio Gregório são oferecidos pela Missão Novas Tribos. Os missionários realizam, nessa terra indígena, atendimentos duas vezes ao dia – no início da manhã e no fim da tarde – e atendem casos de emergência fora desses horários. Em casos graves, os missionários chegam a transportar por avião os índios à cidade mais próxima. Para os serviços prestados na educação, a Missão Novas Tribos construiu uma escola na Terra Indígena Rio Gregório, onde as aulas eram ministradas. O espaço também serve para as atividades de catequização das crianças. De acordo com Monte (1987, p. 13),

> a escola dos missionários é um dos mecanismos usados para legitimar sua presença nas áreas, conquistando a confiança dos grupos, dominando-lhes a língua e devolvendo-a escrita, com o objetivo de "salvar-lhes as almas". A língua do grupo escrita, é, pois, oferecida "em escambo" aos próprios falantes, como símbolo do poder/saber dos missionários, que, em troca, pedem-lhes o abandono de suas crenças e a adoção da religião evangélica.

Para a conversão, como é de praxe, era necessário que houvesse uma tradução da Bíblia para a língua indígena, estando aí a necessidade por parte do missionário de que a língua indígena tivesse uma escrita.

Na cultura do grupo indígena Noke Koin, o conhecimento provém das *rono yuxin*, que são os espíritos das cobras grandes da floresta, cobras como a jiboia e a sucuri (GÓES, 2007). Segundo Lima (2000a), a religião tradicional dos Noke Koin tem como base os espíritos dessas cobras. Como coloca um índio Noke Koin: "foi cobra (*rono yuxin*) que ensina tudo, ensina reza, ensina virar pajé, ensina as plantas que a cobra plantou"[1]. O conhecimento é, pois, detido pelas rono yuxin e somente transmitido aos Noke Koin.

Falchi e Aguiar (2017) estabelecem que as rono yuxin ocupariam na cultura Noke Koin posição similar à ocupada por Deus para o missionário. A Missão Novas Tribos tentou impor Deus aos Noke Koin, buscando os converter ao protestantismo e desrespeitando sua cultura indígena.

Apesar do objetivo de pregação, os missionários têm o mérito de terem elaborado a primeira escrita alfabética da língua Noke Koin, escrita que passa a ser detalhada na seção que segue.

2 A escrita da língua Noke Koin elaborada pela Missão Novas Tribos

De acordo com Corbera (1997, p. 24), na elaboração de escritas de línguas indígenas, "como princípios científicos são considerados os fatores de tipo linguístico, pedagógico, psicolinguístico e prático; já as variáveis externas que intervêm na elaboração dos sistemas ortográficos são tratadas como fatores extralinguísticos".

O autor assinala que critérios sistemáticos da teoria linguística devem fundamentar a elaboração da escrita. A elaboração deve fazer uso de descrições acerca da fonologia, da gramática e do léxico da língua indígena.

Corbera (1997, p. 25) explica que, na elaboração de escrita para línguas indígenas, "as grafias selecionadas devem representar os fonemas da língua; as variações alofônicas e de registro não são representadas". A seguir, na seção 3.1, trata-se do estabelecimento dos grafemas pela Missão Novas Tribos, estabelecimento que tomou como base a fonologia da língua. Nas seções que seguem a próxima, outros aspectos da escrita dos missionários são abordados: a seção 3.2 trata da acentuação e as que seguem esta abordam o emprego de

[1] Trecho retirado de Góes (2007).

espaços em branco, pontuação e uso de maiúsculas e minúsculas na escrita elaborada pelos missionários.

2.1 Grafemas

Para o estabelecimento dos grafemas, a Missão Novas Tribos teve de inicialmente elaborar um estudo fonológico da língua Noke Koin. Todavia, o estudo fonológico realizado pelos missionários não foi divulgado até então. Os missionários podem ter sido os primeiros a descrever a língua Noke Koin se o ano do trabalho fonológico de Paula (1969?) estiver equivocado. Isso porque se considera, no presente trabalho, o ano de 1969 como sendo o ano do manuscrito dessa autora, mas há dúvidas quanto à data desse trabalho, já que nele consta o ano de 1976 escrito na parte destinada à língua Noke Koin. Entretanto, como ainda não se encontra definida qual realmente é a data do material de Paula, que é um caderno à mão acerca de diferentes línguas indígenas, optou-se por considerar no presente trabalho o ano que consta para o manuscrito no cadastro do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lugar em que o estudo de Paula foi encontrado.

Acerca do estabelecimento dos grafemas, Corbera (1997, p. 28) coloca que "casos de nacionalismos dos governos oficiais, e também por parte das pessoas leigas, entram, muitas vezes, em confronto com os critérios estritamente linguísticos no desenvolvimento de uma escrita". Como exemplo, o autor aponta a afirmação frequentemente feita por pessoas alheias à Linguística de que a escrita estabelecida para as línguas indígenas é semelhante à escrita da língua inglesa. Assim, por exemplo, a presença de <ng> na escrita de uma língua indígena para a nasal velar e dos grafemas <w> e <y> é interpretada como uma procura por parte do linguista em estabelecer uma escrita que pareça o inglês. No caso da escrita elaborada pela Missão Novas Tribos para a língua Noke Koin, pode ser que a presença de grafemas como <w> e <y> se deva ao lugar de origem dos missionários, os Estados Unidos da América. Talvez esses missionários tenham tomado como base da formulação da escrita Noke Koin a escrita do inglês, diferentemente do que aponta Rosa (2013) para o trabalho dos jesuítas no Brasil no final do século XVII, em que a escrita do português foi tomada como base.

A partir da pesquisa sobre a língua Noke Koin realizada pela Missão, foi estabelecido um alfabeto composto por 16 letras:

a
e
h
i
k
m
n
o
p
r
s
t
v
w
y
’

As cartilhas da Missão, como já mencionado, apresentam uma parte inicial onde há uma breve explicação a respeito da escrita elaborada. Na seção assim destinada na cartilha, os missionários apresentam o alfabeto, buscando explicar também o som correspondente a cada uma das letras. Toda essa seção aparece escrita em português, visto que, como já foi dito, os missionários objetivavam, de acordo com Monte (1987), alfabetizar na língua indígena e, em seguida, ensinar a língua portuguesa aos índios. Dessa forma, nas cartilhas analisadas no presente trabalho, há escrita em Noke Koin e em português.

Os missionários procuram, através dos sons das letras do alfabeto português ou francês, explicar o som que cada letra do alfabeto indígena tomaria. Tendo-se em vista isso, afirmam nas cartilhas que “a maior parte tem o mesmo valor que em português [...]” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d, p. 2-3). Na sequência, apresentam as letras que não são pronunciadas tal como em português.

Segundo eles, o grafema <e> do Noke Koin é pronunciado “quase fechado, como o eu francês, mas com os lábios retraídos” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, 1982b, 1982c, 1982d, p. 2). Trata-se da vogal central, muito fechada e não arredondada.

No que diz respeito à letra <h>, esta também não segue o português, sendo “uma aspiração quase imperceptível” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2), “é a fricativa glotal surda. É semelhante ao rr e ao r inicial das palavras em certas regiões do Brasil. É uma fricativa lenta [...]” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2). Assim, essa letra teria o som de [h] no Alfabeto Fonético Internacional.

Quanto a <'>, esta equivale também a uma glotal, como apontam os missionários. É uma consoante que corresponde à oclusiva glotal surda, não havendo na língua portuguesa um som parecido. Parte das descrições do Noke Koin já realizadas não assume essa glotal como um fonema da língua, sendo apenas um fone consonantal. As dificuldades no estabelecimento dos fones e fonemas do Noke Koin ainda é um problema atual, como mostra Falchi (2013). Diferentes pesquisadores já ingressaram nessa tarefa, havendo divergências entre eles.

A letra <v>, afirmam os missionários para a escrita indígena: "é uma fricativa bilabial sonora. É semelhante ao v do português, mas pronunciado com os dois lábios" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2). Em cartilhas anteriores (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b), a escrita de [β] se dava com <b> e não com o grafema <v>.

Quanto à letra <r> do Noke Koin, os missionários afirmam que, mesmo quando se encontra no começo de uma palavra, ela corresponde ao som do <r> intervocálico do português. Em cartilha um pouco mais recente (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982b, 1982c, p. 2), os missionários assumem que "equivale ao r intervocálico do português exceto quando segue o i contínuo, sendo seguido por qualquer vogal menos i. Neste caso torna-se a fricativa alveo-palatal sonora (ž)[2], ou a semi-vogal palatal sonora (y)". Nenhum dos demais estudiosos do Noke Koin descrevem alofones para /ɾ/. Na escrita, o grafema <s> diz respeito ao <ss> da língua portuguesa.

Dentre as exceções em relação aos sons das letras do português, os missionários incluem também o grafema <a> do Noke Koin. Conforme eles, é sempre pronunciado como o <a> na palavra *pato*, o que poderia ser questionado com base nas outras descrições da língua Noke Koin já realizadas acerca do acento – como Oliveira (1985a), Aguiar (1985, 1994b) e Barros (1987). Somando-se a essas descrições, há a própria afirmação da Missão Novas Tribos (1977a, 1982a) sobre a sílaba tônica do Noke Koin. Nas cartilhas, os missionários assumem que há apenas uma sílaba tônica na palavra, como é esperado na teoria linguística que haja apenas um acento primário. No Noke Koin, nem sempre a vogal /a/ terá o som de uma vogal tônica, uma vez que, de acordo com Falchi e Aguiar (2011), a vogal /a/ pode ocorrer em posição anterior ou posterior à tônica, bem como contiguamente a /w/, numa mesma sílaba.

A letra <k>, segundo a proposta de escrita da língua (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2), "equivale sempre ao c e qu do português". Em proposta presente em cartilha anterior (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975a, 1975b), a escrita se dava com <qu>

2 Os parênteses são usados nessa época para a representação de fones.

para <i> e <e> e com <c> para as demais vogais.

Os missionários analisam [w] como um fonema consonantal. Para <w>, colocam: "semi-vogal labial sonora. Equivale ao u do português nas palavras e expressões como guarda, uáu [sic] e ué, mas funciona como consoante" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 3). Quanto a [y], colocam: "semi-vogal alveopalatal sonora. Corresponde ao i do português nas palavras como ioiô e ieiê, mas funciona como consoante" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 3).

A Missão Novas Tribos (1977a, 1977b) descreve que <o> é pronunciado apenas como [o]. Na época, os missionários não identificam, portanto, na língua [u] e os demais alofones que compõem junto ao fone [o] um único fonema, tendo sido o fone [u] descrito em Paula (1969?), bem como em trabalhos de estudiosos que sucedem o dessa autora. Contudo, em cartilhas um pouco mais recentes (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982a, 1982b, 1982c, p. 2), os missionários apontam que a letra <o> "equivale ao o fechado em português, mas há uma flutuação em certos ambientes ao u, mas não como no português mesmo". O que de fato determina todos os alofones desse grafema ainda não foi descrito pelos estudiosos do Noke Koin. Porém, como já era esperado, sabe-se que a tonicidade da sílaba é responsável pela variação entre [u] ~ [ʊ], como analisam Falchi e Aguiar (2011) para essa língua.

Além das letras anteriormente expostas, os missionários estabelecem dígrafos para designar sons da língua. Dentre esses dígrafos, encontram-se <ch> e <nh>, que equivalem aos mesmos sons do português. Inicialmente, a fricativa alveopalatal foi escrita por <x>. O dígrafo <nh> deixou de ser usado nas últimas cartilhas publicadas. Isso porque, segundo os missionários, o grafema <n> "equivale ao n do português exceto quando segue o i contíguo, sendo seguido por qualquer vogal menos i em qual caso torna-se o nh do português. Devido à fonologia de katukina esta diferença não é escrita"[3] (Missão Novas Tribos, 1982b, p. 3).

Como dígrafo, além de <ch>, há <tx>, que os missionários não listam como um dígrafo ausente na grafia do português. O dígrafo <tx> é usado pelos missionários para a africada alveopalatal. Para a caracterização do som dessa africada, os missionários dizem que muitos brasileiros a usam na palavra *tia* do português e no <tch> da palavra *tcheco*. Outro dígrafo da escrita da Missão Novas Tribos é <sh>, que como descrevem os missionários, "é um ch com a ponta da língua elevada para trás" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, p. 2). Tal som corresponde à consoante fricativa retroflexa da língua. Ademais, é listado como dígrafo <ts>, que também é uma africada, a alveolar.

Para os missionários, os alofones dos fonemas consonantais no Noke Koin são

3 Nota-se neste trecho o português escrito como L2 dos missionários estadunidenses. Como as aulas eram dadas pelos missionários, observa-se que esses ocupavam sempre a posição de professores de uma L2, seja o português, seja o Noke Koin.

dependentes de haver ou não uma nasal antecedendo esses fonemas. Se há um contexto nasal, os alofones consonantais realizados serão sonoros. Caso contrário, serão surdos:

> Se um [sic] vogal é nasalada, o [sic] seguinte consoante muda-se.
> Quando um [sic] vogal nazalado [sic] procegue [sic] um "p", o "p" muda-se para um "b", não fricativo.
> Quando for um "t", muda-se para o som "d".
> Quando for um "c", muda-se para o som "g". (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975b, p. 1)

Se a escrita missionária do Noke Koin estabelecesse uma relação biunívoca que incluísse todos os fonemas em seu conjunto de grafemas, o inventário fonológico proposto pelos missionários poderia ser aqui reconstituído. Esse inventário contaria com 20 fonemas, sendo 16 consonantais e 4 vocálicos. Os supostos quadros vocálico e consonantal da descrição fonológica da língua Noke Koin feita pela Missão Novas Tribos ficam, então, como a seguir:

Quadro 1 - Possíveis vogais do Noke Koin descritas pela Missão

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
MUITO FECHADA	i	ɨ	o
MUITO ABERTA		a	

Quadro 2 - Possíveis consoantes do Noke Koin descritas pela Missão

	BILABIAL	DENTAL	ALVEOLAR	RETROFLE-XA	ALVEOPAL A-TAL	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCLUSIVA	p	t					k	ʔ
NASAL	m	n						
TEPE			ɾ					
AFRICADA	ꞵ		ts		tʃ			
FRICATIVA			s	ʂ	ʃ			h
APROXIMANTE	w					j		

De acordo com Corbera (1997), o estabelecimento de relações biunívocas entre fonemas e grafemas na elaboração de escritas para línguas indígenas não deve ser tomado como o princípio mais relevante. Mais importante é que a escrita proposta tenha sido elaborada em conformidade com uma dada língua indígena, codificando-a adequadamente segundo as características desta.

Ademais, Corbera (1997) aponta que nas escritas de línguas indígenas não há uma atenção devida aos empréstimos. Esses devem ganhar uma grafia com base na língua indígena. Nas cartilhas Noke Koin, os empréstimos foram encontrados sem adaptação para a língua indígena. Corbera (1997, p. 31), para as línguas indígenas em geral, ressalta que

> os textos de leitura elaborados para os alunos das escolas indígenas apresentam muita assistematicidade na representação dos empréstimos. Se o objetivo é revalorizar a língua indígena, a escrita dos empréstimos deve seguir a fonética e a ortografia que lhe sejam próprias.

2.2 Acentuação

O inventário de fonemas acima estabelecido poderia ser duplicado no que se refere às vogais. Há autores, como Aguiar (1994b), que consideram que no Noke Koin não há vogais nasais, mas vogais que foneticamente foram nasalizadas por antecederem contiguamente um arquifonema nasal, semelhantemente ao que propõe Camara Júnior (2008) para o português. Também há autores, a exemplo de Barros (1987), que consideram que o Noke Koin possui vogais nasais de fato. Na escrita da Missão, há palavras com <n>, como se houvesse um fonema consonantal em coda nasalizando a vogal que o antecede; e há vogais que recebem um til, como se tivessem sido interpretadas como vogais verdadeiramente nasais. Assim, a escrita da Missão ora é feita com til, ora tem a representação de que as vogais não sejam nasais, mas nasalizadas por um arquifonema.

Os missionários afirmam que "a regra geral é que a sílaba tônica é a segunda sílaba da palavra" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b, 1982a, p. 2; 1982b, 1982c, p. 3), "o acento da palavra é sempre no [sic] segundo [sic] vogal" (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1975b, p. 1). Para Aguiar (1988), o acento da língua Noke Koin aparece sistematicamente na última sílaba da palavra, não tendo capacidade distintiva e não sendo, portanto, fonológico. De acordo com Aguiar (1994b), a maioria das palavras do Noke Koin apresenta duas sílabas. Falchi (2015, p. 49), com base nessa autora, define palavra na língua Noke Koin como

> uma sequência de sons que possui duas sílabas e acento oxítono, podendo apresentar itens afixais que lhe acrescentam uma sílaba cada e podendo também, no caso de palavras compostas, toda essa estrutura ser repetida por quantas vezes for o número de raízes, sendo o acento principal sempre na última sílaba.

Tendo-se em vista isso, provavelmente os missionários consideram como segunda sílaba da palavra a última sílaba, lugar em que o acento ocorre nessa língua indígena. Como o acento não é fonológico, as palavras do Noke Koin não recebem acento na escrita formulada pelos missionários. Aparece como exceção o til no caso da nasalidade, mas ele não é usado para marcar tonicidade da língua. Exceto o til, a escrita elaborada pelos missionários não apresenta, desse modo, acento gráfico.

2.3 Espaço

Os espaços em branco no Noke Koin são colocados na escrita dos missionários entre os morfemas livres da língua. Dessa forma, não são colocados espaços quando diz respeito a um morfema preso.

Quando o grafema <’> se encontra no final de palavras, o espaço em branco é suprimido. O espaço também é eliminado quando há o processo fonológico de sândi que ocorre entre os morfemas de tempo, que não são presos na língua (ver AGUIAR, 1994b; FALCHI, 2015), e a palavra que os antecede na sentença.

Corbera (1997) aponta ser problemática a ortografia de palavras compostas na elaboração de uma escrita para as línguas indígenas, uma vez que a noção de composto está ligada à lexicalização do significado. Na escrita elaborada pela Missão Novas Tribos, as palavras compostas são escritas sem espaço entre as raízes ou com espaço entre elas.

2.4 Pontuação, maiúsculas e minúsculas

A vírgula foi empregada nas cartilhas para advérbio e separação de orações coordenadas. Quanto ao seu emprego em sequências de nomes como “mamão, macaxeira, pupunha e cará”, que em Noke Koin é escrita como “shõpanõ, atsanõ, wanĩnõ, po’ano’ã” (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1982c, p. 27 e 37), a vírgula é empregada até mesmo para o último nome. Porém, sequência como essa pode ser encontrada no material das Novas Tribos sem o emprego de vírgula. Vale observar que a escrita e a leitura do Noke Koin são feitas da

esquerda para a direita.

O ponto final é usado tanto para sentenças declarativas, quanto para negativas. Há o emprego também do ponto de exclamação. Além dessa pontuação, há o ponto de interrogação nas sentenças interrogativas.

Como descrevem Oliveira (1985b), Aguiar (1988, 1994b) e Falchi e Aguiar (2013b), a língua Noke Koin possui as sentenças interrogativas expressas morfossintaticamente, isso é, há um morfema na língua responsável por essas sentenças. Esse morfema corresponde ao clítico **=ra**.

A escrita elaborada pela Missão Novas Tribos acaba sendo redundante no emprego do ponto de interrogação, uma vez que a presença do clítico na sentença já designaria que se trata de uma interrogativa. O ponto de interrogação na escrita do Noke Koin tem a função de marcar o término da sentença, da mesma forma que o ponto final e de exclamação. Assim, a pontuação na escrita da Missão Novas Tribos tem função sintática.

As letras iniciais de sentenças não recebem necessariamente caixa alta, podendo ser escritas com letra minúscula. Isso se torna possível devido ao emprego do ponto final, de exclamação e de interrogação no final da sentença. Através dessa pontuação, o término da sentença já aparece marcado, não havendo necessidade de uma dupla marcação de limite sentencial com maiúsculas. Ademais, os nomes próprios podem ser escritos com a inicial maiúscula ou minúscula.

A seção a seguir trata das dificuldades que a opção de escrever os nomes próprios com inicial minúscula imporia ao letramento dos indígenas Noke Koin, bem como aborda outras dificuldades para a escrita e leitura causadas pelas decisões tomadas pelos missionários para a escrita da língua indígena.

3 Aspectos da escrita da Missão Novas Tribos que dificultariam o letramento

Segundo Kato (1986, p. 140), letramento diz respeito ao "processo ou efeito da aprendizagem da leitura e da escritura", sendo escritura entendida pela autora como "ação/processo de escrever palavras, sentenças, textos".

Considerando-se as características da escrita da língua Noke Koin anteriormente expostas, observa-se que o uso dos dígrafos <nh> e <sh> poderia trazer dificuldades para a leitura. O dígrafo <nh>, no entanto, como já mencionado, deixou de ser usado na escrita presente nas últimas cartilhas.

Como foi exposto na seção 3, as letras <n>, <s> e <h> existem na escrita da língua para outros sons que não os do dígrafo. Os fonemas correspondentes a <n> e <s> podem ser coda de sílaba nessa língua, como apontam, por exemplo, as descrições de Oliveira (1985a) e Aguiar (1988). Como esses fonemas podem ocupar a posição de coda, as letras <n> e <s> podem ser lidas, por equívoco, como ocupando essa posição em contextos em que, na verdade, são dígrafos com <h>. O grafema <h> seria, então, lido como sendo o fonema /h/ da língua. Isso ocorreria porque a língua Noke Koin apresenta quatro tipos silábicos: V, CV, VC e CVC; sendo a estrutura silábica (C)V(C), isso é, consoante - vogal - consoante[4]. Através dessa estrutura silábica, facilmente o dígrafo <nh> poderia ser erroneamente lido como coda da sílaba anterior numa palavra, pois se a sílaba anterior dessa palavra não apresentar coda, <n> seguirá na escrita obrigatoriamente uma vogal, que poderá ser tomada equivocadamente pelo leitor como um fone vocálico nasal.

O Noke Koin, todavia, apresenta em sua estrutura linguística uma regra fonológica que amenizaria a leitura de <nh> e <sh> ocorrer como coda. De acordo com Paula (1969?), /h/ só ocorre na língua no início de palavra. Dessa forma, a presença de <nh> e <sh> numa palavra seria menos facilmente confundida se <h> aparecer somente em posição inicial na palavra.

Tal dificuldade com dígrafos não aconteceria para <ch>, <ts> e <tx>. No caso de <ch>, isso se deve ao fato de <c> não ter permanecido na escrita como uma letra independente. Para os dois últimos dígrafos, a questão de não haver dificuldade na leitura está no fato de <t> jamais ocupar a posição de coda na língua Noke Koin, como descrevem todos os autores que trataram dos fonemas em coda nessa língua (ver OLIVEIRA, 1985a; AGUIAR 1985, 1988, 1994b, 2003; BARROS, 1987; FALCHI, AGUIAR, 2011; FALCHI, 2011, 2013).

Outro aspecto da escrita da Missão Novas Tribos que dificultaria o letramento é a falta de uniformidade quanto ao emprego do til ou do <n> no caso de fones vocálicos nasais. Nas primeiras cartilhas publicadas, a escrita é feita com emprego do til. Porém, nas cartilhas publicadas posteriormente (MISSÃO NOVAS TRIBOS, 1977a, 1977b), usa-se <n> para fones vocálicos nasais, proposta que é novamente alterada nas últimas cartilhas publicadas, sendo feita a adoção do til.

Quanto à possibilidade de escrita de nomes próprios com a inicial minúscula, deve-se considerar que, para os nomes próprios de pessoa, Lima (1997, p. 11) explica que, no sistema onomástico Noke Koin, "há nomes masculinos e femininos. Alguns deles referem-se a animais, plantas, fenômenos naturais e qualidades. Assim, para citar alguns exemplos, Shere significa periquito, Mani é banana, Kana é relâmpago e Koro é roxo". Desse modo, o

[4] Sobre sílaba no Noke Koin, ver Aguiar (1994b).

sentido durante a leitura necessitará ainda mais do contexto para que um antropônimo não seja tomado como tal pela ausência de maiúscula. Para Morais (1996, p. 77),

> as complexidades da ortografia são certamente uma fonte de dificuldade para a criança que aprende a ler. Entretanto, elas não são uma razão maior de fracasso. Muitas crianças fracassam mesmo quando as palavras escritas estão em correspondência simples com os fonemas da língua, e distúrbios da leitura são observados mesmo em línguas que têm uma ortografia quase inteiramente regular. A razão principal de fracasso parece ser [...] a dificuldade para a criança da descoberta do fonema, chave da compreensão do princípio alfabético.

A seção que segue aborda acerca da leitura e da escrita em relação à cultura Noke Koin, buscando entender o significado dado por esses índios ao letramento.

4 O significado entre os Noke Koin da leitura e da escrita

Melià (1989, p. 10) coloca que a escrita pode ser vista pelos grupos indígenas de diversas formas:

> a escrita como curiosidade, como jogo e divertimento; a escrita pela escrita; a escrita como pintura; a escrita como competência no uso de um recurso de branco, todas essas são experiências bastante comuns para quem participou do processo de introdução da escrita em uma sociedade indígena.

Pelo contato, os Noke Koin conheceram a escrita alfabética e, a partir dessa experiência, deram nome a esse universo. À "arte" de ler denominaram **kini-vana-kin**[5].

Vana, como expõe Aguiar (1994b), corresponde a "idioma", "história". A linguista hipotetiza que **vana** tenha surgido da palavra para boca, **ana**. Desse modo, **v-** seria um prefixo para a formação de palavras na língua. Outra tradução para **vana**, segundo Lima (2000a), é "palavra".

5 Verbo da língua Noke Koin retirado do glossário bilíngue que consta em Aguiar (1994b).

Quando próximo a morfemas temporais como **ai**, **vana** corresponde a um verbo, "falar"[6], assim como propõe Aguiar (1994b). Como descreve a autora, no Noke Koin, as palavras assumem determinada classe por sua posição sintática, podendo ser nome ou verbo conforme o lugar em que ocupam na sentença. O morfema *-kin* em *kini-vana-kin* assume função parecida ao morfema *ai*. Assim, *vana* em *kini-vana-kin* corresponde ao verbo "falar".

Na língua Noke Koin, "ler" seria, então, literalmente "falar kini", já que nessa língua, como descrevem Oliveira (1985b), Barros (1987), Aguiar (1988, 1994b) e Falchi e Aguiar (2013b), a estrutura padrão é SVO. O objeto antecede o verbo, portanto.[7]

Kini é, conforme Bambirra (2012), a arte gráfica dos Noke Koin em utensílios domésticos, pinturas corporais, havendo pinturas específicas para homens e mulheres. Buscou-se um cognato para *kini* entre os Huni Kuin, um grupo Páno. Entre eles, como expõe Lagrou (1992), *kene* são desenhos que apresentam linhas labirínticas e geométricas, com padrão equilibrado e refinado, feitos apenas pelas índias.

> "Ler" seria, para os Noke Koin, falar o desenho, transformar as linhas do desenho em fala. Para além de ser identificada como uma pintura, Melià (1989, p. 11) afirma que, nas aldeias de grupos indígenas, a magia da escrita se burocratiza quando ela entra na escola, e a escola é quase sempre o espaço do Estado e das instituições que o representam. O lugar físico, social e político que tem a escola na aldeia confunde-se facilmente com o lugar que ocupa o Estado nesse povo.

Lima (2000a) identifica entre muitos Noke Koin a noção de que a escola é algo do não índio, algo exterior ao grupo indígena e de que é tomada como um lugar de conhecimentos não indígenas, onde apenas devem ser ensinadas "coisas de branco". Segundo Lima (2000a, p. 30), a existência da

> dificuldade, sobretudo das mulheres e crianças, de interagirem em português sempre é destacada pelos próprios Katukina e fundamenta uma certa insatisfação com a adoção do ensino bilíngue nas escolas. O fato de os professores ensinarem também a língua nativa desagrada aos pais de algumas crianças e causa debates em reuniões sobre o

[6] Dado também retirado do glossário de Aguiar (1994b).

[7] Outras palavras desse tipo foram expostas por Falchi (2015) e estão em harmonia com a proposta da Morfologia Distribuída. Ademais, Basilio (2007, p. 34) traz que "a composição é um processo de formação de palavras que utiliza fragmentos de estruturas sintáticas para fins lexicais".

> funcionamento da escola na aldeia do rio Campinas. Muitos prefeririam ver os professores iniciarem seus filhos apenas ao aprendizado do português. A língua nativa eles próprios se encarregariam de ensinar. Na escola residem os saberes exteriores – essenciais nos dias de hoje –, vindo do mundo dos brancos, o que sustenta a ideia de que nela deveria ser veiculada exclusivamente a língua falada pelos brancos.

Aguiar (1994b) aponta que saber português e o conhecimento de outros valores pertencentes à cultura não índia poderia amenizar para os indígenas a manutenção do que sempre ocorreu na história de contato entre índios e não índios: a exploração do índio. O domínio desses saberes poderia mudar os rumos do que historicamente sempre aconteceu.

Os Noke Koin conferiram ao letramento em português um poder que alterou a própria estrutura política do grupo: o poder político deixou de estar com os antigos caciques ou mesmo com os xamãs e passou a se concentrar nas mãos de lideranças indígenas letradas no português, como os professores indígenas (MARTINS, 2006). Observa-se, portanto, que o letramento na língua do não índio alterou a própria dinâmica interna do grupo, gerando mudanças culturais entre os Noke Koin. Aguiar (1994b) aponta que a parcela bilíngue tinha no grupo a função de serem intermediários entre este e a sociedade nacional.

Práticas de leitura e escrita assumem gradativamente maior relevância dentro das aldeias Noke Koin. Melià (1989, p. 11) assinala que nos grupos indígenas

> o desejo de alfabetização mal disfarça em muitos casos a vontade de possuir uma escola. Jogo perigoso, pois o espaço da aldeia acaba por ser invadido por uma realidade que logo reclama para si o status de uma verdadeira instituição. As consequências da instalação de uma escola precipitam-se como uma cachoeira de inúmeras quedas: escolha do lugar da escola, eleição de monitores e professores, estabelecimento de horários, às vezes separação por sexos... O funcionamento da escola é que estatiza, ou pelo menos condiciona o pensamento e a organização indígena, previamente e além do ensino da própria alfabetização.
>
> Mesmo quando houve experiências de alfabetização por meios informais – mães alfabetizadas que alfabetizam os próprios filhos em casa ou rapazes que brincam de escrever no chão de areia... –, as exigências técnicas da alfabetização parecem conduzir ao interior da escola formal quase necessariamente.

Todavia, de acordo com Pimentel da Silva (2016, p. 56), "a escola é lugar excelente

para motivar a produção escrita em línguas indígenas desde que esteja inserida em políticas de valorização cultural". A autora aponta que as línguas indígenas, ao serem usadas na escola como línguas de conhecimento e não somente como recurso pedagógico de tradução, passam a ter maior prestígio dentro do grupo indígena.

A autora destaca que a escrita vem efetivamente auxiliando grupos indígenas na busca de saberes da oralidade, ajudando na revitalização de línguas e culturas indígenas através do registro. Pimentel da Silva (2016, p. 52) diz que, para as línguas indígenas, "uma das reivindicações de uso da escrita é a de se constituir em um espaço memorial para guardar o patrimônio cultural, a criatividade dos povos indígenas, as riquezas das culturas e o conhecimento tradicional indígena sobre a natureza".

Considerações finais

Pimentel da Silva (2016) coloca que um dos desafios do letramento indígena é o de fazer com que a escrita tenha o papel de vitalizar a oralidade da língua de tradição indígena. A escrita não deve formar uma dicotomia com a modalidade oral.

A elaboração da escrita pela Missão Novas Tribos foi um passo importante na história da leitura e da escrita entre os Noke Koin, infelizmente manchado pelo preconceito religioso dos missionários. Aos Noke Koin, resta ainda a tarefa de estabelecimento "definitivo" da escrita alfabética da língua indígena dentre as já elaboradas ou que estejam em elaboração. Para os grupos indígenas em geral, Melià (1989, p. 12-13) ressalta que

> a participação dos índios na "criação" da própria ortografia facilita [...] o processo de alfabetização. [...] Esses modos um tanto empíricos, nos quais o relacionamento psicológico e social com a escrita determina fortemente as propostas ortográficas, caracterizam um trabalho que o diferencia daquele realizado, por exemplo, pelo Instituto Linguístico de Verano (SIL) e outras agências alfabetizadoras.

Referências

ABREU, Paulo Sérgio Reis de. *Diversidade linguística brasileira, as línguas Páno e suas características ergativas*. 2008. 336 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

AGUIAR, Maria Suelí de. *Fonologia do Katukina*. Campinas, SP, 1985 (manuscrito).

_____. *Aspectos da morfologia nominal da língua Katukina-Pano*. Campinas, SP, 1986 (manuscrito).

_____. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000036522>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. Aspectos morfológicos do Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993a, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993a. p. 151-158. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308074186_19.aguiar_maria.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.

_____. Proposta de um glossário Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993b, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993b. p. 38. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/seminario/resumo/XLI%20Scan%203_1.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2015.

_____. Los grupos nativos Katukina. *Amazonía Peruana*, Lima, t. 12, n. 23, p. 141-152, 1993c.

_____. O Katukina e o parâmetro *pro-drop*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9., 1994a, Caxambu. *Boletim informativo*. Brasília: [s.n.], 1994a. p. 379.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994b. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994b. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000076988>. Acesso em: 18 mar. 2011.

_____. Os empréstimos na língua Katukina. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 1995, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 1995, p. 82-85.

_____. Os constituintes de SN do Katukina. *Signótica*, Goiânia, v. 8, p. 81-90, jul./dez. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/7356/5223>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Estudos de aspectos sintáticos de algumas línguas Pano*. Quito, 1997 (manuscrito).

_____. El proceso de ampliación lexical en Katukina. In: JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, 5., 1999, Valência. *Contacto interlingüístico e intercultural en el mundo hispano*. Valência: E. A. Lliso, 2001a. p. 389-394.

_____. Algumas semelhanças entre o Vitxináwa (Katukina) e o japonês. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2001b, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Vieira, 2001b. p. 42-47.

_____. Estudo do SN Katukina-Pano. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., 2001, Belém. *Línguas indígenas brasileiras*: fonologia, gramática e história. Belém: EDUFPA, 2002. t. 2. p. 121-127.

AGUIAR, Maria Suelí de. A nasalidade em Katukina e em outras línguas Pano. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 193-210, dez. 2003.

_____. The Brazilian Panoan languages. In: WETZELS, Willem Leo (Ed.). *Language endangerment and endangered languages*: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area. Leiden: CNWS, 2007. p. 39-50.

_____. Os coordenadores de SN e SV do Katukina. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 12., 2011, Goiânia. *XII Colóquio de Letras*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 148-149. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_xiicoloquio.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2012.

BAMBIRRA, Vera Lúcia de Magalhães. *Tamãkãyã*: aproximações entre epistemologias e culturas. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

BARBOSA, Raphael Augusto Oliveira. *Aspectos tipológicos na formação de palavras em um grupo de línguas da família Pano*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881782&opt= 4>. Acesso em: 12 mar. 2013.

BARROS, Luizete Guimarães. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. 1987. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000043970>. Acesso em: 18 mar. 2011.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORBERA MORI, Angel. Conteúdos lingüísticos e políticos na definição de ortografias das línguas indígenas. In: D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda (org.). *Leitura e escrita em escolas indígenas*: encontro de educação indígena no 10º COLE-1995. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1997. p. 23-33.

COULMAS, Florian. *The Blackwell encyclopedia of writing systems*. Malden: Blackwell, 1999.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Fonêmica preliminar da língua Katukina (Páno). In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63., 2011, Goiânia. *Anais*... Goiânia: [s.n.], 2011. p. 1-15. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/FLAVIA_L.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2012.

FALCHI, Flávia Leonel; AGUIAR, Maria Suelí de. Língua Katukina (Páno): alguns processos fonológicos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 13., 2012a, Goiânia. *XII Colóquio de Letras*. Goiânia: [s.n.], 2012a. p. 18-19. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_Caderno_Colo%C3%8C_quio_2012.pdf?1336094173>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Formação de palavras na língua Katukina (Páno). In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 9., 2012b, Goiânia. *Anais*... Goiânia: [s.n.], 2012b. p. 1539-1550. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site5701/site/artigos/01_pibic/pibic_miolo-04.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2012.

_____. Língua Katukina (Páno): léxico e meio ambiente físico. In: COLÓQUIO NACIONAL DE LETRAS, 1., 2013a, Goiânia. *Anais*... Goiânia: [s.n.], 2013a. p. 101. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_2013_caderno_coloquio.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2013.

_____. Sentenças declarativas, negativas e interrogativas do Katukina (Páno). In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 10., 2013b, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 2013b. p. 1583-1596. Disponível em: <http://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/ sites/site7201/site/artigos/01_pibic/pibic_miolo_03.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2014.

_____. Distribuição mitológica de antropônimos no Noke Koin. In: AGUIAR, Maria Suelí de; CASTRO, Maria Célia Dias de; DIAS, Ana Lourdes Cardoso (org.). *Onomástica e identidade do homem em seu meio*. Santarém, Portugal: Instituto Politécnico de Santarém, 2017. p. 241-265.

FALCHI, Flávia Leonel. Estrutura silábica da língua Katukina (Páno). In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE LETRAS, 32., 2011, Goiânia. *Caderno de resumos*. Goiânia: [s.n.], 2011. p. 68. Disponível em: <http://www.letras.ufg.br/uploads/25/original_ Caderno_de_Resumos_ENEL_-_COMPLETO.pdf?1330319329>. Acesso em: 28 jun. 2012.

_____. *O campo semântico cinegético da língua Katukina (Páno)*. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS, 14., 2012, Barra do Garças. *Anais...* Barra do Garças: Ivan, 2012. p. 52-53.

_____. *Revisão fonêmica do Katukina Páno*. 2013. 70 f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

_____. *A aplicabilidade de conceitos de palavra à língua Noke Koĩ*. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

GÓES, Paulo Roberto Homem de. A natureza do saber: o lugar do conhecimento na práxis Katukina. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 116-145, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/2560/1521>. Acesso em: 30 mar. 2011.

_____. *Infinito povoado*: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do alto Juruá. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <www.neip. info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=747>. Acesso em: 30 mar. 2011.

JARDIM, Luiz Marcelo. *Caminhando com os Noke Koĩ*: trajetória histórica e mitológica de um povo Pano. 2007. 46 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2007.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita*: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

LAGROU, Elsje Maria. Uma experiência visceral. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis: Claudia Lago, 1992. p. 19-40.

LANES, Elder José. *Mudança fonológica em línguas da família Pano*. 2000. 219 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas*: as línguas Pano. 2005. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Edilene Coffaci de. A onomástica Katukina é Pano? *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 7-30, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3230.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2011.

_____. *Com os olhos da serpente*: homens, animais e espíritos nas concepções Katukina sobre a natureza. 2000a. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000a.

_____. *Revisão do componente indígena do EIA-RIMA da BR-364 (Rodrigues Alves - Tarauacá)*: os Katukina das terras indígenas do rio Campinas e do rio Gregório (versão preliminar). Curitiba, 2000b (manuscrito).

MARTINS, Homero Moro. *Os Katukina e o kampô*: aspectos etnográficos da construção de um projeto de acesso a conhecimentos tradicionais. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo= 407>. Acesso em: 18 mar. 2011.

MELIÀ, Bartomeu. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In: EMIRI, Loretta; MONSERRAT, Ruth (org.). *A conquista da escrita*. São Paulo: Iluminuras, 1989. p. 9-16.

MISSÃO NOVAS TRIBOS. *Catuquina*: quarta cartilha. Manaus, 1975a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1975b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1977a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1977b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1982a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1982b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1982c.

_____. *Katukina*: cartilha nº 4. Manaus, 1982d.

MONTE, Nietta L. Escolas formais – agências mediadoras. In: CABRAL, Ana Suelly A. C.; MONSERRAT, Ruth; MONTE, Nietta L. (org.). *Por uma educação indígena diferenciada*. Brasília: C.N.R.C.: FNPM, 1987. p. 11-15.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. *Alfabetizar em democracia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Campinas, SP, 1985a (manuscrito).

_____. *Aspectos da morfologia verbal da língua Katukina - Pano*. Campinas, SP, 1985b (manuscrito).

PAULA, Ruth Wallace de Garcia. *Caderno Kaxuyâna (Karib); Katukina (Pano); Tiriyó (Karib)*. [S.l.], 1969? (manuscrito).

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Possibilidade de letramento em línguas indígenas. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v.1, n.1, p. 51-63, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/42997>. Acesso em: 24 abr. 2018.

RIVET, Paul. Les Katukina: étude linguistique. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, Paris, t. 12, p. 83-89, 1920.

RIVET, Paul; TASTEVIN, Constant. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, Paris, n. 22, p. 811-827, 1927.

_____. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purús. *Anthropos*, Paris, n. 24, p. 489-516, 1929.

ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia de seiscentos*: o quimbundo ou língua de Angola na *Arte* de Pedro Dias. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

FLÁVIA LEONEL FALCHI

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Cursou Bacharelado em Estudos Linguísticos por essa mesma universidade. CV: http://lattes.cnpq.br/2531569993797797.
E-mail: flavialfalchi@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA
UEG PPG ielt

Proposta de dicionarização da língua Noke Koĩ

Proposal for Dictonarization of the Noke Koĩ Language

Maria Suelí Aguiar*
**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

Resumo: O presente artigo é parte de uma proposta de dicionarização dessa língua. Ela é apenas uma apresentação ilustrativa da língua Noke Koĩ contendo apenas uma parte dos itens lexicais, especificamente, parte daquelas entradas com letra "A". Os Noke Koĩ foram conhecidos pelo etnônimo Katukina, porém, no decorrer das pesquisas, soube-se que esse etnônimo referia também a outros grupos indígenas (AGUIAR, 1994). O grupo Noke Koĩ é formado por 845 pessoas, aproximadamente, vivendo em oito comunidades distribuídas em duas áreas indígenas: Terra Indígena do Campinas/Katukina e Terra Indígena do Rio Gregório, ambas no município de Tarauacá, no estado do Acre. A área tradicional dos Noke Koĩ é a Terra Indígena Rio Gregório, na qual há duas comunidades, Nomanáwa e Vokõya, segundo Goes (2009). De acordo com os indígenas da Terra Indígena do Campinas, na localidade do Rio Gregório há 173 pessoas.

Palavras-chave: Léxico Noke Koĩ. Grupo indígena Katukina. Gramática Noke Koĩ.

Abstract: This paper is part of a proposal for the dictionarization of this language. It is only an illustrative presentation of the Noke Koĩ language containing only a part of the lexical items, specifically, part of the entries beginning with the letter "A". The Noke Koĩ were known by the ethnonym Katukina, however, throughout our research, we learned that this ethnonym also referred to other indigenous groups (AGUIAR, 1994). The Noke Koĩ group is formed by approximately 845 persons, living in eight communities distributed in two indigenous areas: Terra Indígena do Campinas/Katukina and Terra Indígena do Rio Gregório, both on the Tarauacá municipality, in the state of Acre. The traditional area of the Noke Koĩ is the Terra Indígena do Rio Gregório, where there are two communities, Nomanáwa and Vokõya, according to Goes (2009). According to the indigenous people from Terra Indígena do Campinas, there are 173 persons in the locality of Rio Gregório.

Keywords: Noke Koĩ Lexicon. Katukina Indigenous Group. Noke Koĩ Grammar.

Introdução

Esta apresentação é parte da pesquisa que se iniciou, em 1984, com o grupo indígena Katukina (Aguiar – 1985), a partir dele, deu-se continuidade com o projeto de pesquisa "Estudos das Línguas Pano", em 1994, na Universidade Federal de Goiás. Com esse projeto foi possível conhecer outras línguas Páno e também aprofundando nos estudos dessa língua, Noke Koĩ.

Os Noke Koĩ foram conhecidos pelo etnônimo *Katukina*, porém, no decorrer das pesquisas, soube-se que esse etnônimo referia também a outros grupos indígenas (Aguiar-1994). Todavia, sabia-se que esses Katukina não se "lembravam" de outro etnônimo, o que assegurava que *Katukina* não se tratava da autodenominação desse grupo.

Vale dizer que, em 2013, eles pediram para serem tratados pelo etnônimo Noke Koĩ. Na língua tradicional deles esse etnônimo significa "nós somos verdadeiros", quer dizer, *noke* significa "nós incluso" e *koĩ* "verdadeiro".

A língua *Noke Koĩ* foi escrita pela primeira vez pelos missionários da New Tribes, David Sharp, em 1977, (NEW TRIBES DO BRASIL – 1977- 1982). Esse material foi publicado para fins religiosos, quando traduziam o evangelho de Jesus. Fazem parte desse material cartilha de alfabetização e leitura. Importa dizer que eles não são disponíveis para estudos. Todavia, os indígenas cederam uma delas após já se ter proposto uma escrita.

Essas cartilhas são encontradas também na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e são muito relevantes para o estudo da língua *Noke Koĩ*. Contando com os estudos realizados e esse material didático, faz-se necessário rever a escrita anterior junto aos professores falantes nativos do *Noke Koĩ*.

O presente artigo é parte de uma proposta de dicionarização dessa língua. Ela é apenas uma apresentação ilustrativa da *língua Noke Koĩ* contendo apenas uma parte dos itens lexicais, especificamente, parte daquelas entradas com letra "A".

Antes de expor algumas entradas da letra "A" do dicionário, apresentam-se informações gerais sobre o grupo Noke Koĩ, depois apresentam os fones, fonemas e o padrão silábico da língua.

1 Os Noke Koĩ

O grupo Noke Koĩ é formado por 845 pessoas, aproximadamente, vivendo em oito comunidades distribuídas em duas áreas indígenas: Terra Indígena do Campinas/Katukina e Terra Indígena do Rio Gregório, ambas no município de Tarauacá, no estado do Acre.

A área tradicional dos Noke Koĩ é a Terra Indígena Rio Gregório, na qual há duas comunidades, Nomanáwa e Vokõya, segundo Goes (2009). De acordo com os indígenas da Terra Indígena do Campinas, na localidade do Rio Gregório tem 173 pessoas.

A outra área, a do Campinas, que fica a cerca de 60 km de Cruzeiro do Sul, tendo seis comunidades com 672 pessoas (2013). Elas são a do Martim, do Samaúma, do Bananeira, do Masheya e do Campinas. Essa última é formada por duas aldeias, a Waninawa e a Kamãnáwa. As demais comunidades são formadas por apenas uma aldeia.

Todas essas aldeias da Terra Indígena do Campinas são estruturadas na beira da BR-364, ou estão cortadas por ela. É sabido que essa rodovia foi o atrativo primeiro para a ida dos Noke Koĩ do Rio Gregório para essa localidade, a do Campinas, que também era chamada por eles de Olinda.

O contato dos Noke Koĩ é semelhante ao de muitos dos grupos Páno do Acre. Eles contataram falantes do português por ocasião das correrias[1] em 1912. Em 1950, se fixam no seringal Sete Estrelas, local conhecido por Terra Indígena do Rio Gregório. Em 1972, parte do grupo Noke Koĩ vão trabalhar na construção da rodovia BR 364. Quando terminam os trabalhos dessa rodovia, eles permanecem aí tendo autorização do antigo 7º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), que hoje é o 61º Batalhão de Infantaria da Selva (BIS), permanecer no local, estabelecendo-se onde hoje é a Terra Indígena Katukina do Campinas.

1.1 Alimentação tradicional

Eles mantêm uma prática de consumo de caiçuma de milho e banana. Usam arma de fogo para caçar e têm como preferência a caça de paca, porquinho, macaco e outros, além de algumas aves. Eles pescam e coletam frutas como o açaí, buriti, cupuaçu, cupuaçuzinho, ingá, pupunha, bacaba e outros. Eles fazem suco principalmente de açaí, buriti e bacaba.

[1] O termo *correrias* se refere ao período do auge da borracha em 1912, quando os índios sofreram vários tipos de agressões. Os que não foram mortos foram escravizados pelos "donos" dos seringais.

Recentemente eles passaram a comer também porco doméstico, ovos de galinha e galinha de granja. Usam produtos industrializados (sucos de caixinha, salgadinhos em embalagens laminadas), isso tem repercussão imediata na qualidade e quantidade de lixo na aldeia.

No que se refere ao costume de pesca, eles costumavam ir a sós ou em companhia de sua mulher ou filho, amigo. Em outras ocasiões, a pesca era um evento em que participava todos da aldeia. Nessa ocasião de pesca coletiva, eles usavam o tingui e capturavam os peixes batendo uma borduna na cabeça deles e os jogando em um cesto de taboca. Essa prática já não é realizada como antes por ela ser prejudicial aos rios, assim afirmam eles.

1.2 Situação sociolinguística e a escola

Segundo Aguiar (1994), o grupo Noke Koĩ, de 1984 a 1990, com 350 pessoas, 90% monolíngues em língua indígena e 10% bilíngues, indígena e língua portuguesa. Esses 10% eram compostos, basicamente, por homens.

Em 2004, o grupo era de 580 índios, 65% eram monolíngues na língua indígena e 35% eram bilíngues em Noke Koĩ-português. Em 2013, como já mencionado, esse grupo está formado por 845 indígenas, desses 80% bilíngues, 20% são monolíngues em Noke Koĩ. Esses são idosos, pré-adolescentes e crianças.

Os Noke Koĩ demonstram tranquilidade quanto à manutenção da língua tradicional. Isso é compartilhado por quem os visitam. A escola é totalmente voltada à cultura indígena.

No Campinas funciona uma escola de primeiro e segundo graus. No primeiro grau são nove turmas e todos os professores são Noke Koĩ e, no segundo grau são doze professores e apenas três são não indígenas.

Outro fator relevante sobre a realidade linguística dos Noke Koĩ é o de eles se manterem orgulhosos de ser índio Noke Koĩ e usar cotidianamente a língua nativa. Isso nos foi dito desde nossos primeiros contatos. Ou seja, desde 1984 até 2013, nota-se a naturalidade com que todos do grupo assumem sua identidade indígena e mantêm a língua deles de forma exemplar.

1.3 Brincadeiras tradicionais

Os Noke Koĩ se divertem em vários momentos, dentre elas, a mais tradicional é a brincadeira do mamão e o da cana. Observa-se que o propósito da brincadeira é um contato físico entre os homens e as mulheres e a motivação é a disputa entre eles pela posse da cana e do mamão.

Inicialmente os homens se reúnem para coletar os mamões e as canas, que são colocados próximo ao pátio da aldeia onde acontecerá a brincadeira. Os mamões são coletados quando estão "de vez", isso é, estão verdes, mas que madurecerão depois de uns dois dias, aproximadamente. As canas usadas na brincadeira são maduras e cortadas em pedaços de dois gomos.

O começo se dá com uma das mulheres pegando uma cana ou um mamão e sai para o pátio. Um homem chega para tomar das mãos dela o que ela tem agarrado. Quando vê que ela vai perder o objeto, aparece outra mulher para ajudá-la, em seguida aparece outro homem e assim sucessivamente, até que quase todos que estão no festejo entrem na disputa. Vale tudo, mordida, puxão de cabelo, socos, rolar no chão e só finaliza a primeira disputa quando conseguem proteger quem estiver com o objeto da disputa para entregar para alguém que não está na disputa. Normalmente uma idosa, se as mulheres vencerem, mas comumente é isso que acontece.

Outra festa tradicional é o mariri. Todos cantam em roda as músicas que puxada pelo mais velho. As letras contam história de caçadas, de pássaros e parecem ser narrativas de fatos antigos. Os temas principais são os pássaros e o ritmo é marcado com a boca, mão e batidas no próprio corpo, contrário ao que os Páno do Peru. Esses usam a voz e instrumentos musicais em suas festas.

Outra festa que gostam é a "festa de brancos" em que usam músicas da região norte, nordeste e sertaneja. Eles dançam até tarde da noite e, às vezes, participam alguns não índios.

Além dessas festas, há também a pesca coletiva, a fabricação das bebidas, caiçuma e o ayuaska. E ainda, as comemorações de final de ano letivo com bolo e comidas tradicionais e as não tradicionais, mas todas as situações só é usado a língua tradicional.

O mais relevante aqui é frisar que, apesar de tantas exposições ao ambiente e contextos não indígenas, esse grupo segue fortalecido quanto ao uso da sua língua tradicional e a escola também se tornou aliada da comunidade indígena no geral.

Seguem algumas observações linguísticas da fonologia, da morfologia e da sintaxe do Noke Koĩ.

2 Fonologia Noke Koi

A língua Noke Koĩ apresenta 27 fones consonantais, (I) *Quadro fonético consonantal*; o [ç], [χ], [c], [q] e [ɢ], seguem assimilação com os fones vocálicos centrais que são [x], [k] e [g] em português brasileiro.

I - Quadro fonético consonantal

Ponto / Modo	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Oclusivo	p b	t d		tʲ dʲ	c ɟ	k g	q ɢ	ʔ
Nasal	m	n			ɲ	ŋ		
Africado		ts						
Fricativo	β	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ				h
Tepe		ɾ						

Seguem ilustrações com dados que contextualizam a realização dos fones consonantais do Noke Koĩ:

1 [p]: [mɐˈpuʔ] 'cabeça' // [pʊʂˈtoʔ] 'barriga'

2 [b]: [tʲə̃mˈbuʔ] 'grilo' // [kə̃mˈbuʔ] 'sapo da vacina'

3 [t]: [tɐˈmuʔ] 'rosto' // [pɪˈtiʔ] 'comida'

4 [d]: [ɪə̃nˈdaʔ] 'ontem' // [kə̃nˈdeʔ] 'arco'

5 [k]: [pɐˈkaʔ] 'espada' // [kɐˈmə̃n̄] 'onça'

6 [c]: [mɪʂˈciʔ]	'pedra'	//	[cɪˈuʔ]	'maçaranduba'
7 [q]: [ɪsˈquʔ]	'japó'	//	[ɾʊˈquʔ]	'macaco capelão'
8 [g]: [kə̃ŋˈgə̃n]	'abacaxi'	//	[ɪʊ̃ŋˈgaʔ]	'goiaba'
9 [ɟ]: [oʂa ɪ̃ŋˈɟiʔ]	'rir'	//	[ʊ̃ŋˈɟiʔ]	'trança de buriti'
10 [ɢ] : [tə̃ŋˈɢoʔ]	'tracajá'	//	[βʊ̃ŋˈɢõ]	'embaúba'
11 [ʔ] : [ɐˈnaʔ]	'boca'	//	[nɐˈmiʔ]	'carne'
12 [m]: [mɐˈtoʔ]	'todos'	//	[βɾˈmiʔ]	'fruta'
13 [n]: [nɐˈiʔ]	'céu'	//	[mɐˈniʔ]	'banana'
14 [ɳ]: [ʃɪ̃ɲˈɲoʔ]	'macaco'	//	[hɪ̃ɲˈɲaʔ]	'rabo'
15 [ŋ]: [tə̃ŋˈɢoʔ]	'tracajá'	//	[ɪʊ̃ŋˈgaʔ]	'goiaba'
16 [β]: [βɐˈɾiʔ]	'sol'	//	[ɾɐˈβiʔ]	'dupla'
17 [s]: [sɐˈtaʔ]	'lontra'	//	[pɐˈsaʔ]	'ensopado' (tipo de sopa)
18 [z]: [ə̃ɲˈzĩn]	'mutum'	//	[mĩɲˈzaʔ]	'tartaruguinha'
19 [ʂ]: [ʂɐˈβuʔ]	'calango'	//	[mɐˈpaʂ]	'amarelão'
20 [ʐ̩]: [pʊ̃ɲˈʐ̩ə̃n]	'pulmão'	//	[ɾɪ̃ɲˈʐ̩ə̃n]	'muco nazal'
21 [ʃ]: [pɪʃˈˈtʲaʔ]	'pequeno'	//	[ʃɪˈʃiʔ]	'formiga saúva'
22 [ʒ]: [kə̃ɲˈʒiʔ]	'morcego'	//	[tə̃ɲˈʒoʔ]	'caju'
23 [ts]: [tsɐˈtsaʔ]	'peixe'	//	[cɪˈtsiʔ]	'gato'
24 [tʲ]: [tʲɐˈiʔ]	'primo'	//	[ʊɐɪˈtʲuʔ]	'oi' (cumprimento ao chegar)
25 [dʲ]: [cɪ̃nˈdʲaʔ]	'prato'	//	[tonˈdʲiʔ]	'curica'
26 [ɾ]: [mɐˈɾiʔ]	'cutia'	//	[kə̃ˈdʲiɾ]	'gato do mato'
27 [h]: [hɪˈʊiʔ]	'gostar'	//	[hʊˈaʔ]	'flor'

(i) Observa-se que com o vozeamento pos-nasal tem-se: p →b; t→d; k→g; ʂ →ʐ; ʃ→ ʒ e tʲ → dʲ (C –voz => [+voz] depois de C nasal);

(ii) O fone [h] só inicia item lexical por ocorrer em posição de ataque de sílaba que inicia item lexical e o fone [ʔ] só finaliza item lexical por ocupar posição de coda em sílaba final do item lexical;

(iii) Ocupam a posição de coda: [s], [ʂ], [ʃ], [N] e, na ausência desses, [ʔ];

(iv) [c] e [q] são alofones de /k/; [c] com vocálico alto anterior e alto central, [q] com vocálico alto posterior e [k] nda, com vocálico baixo central;

(v) [ɟ] e [ɢ] são alofones de /g/; [ɟ] com vocálico alto anterior e alto central, [ɢ] com vocálico alto posterior e /g/ [nda], com vocálico baixo central.

Os fones vocálicos encontrados na língua Noke Koĩ foram 20. Eles são: [i], [ĩ], [ɪ], [ɪ̃], [ɨ], [ɨ̃], [ɨ], [ɨ̃], [e], [ẽ], [ɐ], [a], [ɑ], [ə̃], [o], [õ], [ʊ], [ʊ̃], [u] e [ũ] como mostra o (II) *Quadro fonético vocálico*:

II - Quadro fonético vocálico

Fones Vocálicos		Anterior	Central	Posterior
		Não Arred.	Não Arred.	Arred.
Alto	Oral	i ɪ	ɨ ɨ	ʊ u
	Nasal	ĩ ɪ̃	ɨ̃ ɨ̃	ʊ̃ ũ
Médio	Oral	e		o
	Nasal	ẽ		õ
Baixo	Oral		ɐ a	ɑ
	Nasal		ə̃	

1 [i]: [cɪˈʂiʔ] 'coxa' // [tʲɪˈiʔ] 'fogo'

2 [ĩ]: [aˈɪ̃ɲ] 'fêmea' // [mĩnˈdʲĩn] 'pequeníssimo (irreal) '

3 [ɪ]:	[tʲɪˈpuʔ]	'depois'	// [ʃɪˈʃiʔ]	'formiga saúva'
4 [ĩ]:	[pĩˈɲoʔ]	'beija-flor'	// [ʊĩnˈdeʔ]	'coração'
5 [ɨ]:	[kɐˈpɨʔ]	'jacaré'	// [mɐˈkɨʔ]	'piranha'
6 [ɨ̃]:	[ɐˈmɨ̃ŋ]	'capivara'	// [ʊɑˈpɨ̃ŋ]'piau'	
7 [ɹ]:	[βɹˈtɨʔ]	'brincadeira'	// [cɹˈuʔ]	'maçaranduba'
8 [ɾ̃]:	[ɾ̃ɲˈɟ̃ɪ]	'nariz'	// [c̃ɲˈdʲaʔ]	'prato'
9 [e]:	[ʂeˈtseʔ]	'arara cabeção'	// [tʲeˈtʲeʔ]	'cascudo' (peixe)
10 [ẽ]:	[βʊˈẽ]	'pica-pau'	// [sẽnˈzoʔ]	'cajá'
11 [ɐ]:	[nɐɪˈtʲuʔ]	'andorinha'	// [ɪɐˈʊiʂ]	'tatu'
12 [a]:	[kɐˈnaʔ]	'relâmpago'	// [βɹˈkaʔ]	'chão'
13 [ɑ]:	[ʊɑˈuʔ]	'aguitação'	// [ʊɑˈkaʔ]	'água'
14 [ə̃]:	[ʊɑˈɾə̃n]	'jerimum'	// [ɪə̃nˈdaʔ]	'ontem'
15 [o]:	[βoˈoʔ]	'cabelo'	// [ɾʊˈnoʔ]	'cobra'
16 [õ]:	[nõnˈdeʔ]	'canoa'	// [nõnˈnoʔ]	'pato'
17 [ʊ]:	[βʊˈkaʔ]	'chão'	// [ɾʊˈnoʔ]	'cobra'
18 [ʊ̃]:	[nʊ̃nnʊˈtaʔ]	'boiando'	// [pʊ̃ɲˈzeʔ]	'bicho-preguiça'
19 [u]:	[pʊˈtuʔ]	'pó', 'poeira'	// [pʊˈnuʔ]	'veia'
20 [ũ]:	[tɪˈpũn]	'pescoço'	// [pɪˈtũn]	'paneiro'

Os segmentos fonológicos assumidos na língua Noke Koĩ estão nos quadros (V) e (VI), 16 consonantais e 4 vocálicos:

V - Quadro de segmentos fonológicos consonantais

Ponto / Modo	Bilabial	Alveolar	Retroflexa	Alveopalatal	Velar	Glotal
Plosivo	p	t			k	
Nasal	m	n				
Africado		ts		tʲ		
Fricativo	β	s	ʂ	ʃ		h
Aproximante	w	ɾ		y		

VI - Quadro de segmentos fonológicos vocálicos

Segmentos Vocálicos	Anterior	Central	Posterior
	Não Arred.	Não Arred.	Arred.
Alto	i	ɨ	u
Baixo		a	

Assume-se que o padrão silábico da língua Noke Koĩ é CV, V, VC e CVC, sendo seu molde (C)V(C). Seguem dados ilustrando o padrão silábico:

a.CV . CVC	/ʂu.muʂ/	'agulha'
b. CVC . CV	/piʂ.tʲa/	'pequeno'
c. V . CV	/a.ka/	'socó'
d. VC . CV	/is.ku/	'japó'

Quanto às posições silábicas, O, N e C, são ocupadas maximalmente com um elemento. Ou seja, no Noke Koĩ, não se tem onset e coda complexos e nem Núcleo complexo, (O) N (C). Todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição de onset, todos os

segmentos vocálicos ocupam qualquer núcleo e a posição de coda pode ser ocupada por um dos sete segmentos consonantais: /s/, /ɾ/, /ʃ/, /ʂ/, /n/, /w/ e /y/. Seguem exemplos:

e.	/**ʂ**/	CVC . CV	/mi**ʂ**.ki/ 'pedra'
f.	/**ʃ**/	CVC . CV	/hi**ʃ**.kũ/ 'pamonha'
g.	/**y**/	CVC . CV	/ma**y**.ti/ 'chapéu'
h.	/**n**/	CV.CVC	/kama**n**/ 'onça'
i.	/**ɾ**/	CVC . CVC	/ka**n**.ti**ɾ**/ 'gato-do-mato'
j.	/**w**/	CV.CVC	/ʃi.ʃã**w**/ 'feijão'
k.	/**s**/	CV.CVC	/pa.ɾa**s**/ 'lama'

3 Proposta de escrita

Esses segmentos estão representados na grafia da forma que se vê no quadro (VII) em seguida. A ordem apresentada do segmento fonológico é depois dele a grafia, logo vem um exemplo escrito em Noke koĩ e, esse mesmo exemplo, transcrito fonologicamente com tradução.

VII – Fonemas e grafemas

Fonema	Grafia	Exemplo	Transcrição	Tradução
a	a	Vari	/βaɾi/	Sol
ɨ	e	Kesha	kɨʂa	Lábio
h	h	Hepe	hɨpɨ	Jarina (*fruto/palmeira da Amazônia, Phytelephas macrocarpa*)
i	i	Ipo	Ipu	Bodó (peixe cascudo, *Hypostomus plecostomus*)
k	k	Kotxa	kutʲa	Zagaia (arma para pegar peixe)
m	m	Tama	Tama	Amendoim
n	n	Vona	βuma	Abelha
ɲ	nh/~	ainha/aĩa	aiɲa	Casada
u	o	Noo	Nuu	Cupuaçu (fruto amazônico, *theobrama grandiflorum*)
p	p	Mapã	Mapan	Barata (*inseto ortópteros, fam. dos blatídeos*)
ɾ	r	Rama	ɾama	Agora
s	s	sinhá/sĩa	Sinna	Zangado
ʂ	sh	Shaka	ʂaka	Vazio
t	t	Tapi	Tapi	Vagalume
ts	ts	Tsatsa	Tsatsa	Peixe
tʲ	tx	Shetxe	ʂɨtʲɨ	Urubu
β	v	Nivo	niβu	Escorpião (*artrópedes arácnidos*)
ʃ	x	Maxi	maʃi	Areia
w	w	Hiwe	hiwɨ	Árvore
y	y	Yawish	yawiʂ	Tatu (*Tolypeute tricintus*)

Todas essas letras do Noke koĩ se baseiam no alfabeto da língua portuguesa que, por sua vez, foram propostas por missionários da New Tribes, supostamente, nos anos 70. Todavia, essas decisões foram tomadas com os indígenas, mas ainda estão sendo revistas por eles.

3.1 Regras para a escrita

A proposta de escrita vai sendo adaptada e alterada de acordo com seu uso. Algumas sugestões e adaptações foram que os itens lexicais quando contém afixo ou outro item lexical não se usa hífen. Ele é unido em um todo, independente de cada item ter tonicidades neles ou não. Por exemplo, "minha criança pequena" ocorre duas sílabas tônicas, evidenciando duas palavras fonológicas, no entanto, elas são escritas como uma única palavra da forma como se vê na ilustração seguinte e foi anteriormente sugerida no material da New Tribes (NEW TRIBES DO BRASIL, 1977-1982):

ẽyomepishtxa [**ɨiuɸ mɨ piʂɸ tʲa**] /ɨnyumɨ piʂtʲa/ "minha criança pequena"

Todavia, assume-se apresentar as entradas do dicionário item por item quando for simples e quando se tratar de itens compostos deixa-se um espaço entre eles como se vê na sequência:

ẽyome pishtxa [**ɨiuɸ mɨ piʂɸ tʲa**] /ɨnyumɨ piʂtʲa/ "minha criança pequena"

Outra observação interessante sobre a escrita é que os itens lexicais bases que se escrevem com **i** e **o** são sílabas finais do item lexical. Porém, quando esses itens lexicais recebem afixos, o **i** e o **o** passam a ser escritos com **y** e **w**, respectivamente. Isto é, o **i** e o **o** perdem força, deixando estatuto de núcleo de sílaba passando a semiconsoante. Ele poderá ser uma coda ou um onset, quer dizer, fim ou início de sílaba. Por exemplo,

na**i**	"céu";	na**i** + txo = na**y**txo	"andorinha"
ma**i**	"terra";	mai + ti = ma**y**ti	"chapeu"

ve**o** ai	"sentar";	ve**o** + ti = ve**w**ti	"banco"
a**i**	"mulhe r(hst.)"	ai + vo = ayvo	"mulher"

4 Dicionarização

A algumas mudanças se feitas facilitarão no processo de alfabetização. Todavia, em termos de regras na escrita, o que está bem definido são as letras do alfabeto e a ausência de marca de tonicidade.

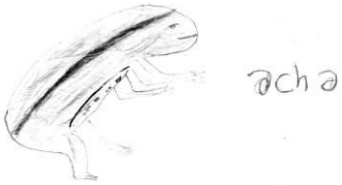
Importa ficar atento às regras que vão sendo evidenciadas ao produzir textos e ensino da escrita para ir pontuando-as para facilitar, em ambiente de escola, o ensino e a aprendizagem. Assim, apresenta uma amostragem das entradas usando apenas entradas iniciadas pela letra **A** como se vê na sequência.

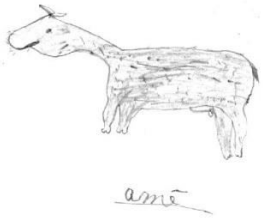
Cada entrada é seguida por uma transcrição fonética relativa, classificação gramatical, tradução para o Português e depois de duas barras, tem-se uma frase em Noke Koĩ seguida da tradução para o Português.

Essa amostragem, ou seja, essas mesmas entradas com letra **A** em Noke Koi˜-Português estão expostas também em Português - Noke Koĩ, logo após a primeira. Essa primeira está ilustrada com desenhos feitos pelos alunos da escola na aldeia do Campinas durante trabalho de campo.

Dicionário bilíngue: Noke Koĩ – Português

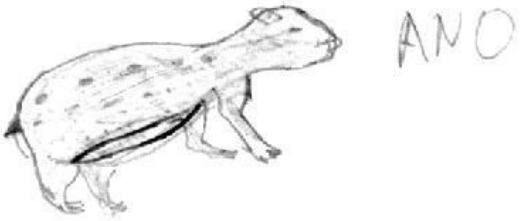
Português – Noke koĩ

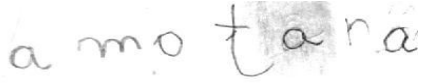


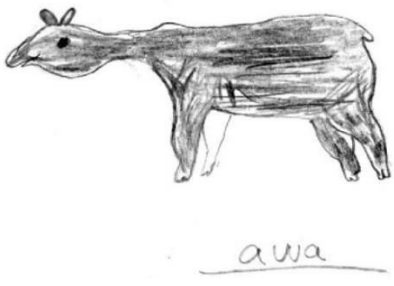


A *A*

a *a*







Noke Koĩ - Português

A a

aa [aa] / [haá]. verbo transitivo. **fazer**. Honĩvo asharõki **aa** vai. "Os homens fizeram buraco para amassar o tingui."

ai [ai]. tempo verbal. Tempo presente. Epa neno pii **ai** . # "O tio come aqui."

aĩ [ain]. nome. **esposa**. Epã **aĩ**ni mani atã vai. "A esposa do tio foi buscar banana."

aĩa [aĩa] / [ainha]. adjetivo. **casada**. Waora **aĩa**. "Waú está casada?."

aĩa [aĩa] / [ainha]. nome. **casada**. **Aĩa**ra atsa matxo aka ai? # "Casada toma caiçuma de mandioca?."

aĩash [aĩash] / [ainhásh] nome. **cipó para cesta**. // **Aĩash** txoshtxa koĩãka. "O cipó está muito sujo."

aĩvo [ainβu] ~ [ayβu]. nome. **mulher**. // **Aĩvo** kiima vai. "A mulher não caiu."

aĩvovo [ainβuβu]. nome, plural. **mulheres**. // **Aĩvovo** kiima vai. "As mulheres não cairam."

aĩvo vão [ainβuβu]. nome, plural ergativo. **mulheres**. // **Aĩvo vão** tari viivo vaivo. # "As mulheres compraram roupa."

aĩma [ainma]. adjetivo feminino. **solteira**. // Nea aĩvo **aĩma**. "Aquela mulher é solteira."

aĩma [ainma]. nome. **mulher solteira**. // **Aĩma** akama ai. ''**Mulher solteira** não toma caiçuma.

aĩvão okesaweti pishtxa [ainβão oke-sawetí- pishtʲá]. nome. **calcinha**. // Aĩvovo **aĩvão okesawete pishtxa** viivo vaivo. "As mulheres compraram calcinhas."

aka [aka]. verbo transitivo. **beber.** // Savanon noke matxo **aka** vai. # "Sábado nós tomamos caiçuma."

aka [aka]. verbo transitivo. **transar.** // Miara maã yai haa **aka** vai . "Você já **transou** com ele?"

anipama [anipa-ma]. adjetivo. **magro**. // Mĩyome **anipama**. "Sua criança está **magra**".

anipama [anipa-ma]. adjetivo. **pequeno** (grande + pa + não) // Peshe **anipama** aa vaivo. "Fizeram um tapiri **pequeno**."

ano [anu]. advérbio de lugar. **lá**. // Ano kape ia. "Lá tem jacaré."

ano [anu]. nome. **paca** (*Cuniculus* paca). // Kokã **ano**. "A **paca** é do tio."

aratikõ [araᵗʲikun]. nome. **araticum** (Espécie nativa do gênero *Anona*). // Miara **aratikõ** pii ai. "Você come **araticum**?"

asha [asha]. nome. **tingui** {Arvoreta (*Magonia pubescens*)}. // Papã **asha** vii vai. "O papai levou o **tingui**."

asha nai [asha nai]. verbo transitivo. **pescar com tingui**. // Keyoskara **ashanai**. "Vocês **pescam com tingui**?"

asha rõki [asha rungi]. nome. **buraco p/ amassar tingui**. // Honĩvo **asharõki** aa vai. "Os homens fizeram **buraco para amassar o tingui**."

atãna [atan-na]. verbo transitivo. **caçar para matar**. // Eewa yawish **atana** vai. "Minha mãe **caçou** o tatu **para matar**."

ãto [antu]. nome. árvore **barriguda** (*Cavanillesia arbórea*), paineira. // Nenora **ãto** yama? "Aqui não tem árvore **barriguda**?"

atsa [atsa]. nome. **mandioca** (*Maninot utilíssima*). # // Machira **atsa** toko ai. "Machi está cozinhando **mandioca**?"

atsa matxo [atsa maᵗʲu]. nome. **caiçuma de mandioca**. // Miara **atsa matxo** hewe ai? "Você gosta de **caiçuma de mandioca**?"

atsa pasha [atsa pasha]. nome. **mandioca crua**. // Takarã **atsapasha** pii vai. "A galinha comeu a **mandioca crua**!"

atsa shoi [atsa shui]. nome. **mandioca assada**. // Neavari nokẽ **atsa shoi** pii kai. "Hoje nós vamos comer **mandioca assada**."

atsa tasha [atsa tasha]. nome. **rama da mandioca**. // Yakã **atsa tasha** toĩa vai. # "Yaka levou a **rama de mandioca**."

atsa toko ata [atsa tuku ata]. nome. **mandioca cozida**. // Kamãnã **atsatokoata** pii ai. "O cachorro come **mandioca cozida**."

atxa [aᵗʲa]. adjunto adverbial. **com cabo**. # // Wasitxashati **atxa** anipa. # "A enxada tem **cabo** grande."

atxii [atʲii]. nome. **pegada**. // Eewa awã **atxii** noko vai. "Minha mãe achou **pegada** de anta."

atxikĩ [atʲikĩ]. verbo transitivo. **pegar**. // Nea rama ẽpapã shae **atxikĩ**. # "Agora mesmo meu pai **pegou** tamanduá."

avõko [aβũgu]. nome. árvore **embaúba** (*Cecropia peltata*). // Eshovo **avõko** ote ia. "Em minha casa tem muitas **embaúbas**."

avõkõ [aβũgũ]. nome. **formiga asteca** (*caçarema, azteca c hartifex, formia-de-embaúba*). // Shaẽ **avõkõ** pii ai. "Tamanduá come **formiga asteca**."

awa [awa]. nome. **anta** (*Tapirus terrestris*). // Epã **awa** pii vai. # "O tio comeu **anta**."

awa rave [awa raβe]. nome. **dupla de anta**. // Nea **awa rave** anipa koĩãka. "Essa **dupla de anta** é grande demais."

awa rono [awa runu]. nome. **cobra coral** (*Micrus corallinus*). // Epã **awa rono** tekõ pai iki. "O tio quer matar a **cobra coral**."

awa vake [awa βake]. nome. **filhote de anta**. // **Awa vake** roapa. "**Filhote de anta** é bonito."

awe mawakĩ [awe mawakin]. verbo intrasitivo. **desenhar**. // Kanã **awe mawakĩ** roapa koĩãka. "Kana **desenha** muito bem."

axa [aʃa]. nome. **sapo** (*anfíbios anuros*). // Nokẽ **axa** choto vai. # "Nós empurramos o **sapo**."

axa pishtxa [aʃa pshtʲa]. nome. **sapo pequeno** (*sapinho de 1 centímetro de tamanho*). // Neno **axa pishtxa** otepa ia. # "Aqui tem muito **sapos pequenos**."

ayash [ayash]. nome. **cipó de amarrar**. // Papã **atash** yama. "O papai não tem **cipó de amarrar**."

ayo [ayu]. nome. **jia** (*rã, leptodatilídeo*). // Waõ sivi **ayo** pii ai. "Waú também come **jia**."

ayvo [ayβu] ~ [aĩvo]. nome. **mulher**. // E**aĩvo** yawish hewe vai. "Minha **mulher** gosta de tatu."

ayvõ [ayβũ] ~ [aĩvõ]. nome. **mulher** (ergativo). // **Aĩvõ** tari vii vai. "A **mulher** comprou vestido."

ayvõ [ayβũ] ~ [aĩvõ]. nome. **mulher** (posse). // **Aĩvõ** epã nea tari vii vai. "O tio da **mulher** comprou aquele vestido."

ayvõ tari /ayβũ tari] ~ [aĩvõ tari]. nome. **vestido**. // Waõ **ayvõ tari** txoa vai. "Waú lavou meu **vestido**."

ayvovo [ayβuβu] ~ [aĩvovo]. nome, plural. **mulheres**. // **Ayvovo** neno nii ai. "As **mulheres** estão aqui."

Português - Noke Koĩ

A a

anta. **awa** [awa]. nome. (*Tapirus terrestris*). // Epã **awa** pii vai. # "O tio comeu **anta**."

araticum**. aratikõ** [aratʲikun]. nome. (Espécie nativa do gênero *Anona*). // Miara **aratikõ** pii ai. "Você come **araticum**?"

B b

barriguda. **ãto** [antu]. nome. árvore (*Cavanillesia arbórea*), paineira // Nenora **ãto** yama? "Aqui não tem árvore **barriguda**?"

beber. **aka** [aka]. verbo transitivo. // Savanon noke matxo **aka** vai. # "Sábado nós tomamos caiçuma."

buraco p/ amassar tingui. **asha rõki** [asha rungi]. nome. // Hoñivo **asharõki** aa vai. "Os homens fizeram **buraco para amassar o tingui**."

C c

caçar para matar**. atãna** [atan-na]. verbo transitivo. // Eewa yawish **atana** vai. "Minha mãe **caçou** o tatu **para matar**."

caiçuma de mandioca. **atsa matxo** [atsa matʲu]. nome. // Miara **atsa matxo** hewe ai? "Você gosta de **caiçuma de mandioca**?"

calcinha. **aĩvão okesaweti pishtxa** [ainβão oke-sawetí- pishtʲá]. nome. // Aĩvovo **aĩvão okesawete pishtxa** viivo vaivo. "As mulheres compraram calcinhas."

capivara**. amẽ** [amẽ]. nome. (*Hydrochoerus* hydrochoeris). // Kapepa papã **amẽ** pii ai. "O jacaré está comendo a capivara do pai."

casada. **aĩa** [aĩa] / [ainha]. adjetivo. Waora **aĩa**. "Waú está casada?."

casada. **aĩa** [aĩa] / [ainha]. nome. **Aĩa**ra atsa matxo aka ai? # "Casada toma caiçuma de mandioca?."

cipó de amarrar. **ayash** [ayash]. nome. // Papã **atash** yama. "O papai não tem **cipó de amarrar**."

cipó para cesta. **aĩash** [aĩash] / [ainhásh] nome. // **Aĩash** txoshtxa koĩãka. "O cipó está muito sujo."

cobra coral**. awa rono** [awa runu]. nome. (*Micrus corallinus*). // Epã **awarono** tekõ pai iki. "O tio quer matar a **cobra coral**."

com. **aki** [aki]. posposição. // Eanõ Yakanoã atsa **aki** tsatsa pii kai. "Eu e Yaka comemos peixe **com** mandioca."

cobra média. **amo rono** [amu runu]. nome. // **Amo ronõ** koka rati ai. "A **cobra** de tamanho médio assuta o tio."

comprido**. ani** [ani]. adjetivo.; grande. // Ea voo **ani**pa ia. # "Eu tenho cabelo **comprido**."

com cabo. **atxa** [atʲa]. adjunto adverbial. // Wasitxashati **atxa** anipa. "A enxada tem **cabo** grande."

D d

desenhar. **awe mawakĩ** [awe mawakin]. verbo intrasitivo. // Kanã **awe mawakĩ** roapa koĩãka. "Kana **desenha** muito bem."

dupla de anta. **awa rave** [awa raβe]. nome. // Nea **awa rave** anipa koĩãka. # "Essa **dupla de anta** é grande de mais."

E e

Embaúba. **avõko** [aβũgu]. nome. árvore (*Cecropia peltata*). // Eshovo **avõko** ote ia. "Em minha casa tem muitas **embaúbas**."

esposa. **aĩ** [ain]. nome. // Epã **aĩ**ni mani atã vai. "A esposa do tio foi buscar banana."

espelho da lamparina**. amo shavã** [amu shaβa]. nome. (*uma espécie de protetor do pavio da lamparina usado pelo seringueiro*). // Epã **amo shavã** toĩa ai. "O tio leva na mão o **espelho da lamparina**."

extremamente grande**. anipa koĩãka** [anipa kuĩãga]. adjetivo. / gordo /comprido (acrescido de partícula *pa* classificadora sufixada ao adjetivo, mais uma expressão intensificadora *koĩ* seguida de outra expressão *ãka* que amplia o sentido do todo passando ao exagero ou até ao irreal). // Neno kape anipa **koĩãka** ia. "Aqui tem jacaré **extremamente grande**."

F f

fazer. **aa** [aa] / [haa]. verbo transitivo Honĩvo asharõki **aa** vai. "Os homens fizeram buraco para amassar o tingui."

filhote de anta. **awa vake** [awa βake]. nome. // **Awavake** roapa. "**Filhote de anta** é bonito."

formiga asteca**. avõkõ** [aβũgũ] (*caçarema, azteca c hartifex, formia-de-embaúba*). nome. // Shaẽ **avõkõ** pii ai. "Tamanduá come **formiga asteca**."

G g

gordo**. anipa** [anipa]. adjetivo.; grande (acrescido do sufixo classificador adjetival *pa*) // Hatu **anipa**vo. "Eles são **gordos**."

gordo de verdade**. anipa koĩ** [anipa kuin]. adjetivo. muito gordo, muito grande, muito comprido, ou, grande de verdade, ... (acrescido de partícula *pa* classificadora sufixada ao adjetivo, adjungido mais uma expressão intensificadora *koĩ* 'verdadeiro'). // Nea ano **anipa koĩ**. "Esta paca está **gorda de verdade**."

grande. **anipa** [anipa]. adjetivo. // Peshe **anipa** aa vaivo. "Fizeram um tapiri **grande**."

J j

Jia. **ayo** [ayu]. nome. (*rã, leptodatilídeo*). // Waõ sivi **ayo** pii ai. "Waú também come **jia**."

L l

lá. **ano** [anu]. advérbio de lugar. // Ano kape ia. "Lá tem jacaré."

lamparina**. amo tarã** [amu taran]. nome. // Yaka **amotarã** yama. # "Yaka não tem **lamparina**."

lanterna. **amo** [amu] nome. // Kana **amo** anipa ia. "Kana tem lanterna grande."

língua**. ana** [ana] ~ [hana]. nome. (*órgão muscular da boca*). // Shaẽ **ana** anipakoĩãka ia. "Tamanduá tem **língua** muito grande."

M m

Mandioca. **atsa** [atsa]. nome. (*Maninot utilíssima*). // Machira **atsa** toko ai. "Machi está cozinhando **mandioca**?"

mandioca assada. **atsa shoi** [atsa shui]. nome. // Neavari nokẽ **atsa shoi** pii kai. "Hoje nós vamos comer **mandioca assada**."

mandioca cozida**. atsa toko ata** [atsa tuku ata]. nome. // Kamãnã **atsatokoata** pii ai.

"O cachorro come **mandioca cozida**."

mandioca crua. **atsa pasha** [atsa pasha]. nome. // Takarã **atsapasha** pii vai. "A galinha comeu a **mandioca crua**!"

magro. **anipama** [anipa-ma]. adjetivo. // Mĩyome **anipama**. "Sua criança está **magra.**"

mulheres. **ayvovo** [ayβuβu] ~ [aĩvovo]. nome plural. // **Ayvovo** neno nii ai. "As **mulheres** estão aqui."

mulher. **ayvõ** [ayβũ] ~ [aĩvõ]. nome. (posse). // **Aĩvõ** epã nea tari vii vai. "O tio da **mulher** comprou aquele vestido."

mulher**. ayvõ** [ayβũ] ~ [aĩvõ]. nome. (ergativo). // **Aĩvõ** tari vii vai. "A **mulher** comprou vestido."

mulher. **aĩvo** [ainβu] ~ [ayβu]. nome. // **Aĩvo** kiima vai. "A mulher não caiu."

mulheres. **aĩvovo** [ainβuβu]. nome, plural. // **Aĩvovo** kiima vai. "As mulheres não cairam."

mulheres. **aĩvo vão** [ainβuβu]. nome, plural ergativo. // **Aĩvo vão** tari viivo vaivo. "As mulheres compraram roupa."

mulher solteira. **aĩma** [ainma]. nome. // **Aĩma** akama ai. ''**Mulher solteira** não toma caiçuma.

P p

paca. **ano** [anu]. nome. (*Cuniculus* paca). // Kokã **ano**. "A **paca** é do tio."

pavio de lamparina**. amo** reshni [amu reshni]. nome. // Eã amo reshni vii vai. "Eu levei o **pavio da lamparina**."

pegada. **atxii** [atʲii]. nome. // Eewa awã **atxii** noko vai. "Minha mãe achou **pegada** de anta."

pegar. **atxikĩ** [atʲikĩ]. verbo transitivo. // Nea rama ẽpapã shae **atxikĩ**. # "Agora mesmo meu pai **pegou** tamanduá."

pescar com tingui. **asha nai** [asha nai]. verbo transitivo. // Keyoskara **ashanai**. "Vocês **pescam com tingui**?"

pequeno. **anipama** [anipa-ma]. adjetivo. (grande + pa + não). // Peshe **anipama** aa vaivo. "Fizeram um tapiri **pequeno**."

R r

rama da mandioca. **atsa tasha** [atsa tasha]. nome. // Yakã **atsa tasha** toĩa vai. # "Yaka levou a **rama de mandioca**."

S s

sapo**. axa** [aʃa]. nome. (*anfíbios anuros*). // Nokẽ **axa** chotovai. # "Nós empurramos o **sapo**."

sapo pequeno**. axa pishtxa** [aʃa pshtʲa]. nome. (*sapinho de 1 centímetro de tamanho*). // Neno **axa pishtxa** otepa ia. # "Aqui tem muito **sapos pequenos**."

solteira. **aĩma** [ainma]. adjetivo feminino. // Nea aĩvo **aĩma**. "Aquela mulher é solteira."

T t

Tempo verbal 'presente'**. ai** [ai]. tempo verbal. // Epa neno pii **ai** . "O tio come aqui."

tingui. **asha** [asha]. nome. {Arvoreta (*Magonia pubescens*)}// Papã **asha** vii vai. "O papai levou o **tingui**."

transar. **aka** [aka]. verbo transitivo. // Miara maã yai haa **aka** vai . "Você já **transou** com ele?"

tubo de desodorante. **amõ ini** [amũ iní]. nome. // Eanõ Kananõ Yakanoã **amõ ini** vii kai. "Eu, a Kana e a Yaka vamos comprar **tubo de desodorante**."

V v

vestido. **ayvõ tari** /ayβũ tari] ~ [aĩvõ tari]. nome. // Waú lavou meu **vestido**. "Waõ **ayvõ tari** txoa vai."

Considerações Finais

As línguas são todas possuidoras de complexidade e carregam particularidades únicas. Apesar disso, pode-se atrever compreender um pouco da sua riqueza linguística delas.

No caso do Noke Koĩ, apresentam-se uma proposta de dicionarização com entradas iniciadas com a letra **A** expondo essas mesmas entradas em Português. Essa tarefa vai se melhorando na medida em que ela é disponibilizada para uso. Ela é uma atividade que necessita ser transitada entre pesquisador e os usuários tradicionais do Noke Koĩ. Sempre haverá observações e como é sabido por dicionaristas, o dicionário quando termina, ele já está ultrapassado pela dinamicidade natural das línguas.

Consciente dessa dinamicidade é que finaliza essa parte acreditando que mesmo com essa dinamicidade, o dicionário é extremamente importante para todos, inclusive para o pesquisador que seguramente já utiliza o material mesmo ele ainda em construção.

Além da dicionarização com algumas informações sobre a exposição dele como letras, tonicidade e outras decisões sobre o grupo, achou-se conveniente situar o leitor com informações sobre o grupo indígena Noke Koĩ.

Referências

AGUIAR, Maria S. *Dicionário bilingue*: Noke Koin Português. 2004, 300 fls. (inédito)

_____. Algumas semelhanças entre o Vitxináwa (Katukina) e o japonês. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2001a, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Vieira, 2001a. p. 42-47.

_____. El proceso de ampliación lexical en Katukina. In: JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, 5., 1999, Valência. *Contacto interlingüístico e intercultural en el mundo hispano*. Valência: E. A. Lliso, 2001b. p. 389-394.

_____. Os constituintes de SN do Katukina. *Signótica*, Goiânia, jul./dez. 1996, p. 81-90. v. 8. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/viewFile/7356/5223>. Acesso em: 20 jan. 2013.

_____. Os empréstimos na língua Katukina. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 1995, Goiânia. *Anais...* Goiânia: [s.n.], 1995, p. 82-85.

_____. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994a. 405 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, SP, 1994a. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls0000769 88>. Acesso em: 4 abr. 2012.

_____. O Katukina e o parâmetro *pro-drop*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9., 1994b, Caxambu. *Boletim informativo*. Brasília: [s.n.], 1994b. p. 379.

_____. Aspectos morfológicos do Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993a, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993a. p. 151-158. Disponível em: <http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1308074186_19.aguiar_maria.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2016.

_____. Los grupos nativos Katukina. *Amazonía Peruana*, Lima, t. 12, n. 23, p. 141-152, 1993b.

_____. Proposta de um glossário Katukina-Pano. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41., 1993c, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: [s.n.], 1993c. p. 38.

_____. *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/ document/?code=000036522>. Acesso em: 2 abr. 2016.

_____. *Aspectos da morfologia nominal da língua Katukina-Pano*. Campinas, SP, 1986, Relatório FAPESP. (manuscrito).

_____. *Fonologia do Katukina*. Campinas, SP, 1985, Relatório FAPESP. (manuscrito).

Góes, Paulo R. H. *Infinito povoado: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do Alto Juruá*. DEAN/UFPR – Curitiba. 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná – Departamento de Antropologia Social. Curitiba, 2009.

MISSÃO NOVAS TRIBOS. *Catuquina*: quarta cartilha. Manaus, 1975a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1975b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1977a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1977b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 1. Manaus, 1982a.

_____. *Katukina*: cartilha nº 2. Manaus, 1982b.

_____. *Katukina*: cartilha nº 3. Manaus, 1982c.

_____. *Katukina*: cartilha nº 4. Manaus, 1982d.

MARIA SUELÍ AGUIAR

Doutora em Linguística. Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). CV: http://lattes.cnpq.br/0950467502306607. E-mail: aguiarmarias@gmail.com.

Via Litterae
REVISTA DE LINGUÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA

Resistência e reelaboração étnica: alguns apontamentos sobre o povo Kaxarari

Resistance and ethnic re-elaboration: some appointments on the Kaxarari people

Maria Geralda de Almeida Moreira*
**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: Constitui-se nosso objetivo analisar a resistência e sua relação com o processo de valorização da identidade étnica. Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica e documental, com vistas a pesquisa de campo para construção de uma etnografia Kaxarari, o que não foi possível. De todo modo, percebe-se por meio das pesquisas (bibliográfica e documental) que a etnia é pouco conhecida no meio acadêmico, embora a família linguística Páno, a qual pertence à língua falada pelos Kaxarari tenham consideráveis estudos. As ações de resistência dos Kaxarari, como os deslocamentos, interferiram não somente na dinâmica de ocupação do território pelo grupo, alterando a sua cartografia, mas em outras áreas que vai da subsistência alimentar aos rituais. Compreendemos que, ao mesmo tempo que, ocorre uma acirrada redução populacional, em função de doenças e da violência perpetrada contra o grupo, ocorre a resistência e a etnogênese. A grosso modo, a partir da análise dos documentos e dos pouquíssimos trabalhos acadêmicos que versam sobre os Kaxarari, conjeturamos que o final do século XX, constituiu um momento decisivo para essa etnia, pois é nesse contexto que ganha organicidade a "viagem da volta" em meio a luta pela terra.

Palavras-chave: Etnocídio. Resistência. Etnogênese. Kaxarari.

Abstract: The Kaxarari ethnic group inhabits a region that is rich in forests, ore, and other natural resources coveted by big companies. That led, soon after the contact of this group with non-indigenous society, to violations of their rights (land, identity, specific way of language, language) prevailing until the first half of the 20th century when, in a more effective way, the resistance movements presented themselves. In this sense, our aim was to analyze the resistance and its relationship with the process of validation of the ethnic identity. In order to do so, it can be seen through research (bibliographic and documental) that this ethnic group is little known in Academia, even though the Páno linguistic family, to which belongs the language spoken by the Kaxarari, is considerably studied. The resistance actions by the Kaxarari, like moving away, interfered not only in the dynamics of occupation of the territory by the group, altering their cartography, but in other areas from subsistence to rituals. We understand that, at the same that a sharp populational reduction occurs, due to diseases and the violence against the group, there also occurs resistance and ethnogenesis. Roughly speaking, from the analysis of documents and the very few academic works that talk about the Kaxarari, we conjecture that the end of the 20th century constitutes a decisive moment for this ethnic group, because it is in this context the "trip back" receives organicity amid their fight for land.

Keywords: Ethnocide. Resistance. Ethnogenesis. Kaxarari.

Introdução

A proposta dessa pesquisa constituiu-se em analisar, na perspectiva da etnogênese, o movimento de configuração de novas teias sociais, de laços de solidariedade e etnicidade experienciadas/construídas em/nas fronteiras, nesse sentido, nosso objetivo compreender como as estratégias de resistência dos Kaxarari funcionaram como mecanismos impulsionadores das alterações culturais e organizacionais do grupo proporcionando uma "viagem da volta" (OLIVEIRA, 1999) a etnicidade. Partimos do pressuposto de que, a partir da década de 70 do século XX, o grupo realizou uma "viagem da volta" a etnicidade e importa-nos entender esse processo.

Habitantes da região norte do Brasil (entre Roraima, Amazonas e Acre), os Kaxarari, falam a língua Kaxarari[1] que pertencente à família linguística Páno[2]. Erikson (1992, p. 240) afirma que o grupo ao qual pertencem os Kaxarari "[...] são etnograficamente bem menos conhecidos do que outros Pano [...]", devido à escassez de estudos específicos sobre os Kaxarari e da negativa do grupo para a realização de trabalho de campo, oportunamente, orientei pesquisas sobre a família linguística Páno visando melhor compreender a história dos movimentos de resistência e migração dos Kaxarari.

De certa forma, a afirmação de Erikson (1992) acerca dos Páno Meridionais (grupo ao qual pertencem os Kaxarari), de serem menos conhecidos do que os demais grupos Páno, nos ajuda a compreender a recusa do grupo a realização da pesquisa etnográfica, ou seja, a recusa não se refere a essa pesquisa em específica.

Curiosamente, o interesse especial por esse grupo é a reiterada ausência de estudos etnográficos sobre eles, conforme me asseverou uma pesquisadora de línguas Páno. A compreensão do objeto de estudo por meio de relatórios técnicos da FUNAI limita a percepção do historiador à realidade em análise, todavia, o trabalho é sobremaneira enriquecido quando vivido a partir das narrativas da própria etnia, o que infelizmente não foi possível.

Segundo Aquino (s/d, p. 02), o termo Kaxarari é uma atribuição externa, não possuindo na língua do grupo um termo para autodenominação, uma vez que ele é identificado pelo clã ao qual o grupo pertence. Nesse contexto organizacional, segundo Sousa

[1] Conforme utilizado por Barbosa (2015).

[2] O nome Páno será grafado com acento sempre que fizer parte da minha redação, seguindo a nova normatização dos Linguistas, espacialmente com base nos trabalhos de Aguiar (2018) e Souza (2012). O nome Pano será grafado sem acento sempre que for citação, mantendo, assim, a grafia original do texto referência.

(2004), no passado existiram numerosos clãs, entretanto, na pesquisa em campo realizada outrora pela referida autora, apenas seis clãs foram acessíveis.

A família Kaxarari, como citado por Aquino (s/d, p. 3) "não é só importante como unidade de produção e consumo, mas também como transmissora de valores culturais, do idioma nativo e de outras tradições de seu povo". Como exemplo, os casamentos devem ocorrer entre clãs distintos e, quando casados, os jovens passam a viver junto à família de sua esposa, tornando-se parte importante da unidade de produção. Todavia, essa importância tem sido alterada, "de acordo com os Kaxarari, os mais jovens pouco têm observado a questão dos clãs em relação à realização dos casamentos" (SOUSA, 2004, p. 32-33).

1 A família etnolinguística Páno

De acordo com o levantamento bibliográfico realizado, a família linguística Páno é composta por línguas faladas por etnias que vivem na região amazônica do Brasil, da Bolívia e do Peru.

Nessa região fronteiriça, os falantes destas línguas ocupam "[...] uma área quase ininterrupta que se estende praticamente do alto Solimões [...] até o alto Purus [...]" (ERIKSON, 1992, p. 239) e se diferenciam das outras famílias linguísticas da região devido a sua *"[...] grand cohesión geográfica, formando un compacto bloque* (ERIKSON, 1993, p. 47 *Apud* MORIN, 1998, p. 286).

No caso dos Kaxarari, seu território não insere na espacialidade definida, anteriormente, como sendo Páno, pois os mesmos habitam uma região fronteiriça entre Brasil e Bolívia. Nesse sentido, Erikson (1992, p. 239) afirma que "fora dessa zona principal, o único enclave Pano importante se situa na região limítrofe entre Rondônia e a Bolívia, do alto Madeira ao rio Beni [...]" local de habitação tradicional dos Kaxarari.

Os falantes dessa família linguística possuem uma origem comum, a região do Ucayalli na qual teriam reinado até por volta de 700-800 d.C. (ERIKSON, 1992) e segundo Dole (1998, p. 141), *"las primeras noticias históricas de los pueblos pano se remontam a 1557*", de lá para cá viajantes, aventureiros e pesquisadores de diferentes áreas tem buscado compreender as 30 línguas[3] que fazem parte dessa família linguística, bem como, suas características de continuidade e afinidades.

[3] Vale ressaltar que, dessas 30 línguas que compõem a família linguística Páno, 14 são encontradas no Brasil.

Embora muitos estudos tenham sido realizados sobre os falantes Páno, permanece a escassez de informações sobre os Kaxarari, pois pouquíssimas referências são feitas ao grupo nesses estudos e nenhum estudo etnográfico específico sobre eles foi encontrado.

Erickson (1992, p. 251) salienta que "boa parte das etnias pano contemporâneas parece resultar de fusões", citando exemplo de diversos grupos que podem ser resultado desse processo.

> No Brasil, os Marubo, por exemplo, se autodefinem como um aglomerado recente. No Peru, a maioria (senão a totalidade) das diversas frações mayoruna ainda independentes no início do século constitui uma única fração atualmente, chamada "matsé" (também presente no Brasil) (ERICKSON, 1992, p. 251)

Seria então a etnia Kaxarari resultante de uma fusão, o que explicaria a ausência de registros sobre o grupo, inclusive nos estudos sobre os povos Páno, uma vez que, informações mais precisas sobre a existência dessa etnia indígena, são apresentadas a partir de 1910, após o engenheiro João Alberto Masô - da Comissão de Limites Brasil/Bolívia/Peru -, registrar a presença dos Kaxarari na região do rio Ituxy. Erickson (1992) não afirma, em seus estudos, que os Kaxarari são resultado de fusões.

Ehrenreich (1948) apresenta a etnia Kaxarari como pertencente à etnia Apurinã, pois segundo o referido autor, "Os próprios Ipuriná enumeram as seguintes hordas como pertencentes a sua tribo: Uarineri, Ximoakuri, Karipoakuri, Kaxineri, Hänauiri, Maneteneri [...] **Kaxarari**[4] (alto Ituxi) [...]" (EHRENREICH, 1948, p. 190), o que não tem a concordância de pesquisadores na atualidade.

Nas últimas décadas a língua falada pelos Kaxarari foi classificada como pertencente à família linguística Páno. Esse equívoco pode ter ocorrido pela proximidade que os Apurinã possuem dos Kaxarari. Em várias pesquisas sobre os Apurinã, os Kaxarari são citados como aliados, um grupo que embora fale uma língua que pertença à outra família linguística, possui uma proximidade com esse grupo da família linguística Maipure-Aruak[5].

Link (2016, p. 199) assevera que "[...] muitos Apurinã afirmam uma aliança até os dias de hoje dizendo que compreendem sua língua, trocando casamentos e organizando reuniões políticas em conjunto".

[4] Grifo meu.

[5] Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3. Acesso em: 19 abr. 2018.

Por outro lado, a ideia de uma formação recente (resultado de fusão) dos Kaxarari é colocada em suspense. Uma ancestralidade desse grupo é apresentada pelos Apurinã ao colocá-los como parceiros de uma jornada mítica.

> [...] os Apurinã se consideram um povo em transição entre dois mundos de perfeição. Eles teriam saído de *Kairiku* numa migração em direção a *Iputuxity*. Os Apurinã também afirmaram terem iniciado essa jornada juntamente com o povo Kaxarari; pertencente à família Pano. Schiel diz que os Apurinã garantem compreender a língua Kaxarari, como uma prova de que teriam saído juntos nessa migração mítica originária. Nas narrativas, os Apurinã afirmam que iniciaram a marcha seguindo outro povo, os *Utsamanery*, que teriam completado a viagem até *Iputuxity*, enquanto os Apurinã e os Kaxarari teriam ficado na terra do meio, a terra na qual as coisas definham e morre. (SCHIEL, 2005, p. 56s, 62, 85 *Apud* LINK, 2016, pp. 70-71)

A narrativa, a seguir, de José Cesar Kaxarari fixa a origem do grupo à região do Ituxy e corrobora a ligação com os Apurinã.

> Perto do rio Ituxi tem um lugar chamado *muxalauê* que é tido por nós Kaxarari, especialmente pelos mais velhos, como sendo um local sagrado e de fundamental relevância ancestral, onde se constituiu a primeira aldeia do nosso povo. Ali tudo é diferente e sagrado, e nada pode ser destruído ou alterado, porque, afinal de contas, foi criado desde a época de Tsura. Quem conhece sabe disso, e também confirma ter presenciado acontecimentos muito difícil de explicar. Foi lá o primeiro encontro dos Kaxarari com os Apurinã e também a briga entre Ykapatã (que é Satanás) e Tsura (que é Deus). A casa fica localizada a mais ou menos oito horas distante daqui da aldeia Pedreira, ela continua do mesmo jeito até hoje. Depois que Tsura criou o primeiro mundo e deu nome as todas as coisas que existem sobre a terra, ele passou a morar na "casa de pedra". (APURINÃ, 2016, p. 140)

De qualquer modo, os Kaxarari gozam de uma boa relação com os Apurinã, sejam estas, relações comerciais por meio da troca, seja por meio dos casamentos, dentre outras atividades. Santos (2002) observa que os dois povos, possuem uma divindade em comum, a qual é denominado *Tsurá*, tanto na língua Kaxarari como na Apurinã, evidenciando que as

relações entre eles não se deram somente por trocas materiais, mas culturais, levando dois povos, distintos, conjugar a crença em uma divindade comum.

Com relação aos grupos da família etno-linguística Páno, Erikson (1992) considera sete subconjuntos, sendo que os Kaxarari pertencem ao subconjunto: *Páno Meridionais.* Estes, afirma Erikson (1992, p. 240), encontram-se "[...] separados do tronco comum e são etnograficamente bem menos conhecidos do que outros Pano". Tal afirmação colabora para a compreensão de nossa assertiva sobre a escassez de estudos sobre essa etnia, principalmente no que se refere aos processos históricos, uma vez que, em nosso levantamento, a maioria dos trabalhos encontrados busca construir uma ortografia da língua Kaxarari.

2 Cartografia da violência e a resistência Kaxarari

A riqueza da região sobre a qual habitam os Kaxarari despertou o interesse desenfreado de grandes empresas o que levou, logo após o contato com esse grupo, no século XX, às violações de seus direitos (a terra, a identidade, ao modo de vida específico, a língua) o que prevaleceu até meados do século XX quando, de forma mais efetiva, os movimentos de resistência se apresentam.

Devido a presença da *Hevea brasiliensis* (seringueira) na região, árvore da qual se extrai a matéria prima para a fabricação da borracha, os Kaxarari foram inseridos no trabalho de extração do látex, ou expulsos de suas terras, no século XX. Uma violenta exploração da mão-de-obra se impõe sobre os índios, reduzidos "a meros braçais dos 'patrões' dos seringais da região" (AQUINO, 1984, p. 135). A violência empreendida levou-os a denominar o período de "correrias[6]" (início do contato) e "cativeiro" (período de trabalho nos seringais).

Sobre o período das "correrias", o cacique Kaxarari, Antônio Caibú, em entrevista a Aquino (s/d, p. 7) afirma que

> Antigamente só vivia Kaxarari no Curiqueté, Macurenem, Ituxu e Aquiry. Primeiro que veio foi peruano, tirando caucho. Entrava nas malocas e matava muita gente na bala. Matava os homem tudim pra tomar a nossa terra, as mulheres e as crianças. No tempo dos peruanos, eles não livravam a cara de homem nenhum. Matava tudo na bala, no terçado e no porrete. O chefe dos peruanos era um tal de Missael. Depois apareceu os cearenses, trabalhando na seringa e metia a bala também pra

6 Gomes (2009) insere um primeiro tempo denominado de "antigo". Esse se refere ao período anterior as "correrias", notadamente aos primeiros anos do contato.

> tomar as nossa terra. No tempo das correrias os brancos tangiam nós na bala; aqui no Macurenem, no Curaqueté tinha muito caboclo brabo. Aonde era mais gente que tinha. Não tinha outro. Só puro Kaxarari. Também morreram muito com sarampo, catapora, gripe e tuberculose. Não tinha remédio, não tinha nada. O resto morreu na bala mesmo [...] depois acabou esse negócio de correria, mas doença continuou ainda.

O período denominado pelos Kaxarari de "cativeiro" refere-se ao momento em que são obrigados a trabalhar em regime de escravidão por dívida nos seringais. O trabalho realizado por eles nunca gerava saldo, como afirma Artur César, "[...] no tempo desse cativeiro, como eu já disse, nós nunca recebia saldo e ainda era obrigado a pagar renda das estradas de seringa" (AQUINO, s/d, p. 8).

> Esse período de submissão às condições de vida e de trabalho imposta pela empresa seringalista, teve início com o deslocamento dos Kaxarari do rio Curequeté o que teria acontecido, segundo relatórios da FUNAI, entre os anos de 1910 e 1930. A submissão não pode ser considerada em linhas gerais como definitiva, passiva ou total dos Kaxarari aos patrões seringalistas. Na verdade, o que houve, foi a necessidade da nação Kaxarari sobreviver em um território que sucessivamente tornava-se ocupado por Cariús e Arigós, que se apossavam de enormes áreas de terras pertencentes aos índios e estabelecia, nesse processo, uma relação de violência (GOMES, 2009, p. 33).

O período do cativeiro se estende até por volta dos anos 60, momento de construção da BR-364, no trecho Porto Velho – Rio Branco, o que leva a instalação da Empresa Mendes Júnior, no Igarapé Azul, para retirar rocha granítica (usado no asfaltamento da referida BR). Essa ação causou sérios problemas ao meio ambiente e desencadeou um processo epidemiológico.

Na década de 1990, o médico Marcos A. Pellegrini, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), observou que 60% da população Kaxarari havia contraído malária[7]. Não sanados os problemas causados pela construção da BR-364, os Kaxarari já se encontram submetidos às consequências de outros projetos de grande escala, como o da usina hidrelétrica de Jirau.

[7] O então enfermeiro da FUNAI, Raimundo Gomes de Paula, em entrevista ao Jornal *A Gazeta* de 23.08.1991, fala em 70% da população contaminada por malária, com uma média de 32 casos mensais.

> Os Kaxarari ao longo de todo o século XX, tiveram que se deslocar pela região em busca de melhores condições de vida, pois suas terras foram sempre alvo de ações predatórias de não-índios que buscavam explorar os recursos naturais ali existentes, especialmente a seringa, a castanha, as madeiras e as pedras[8].

Nesse contexto inicia o período descrito como dos "direitos[9]", e é exatamente nessa fase, que é implementada uma nova política de integração nacional, marcada principalmente pela construção de rodovias federais, pelo governo militar, o que continua a impactar negativamente a vida dessa etnia indígena. Todavia, entendemos que é nesse período que a resistência e a "viagem da volta a etnicidade" se evidência em meio à luta pela demarcação de suas terras[10].

Os Kaxarari, agora conscientes de que são povos originários, passam a valorizar essa identidade e, a partir dela, reivindicar seus direitos.

Com o declínio do sistema seringalista e a construção da BR-364, os índios migraram em direção ao rio Azul. Esse deslocamento para próximo à rodovia ocasionou redefinições no espaço habitado pelos índios, pois, no início, os fundos da terra era o rio Azul, área reservada à pesca e, principalmente, à caça e, com a mudança, passou a ser a frente, ou seja, a parte habitada pelos índios.

Aquino (1984, p. 160) apresenta essa cartografia dos deslocamentos do grupo a partir de 1910, e vai ao encontro de nossa assertiva.

> De 1910 para cá, os Kaxarari mudaram-se das cabeceiras do Curequeté, afluente do Ituxy, onde foram localizados por Masô, para as margens e

[8] Disponível em**:** https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxarari. Acesso em: 20 abr. 2018.

[9] Gomes (2009) apresenta, após o tempo dos direitos, o tempo da "estrada" e o "tempo atual".

[10] Na pesquisa realizada por ocasião do mestrado, identifiquei três fases do processo de reconhecimento da Terra Indígena Kaxarari: a primeira tem início em 1977, quando é apresentada a primeira proposta de identificação e delimitação da Terra Indígena Kaxarari; a segunda fase data de 1986, quando o decreto presidencial declara a terra como sendo dos Kaxarari, porém, os Kaxarari não aceitaram a demarcação, pois a mesma deixará de fora grande parte de suas terras tradicionais, ocupadas pela Mendes Junior. A luta continuou pelas áreas que ficaram fora dos limites definidos. A terceira fase ocorre, em 1991, quando a FUNAI designa uma nova comissão para estudar os limites da Terra Indígena Kaxarari. Com parecer do grupo de trabalho favorável a reivindicação dos Kaxarari, em 1992. Nesse ano é assinado decreto regulamentando a Terra Indígena Kaxarari.

> centros do rio Aquiry e, mais recentemente, para as águas do rio Azul e seus afluentes Barrinha e Maloca.

A ocupação capitalista nessa região do país ocasionou muitos dessabores aos seus habitantes, causando deslocamentos e/ou inserção de modelo econômico praticado na região. Vale citar inicialmente o caso da extração do látex e, posteriormente a luta pela legalização da terra, além da desconsideração da identidade indígena.

A exploração dos Kaxarari nos seringais da região e a violência étnica (proibição de falar a língua; desqualificação da identidade, dos costumes e valores, são exemplos de violência étnica) a que foram submetidos ocasionou: redução demográfica[11]; epidemias, principalmente de malária; deslocamentos e migração; intensificação do contato com o não índio e o acesso a bebidas alcoólicas; mudanças nos rituais; nas atividades xamânicas; na confecção dos objetos da cultura material e na forma de construir suas casas e aldeias. Estas, não possuem na atualidade, as características descritas por Masô no início do século XX.

> As aldeias são compostas de 15 a 20 malocas ou grandes choupanas, toscamente construídas, cobertas de folhas de jarina, cuja palmeira produz um cacho de coco de um bello marfim, própria para o fabrico de botões, dados, rosários, fichas, etc. as malocas são espaçosas, podendo agasalhar até dez famílias ou aproximadamente até umas quarenta pessoas [...] (MASÔ *apud* AQUINO, s/d, p. 5).

Sousa (2004) afirma que os Kaxarari não realizam mais os rituais de xamanismo, e mesmo o de nomeação das crianças está entrando em desuso, devido à ausência de pessoas que conheçam a genealogia dos nomes. Todavia, nas últimas décadas, um movimento perene e cada vez mais consciente, tem movido esse povo na tessitura de sua cultura e identidade étnica. Uma função que parecia extinta[12], volta ser mencionada no âmbito do grupo, o pajé: "[...] entre os Kaxarari o pajé ajuda a parteira rezando quando a parturiente está tendo um parto difícil. O interessante do caso Kaxarari é que, mesmo nas aldeias onde já não existem mais pajés, algumas pessoas, como Dona Maria, aprenderam algumas técnicas" (GIL; PATRÍCIO; BRANDÃO; YAWANAWÁ, 2007, p. 136).

[11] Em 1910, quando Masô fez o primeiro registro dessa etnia, afirmou serem aproximadamente duas mil pessoas; em 1970 foram reduzidos a 100 pessoas; na década de 1990 dados da CPI-AC afirmam serem 192 pessoas e mais recentemente, em 2014 somavam 445 pessoas (Siasi/Seasai).

[12] Gomes (2009, p. 57) afirma que "[...] não há atualmente um líder espiritual ou pajé entre os Kaxarari. O último conhecedor dessas tradições, o índio Kaibú, faleceu por volta de 1988".

Com relação à língua, padre Pedro Gaulik (1975) afirmava "[...] além do vínculo linguístico parece haver pouca coisa de sua cultura tradicional", enfatizando que "[...] todos eles falam sua própria língua". Essa realidade observada por Gaulik (1975) não é encontrada por Sousa (2004).

De acordo com Sousa (2004) "dentre a população que vive na aldeia Pedreira, pode-se perceber que apenas os mais velhos, ainda falam a língua, das crianças poucas falam e algumas apenas entendem" (SOUSA, 2004, p. 33). Embora, a afirmação de Sousa (2004), refira-se a apenas uma, das cinco[13] aldeias é um dado que demonstra uma alteração em relação a constatação anterior. Couto (2005)[14] afirma que na comunidade Marmelinho, o Kaxarari é língua franca, o que nos leva a entender que todos falam a língua Kaxarari nessa comunidade.

Sobre a cultura material dessa etnia, Ehrenreich (1948), se refere às flechas que os Apurinã adquiriam dos Kaxarari, devido a sua qualidade e ainda por obter um poderoso veneno.

> As flechas com ponta de taquara (*iwata* ou *ximbana*) são um pouco mais compridas (1,40 a 1,60 m). Um curto pedaço de pau de palmeira, insertado na haste, suporta a lasca da taquara, de 30 a 40 cm de comprimento, fixa por meio de delicada atadura que forma listas transversais em branco e preto [...] também estas flechas se diz serem venenosas [...] Os Ipuriná obtém-nas dos Kaxarari, cuja região é a única que se encontra essa espécie de taquara; estes as fornecem já em forma de lascas convenientemente rachadas em troca de hastes de flecha, que eles não possuem (EHRENREICH, 1948, p. 118).

Atualmente os homens Kaxarari não produzem mais arcos e flechas e as mulheres também não confeccionam os adereços como: braçadeiras e tornozeleiras, objetos de sua cultura material como antigamente. De acordo com Sousa (2004, p. 36), "da arte plumária só são feitas as pulseiras de penas, e poucas mulheres ainda sabem trabalhar com a palha para fazer cestos; há o agravante de que o material para a cestaria está cada vez mais difícil de ser obtido", assim, muitas dedicam ao trabalho com miçangas, afirma a autora.

[13] Dados de Couto (2005). Alves (2009) apresenta um total de quatro (04) aldeias: Barrinha, Marmelinho, Paxiúba e Pedreira.

[14] A escola indígena Kaxarari criada em 1996, se observando às diretrizes para a educação escolar indígena, deveria ser bilíngue e, portanto, contribuir para a revitalização e escrita da língua, contudo, segundo Couto (2005, p. 2) a escola "funciona precariamente desde então com poucos recursos, ora estaduais, ora municipais".

Consideramos que tais mudanças na forma de viver e ser Kaxarari ocorrem em meio ao processo de atualização histórica. Sobre esse movimento Oliveira (1999, p. 30) afirma que este "não anula o sentimento de referência à origem, mas até mesmo o reforça", pois a "emergência étnica" ou "etnogênese" é condição intrínseca em todos os processos históricos, não sendo específico de um "conjunto de povos e culturas" (p. 28).

Esse processo histórico vivenciado pelos Kaxarari pode ser compreendido a partir da análise realizada por Almeida (2010) acerca da aculturação. Segundo a autora, a aculturação não perde força nesse novo cenário (pós-colonial, pós-moderno); pelo contrário, amplia em função da globalização. Todavia, novas abordagens questionam o processo de aculturação como um fenômeno que se opõe à resistência.

Ainda sobre a aculturação, Grunewald (1999, p.154), afirma que "ao substituir uma orientação provida pela noção de aculturação por outra, ligada à ideia de etnogênese, percebe-se, em vez de perdas numa cultura autóctone, a reinvenção histórica do grupo em questão".

Partindo dessa compreensão, percebemos, então, uma história construída num contexto fluido, de lutas, de resistências e ressignificações da identidade étnica, tendo o grupo como agente do processo histórico que compreendemos como etnogênese, pois, como afirma Oliveira (1999, p. 18), a etnogênese abrange "[...] tanto a emergência de novas identidades como a reinvenção de etnias já conhecidas".

Nesse sentido, o período denominado dos "direitos" configura-se como o momento de tomada de consciência dos direitos étnicos e, essa compreensão, influencia um movimento de valorização e "atualização" da etnicidade, assim, a "viagem da volta" afirma Oliveira (1999, p. 31), "não é um exercício nostálgico de retorno ao passado e desconectado do presente", mas um movimento de atualização necessário à existência da identidade étnica e é fortemente influenciado por um movimento de valorização da etnicidade, da condição de indígena que ocorre no país no final do século XX.

> Esse movimento, afirma Luciano (2006, p. 33), é responsável pelo acontecimento da etnogênese. "Os povos indígenas, que por força de séculos de repressão colonial escondiam e negavam suas identidades étnicas, agora reivindicam o reconhecimento de suas etnicidades e suas territorialidades nos marcos do Estado Brasileiro", o que não é diferente com os Kaxarari, pois, como salienta Aquino (1984, p. 130).

Até pouco tempo atrás muitos Kaxarari envergonhavam-se de sua identidade étnica, recusando-se a falar sua língua na presença de brancos ou quando visitavam os núcleos

urbanos da região. Mais recentemente, no contexto de luta pela posse de suas terras, a situação tende a se inverter. Há atualmente uma crescente valorização de sua língua nativa.

A rejeição à língua Kaxarari ocorre de forma mais contundente durante o período de extração da borracha, quando esses índios eram proibidos pelos patrões de falarem a própria língua - denominada nesse momento de gíria - ao se inserirem em um sistema de trabalho que predominava a língua portuguesa. Atualmente, alguns trabalhos têm buscado 'produzir' a ortografia da língua Kaxarari, para possibilitar que ela seja ensinada nas escolas indígenas.

Partindo da análise dos documentos e dos pouquíssimos trabalhos acadêmicos que versam sobre os Kaxarari, compreendemos que o final do século XX, constitui momento decisivo para os Kaxarari, pois é nesse contexto que ganha organicidade a "viagem da volta". A luta pela terra, naquele momento, exige uma identidade assumida e manifestada por meio de linguagens e códigos aceitos socialmente como sendo indígenas. Na atualidade, outros códigos contribuem para a valorização da identidade étnica, é o caso, do time de futebol Kaxarari, que tem atuando em nível regional no estado de Rondônia.

O final do século XX é marcado pelo Movimento Indígena, fruto do processo de conscientização destes povos e, portanto, dos Kaxarari, de seus direitos enquanto povos originários.

Nesse contexto, passam a se identificar como um povo culturalmente diferente, valorizando-se. Assim, a negação da condição de índio ou a sua afirmação pode ser observada como estratégias adotadas por estes sujeitos históricos, pois em um determinado momento, devido à violência empregada pelas frentes pioneiras e de expansão[15], a negação era uma saída; em outro, o importante é se afirmar como diferente e divulgar essa diferença. Os interesses do grupo jogam com as categorias identitárias, de acordo com o contexto e suas necessidades.

Considerações Finais

As ações de resistência dos Kaxarari, como os deslocamentos realizados ao longo dos períodos denominados por eles de "correrias", "cativeiro" e dos "direitos", interferiram não somente na dinâmica de ocupação do território pelo grupo, alterando a sua cartografia, mas em outras áreas que vai dar subsistência aos rituais. Ao mesmo tempo em que ocorre

[15] Para uma discussão sobre frentes de expansão e pioneira ver José de Souza Martins. *Fronteira:* a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

uma acirrada redução populacional, em função de doenças e da violência perpetrada contra o grupo, ocorre a resistência e a etnogênese.

A pesquisa sobre os Kaxarari 'entra em recesso' por força maior, nesse momento, sem conclusão, sem etnografia. Muitas perguntas continuam sem respostas. Seriam os Kaxarari resultados de fusão com outros grupos Páno? Se não há estudos substanciosos sobre essa etnia, os quais nos permitiriam melhor compreender os processos históricos vivenciados por eles, quais os motivos da resistência à pesquisa?

Referências

AGUIAR, Maria Suelí. *Entre as trilhas da memória e da palavra*. Goiânia: Vieira, 2018.

ALMEIDA, Maria R. C. *Os Índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Alcilene O. *Os Kaxarari e as Políticas Mitigatórias do Estado.* Dissertação(Mestrado) - UFAC, Rio Branco, 2009.

APURINÃ, Francisco Cândido. O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã. *Campus*. v. 17, n. 2, jul./dez. 2016.

APURINÃ, Francisco Cândido. O Mundo dos Kusanaty e a Cosmologia Apurinã. *CAMPOS,* v. 17 n. 2, jul./dez. 2016.

BARBOSA, Raphael Augusto Oliveira. Uma proposta preliminar de sistema consonantal para a língua Kaxarari (Pano). *ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 202-216, jan.-abr. 2015.

BOCCARA, Guillaume. Colonización, resistência y etnogénese en las fronteras Americanas. In: BOCCARA, Guillaume (Ed.). *Colonización, resistência y mestizaje en las Americas (siglos XVI-XX*). Lima: IFEA-Quito: Abya-Yala, 2002.

COUTO, Alexandre. *Ortografia Kaxarari*: uma proposta. Porto Velho, 2005. Disponível em: http://docplayer.com.br/51658346-Ortografia-kaxarari-uma-proposta.html. Acesso em: 19 abr. 2018.

DOLE, Gertrude E. Los Amahuaca. In: GRANERO, Fernando Santos; REY DE CASTRO, Frederico Barclay. *Guía Etnográfico de la alta Amazonía*. Vol. III. Quito: Abya-Yala, 1998.

EHRENREICH, Paul. Contribuição para a etnologia do Brasil. *Revista do Museu Paulista*. N.S., v. 2, p.7-135. Disponível em: . Acesso em. 04 abr. 2018.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. In: CUNHA, Manoela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

GIL, Laura Pérez; PATRÍCIO, M.; BRANDÃO, E. Carlos; YAWANAWÁ, L. Luiza. (Equipe Executiva). Projeto: "*Valorização e Adequação dos Sistemas de Parto Tradicional das Etnias Indígenas do Acre e Sul do Amazonas*". Florianópolis, 2007.

GOMES, Ivonete B. S.R. *O que aconteceu aos Kaxarari*: um estudo etnográfico de (in) sustentabilidade ambiental. Dissertação (Mestrado) - UNIR, Porto Velho, 2009.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. Etnogênese e 'Regime de Índio' na Serra do Umã. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). *A viagem da volta:* Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

GRANERO, Fernando Santos; REY DE CASTRO, Frederico Barclay. *Guía Etnográfico de la Alta Amazonía*. Vol. III. Abya-Yala. Quito/Equador. 1998.

JORNA, P. MALAVER, L. OSTRA, M. (Coord.) *Etnohistoria del Amazonas*: colección 500 años. 46º Congreso de Americanistas. Amisterdã, 1988. Abya-Yala, 1991. Quito, Equador.

LUCIANO, Gersen dos Santos. *O índio brasileiro*: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, 2006. (Inédito).

LINK, Rogério Sávio. *Vivendo entre mundos*: o povo Apurinã e a última fronteira do Estado Brasileiro nos séculos XIX e XX. Tese (Doutorado) - UFRS, Porto Alegre, 2016.

MORIN, Françoise. Los Shipibo-Conibo. In: GRANERO, Fernando Santos; REY DE CASTRO, Frederico Barclay. *Guía Etnográfico de la alta Amazonía*. Vol. III. Quito: Abya-Yala, 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados": situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). *A viagem da volta:* Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

OLIVIERA, Sanderson Castro Soares de. *Contribuições para a reconstrução do Protopáno*. (Tese de doutorado), UNB, 2014.

PAIVA, José O. de. *RUPIGWARA*: o índio kawahib e o conhecimento ativo nas diversas áreas de consciência. (Tese de doutorado), USP, 2005.

PICKERING, Wilbur. *Vocabulário Kaxarirí*. (Versão eletrônica). Acesso em 22.11.2018.
RODRIGUES, Aryon Dall´igna. *Línguas Brasileiras*: para o conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, Edna Dias dos. De massacrados a organizados. *Povos do Acre*: História Indígena da Amazônia Ocidental. Rio Branco, 2002, p. 30-31.

SANTOS, Fernando; BARCLAY, Frederico. (Ed.). *Guía Etnográfico de la alta Amazonía*. Quito: Flacso, 1994.

SOUZA, Emerson Carvalho de. *Aspectos da uma Gramática Shawã (Pano)*. Tese (Doutorado) - Unicamp, Campinas, 2012.

SOUSA, Gladys Cavalcante. *Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari*. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 2004.

Documentos de arquivos: (antigo Setor de Assuntos Fundiários da FUNAI – Brasília - atual DPT).

AQUINO, Txai Terri Valle de. *Kaxarari:* considerações socioculturais, históricas, territoriais e as graves ameaças à sobrevivência de suas comunidades em decorrência da devastação ambiental promovida pela Construtora Mendes Júnior S.A. na Terra Indígena. Brasília. Pastas Suspensas- FUNAI/Brasília. s/d. Pp. 58.

AQUINO, Txai Terri Valle de. *Relatório de Avaliação: Os Kaxarari*. Brasília, 1984. Departamento de Assuntos Fundiários. FUNAI. p. 38.

CIMI. *A área indígena Kaxarari*. 1987.

DIF/SUAF/FUNAI. *Denúncias de índios Kaxarari*. Brasília, 1991.
Ata da segunda reunião do grupo de trabalho indígena. Porto Velho, 2010 (versão eletrônica). Disponível em: http://observatoriojirau.com.br/wp-

content/uploads/2011/05/ATA-DA-SEGUNDA-REUNI%C3%83O-09-07-10-DO-GRUPO-DE-TRABALHO-IND%C3%8DGENA.pdf. Acesso em 20 abr. 2018.

FUNAI. *Relatório Técnico*. Departamento de Assuntos Fundiários. Brasília, 1988. p. 8.

GAWULIK, Pedro M. *Relatório sobre a situação dos índios Caxarari.* Abunã, 1975.
APURINÃ, Antônio F. MANCHINERI, Élcio da S. MATNY, Jorge Franco. *Relatório de viagem a área indígena Kaxarari*. CIMI. Setor de documentação. 1989.

MINTER/FUNAI. *Relatório de verificação de danos causados pela retirada de granito pela empresa Mendes Junior S/A na AI Kaxarari*. Brasília.1989. p. 6.

MARIA GERALDA DE ALMEIDA MOREIRA

Bacharel e Licenciada em História pela UFG – Goiânia (2002). Mestre em História pela UFG. Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades (2005). Professora da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Iporá). Pesquisadora da temática com ênfase em: História Indígena e Ensino de História Indígena. CV: http://lattes.cnpq.br/9164028674068300. E-mail: geraldamoreira44@gmail.com.